Gota d'água numa folha de lótus

Vida de Ajaan Mahā Bua Ñānasampanno

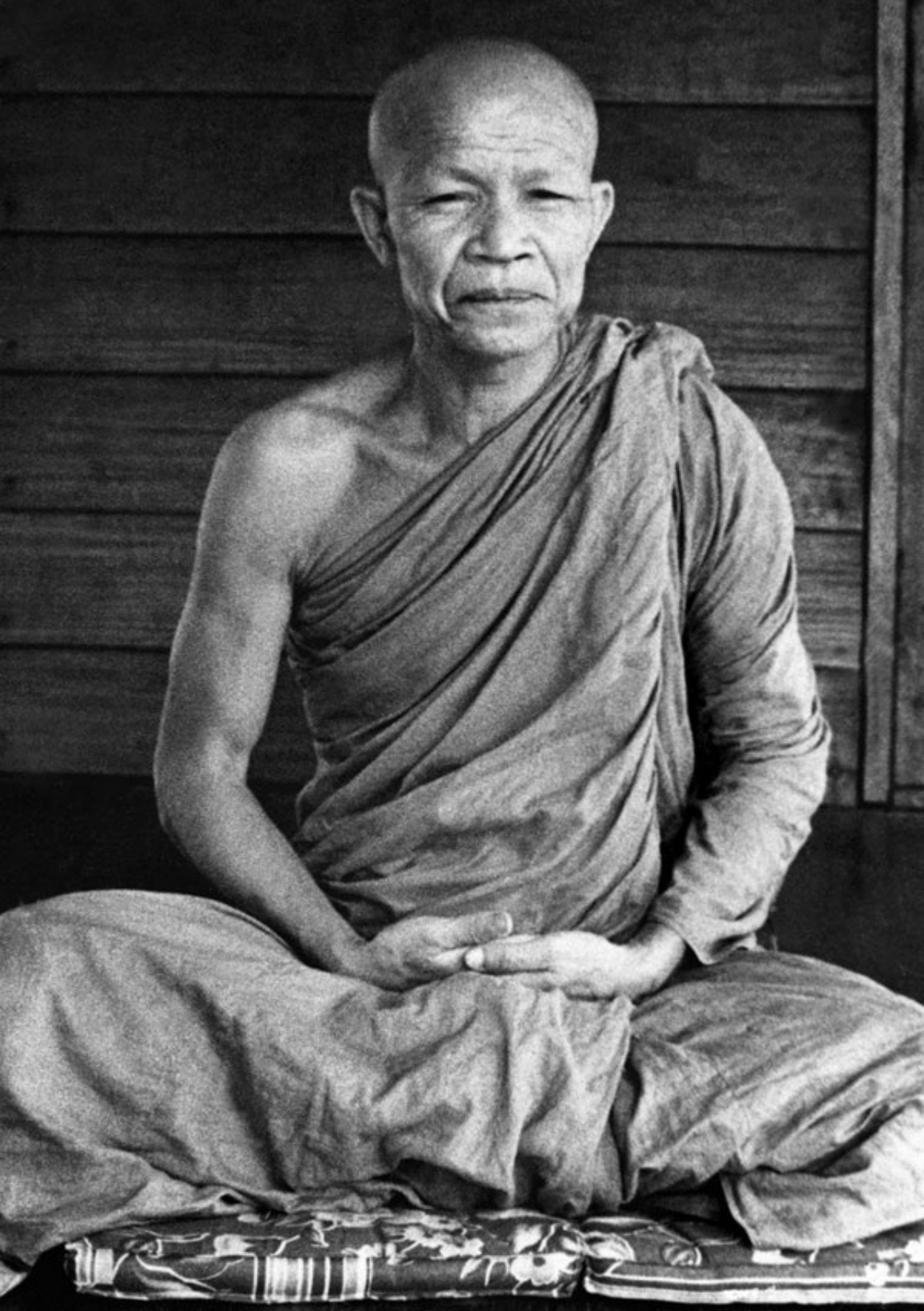
Gota d'água numa folha de lótus

Gota d'água numa folha de lótus

Todos os direitos comerciais reservados.

Este livro é impresso para distribuição gratuita. Não deve ser vendido. Foi disponibilizado através da fé, esforço e generosidade de pessoas que desejam compartilhar o conhecimento e a compreensão que ele contém com quem quer que esteja interessado. O ato de oferecer gratuitamente é em si parte do que torna esta uma "publicação de Dhamma", um livro dedicado aos princípios budistas.

Este trabalho está licenciado sob Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International. Para visualizar uma cópia desta licença, visite https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/



NOTA DO TRADUTOR

Este livro é uma tradução parcial do original em tailandês, intitulado **หยดน้ำบนใบบัว**, escrito de maneira anônima por discípulos de Wat Paa Baan Tad, e que conta a história de vida de Ajaan Mahā Bua, um dos mais famosos mestres da tradição das florestas tailandesa.

O livro original foi escrito e publicado quando Ajaan Mahā Bua, embora muito idoso, ainda era vivo. Por essa razão foi necessário trocar o tempo verbal de muitas frases do presente para o passado (ex.: ele sempre visita → ele sempre visitava), além de construções como 'até os dias de hoje' foram alteradas para 'até o fim de seus dias', e assim por diante.

No que diz respeito ao texto em si, fiz um esforço para me manter o mais fiel possível ao original, sem fazer muitas adaptações, inclusive mantendo a sequência narrativa que às vezes é um pouco confusa, pulando entre eventos sem ordem muito clara, mas que não chega a atrapalhar muito a leitura.

Outra consequência de tentar manter ao máximo o original é que, quando um trecho transcreve uma fala do mestre, muitas vezes pode soar repetitivo ou um pouco confuso. Isso ocorre porque são trechos de falas tirados de diversas gravações distintas, o que às vezes faz com que haja repetição e aparente desconexão entre um pedaço e outro da fala. Os trechos entre parênteses adicionados por mim visam ajudar a compreensão.

Nomenclatura

Sendo um país budista e tendo uma cultura permeada por uma profunda tradição de respeito e reverência, a Tailândia possui muitas formas diferentes de se referir a um monge budista – e muitas delas dizem respeito à sua idade. Se o monge é jovem, é comum chamá-lo de Luang Pi (venerável irmão mais velho), se o monge é de meia-idade, é comum chamá-lo de Luang Pó (venerável pai). Já quando o monge é mais idoso, existem duas opções: se é um monge que se ordenou ainda jovem e que portanto possui muitas décadas de vida monástica, é chamado de Luang Pu; se o monge entrou para a vida monástica já em idade avançada e que, apesar de sua idade, possui poucos anos de vida monástica, é comum se referir a ele como Luang Ta.

Os títulos de Luang Pó e Luang Pu são sempre muito respeitosos. Já os títulos de Luang Pi e Luang Ta requerem um pouco de atenção porque ambos

são utilizados para pessoas que têm pouco tempo de ordenação, portanto, pouca experiência e conhecimento. Dependendo do contexto em que são utilizados, podem causar constrangimento.

O termo Luang Ta especificamente possui ainda mais uma camada de contexto social. É muito comum que pessoas idosas – por pobreza, porque perderam ou foram abandonadas pela família – busquem refúgio na vida monástica. Quando é assim, é possível que as demais pessoas não enxerguem sua ordenação monástica como motivada por real fé nos ensinamentos do Buddha, mas sim por interesse pessoal.

Em geral, se não somos amigos íntimos daquele monge, sempre evitamos chamá-lo de Luang Ta, preferindo Luang Pó ou Luang Pu. Mas quando somos amigos próximos daquele monge, e sabemos que ele não se ofende, então podemos chamá-lo de Luang Ta. Esse termo também é utilizado pelos alguns mestres quando querem se referir a si mesmos de uma maneira cômica ou demonstrando humildade. É comum ouvir algo como '... eu digo que é melhor agir assim, mas não precisam me dar ouvidos, afinal sou apenas um velho Luang Ta...'

Ajaan Mahā Bua também frequentemente utilizava o termo Luang Ta dessa maneira. Quando ficou mais idoso, provavelmente incomodado pelo excesso de preciosismo e deferência que os demais monges e leigos demonstravam quando em sua presença, começou e insistir que todos se referissem a ele como Luang Ta Mahā Bua. Eventualmente o apelido pegou e acabou se tornando uma mistura de forma carinhosa de se referir ao mestre, e também um título especial tão associado a ele que quando ouvimos apenas a palavra 'Luang Ta', automaticamente imaginamos que se refere a Ajaan Mahā Bua.

Já o termo Mahā é uma designação especial dada na Tailândia a um monge que concluiu o terceiro nível de estudos da língua Páli. Portanto, antes de obter seu diploma, Luang Ta Mahā Bua era conhecido como Venerável Bua. Após ser diplomado, passou a ser conhecido como Venerável Mahā Bua. Quando começou a ensinar discípulos, passou a ser conhecido como Ajaan Mahā Bua ('Ajaan' significa professor). E pela circunstância especial mencionada acima, quando já mais idoso, passou a ser mais conhecido por Luang Ta Mahā Bua, nome que perdurou mesmo após sua morte em 2011.

Sobre o título desse livro

A planta lótus é um tema recorrente no folclore budista. Tanto o perfume, beleza e desabrochar de sua flor, quanto seu brotar em águas lamacentas,

foram muitas vezes utilizados pelo próprio Buddha como recurso didático – e o mesmo no que diz respeito às suas folhas.

As folhas da planta de lótus possuem uma qualidade hidrorrepelente que faz com que quando um líquido é posto em sua superfície, ele escorra imediatamente, sem deixar vestígio – a folha não fica molhada. Essa imagem é utilizada como um símile à mente iluminada que, mesmo existindo dentro do samsāra, já não é mais maculada pelos fenômenos condicionados. As impurezas do mundo não encontram mais apoio sobre ela, não conseguem mais afetá-la.

O título portanto faz referência tanto ao nome de batismo de mestre (Bua) como à sua mente, que após alcançar a realização mais elevada, tornou-se pura e imune às influências do desejo, aversão e ignorância – liberta de todas as condições, a mente de um arahant.

Índice

Vida Laica....1

- Origem....1
- Infância....2
- Escola....10
- Relacionamento com os adultos....14
- Trabalho duro e seriedade....19
- Fé na religião, mas o coração....23
- Lágrimas do pai....26

Vida Monástica....32

- Ordenação e estudos....32
- O desejo de partir em busca do caminho da prática....42

Prática do Dhamma....49

- Encontro com Ajaan Man....49
- Ninguém morre....64
- Jejum....72
- Lugares assustadores....77
- Apego à mente pacífica....80
- Fim do desejo por forma física....87
- Ajaan Man conta sua experiência....91
- Serviço ao mestre....94
- Seres celestiais....100
- Último sermão de Ajaan Man....103
- O fim de todas as kilesas....109
- Dando continuidade ao legado recebido....139
- Baan Huai Sai....153
- Wat Pa Baan Tad....164
- Ensinamentos....189
- Experiências de monges da floresta....207

A Rotina de Luang Ta.....246
Apêndices.....253
Apêndice 1 – Compaixão pelo Mundo.....254
Apêndice 2 – Anunciando a verdade a quem quisesse ouvir.....261
Apêndice 3 – Momentos finais.....276
Palestra de Ajaan Pasanno na ocasião do falecimento de Ajaan Mahā Bua.....278

Vida Laica

Origem

Luang Ta Mahā Bua nasceu em uma família de agricultores de sobrenome "Lohit Dee", na vila de Baan Tad, distrito Mueang, província de Udon Thani, na terça-feira, 12 de agosto de 1913. Seu pai, Thong Dee, e sua mãe, Péng, deram-lhe o auspicioso nome de Bua (flor de lótus).

Ele foi o segundo de dezesseis filhos. Entre seus irmãos, ele foi o único a escolher a vida monástica. Adornado com uma conduta moral impecável, ele desenvolveu qualidades sublimes e foi amplamente respeitado e venerado, tanto na Tailândia quanto no exterior.

A família do garoto Bua originalmente era da província de Mahasarakham. Posteriormente, migraram para o noroeste. Nessa migração, muitas famílias viajaram juntas até encontrarem um local adequado para se estabelecerem e ganharem a vida. Luang Ta explicou a razão da mudança e do estabelecimento de sua casa em Baan Tad da seguinte forma:

"Aqueles que vieram de Mahasarakham originalmente eram de diferentes aldeias. Eles combinaram de se mudar e se estabelecerem juntos, tornando-se uma só comunidade. O motivo da mudança foi a enchente do rio Chi. Quando chovia, a enchente era tão severa que não deixava nada para comer. As pessoas estavam morrendo, não conseguiam mais suportar, então foram procurar um novo lar. Encontraram este local, e escolheram ficar ali. Quando era seca (em Mahasarakham), secava por completo; quando era enchente, enchia por completo. Era sempre destruição, ano após ano e as pessoas estavam morrendo de fome. Então elas decidiram lutar para sobreviver, e foi assim que se estabeleceram aqui.

No início eles se estabeleceram em Baan Kham Kling. Muitas pessoas vieram, não foi uma só pessoa ou uma só família. Muitas famílias se juntaram e formaram Baan Kham Kling. Depois, elas se dividiram em Baan Tad e Baan Non Than. Durante a Segunda Guerra Mundial, os soldados japoneses estabeleceram uma base militar lá. Então, os aldeões se mudaram de Baan Non Than para Baan Nong Yai e Baan Nong Tum, vilarejos que existem até hoje."

INFÂNCIA

Naquela época, Baan Tad era uma floresta densa e intocada, com muitas seringueiras, árvores-ferro, jacarandás e uma variedade de outras em grande quantidade e tamanhos. Por isso, a vida selvagem era abundante e incluía javalis, tigres, elefantes e veados. Luang Ta descreveu as condições de vida daquela época da seguinte forma:

"Oh, era uma floresta densa e vasta! Desde a área do quartel militar. Eu era criança e já via essa área de floresta. O quartel era recém-criado, eu nasci e só depois eles o estabeleceram. Antes, o quartel militar ficava em Baan Nong Samrong. Eles se mudaram para cá depois. Mas antes, era tudo floresta. Havia florestas cheias de elefantes e tigres.

Mesmo depois que me ordenei, Baan Jan ainda era floresta. Quando (os aldeões primeiro) chegaram, Baan Kham Kling ficava no meio da floresta. Os elefantes desciam para beber água à noite, por toda parte. Isso mostra que era fácil conseguir comida. Bastava procurar ao redor das casas.

Naquela época, não havia compra e venda. Quando era criança, eu me lembro: se alguém caçasse um javali ou um veado, a vila inteira comia. Eles distribuíam para toda a vila – não havia compra e venda. Eles enviavam um pouco para esta casa e para aquela outra. Eles buscavam de comer também entre os campos e arrozais. Havia muitas aves, como codornizes, e também esquilos por toda parte. Não faltavam caranguejos ou peixes.

Certa vez, antes de eu me ordenar, um tigre se esgueirou para atacar uma vaca. Oh, foi bem perto do pilar da minha casa, ao lado da casa mesmo! A floresta ficava perto da casa e os animais domésticos não ficavam amarrados. Então, o tigre, se conseguia atacar, atacava imediatamente – porque era mais fácil do que caçar animais selvagens. Os animais domésticos não eram muito cuidadosos.

Os elefantes entravam à noite nos pomares das pessoas e comiam bananas e outras frutas, fazendo barulho 'ploc, ploc'. Os moradores não se importavam com nada – era assim, muito tranquilo. Carros e carroças não eram muito usados porque as pessoas não visitavam muito. A plantação de arroz era apenas para subsistência, porque não havia compra e venda. Depois de terminar todo o trabalho da roça, eles se divertiam porque não tinham mais trabalho.

Não havia compra e venda nem contratação de trabalho – antes, não havia. E quem tinha dinheiro? Uma família com apenas sete, oito ou dez bahts era considerada normal. Era considerada uma condição financeira razoável. Se alguém tivesse centenas ou milhares, era considerado muito rico, uma pessoa próspera naquela vila."

A família de Luang Ta Mahā Bua tinha a agricultura como sua principal ocupação, mas, uma vez que viviam em meio a uma floresta densa como essa, também caçavam animais selvagens para comer. Assim, no tempo livre da lavoura, o pai dele regularmente entrava na floresta para caçar.

É natural que um caçador seja perito em rastrear animais e o pai dele também o era. Além de ser perito em rastrear animais, também era renomado por sua capacidade de rastrear pessoas. Sua natureza observadora e analítica deve ter sido transmitida a seu filho, Bua.

Se o ambiente é algo que molda a personalidade de uma pessoa, então, viver em meio a florestas com tigres, elefantes e uma variedade de animais perigosos por todos os lados, certamente fará com que uma pessoa viva sem negligência, com uma mente resoluta, corajosa e extremamente resiliente. Isso talvez ajude a explicar de onde o garoto Bua recebeu essas qualidades, que mais tarde se tornaram seus traços de caráter mais proeminentes.

Embora tenha nascido filho de camponeses, a situação financeira de sua família não era inferior à de ninguém na vizinhança. Dizer que eles estavam em primeiro lugar na aldeia não estaria errado, pois seu avô materno obteve muito sucesso no comércio, devido à sua natureza trabalhadora e inteligente. Luang Ta narrou um pouco sobre esse assunto:

"Quando completei onze anos, meu avô materno faleceu. Minha mãe me contou que meu avô era uma pessoa inteligente. Sua diligência era tão renomada que todos na vila falavam dela. E ele se casou com uma mulher desta família (a família de sua avó materna), que também era uma família rica. A filha deles (sua avó materna) era muito bonita. Meu avô se casou com essa moça e eles a deram de bom grado porque viram que meu avô era trabalhador. Depois de se casarem, tiveram apenas uma filha – minha mãe.

Meu avô era comerciante e fazia tudo sozinho, não havia ninguém como ele naquela vila. Vendia peles de veado e outras coisas. Fazia regularmente, desde sempre. Quando meu avô comprava gado, comprava por 20 ou 30 bahts e então vendia por um pouco mais, ganhando 2 ou 3 bahts de lucro. Antigamente, 30 bahts por um único búfalo era considerado muito caro. A maioria custava 15 ou 16, chegando a 20 bahts. Quando ouvia dizer que um búfalo era bonito, meu avô logo o comprava para revender. Depois de vender, ele não comprava nada... não sei quanto tinha. Ele negociava continuamente assim, só guardava e guardava. O dinheiro antigamente era em forma de moedas de baht.

Então, ele acumulava muito. Ele colocava as moedas em sacos compridos, 80 bahts em um pacote, que era o correspondente ao que eles chamavam de um *chang*. Minha mãe me contava que as pessoas antigamente davam muita importância ao dinheiro, eram muito econômicas, não eram de gastar. Não eram extravagantes como as de hoje em dia...

Minha mãe era muito frugal. Meu avô deixou de herança todo o dinheiro para minha mãe, porque ela era a única filha. Minha avó materna faleceu quando minha mãe ainda era criança. Por isso, essa herança veio parar em grande parte para este lado (da família). Minha mãe tinha posses desde aquela época, mas não deixava ninguém saber. Sobre isso não há muito o que dizer. As pessoas antigamente eram assim. Elas só ganhavam e guardavam. Se falassem a respeito, os demais diriam que estavam se gabando. Nossos antepassados pensavam assim, mantinham em segredo, preferiam ser discretos.

Certa vez, minha mãe colocou o dinheiro em grandes tigelas de pedra para que eu visse. Assim ficou claro para mim que nossa situação financeira não era brincadeira. As tigelas eram de pedra, o dinheiro as enchia – duas, três tigelas! Depois de lavar, ela colocava em sacos, um *chang* por saco. Eram sacos de pano. Assim, sabíamos que meus pais tinham muito dinheiro, eu diria que eram os mais ricos da vila. Meu avô materno foi quem deixou a herança, por isso eles eram tão ricos. Se não fosse por isso, não seriam."

Os parentes contaram sobre o período de gravidez da mãe de Luang Ta:

"Normalmente, um bebê no ventre, à medida que cresce, se move um pouco, o suficiente para a mãe sentir. Mas esta criança era diferente das outras. Ela ficava quieta e imóvel, como se não respirasse, o que muitas vezes deixava a mãe apreensiva e se perguntando: 'Será que morreu? Por que está tão estranhamente quieta?'

Quando se mexia, fazia de forma diferente dos bebês comuns, ou seja, se mexia tanto que a mãe sentia dor no abdômen. Mas assim que parava de se mexer, voltava a ficar estranhamente quieta, a ponto de dizerem: 'Será que morreu?' Quando chegou a hora das dores de parto, duraram três dias sem que ele nascesse. Durante as dores, parecia que a mãe ia desmaiar ou morrer. Depois, a dor cessava completamente, a ponto de pensarem: 'Será que ele morreu de novo?' E então ele voltava a se mexer."

O avô materno de Luang Ta fez uma previsão sobre o temperamento do bebê no ventre, dizendo:

"Se for um menino, ele será extremamente determinado. Será uma pessoa de mente firme. Uma vez que se propuser a fazer algo, o fará com resolução, sem vacilar."

Quando o bebê nasceu, o cordão umbilical estava enrolado no ombro. Vendo isso, o avô deu três significados possíveis:

• Alça de carregar a tigela de esmolas: "Se for um monge, abalará a terra."

• Alça de carregar armadilha: "Se for um caçador, terá perícia e será temido por toda a floresta."

• Corrente de prisioneiro: "Se for ladrão, será do tipo que acaba preso."

Ao sair do ventre materno, o bebê não emitiu nenhum som. Mesmo depois de remover o cordão umbilical, a criança permaneceu imóvel. Só quando derramaram água em seu bumbum, o bebê soltou um único "ué!", mas logo voltou a ficar em silêncio. Naquele momento, o avô comentou:

"Ah, então ele sabe chorar, finalmente! Parece bem gordinho e saudável."

O avô amava muito este neto. Ele mesmo cuidava do menino, acendendo lampiões para iluminar o neto a noite toda. Não queria que a filha se preocupasse, porque ele já se preocupava tanto com o neto quanto com sua filha. Não queria que ela tivesse o trabalho de ficar levantando para olhar o bebê, então ele mesmo passava a noite acordado. Ele ia olhar de tempo em tempo e, certa vez, ao olhar novamente, viu que uma fagulha da lâmpada a óleo havia caído no berço, incendiando as fraldas da criança.

Quando o neto cresceu, o avô materno frequentemente usava artifícios para ensiná-lo. Houve uma vez em que, vendo o neto comer uma groselha ou carambola e engolir a semente, o avô ficou com medo de que a semente pudesse engasgar a criança pois ainda era muito pequena. Então ele disse:

"Cuidado! Se engolir a semente inteira, ela vai virar uma planta dentro da sua barriga. As folhas vão brotar pelo nariz e pela boca, e as raízes vão sair pelo bumbum. Cuidado! Você pode morrer!"

Ao ouvir isso o neto ficou com tanto medo que chorou muito. A partir de então, nunca mais ousou engolir sementes de groselha, até crescer e entender a verdade.

Quando o garoto Bua era pequeno, era considerado uma criança muito medrosa. Isso provavelmente se devia ao fato de que as pessoas da época tinham o costume de contar muitas histórias de fantasmas, espíritos e

animais selvagens, como tigres. Mesmo quando saía para se aliviar (na época, ainda não era comum a presença de banheiros dentro de casa), o garoto Bua precisava que os irmãos mais novos o acompanhassem e ficassem por perto o tempo todo, dizendo:

"Fiquem perto de mim..." Pedia que um irmão ficasse mais à frente e outro mais atrás. Somente quando se sentia seguro, estando no meio, ele se atrevia a fazer suas necessidades.

Isso mostra claramente que, embora as pessoas possam ter sido muito medrosas no passado, a ponto de não terem coragem nenhuma, quando ao longo do tempo recebem treinamento, elas podem mudar sua natureza completamente e se tornar lutadores corajosos e destemidos diante de qualquer desafio.

Naquela época, no nordeste da Tailândia, não havia muitas informações sobre os riscos de saúde associados a comer carne crua, e a maioria dos moradores da vila gostava de comer alimentos mal passados, ou mesmo crus. O avô do pequeno Bua era um deles. Assim, com o amor que tinha pelo neto, sempre que conseguia alguma comida nova ou diferente, queria que ele experimentasse.

Ele, no entanto, desde pequeno, de forma alguma comia alimentos mal passados ou crus. Mesmo molho de peixe fermentado (um prato muito popular), se feito com peixe cru, ele se recusava terminantemente a colocar na boca, justificando: "É fedido."

Certa vez, o avô conseguiu uma pomba e a preparou como *laap* (uma salada de carne desfiada com pimenta e especiarias). Sua intenção era tanto que o neto experimentasse, como também testar para saber se ele realmente não comeria comida crua, já que todas as outras crianças, incluindo os demais netos, comiam normalmente e ninguém reclamava do cheiro.

Então, o teste do avô para descobrir a verdade começou. Preparou o *laap* e o serviu. O neto provavelmente achou a cor e a aparência estranhas e, com alguma apreensão, cheirou e perguntou ao avô:

"Está cozido de verdade? Vovô não está me enganando?"

"Não estou te enganando. O avô não mente para o neto. Coma, meu filho. O avô cozinhou bem."

Ele agia com boas intenções e também queria testar se o neto realmente se recusaria a comer. Por que era tão diferente dos outros irmãos?

O neto, incerto, perguntou novamente:

"Não está me enganando mesmo?"

"Não, não estou enganando!" Mas, na verdade, o avô estava enganando completamente.

Com a insistência do avô, o neto pegou um pequeno punhado de arroz glutinoso, o mergulhou no *laap* e o levou à boca. Mastigou por um tempo e então o manteve na boca, sem conseguir engolir de jeito nenhum – apenas o mantinha na boca. Depois, pegou uma segunda porção e fez o mesmo: depois de colocar na boca e mastigar um pouco, ele se recusou a engolir, mantendo na boca como antes. Durante todo esse tempo, o avô observava escondido.

Na terceira porção, o neto vomitou tudo o que tinha no estômago, como se fosse morrer. Neste ponto, o avô viu que a situação não estava boa e rapidamente se aproximou, acariciando as costas do neto e o consolando com muita pena, dizendo:

"Oh, meu filho, o avô te enganou de verdade. O avô pede desculpas. Eu quis testar você para saber como é. Talvez, se o avô te enganasse para comer agora, mais tarde você conseguiria comer como as outras crianças."

O neto respondeu: "Mas eu já disse que é fedido, que não dá para comer mesmo!"

Anos mais tarde, os irmãos e irmãs de Luang Ta Mahā Bua falaram sobre o velhinho, lembrando o passado:

"O avô não conseguia dormir de tanto que se preocupava com o neto. Se visse que o neto estava doente e não conseguia comer, ficava toda hora se levantando para olhar. Procurava fios de algodão para amarrar nos braços do neto, consolando-o e soprando em sua cabeça a noite inteira (uma superstição da época para curar doenças). Pode-se dizer que ele usava todo o seu conhecimento e habilidades, pois queria que o neto melhorasse rapidamente."

Sobre esse assunto, mesmo depois de grande, se Bua via os irmãos comendo algo cru, logo os repreendia. Por exemplo, certa vez, seus irmãos estavam comendo salada de papaia com camarão fresco. Ao vê-los, ele os repreendeu, dizendo:

"Vão cozinhar isso primeiro!"

O irmão respondeu: "Ah, mas é só camarão fresco, não tem sangue nem vísceras. Não é fedorento. O que tem de mal?"

Ele, porém, continuou a insistir na mesma ideia de quando era pequeno: "É fedido!"

Quando eram grandes o suficiente para subir em árvores, o avô passou a usar um truque para treinar os dois netos (o irmão mais velho e ele). Ele os fazia competir para ver quem subia primeiro em uma determinada árvore. Se alguém chegasse a um certo galho antes, o avô dava uma recompensa. O garoto Bua sempre vencia o irmão. As recompensas eram algumas frutas silvestres ou bolinhos de arroz. O avô dava apenas um bolinho, nada em grande quantidade.

Quando o neto mais novo recebia a recompensa, o avô observava escondido e percebia que ele sempre dividia a recompensa com o irmão mais velho, e muitas vezes dava mais para ele do que guardava para si. O avô nunca o via sendo egoísta, a ponto de comentar com a mãe dele:

"Este Bua tem um coração realmente bondoso e cheio de compaixão. Ele sabe ter compaixão. O irmão não conseguiu escalar bem, então ele deu a mais para o irmão comer. Em vez de comer mais por ter sido ele quem escalou, ele comeu menos que o irmão. Veja só o coração que ele tem. Ele é diferente – diferente em todos os aspectos."

Mesmo que o avô amasse todos os netos igualmente, por causa dessa natureza bondosa, ele sempre elogiava este neto em particular.

Outro traço da personalidade do menino é que, desde muito pequeno, adorava brincar com animais, especialmente cães. Ele gostava ainda mais de brincar com aqueles que eram gordinhos. Às vezes, isso fazia com que a mãe o repreendesse. Embora ele gostasse de brincar com os cães com frequência, nunca batia ou os machucava. Pelo contrário, se visse os irmãos maltratando-os, ele imediatamente os repreendia.

Quando Luang Ta Mahā Bua ainda era criança, as pessoas vinham pedir folhas de bétel à mãe dele. Sempre que pediam, a mãe nunca recusava, sempre dava. No entanto, quando precisava pedir algo em troca, essas pessoas nunca davam a ela. Sobre isso, os netos sempre ouviam o avô ensiná-los como um lembrete:

"Se eles não derem na primeira vez, não fique bravo com eles. Talvez não tenham o suficiente para dar. Peça às mesmas pessoas novamente – uma segunda vez – para caso agora tenham algo, como frutos da floresta ou qualquer outra coisa. Se mesmo na segunda vez você não conseguir nada, ainda não fique bravo. Talvez você tenha ido logo após outras pessoas terem pedido, e por isso não sobrou nada para você. Tente com essa mesma pessoa

mais tarde, uma terceira vez. Se não conseguir, desista, mas não fique bravo com eles. Não fique com raiva deles."

Sua tia, Faai, que morava perto, tinha alguns pés de cana-de-açúcar. Sempre que ela via Bua por perto, cortava um pedaço de cana para ele comer. Certa vez, ele sentiu vontade de comer cana e foi até a casa dela. No entanto, naquele dia, a tia não estava, tendo ido aos campos de arroz. Por ser muito criança, e como a tia sempre lhe dava cana para comer, ele decidiu cortar sozinho. Não foi muito, apenas um talo. Ele pensou que não haveria problema e o cortou para comer.

O avô viu o neto comendo cana e sabia que Faai não estava em casa naquele dia. Querendo ensinar o neto, ele o ameaçou, dizendo para amedrontá-lo:

"Ora, antes você visitava a tia Faai e ela te dava para comer, é verdade. Mas agora a tia Faai não está, e você foi lá e pegou. Isso está errado! Seus pais não te criaram para ser um ladrão não!"

Então o avô fingiu se virar para a mãe dele e disse:

"Ei, cozinhe o arroz e coloque na bolsa para ele. Logo a polícia vai vir amarrar o pescoço dele e colocá-lo na prisão!"

Ao ouvir isso, o neto começou a chorar desesperadamente, com medo de que a polícia viesse realmente prendê-lo. Em seguida, ele correu rapidamente para encontrar a tia Faai, chegando até o campo onde ela estava. Ao chegar lá, tentou contar à tia que havia pego um talo de cana para comer. Quando a tia finalmente entendeu toda a história, sentiu pena do sobrinho e o consolou, dizendo:

"Oh, eu não me importo, Bua. Pode pegar. De agora em diante, sempre que souber que algo é da tia Faai, pode pegar."

Quando ela disse isso, o neto sentiu-se imediatamente reconfortado e tranquilo.

Ele era geralmente amado por todos, tanto adultos quanto amigos da mesma idade, devido à sua natureza bondosa e por sempre gostar de ajudar nas tarefas dos outros. Se ele ia para a roça ou para a lavoura com alguém, ele ajudava em tudo o que podia, como trabalhar e carregar coisas. Por isso, todos o amavam. Ninguém se incomodava em compartilhar arroz ou qualquer outra coisa com ele.

Escola

A vida do garoto Bua não foi diferente da de seus amigos da mesma idade. Desde cedo, ele respeitava a religião budista e tinha reverência por monges e noviços. Quando criança, ele gostava de ir junto com os adultos levar oferendas para os monges. Ao entrar na escola primária, ele era um bom aluno e tomava responsabilidade por seus próprios estudos. Às vezes, era um pouco travesso, como é normal para uma idade que gosta de diversão, mas nunca nada demais. Por exemplo, certa vez, ele contou uma história de sua infância enquanto ensinava um grupo de crianças:

"Eu, Luang Ta Bua, já fui estudante. E como era ser estudante? Nos dias em que eu estava com preguiça de estudar, arrumava uma desculpa para ir cuidar dos meus irmãos mais novos. 'Hoje, peço licença para faltar, pois meus pais saíram', era o que eu dizia. 'Meus pais me pediram para cuidar dos meus irmãos mais novos', eu dizia. Aí o professor tinha que permitir, certo? Quando o professor permitia, na verdade, eu fugia para a floresta e desaparecia... Já fiz isto no passado, por isso estou contando agora.

Não sejam assim, crianças! Luang Ta já foi assim... Não é bom. Por isso, estou advertindo vocês, meus filhos e netos. Se faltarem à escola por um dia, vão perder a matéria. Às vezes, os demais anotam o que foi ensinado e nós, por não estarmos lá, não anotamos. E se formos anotar depois, vai desperdiçar ainda mais tempo. Além disso, se o professor ensinou algo, a gente não vai conseguir acompanhar, pois faltamos à escola naquele dia.

Por isso, quando cresci e comecei a entender as coisas, a entender o resultado e o benefício de estudar, daí em diante eu não admitia mais faltar às aulas! Isso significa que, quando era menor, fui um pouco negligente, mas quando cresci e entendi um pouco mais sobre o que é o que, eu não permitia mais isso ocorrer.

Mesmo que meus pais me dessem licença em caso de necessidade, eu não aceitava. Eu não aceitava faltar. Se eu faltasse, perderia matéria. 'Hoje o professor vai ensinar aquilo, e se eu não for, não vou aprender nem ouvir essa matéria...'"

Bua, desde sempre, era uma pessoa que amava a disciplina, cumpria sua palavra e respeitava os mais velhos, professores e mestres. Ele nunca fazia nada que os deixasse preocupados. Por isso, nunca foi severamente repreendido. Se houve algum caso, foi apenas nessa vez:

Numa ocasião, enquanto os mais velhos estavam sentados conversando, ele entrou na área de guardar lenha, que ficava mais alta que o local onde os

adultos estavam sentados (na Tailândia, é falta de educação estar mais alto do que os demais, principalmente se esses são de status superior ao seu). Isso dava a impressão de que ele não estava demonstrando respeito aos demais. O diretor da escola, ao ver isso, decidiu ensiná-lo, tentando fazer contato visual e mandando um olhar de alerta para que ele percebesse. O garoto Bua então desceu rapidamente. Depois que os mais velhos se foram, o diretor, com bondade, explicou a razão:

"Bua, não se sente em um lugar mais alto que os mais velhos. É deselegante."

Naquele momento, ele não havia pensado que era inadequado. Mas quando o mestre lhe deu o sinal, ele compreendeu e obedeceu imediatamente, uma vez que era uma pessoa que confiava e respeitava os professores e as explicações dadas por eles.

Naquela época, a escola funcionava num templo abandonado, na área de uma floresta de teca a oeste da vila de Baan Tad. Ao chegar na escola, ele se dedicava aos estudos e era muito responsável. Isso pode ser visto pelos seus excelentes resultados acadêmicos:

- 1º ano do ensino fundamental: 2º lugar na classe
- 2º ano do ensino fundamental: 1º lugar na classe
- 3º ano do ensino fundamental: 1º lugar na classe

As salas de aula na época não tinham paredes que as separassem, o que permitia que os alunos vissem e ouvissem claramente a voz dos professores nas classes vizinhas. Por causa disso, uma história engraçada aconteceu durante uma das aulas:

O irmão mais velho de Bua (chamado Kham Phai), que estudava na aula ao lado, foi perguntado pelo professor:

"Kham Phai, qual desses é o morcego?"

Ao ser perguntado, o irmão mais velho ficou em silêncio por um longo tempo, pois não sabia a resposta. Enquanto isso, Bua, que estava sentado na aula ao lado, ouviu a pergunta e sabia a resposta.

Ele queria ajudar o irmão a responder ao professor e tentou, com todo o seu coração, enviar a resposta para o irmão mentalmente:

"É o *jiad nang vik*! Por que você não consegue responder uma coisa tão simples?"

Quando não conseguiu mais se conter, ele gritou para o irmão:

"É *jiad nang vik*! *Jiad nang vik*!"

Ao ouvir isso, o irmão mais velho se deu conta e respondeu imediatamente ao professor:

"É o *jiad nang vik*, senhor!"

(No dialeto da região, a palavra para morcego é *jiad,* que significa literalmente 'rato fedorento'. Já *nang vik* significa 'nariz torto' ou 'nariz rachado'.)

Após concluir o terceiro ano do ensino fundamental, que era o nível mais alto de escolaridade obrigatória na época, Bua não continuou seus estudos. Sabe-se que, durante o período escolar, ele era muito amado e de confiança de seu professor.

Isso era claramente visível, pois onde quer que o professor fosse, ele o levava junto. Provavelmente isso se devia à natureza observadora e trabalhadora do garoto, e por ser ágil, rápido em saber o que era apropriado ou não a fazer, quando chegava a hora de ser útil ou realizar alguma tarefa.

Essa característica fez com que o professor tivesse uma relação próxima e amigável com ele, mesmo depois que Bua entrou na vida monástica. O contato e a relação entre eles nunca diminuiu ou ficou distante.

O professor Chalee Singhasuriya, que era o diretor da Escola Municipal de Baan Tad naquela época, era alguém a quem Luang Ta Mahā Bua sempre se referia com admiração e gratidão inabaláveis, dizendo:

"Ele foi meu professor, meu mestre desde quando eu comecei a estudar. Ele era um professor muito, muito bom – muito raro de se encontrar. Eu amava e respeitava muito esse meu professor. Na verdade, eu tive muitos professores em diferentes níveis, desde o abecedário em diante. Mas esse professor foi o que mais me marcou, o que eu mais amei e respeitei. Ele gostava de me levar junto para onde quer que fosse. Sempre me levava.

É algo muito raro! Essa pessoa não era negligente, esse professor. Ele não agia de forma negligente. Ele podia ir e vir em qualquer grupo social (sem problemas). Era muito bom em economizar. Não era extravagante, sempre circunspecto. Não brincava de forma imprudente. Sempre se comportava de forma educada, onde quer que fosse.

Ele gostava de fazer mérito e doações regularmente, já era hábito. Era muito generoso e não temia ficar sem nada. Seus amigos o amavam muito e ele ajudava as pessoas sem medo de esgotar seus recursos. Mas ele mesmo consumia e usava pouco. Era muito frugal, o que é raro. Eu o amava muito.

É muito raro! Eu o amei desde sempre, até hoje. Meu apreço e gratidão por ele nunca se desvaneceram, estão profundamente enraizados. Eu não sou de me apegar facilmente a alguém, mas quando me apego, é de verdade. Quando não me apego, não me apego. Mas quando me apego, é até a morte. Nada pode me fazer mudar de ideia.

Ele foi verdadeiramente um professor para mim, que me deu conhecimento e sabedoria. Eu sempre tomei suas maneiras e sua conduta como exemplo. Ele de fato era digno de ser chamado 'professor'."

Com relação à forte ligação entre os irmãos na família, começamos com o relato dos irmãos mais novos sobre a personalidade e o caráter resoluto de Luang Ta Mahā Bua em sua juventude:

"Ele era uma pessoa rigorosa devido à sua natureza resoluta. Isso fazia com que os irmãos mais novos o temessem bastante. Às vezes, se ele não estivesse por perto ou saísse de casa, sentiam um grande alívio. Mas se ele voltasse, precisavam sussurrar uns aos outros: 'Lá vem o Bua!'"

Geralmente, os irmãos mais novos o temiam muito, especialmente durante o trabalho, porque ele era muito sério e dedicado. Os irmãos não podiam brincar ou fazer algazarra ou ele os repreendia imediatamente. Embora fosse tão sério, era assim apenas durante o trabalho. Fora do horário de trabalho, ele, como irmão mais velho, gostava de brincar com os irmãos mais novos como qualquer outro garoto.

Na época em que ele tinha cerca de 18 ou 19 anos, enquanto os irmãos mais novos estavam correndo e brincando, ele teve a ideia de pregar uma peça neles. Pegou um mamão e passou em frente dos mais novos, dizendo:

"Qual é a dificuldade? Vou fazer um *somtam* (salada de papaia verde)."

Em seguida, ele entrou em casa e fingiu preparar *somtam*, batendo o pilão no almofariz com um som alto de 'toc, toc' por um bom tempo. Logo depois, ele chamou os irmãos para comerem *somtam*:

"Já fiz! Venham comer se quiserem! Já fiz! Venham rápido! Terminei de fazer *somtam*! Venham pegar para comer!"

Dito isso, ele fingiu estar ocupado na cozinha e deu as costas para as crianças. Embrulhou o '*somtam*' recém preparado em uma folha de bananeira e o colocou de lado. A maioria dos irmãos mais novos, sendo meninas, estavam cansadas de brincar e se dirigiram ao embrulho com alegria, pensando que iriam comer. Assim que o pegaram, começaram a rir e correram para baixo para abrir e comer juntas.

Assim que abriram o embrulho da folha de bananeira, ouviu-se um grito agudo e em uníssono: "Ai! É um lagarto!"

Elas se afastaram do lagarto monitor, de olhos fixos no embrulho, com medo de que ele pulasse nelas, e correram em diferentes direções. A roda de *somtam* se desfez instantaneamente em meio a grandes gargalhadas.

RELACIONAMENTO COM OS ADULTOS

Quando o pai de Luang Ta Mahā Bua levava os filhos para a floresta, ele sempre os aconselhava e ensinava sobre como se proteger dos perigos ao redor, especialmente de diferentes tipos de animais selvagens.

Certa vez, o pai levou os filhos para colher *reua* (uma planta rasteira com raízes semelhantes às do gengibre, usada na medicina tradicional tailandesa), que crescia na floresta e tinha bom valor de mercado. Ele disse:

"Quando entrarem na floresta, enquanto estiverem caminhando, usem os olhos para observar ao redor dos troncos das árvores. O tigre costuma se deitar ao lado dos troncos. Se o virem, corram rapidamente de volta para mim.

Antes de colher a *reua*, observem o entorno para ver se há cobras ou animais perigosos. Se não houver, apressem-se e colham a *reua*.

Quando entrarem na floresta profunda, observem as árvores proeminentes. Notem em que direção os galhos se estendem, para leste ou oeste. Observem também a direção do sol. Lembrem-se disso para não se perderem no caminho de volta."

O pai costumava levar o jovem Bua com frequência para colher mel, batendo em um tronco de árvore para sinalizar o local e depois escalando para pegar a colmeia de abelhas. Às vezes, ele também levava os outros filhos. Ao levá-los, o pai sempre lhes mostrava todo o caminho de ida e volta, para que o conhecessem e memorizassem. Sobre isso, os irmãos de Luang Ta Mahā Bua contaram uma vez:

"O pai o levava para colher mel com frequência. Às vezes, ele também levava os irmãos mais novos. O pai mostrava todos os caminhos: 'Este caminho vai para lá, aquele caminho vai para cá'. Os filhos costumavam ter medo de tigres, então tinham que olhar constantemente ao redor.

Se fossem pegar mel de abelhas selvagens, ao chegar a uma bifurcação, o pai diria:

'Este caminho vai para Nong Pak Dan, saindo em Baan Kham Kling. Este caminho entra na floresta grande, seguindo por ele você pode se perder. Se for por este caminho que viemos, você voltará para nossa casa.'

Ele explicava tudo. Onde quer que ele nos levasse, explicava todos os caminhos... O pai devia estar pensando à frente – caso ele escorregasse, caísse da árvore e morresse, os filhos não saberiam o caminho de volta para casa. Por isso, ele tinha que explicar tudo com antecedência. O pai era quem subia nas árvores para pegar o mel. Ele era ótimo em escalar. Ele era tão bom em caçar quanto em pegar mel."

Antigamente não havia bancos, quando as pessoas tinham dinheiro ou ouro, costumavam enterrá-lo. O pai de Luang Ta, às vezes, ao ir para a floresta, levava uma quantia de dinheiro. Mesmo ao ir caçar, às vezes levava um tanto consigo. Quando ia tomar banho no riacho, ele primeiro escondia o dinheiro em um arbusto. O fato de o pai ter que guardar e proteger seus bens dessa forma era explicado aos filhos:

"O pai faz tudo e guarda tudo por vocês, meus filhos e netos. Não importa como vou viver ou comer, desde que vocês possam viver, comer e ser felizes."

Normalmente, a colheita do mel era feita durante a noite, quando a lua estava escura, mas Luang Ta Mahā Bua, quando jovem, não tinha medo de nada tão facilmente e quis tentar colher mel durante o dia.

O resultado foi que muitas abelhas o perseguiram e o picaram por todo o caminho de volta. Ele teve que tirar toda a roupa e pular na água. Mesmo assim, o enxame de abelhas continuava a rodear a água, mas no final ele conseguiu escapar. Ao chegar em casa e examinar seu corpo, descobriu que estava cheio de ferrões de abelha.

Certa vez, ele foi junto com os adultos à floresta quando, por acaso, viu um urso que já estava muito perto. Naquele momento, ele ajudava o pai carregando a arma, então teve que atirar imediatamente. Ele sabia que o urso ficou bastante ferido e disse que se sentiu mal o resto do dia inteiro. Ao chegar em casa, ele perguntou ao pai:

"Atirar naquele urso foi um mau ato?"

Provavelmente, desde pequeno, ele havia sido ensinado que matar e machucar animais era errado. Se fosse em um dia de *uposatha*[1], era ainda mais grave. Isso fez com que ele claramente sentisse arrependimento, a ponto do pai notar. Como o filho fez tal pergunta, o pai, temendo que ele

1 Algo como um 'domingo' budista. Os dias de *uposatha* em geral são dedicados a visitar um mosteiro, fazer doações, ouvir ensinamentos e praticar meditação.

ficasse muito triste e deprimido, o consolou e o encorajou, em vez de dar uma resposta direta.

Mesmo depois de se ordenar, ele continuou a sentir um arrependimento persistente. Por isso, sempre que praticava meditação, recitava cânticos ou fazia oferendas, ele irradiava bondade amorosa e dedicava méritos àquele urso. Ele disse aos monges que, mesmo em sua velhice, ele continuou a irradiar bondade amorosa para aquele urso, sem nunca faltar.

Em um de seus relatos, Luang Ta descreveu seus pensamentos de infância sobre a morte e, em seguida, abordou a questão de tirar a vida de seres vivos:

"Quando se falava em vida e morte, eu tinha muito medo. Quando criança, eu sentia tanto medo da morte que não queria nem pensar nela. Meu coração se encolhia. Eu procurava outros pensamentos para encobrir esse. Eu não me esqueci disso. Esse é um ponto.

O segundo ponto é que meus amigos falavam. Nós íamos caçar e pescar normalmente e eles diziam: 'Nos dias sagrados, cometer um mau ato é um mau carma muito grande. Nos dias de *uposatha*, matar ou cometer qualquer ato danoso é um carma pesado.'

Isso ficou gravado na minha mente. Desde então, nunca ousei matar um animal em dias de *uposatha*."

A declaração acima revela que era comum para as pessoas daquela época alertar uns aos outros sobre a importância do mérito e do demérito, sem ignorar ou negligenciar esses conceitos. Outro exemplo claro disso podia ser visto nos próprios pais do jovem Bua:

Toda vez que o pai dele ia para a floresta e conseguia carne, a mãe tinha que secá-la, transformá-la em linguiça ou em *som* (carne ou peixe fermentado) para que não estragasse. Assim eles podiam oferecer o que sobrasse aos monges no templo. A mãe sempre fazia isso e, a cada vez, ela dedicava os méritos da doação a todos os animais cuja carne havia sido usada para fazer aquela comida. Fazia assim todas as vezes, sem exceções. Essa proximidade e conexão ininterrupta dos pais dele com o Dhamma foi o que ajudou a incutir no filho um ponto de vista correto e um grande senso de compaixão por todos. Criou uma fundação de vergonha de cometer más ações e medo de realizar mau carma, marcando seu coração para sempre, até o momento de sua ordenação monástica.

A natureza resoluta do jovem Bua era outra de suas características marcantes. Isso não se aplicava apenas ao trabalho, mas também à escolha de amigos. Ele preferia pessoas que amavam a verdade e a honestidade, e que não fossem inconstantes. Ele se referiu a um amigo próximo de sua juventude, dizendo:

"Phu Yai Thoeng era um amigo meu. Ele era muito trabalhador. As pessoas o chamavam de 'neto de Luang Kamhéng', e a mim me chamavam de 'neto de Ta Péng'. Péng era o nome da minha mãe. O pai da minha mãe era tão trabalhador que ninguém na vila conseguia competir com ele. Mas quando o neto de Luang Kamhéng e o neto de Ta Péng trabalhavam juntos, ninguém conseguia superá-los.

Éramos muito próximos. Íamos um para a casa do outro para conversar. Às vezes, ele vinha para a minha casa, e às vezes eu ia para a casa dele. Phu Yai Thoeng, quando ia a algum lugar e lá tinha algo para comer, comia na hora. Eu também, quando ia à casa dele, comia na hora. Éramos considerados como um só. Éramos assim tão próximos. Os pais nunca se importavam nem comentavam. Se ele ia comer na minha casa, eles agiam como se ele não tivesse comido. O mesmo acontecia quando ele vinha comer na nossa casa ou quando eu ia comer na casa dele.

Quanto a mim, diria que minha inteligência não era afiada naquela época, mas as qualidades de verdade e honestidade eram proeminentes, vindo desde a época em que era leigo, ou seja, eu mesmo sabia que era sincero e verdadeiro, mas não dava muita importância a isso. Essa característica já estava inerente em minha mente.

Se alguém fosse inconsistente ou não fosse confiável, não queria ter amizade com ele. Se eu dizia que ia ficar, ficava; se dizia que ia, ia. Minha natureza era de fazer o que dizia. Se alguém agia de uma forma agora, e depois de outra, eu evitava aquela pessoa.

Em segundo lugar, eu não me associava com ladrões ou criminosos. Evitava os jovens que gostavam de roubar. Essa era uma de minhas características: não gostava de pessoas não confiáveis. Nunca me esqueci disso.

O pai de Phu Yai Thoeng também era muito trabalhador. Ele me convidou para caçar e buscar animais na floresta, pois meu cachorro era um bom cão de caça. Me convidou para ir no dia seguinte.

(Eu respondi) 'Oh! Eu ainda não posso ir, porque já prometi a meu pai que faria isso e aquilo no pomar. Enquanto isso não estiver terminado, não poderei ir.'

Então, me desculpei e não fui. Eles foram. Mais tarde, foram escondidos perguntar ao meu pai – eu só soube disso mais tarde:

'Como pode? Convidamos o Bua para caçar, e ele disse que estava trabalhando para o pai e não podia ir. Como é isso? Que tipo de trabalho é esse que não deixa ele ir? Estava trabalhando de verdade?'

'Ele já fez. Já terminou tudo. Ei, se ele dá sua palavra, cumpre na certa. Não precisa desconfiar. A menos que ele não diga nada – caso contrário, não precisa se preocupar. Se disse algo, pode confiar. É assim que ele é.'

Foi esse Phu Yai Thoeng que era meu amigo. Amigo de trabalho e convivência. Porque esse amigo era muito trabalhador, fazia tudo com dedicação, sem inconsistência, fazia de verdade e tinha diligência.

Não me envolvo com pessoas não confiáveis. Essa era minha natureza. Estava no meu coração. Eu nem sabia que isso era Dhamma, até que pude estudar. Essa honestidade eu já tinha desde o princípio. Está fundo em meu próprio coração."

Outra coisa que era bastante surpreendente, e até mesmo sua própria mãe achava estranho, era que os anciãos da vila sempre vinham procurá-lo e consultá-lo. Até que uma vez, a mãe dele chegou a perguntar a eles:

"Tios e tias, por que vêm procurar o Bua? Ele é só uma criança."

Os anciãos então responderam:

"Oh, mãe, ele não é só uma criança. Se não fizermos o que ele diz, tudo dá errado, temos que desistir de tudo. Ele não erra em nada. Ele não é só uma criança, não!"

Sobre isso, os irmãos de Luang Ta Mahā Bua explicaram mais:

"Porque ele era uma pessoa muito inteligente... Por exemplo, ao fazer um projeto ou um plano, ele não errava nem falhava de forma alguma.

Se os aldeões queriam cortar madeira, eles planejavam fazer isso e aquilo, mas quando realmente faziam, sempre calculavam errado, as pessoas calculavam tudo errado. Mas ele nunca calculava errado, por isso não desperdiçava madeira.

Outra coisa era colher mel. Não era brincadeira, porque antes as pessoas faziam disso uma profissão. Vendia muito bem. Havia compradores que vinham direto de suas casas para comprar o mel."

Devido a essa habilidade, muitos dos mais velhos da vila se tornaram próximos e familiarizados com ele. No entanto, em relação às interações sociais com amigos da mesma idade, ele ainda gostava de brincadeiras e diversões típicas de jovens, sem nada de muito especial. Um exemplo é que ele praticava *muay thai* com os amigos, mas não por muito tempo, pois sua mãe pedia:

"Meu filho, não vá brigar! A mãe se preocupa. Me estraga o fígado e os pulmões[2]."

Trabalho duro e seriedade

Outra característica do jovem Bua era que, quando trabalhava, não queria que as pessoas soubessem ou vissem. Por exemplo, de manhã, ao levar os búfalos para arar o campo, ele recolhia bambu ou madeira caídos pelo caminho e os jogava para fora da estrada para que quando os búfalos passassem, não fizessem muito barulho. Ele temia que os moradores da vila ouvissem, então jogava tudo para fora da estrada. Nos dias em que ia para o campo, ele gostava de ir cedo, ainda no escuro. A mãe dele terminava de preparar a comida e a embrulhava a tempo, para quando ele saísse.

A forma como ele arava o campo era outra coisa que demonstrava sua natureza resistente e perseverante. Ele continuava a arar até terminar. Por exemplo, havendo quatro búfalos, ele os revezava no trabalho. Quando um ficava cansado, ele o desprendia do arado para que ele fosse se refrescar na água e comer grama, descansando. Em seguida, ele colocava o segundo ou o terceiro em seu lugar, e assim por diante, até terminar. Ele não parava até escurecer, nem para almoçar.

Certa vez, os pais e o cunhado, que normalmente eram a principal força de trabalho na lavoura, ficaram doentes ao mesmo tempo. Isso fez com que ele tivesse que liderar os irmãos em lugar dos adultos. Uma de suas irmãs mais novas, conhecendo bem sua natureza resoluta especialmente durante o trabalho, sentiu-se apreensiva, pensando:

"Oh, meu Deus! Desta vez, vamos trabalhar o dia inteiro até morrer! Estamos lascadas!"

E foi exatamente como a irmã pensou: ele não os deixou parar para descansar ou comer em nenhum momento. Trabalharam continuamente, de

2 Um trocadilho bem humorado com a expressão '*sia jai*', que significa 'me deixa triste' mas literalmente se traduz 'estraga o coração'. Ela está dizendo que fica tão preocupada com o filho brigando, que não apenas estraga o coração dela, mas também o fígado e os pulmões.

forma que, se não escurecesse, não parariam. A irmã de Luang Ta relatou o incidente, dizendo:

"Mesmo quando os irmãos diziam: 'Estou com fome, Bua!', ele continuava trabalhando. Não os deixava comer nem descansar. Ele os fazia trabalhar o dia inteiro...

Aquela era a época de derrubar e desmatar para fazer novos arrozais. Ele mesmo fazia o desmatamento, não usava o búfalo para arar, porque as árvores tinham acabado de ser derrubadas e as raízes no chão ainda não haviam apodrecido (não dava para arar ainda).

Ele trabalhava sem se importar com os irmãos. Dava a volta por um lado, depois por outro, e depois por mais um lado, sem parar. Até que os irmãos disseram:

'Oh, não aguento mais! Sinto falta da mãe!'

Eles só queriam chorar... Calhou que naquele ano eles colheram 17 carroças de arroz, o que era considerado muito."

Em outra ocasião, quando ele e os irmãos tinham que dormir no campo para vigiar a lavoura, a irmã relatou o seguinte:

"Antigamente, era tudo floresta densa. Havia muitos tigres e elefantes. Era comum o som dos elefantes quebrando galhos de árvores na floresta, 'poc, poc', e os gibões cantando soavam melancólicos e assustadores. Ora um canto, ora outro, dava uma sensação de solidão e nos fazia pensar nos pais.

O campo onde ficávamos de guarda ficava próximo à floresta, a cerca de quatro ou cinco quilômetros da vila. Na época em que o arroz começava a crescer, os moradores vinham dormir nos campos. Caso contrário, os elefantes vinham arrancar e comer todos os pés de arroz.

Os elefantes, ao comer arroz, são diferentes dos búfalos. Eles arrancam a planta inteira, batem-na nas pernas para tirar a terra e só então a colocam na boca. Se os moradores não viessem vigiar, eles comiam todo o arroz do campo. Mas os búfalos, ao comer arroz, apenas mordem a parte superior, não arrancando a planta inteira.

Por isso, ao vigiar o campo, eles tinham que levar armas para atirar e espantar os elefantes. Algumas pessoas atiravam para o alto fazendo barulho, e os elefantes, assustados, fugiam."

Devido à sua natureza resoluta, às vezes, os irmãos e irmãs que trabalhavam com ele iam reclamar com a mãe que, se os pais não estivessem, Bua não parava de trabalhar, como se quisesse que os irmãos morressem de exaustão.

A mãe, em vez de concordar com os filhos, respondeu imediatamente:

"Tem que ser assim mesmo! Vocês é que não se dedicam o suficiente." Ou seja, os irmãos e irmãs estavam cansados do trabalho e queriam parar, queriam ir para casa, mas ele não os deixava parar.

Luang Ta Mahā Bua também falou sobre essa sua característica, dizendo:

"Minha natureza nunca foi de ser inconstante, desde quando eu era leigo. Era assim na vida leiga. Naturalmente, não havia regras ou regulamentos rígidos, mas pode-se dizer que já era minha natureza ser assim.

Eu vivia como leigo, mas essa resolução estava lá, profunda. Por exemplo, se eu dissesse que ia fazer algo, especialmente para meus pais, se eu prometesse fazer, fazia exatamente como disse, nunca diferente. Essa era a minha natureza. Se a pessoa é um líder, tem que agir assim.

Tudo relacionado a mim tinha que ser de tal forma que meus pais pudessem confiar completamente – caso eu tivesse me proposto a fazer. Quando ia trabalhar com meus pais, era diferente. Fazia tudo o que me mandavam fazer, se mandavam levantar eu me levantava imediatamente. Normalmente, se meus pais não iam trabalhar junto, meus irmãos morriam de tanto trabalhar."

Ele se referiu aos seus irmãos e irmãs na família, dizendo:

"Meus irmãos e irmãs, todos eram bons, pelo que pude observar do caráter deles naquela época. Meu irmão mais velho inclinou-se mais para o comércio, seguindo os passos do meu avô. Ele começou a negociar desde jovem. Minha mãe lhe dava dinheiro para comprar gado. O talento dele era observar animais, e ele raramente errava ao avaliar as características de um animal. Se alguém na vila ia comprar gado, tinha que pedir a ele para ajudar a encontrar: 'Vá dar uma olhada para mim.'

Ele observava em silêncio. Não precisava testar nem usar o animal. Se ele dissesse: 'Este búfalo ataca pessoas', estava certo. Não sei como ele adivinhava, mas se dissesse: 'Este búfalo é teimoso e não serve', era verdade. Se ele dissesse: 'É bom', estava certo. Era estranho, não sei como fazia, mas tinha esse dom.

Nenhum dos outros jovens da vila conseguia avaliar animais. Apenas esse irmão mais velho conseguia encontrar e comprar. Os pais lhe davam

dinheiro para comprar, e a partir daí ele continuou sendo um comprador e vendedor de bois e búfalos.

Quando já tinha sua própria família e casa, a mãe ainda o mandava comprar búfalos para serem a base do rebanho, os líderes do grupo. E isso realmente acontecia. Sua natureza era semelhante à do avô materno. O avô também comprava e vendia gado sem parar. A mãe o deixou continuar comprando e vendendo até sua morte.

Ele era muito amado pelos irmãos mais novos porque era bondoso com eles. Já eu, poucas pessoas se aproximavam. Além de não serem apegados a mim, também tinham medo.

Os irmãos e irmãs não gostavam muito de mim porque eu era bravo, mas minha braveza vinha do meu caráter resoluto. Essa característica estava presente. Meu irmão mais velho era diferente. Se ele queria fazer algo, fazia. Se queria ir, ia. Ele não se importava com nada.

Quanto a mim, oh... se não estava terminado, não descansava. Meu irmão mais velho era diferente, e é claro que os mais novos gostavam, porque ele não era bravo. Quando ele chegava, todos os meus irmãos e irmãs, homens e mulheres, se aglomeravam em volta dele.

Já eu, oh... Ninguém chegava perto. Ficavam aborrecidos a ponto de morrerem. Eles não gostavam de mim a ponto de morrerem, mas não ousavam falar... Eles ficavam quietos. Mas a verdade é que eu também não gostava que ninguém me incomodasse quando ia a algum lugar."

Certa vez, o jovem Bua e seus irmãos e irmãs foram pastorear búfalos. Ele era o líder. Na hora do almoço, assaram um pássaro para comer. Durante o assado, ele se sentiu inspirado e começou a "cantar búfalo"[3]:

"...A vaca deles brinca, pula e salta. Eles miram e acertam, eles correm e alcançam. Eles apontam e acertam..."

Ao ouvirem isso, os irmãos e irmãs caíram na gargalhada de tanto prazer, quase morrendo de rir. Quando o pássaro estava assado e pronto, prepararam a cesta de arroz glutinoso e outros acompanhamentos, prontos para comer. Os irmãos e irmãs então pediram a ele:

"Cante a canção do búfalo de novo. É muito divertido de ouvir."

"O quê? Já vamos comer e ainda querem que eu cante?"

3 Uma tradição daquela região, são versos que surgem espontaneamente, algo como a tradição do repente, do interior do Brasil.

"Sim, cante! Queremos muito ouvir!"

Então ele começou a cantar enquanto comia, e a comer enquanto cantava. Os irmãos e irmãs estavam tão absortos em ouvir, que riam à vontade, com o nariz escorrendo e os olhos lacrimejando. Quando olharam para o pássaro assado novamente, havia acabado. Bua então disse:

"Se não quisessem ouvir, eu não teria comido tudo. Eu vi que queriam ouvir muito, então aproveitei para aprontar com vocês de verdade. E o pássaro assado, acabou!"

Mas sua "canção búfalo" lhes agradou tanto, que em vez de reclamarem com o irmão mais velho, disseram:

"Não tem problema. Mesmo que tenha comido tudo, fomos nós que pedimos. Quisemos ouvir quando você já ia comer. Mesmo que tenha acabado, está tudo bem, foi o que pedimos."

Depois disso, ele brincou com os irmãos, dizendo: "Querem me ouvir 'cantar búfalo' de novo?"

Fé na religião, mas o coração…

Nesse período, embora o respeito e a fé do jovem Bua na religião budista já fossem grandes, sua juventude o fazia começar a pensar em buscar uma companheira. Naquela época, ele disse:

"As paixões mundanas também eram muitas. Vendo as pessoas com filhos e esposas, eu também queria ter filhos, esposa e uma família como eles."

Certa vez, enquanto conversava com seu amigo Thoeng, um senhor de 50 anos sentou-se por perto. O senhor era uma pessoa sóbria e de poucas palavras. Ele estava sentado perto e ouvia os dois jovens conversando. Thoeng falava apenas sobre se ordenar monge, e falou sobre isso por tanto tempo que o idoso deve ter ficado incomodado, que então disse:

"Meu filho, deixe-me ver a palma da sua mão um pouco. Estou sentado aqui ouvindo você falar em se ordenar. Você vai conseguir se ordenar de verdade? Deixe-me ver os traços da sua mão."

O senhor examinou a palma da mão em silêncio por um minuto e então disse:

"De jeito nenhum ele vai conseguir se ordenar. Dentro de poucos dias, terá uma esposa. Já está amarrado. A parceira já está amarrada a ele – como separar? Não vai conseguir separar."

O senhor não falou de um jeito comum, mas com forte convicção. Ele era uma pessoa de poucas palavras, muito séria. Ao ver ele prever o futuro do amigo dessa forma, o jovem Bua sentiu-se ainda mais confiante, pois não queria se ordenar, mas sim ter uma esposa. Quando terminou de olhar a mão do amigo, o jovem Bua pediu para que ele também olhasse a sua mão.

"Olhe para mim, por favor."

O jovem Bua falou com alegria, certo de que ouviria que também teria uma esposa. Mas o resultado foi o oposto. O senhor olhou por um tempo e então disse:

"Ah! Este aqui, sim! Este aqui está certo! Ele com certeza vai se ordenar. Ele vai se ordenar. O caráter para virar monge já está feito. Ele vai se ordenar em breve."

O senhor falou com tanta convicção que o jovem Bua empalideceu imediatamente. Então, para ter certeza de que não havia se enganado ou algo assim, ele rapidamente disse:

"Ei! Eu quero ter uma esposa! Eu quero me casar!"

Em vez de hesitar, o senhor falou com ainda mais convicção:

"De jeito nenhum você vai se casar‼"

E, no final, Bua de fato não teve uma família como havia desejado originalmente. Embora ele e uma jovem tivessem se comprometido, sempre que tentavam tornar a relação mais séria, não conseguiam encontrar um ponto comum ou um acordo.

Além disso, devido à sua natureza de respeitar a razão acima de tudo, por maior que fosse o afeto, ele ainda conseguia resistir e ter paciência. E por essa razão, sua ideia de ter uma família parecia sempre ser obstruída, de modo que ele nunca conseguia concretizá-la. Talvez isso se devesse à influência do carma passado que havia cultivado, e que se manifestou de forma mais poderosa do que qualquer previsão de videntes. E esse carma acabou impulsionando sua vida em um nobre caminho.

Luang Ta Mahā Bua recordou um acontecimento de sua juventude, no período em que pensava em ter família:

"Sempre que eu tentava ter uma esposa, algo dava errado, mesmo com os pais das moças gostando muito de mim. Naquela época, na região Nordeste, era comum ver as pessoas sentadas na varanda fiando algodão e seda; ainda é assim hoje em dia. A gente saía para passear, mas na verdade era para

flertar com as moças. Se eu visitava uma casa, ah, a notícia se espalhava. Quer dizer, os pais das moças gostavam muito, mas as moças não pareciam gostar. Já os pais me queriam porque sabiam que eu era trabalhador."

Ele contou aos seus discípulos sobre o amor:

"Luang Ta Bua também já amou uma moça. Já falei sobre isso. Luang Ta Bua era louco! Eu também vi o lado negativo disso. Só depois comecei a ver os problemas. Naquela época, eu não via nada. Mesmo sem conseguir dormir, ainda não enxergava. Eu só conseguia pensar no rosto daquela moça.

Oh... Não havia mais nada no mundo, ninguém era mais valioso do que aquela única moça. Ela estava em meu coração o tempo todo. Fosse qual fosse a tarefa que eu realizasse, ela estava ali junto, como um mantra em meu coração. Aquela moça era o meu mantra. Era assim. Em qualquer trabalho que eu fizesse, ela estava ali. Oh, era assim! Era assim, por isso estou contando! Puxa, meu coração quase explodia! Amar uma mulher não é brincadeira. Eu já amei a ponto de não conseguir comer nem dormir. Onde quer que eu estivesse, o que quer que eu fizesse, qualquer trabalho, eu fazia sem vontade. Eu andava, mas aquela moça não saía da minha mente. Ela ficava lá o tempo todo, tão profundamente enraizada.

A dor era imensa, oh, inacreditável. A sensação de peso sobrepujava minha mente, a dor e o sofrimento me torturavam ao máximo naquela época. Então, o amor me arrastava, me arrastava. Ele não me deixava ver que aquilo era ruim. Por mais que doesse, eu não enxergava."

Por mais que esse amor lhe causasse sofrimento, ele jamais se permitiu realizar qualquer mau ato que pudesse causar tristeza para seus pais ou as demais partes envolvidas. Seguindo esse princípio, ele então conseguiu raciocinar, como uma vez relatou:

"'Ei! Pode amar o quanto quiser, mas você não nasceu grudado com esta mulher. Como pôde deixar chegar a esse ponto? Para quê esse amor todo, se leva você a esquecer dos seus próprios pais? Domine isso!'

Eu já passei por isso. Estou falando a verdade, isso aconteceu comigo. Mas, quando consegui me livrar, foi por causa de Sīla Dhamma[4]. Isso é importante. O Dhamma consegue nos libertar por completo... De um jeito ou de outro, ele vence.

Mesmo amando a ponto das lágrimas rolarem, amando com todo o coração – ninguém sabia, a ponto de eu quase enlouquecer. Não era um amor comum. Não me esqueço até hoje, porque foi o primeiro amor também. Ah, é sério... O primeiro amor não se desfaz facilmente.

4 O princípio da moralidade.

Puxa... mas ainda bem que eu tinha uma qualidade: possuía um princípio, um alicerce em meu coração. Mesmo como leigo, possuía honestidade e sinceridade. Minha firmeza era constante. Quando percebi que esse amor iria me destruir, lancei âncora profundamente. Não permiti que o barco seguisse, mas que permanecesse ali, girando. As kilesas[5] não conseguiam levantar a âncora, então se debatiam bem ali, o barco girava bem ali, mas não seguia em frente. Se a âncora se soltasse, o barco seria arrastado para o oceano aberto. Mas eu não permitia que fosse."

Lágrimas do pai

No período anterior à ordenação de Luang Ta, ele era a força motriz da família e era confiável em todo tipo de tarefa. Seus pais podiam contar que ele cuidasse deles na doença e na morte. A confiança dos pais nele e em seu irmão mais velho era evidente em suas palavras:

"Antigamente, nossos pais tinham muitas moedas. Uma moeda naquela época não era pouca coisa; era como dez mil baht hoje. Nossa família tinha muitas...

Só em abril, na época da cerimônia de Vesak[6], é que meus pais tiravam o dinheiro (de seu esconderijo). Enchiam uma tigela grande com ele e o lavavam. Ninguém podia saber quando lavavam o dinheiro, apenas meu irmão mais velho e eu, não deixavam mais ninguém ver. Fazíamos isso no andar de cima da casa, usando água perfumada para limpar o dinheiro, até que a tigela ficasse cheia de água preta. Depois, guardávamos tudo em segredo. Naquela época, não havia bancos; as pessoas guardavam o dinheiro escondido, como os antigos faziam."

Em relação à guarda do dinheiro da família, a mãe era mais capacitada que o pai, pois possuía uma memória melhor que a dele. Em primeiro lugar, provavelmente, porque herdou a inteligência do avô, como Luang Ta mencionou:

"Minha mãe, tenho que admitir, tinha uma memória excelente. Isso era realmente notável. Nenhum dos filhos herdou isso dela. Por exemplo, quando cantavam uma melodia, minha mãe ficava ouvindo e, quando a melodia terminava, ela conseguia lembrar por completo. Era hábil a esse ponto. Conseguia memorizar qualquer coisa. Ela lembrava o dia e o mês de nascimento de cada filho, se era lua crescente ou minguante, sem precisar anotar nada. Naquela época, não havia livros para anotar. Minha mãe

5 As impurezas mentais.

6 Celebração do nascimento, iluminação e morte do Buddha.

registrava tudo na memória. Ela lembrava de tudo sobre os filhos, sem falhas. Essa memória e inteligência eram realmente notáveis. Minha mãe parecia ter herdado isso de meu avô."

Seus irmãos também comentaram: "A capacidade de memória da mãe era melhor que a do pai, devia ser porque o pai muitas vezes tinha muitas responsabilidades e por isso esquecia as coisas com frequência. Se o pai levasse dinheiro para algum lugar e o esquecesse, achava que alguém o roubou. Às vezes pensava que dinheiro apareceu do nada, como se ninguém o tivesse colocado lá.

Mas com o dinheiro que a mãe guardava, nunca houve problemas como os do pai. Quando eles empilhavam arroz para debulhar no celeiro, o pai dizia que havia uma certa quantidade de arroz, enquanto a mãe dizia que havia outra. Eles nunca concordavam. Ele (Luang Ta) confiava na quantidade que a mãe dizia, porque achava que a mãe falava com mais razão, enquanto o pai muitas vezes era distraído. E foi isso que o levou a dizer aos pais: 'Muito bem, de agora em diante, que a mãe seja a responsável por guardar todo o dinheiro. Dê só um pouco para o pai usar; se precisar de mais, que ele pegue com a mãe. Isso resolverá o problema, assim ninguém vai conseguir roubar.'"

O fato de os pais permitirem que ele visse tanto dinheiro, e aceitarem seu conselho sobre a guarda do mesmo, claramente demonstra a confiança que tinham nele. Isso porque, se fosse um filho desonesto, ele poderia roubar o dinheiro dos pais ou aconselhá-los de forma a obter vantagem pessoal, aproveitando-se da fraqueza da memória do pai. Essa lealdade para com os pais é uma virtude rara nos dias de hoje.

De acordo com a antiga tradição tailandesa, era costume que um filho se ordenasse antes de se casar e formar uma família. Quando Bua atingiu a idade apropriada para se ordenar, seus pais decidiram discutir o assunto com ele. A família, composta pelos pais e vários filhos e filhas, geralmente fazia as refeições juntos à mesa. Certa noite, enquanto jantavam em silêncio, o pai começou a falar, sem motivo aparente:

"Temos muitos filhos e filhas, mas não consigo me livrar da preocupação de quando eu morrer, pois me parece que nenhum dos meus filhos será homem o suficiente para se ordenar, e assim me dar a oportunidade de vê-lo no manto monástico, antes de eu morrer, para que eu possa não ter preocupações naquele momento e possa morrer em paz. Não estou reclamando dos filhos homens e não tenho nada a criticar das filhas mulheres. Tenho muitos filhos homens e não fico muito preocupado, ainda

posso contar com eles. Mas este Bua é com quem eu sempre achei que poderia contar."

Essa fala causou um grande impacto, uma vez que normalmente o pai nunca o elogiava, em assunto algum – em geral só o criticava, pois era o jeito dele de ser.

Então o pai continuou a falar: "Sempre que ele bota a mão para fazer algo, posso confiar em tudo. Eu mesmo não consigo fazer tão bem quanto ele. Este filho é em quem mais confio. Se ele faz algo, tudo fica perfeito, sem nada a criticar. Eu não consigo fazer tão bem quanto ele. Se falarmos de trabalho, ele é realmente talentoso – eu o elogio. De todos os meus filhos, ele é o mais importante. Quanto a qualquer trabalho, posso confiar nele.

Mas o importante é que, quando peço que ele se ordene, ele nunca responde nem diz nada. É como se não tivesse ouvidos nem boca. Quando eu morrer, ninguém poderá me salvar do caldeirão do inferno, nem uma única pessoa. Criei tantos filhos, mas não posso contar com nenhum deles. Se não puder contar com Bua, então não há esperança, porque tenho muitos filhos homens, mas é nele que eu mais confio."

Luang Ta continuou a narrar: "Quando meu pai disse aquilo, as lágrimas dele começaram a cair sem parar. Eu olhei e vi. Minha mãe, ao ver as lágrimas do meu pai, também começou a chorar. Vendo o quão comovidos eles estavam, não pude mais suportar e pulei da mesa de jantar, fugindo imediatamente. Foi isso que me levou a decidir me ordenar. Aconteceu dessa forma."

O fato da mãe também ter chorado, assim como o pai, se deu porque ela já havia tentado persuadir o filho sobre o assunto antes. Mas ele sempre insistia: "Não vou me ordenar. Estou apaixonado por uma garota."

Após fugir da mesa e ficar só, Bua pensou sobre o assunto por três dias e noites sem parar, e durante esse período não voltou a comer com os pais. Nesses três dias, ele temia ser confrontado novamente com a mesma questão, pois naquela época ele não tinha a menor vontade de se ordenar – por isso agia como se aquilo não lhe dissesse respeito. Mas, desta vez, a situação era tão séria que levou seus pais às lágrimas. Ele então ponderou as razões em sua mente:

"Ora, meu pai chegou às lágrimas. Me elogiou para depois me criticar. Simplesmente me elevou, para então me derrubar. Quando falou sobre ordenação, me derrubou. Pensei: 'Por que meu pai está chorando por minha causa?' Pensei muito nisso, me incomodava bastante. Fiquei com pena do meu pai. Meus pais me criaram, todas as outras pessoas têm filhos, e os filhos delas conseguem se ordenar. Mesmo quem vai para a prisão, um dia sai. Mas eu, que não estou na prisão, por que não posso me ordenar para os meus

pais, nem que seja por um curto período? Outros conseguem se ordenar, e depois desistem (da vida monástica) em grande número. Alguns monges se ordenam e se tornam abades até a morte, e nada demais lhes acontece. Por que eu não posso me ordenar para os meus pais, nem que seja por um curto período? Será que não sou digno?' Pensei assim.

'Meus amigos que se ordenaram, e os muitos mestres que se ordenaram, todos o fizeram por toda parte do mundo e do país. Ordenação não é como ir para a prisão. Mesmo os que estão na prisão, por exemplo, condenados à prisão perpétua, ainda conseguem obter liberdade condicional. Eu não estou indo para a prisão.

Meus amigos conseguem se ordenar; eles são pessoas como eu. E todos os mestres que se ordenaram e se tornaram abades de templos, ainda conseguem viver. Eu sou uma pessoa como as outras, criado pelos pais como todas as outras, eu consigo aguentar todo tipo de coisa, por que não aguentaria me ordenar? Será que virar monge é como ir para a prisão, a ponto de eu não conseguir fazer, não conseguir me ordenar? Como posso ser tão inferior, tão incapaz, mais do que todos meus amigos, a ponto de fazer meus pais verterem lágrimas por minha causa? Isso é extremamente inaceitável.'"

Por fim, decidiu: "Sou gente como os demais, sou filho como qualquer outro. Se os outros podem se ordenar, por que eu não poderia? Não há razão para isso. Ora, se eu me ordenar e, estando com as vestes monásticas, quiser desistir, a ponto de morrer, que morra! Meus pais me criaram com tanta dificuldade, a ponto de chorarem por eu não me ordenar. Isso é feio demais, sendo eu filho deles de verdade."

A mente rodou com esse assunto por três dias, e então tomou uma decisão:

"Ora, está decidido! Por que não posso me ordenar? Se tiver que morrer, que morra! Os outros se ordenam e ninguém morre. Meus pais não pediram para eu me ordenar pelo resto da vida, nem disseram para eu me ordenar por um ou dois anos. Meus pais não disseram isso, então por que não posso me ordenar? Eu sou uma pessoa como as outras. Ora, tenho que me ordenar!"

Quando ele finalmente se decidiu, procurou sua mãe e disse: "Sobre a ordenação, eu me ordenarei, mas ninguém pode me impedir de largar a vida monástica! Quando eu quiser largar, eu largo. Ninguém pode querer me obrigar a ficar (como monge) por tantos anos ou tantos meses."

A mãe respondeu imediatamente: "*Sadhu!*[7] Se você se ordenar, vou apenas dizer *'Sadhu!'*. Com relação a largar o manto[8], não vou dizer nada. Desde que se ordene, para mim já está bom. Se você se ordenar e logo em seguida largar

7 'Ótimo', 'excelente'.

o manto, mesmo antes que as pessoas que vieram para a cerimônia tenham tido tempo de voltar para casa, mesmo que você largue logo em frente à toda aquela multidão, eu não vou dizer nada."

A resposta da mãe o incomodou e o fez pensar na hora: "Ora! Quem seria tão descarado a ponto de largar o manto na frente de todas as pessoas que vieram para assistir a cerimônia? Se for assim, é melhor nem se ordenar! Se ordenar e desistir logo em seguida é ainda mais vergonhoso que qualquer outra coisa."

Sobre esse episódio, ele contou com bom humor sobre a inteligência da mãe, que conhecia muito bem a sua personalidade: "Inteligente, não é? Ouça só. Quem ia se ordenar e logo depois desistir? O *upajjhaya*[9] ainda nem se foi, os monges que oficiaram a cerimônia ainda não se foram, a sangha ainda está ali e não se foi, o local lotado de gente – e aí largar o manto na frente de todos eles! Não seria vergonhoso para o mundo inteiro? Não seria melhor não se ordenar do que se ordenar e depois fazer algo assim? A mãe devia saber que eu nunca faria isso, porque ela já sabia como era o meu caráter.

Eu nunca fui uma pessoa de má conduta. Meu comportamento sempre foi impecável. Eu falo de verdade. Meu comportamento nunca foi imprudente. Foi só minha mãe dizer aquilo, e eu: 'Ora, vou me ordenar agora. Depois que me ordenar, me esforçarei para me comportar perfeitamente, para que ninguém possa me criticar em nenhum aspecto do Dhamma ou Vinaya[10].' Eu pretendia ser resoluto e diligente até o dia de largar o manto, que eu estimei ser por volta de dois anos – foi o que eu pensei. Uma vez ordenado, eu cumpriria meus deveres à perfeição. Se fosse para estudar as escrituras, ou o que quer que fosse, o faria por completo."

Quando chegaram a um acordo, foi marcada a ordenação. E, surpreendentemente, os preparativos para a ordenação não encontraram obstáculos ou qualquer dificuldade, como se tudo já houvesse sido organizado previamente. Essa decisão trouxe grande alegria ao pai. Luang Ta narrou o acontecimento:

"Assim que me ordenei, meu pai ficou muito feliz. Ele preparou tudo para mim. Chamou meu irmão mais velho para comprar os requisitos monásticos, porque meu irmão já tinha sido noviço no passado e entendia sobre mantos de monge e tudo mais. Ele deixou tudo para meu irmão organizar, e o que ele comprou foi de boa qualidade.

---

8 No Budismo Theravada, os monges têm total liberdade de desistirem da vida monástica a qualquer momento que desejarem.

9 Monge que preside a cerimônia de ordenação.

10 Disciplina monástica.

Não pensei em ficar muito tempo. Pretendia me ordenar por apenas um ou dois anos e depois largar, como é a tradição do mundo. Só me ordenaria para alegrar a meu pai."

Quando o dia da ordenação se aproximava, a mãe chamou o filho para se sentar à sua frente e começou a dar-lhe um conselho, preocupada:

"Meu filho, venha sentar aqui e ouça... A mãe vai te contar uma coisa. Este filho, a mãe não tem nada a criticar. A mãe confia plenamente em você, em tudo. Em todas as suas tarefas e seu comportamento, a mãe te considera o melhor de todos os filhos. A mãe confia em você, e o pai também. Com relação a tudo, a mãe não tem preocupações. Mas o que mais me preocupa é o seu sono, filho.

Seu sono é como se você estivesse morto. Seu irmão me pedia: 'Amanhã tenho que ir a tal lugar – me acorde de manhã, tenho que ir logo cedo', e ia dormir. Às vezes ele já tinha partido mesmo antes de eu ir lhe acordar. Mas você meu filho, quando me pede para acordá-lo de manhã cedo para ir a algum lugar, simplesmente dorme como um cadáver. Nunca houve uma vez em que você levantou sozinho. É isso que mais me preocupa. Tenho medo que você vá nos fazer passar vergonha. Se você se ordenar e ainda vai ficar dormindo e roncando desse jeito, os demais monges vão voltar da ronda de esmolas e vão ter que te acordar para a refeição. Olha, a mãe prefere morrer, não me deixe ouvir algo do tipo, filho! É isso que mais me preocupa. Fora isso, a mãe não tem mais nada com que se preocupar. Mas você dorme que nem defunto, meu filho. Você precisa fazer um esforço."

Ele ouviu o conselho da mãe do começo ao fim. Por fora, parecia apenas que estava ouvindo, mas, na verdade, secretamente guardou o conselho e a preocupação da mãe em sua mente, de forma silenciosa e profunda. E foi essa preocupação que mudou radicalmente seus hábitos de sono, levando-o a em seguida ter sucesso em seus estudos e prática do Dhamma.

VIDA MONÁSTICA

ORDENAÇÃO E ESTUDOS

O jovem Bua foi ordenado monge budista em Wat Yothanimit, Baan Nong Khon Kwang, distrito de Mueang, província de Udon Thani, no 9º dia da lua crescente do 7º mês do Ano do Cão (que corresponde a terça-feira, 12 de maio de 1934). Seu preceptor foi o Venerável Chao Khun Dhammachedi (Jum Phanthulo) do Wat Phothisomphon, distrito Mueang, província de Udon Thani.

Após se ordenar, Venerável Bua refletiu: "Meus pais não estão mais aqui para me guiar ou admoestar. Tenho que fazê-lo eu mesmo, completamente." Por essa razão, desde o dia em que entrou no mosteiro, se esforçou para se levantar imediatamente assim que percebesse que estava acordado. Ele narrou:

"Depois que me ordenei, me dediquei verdadeiramente a fazer méritos e a acumular virtudes. Eu me esforcei para manter a disciplina monástica de acordo com os princípios do Vinaya, de forma autêntica. Enquanto fosse monge, não daria razão para ser criticado sobre nada, até o dia em que eu renunciasse aos votos. Esta era a minha intenção inicial.

E após entrar para o mosteiro, eu realmente me comportei dessa maneira. Nunca fugi escondido passear ou vaguear por qualquer lugar (fora do mosteiro), como faziam os demais que treinavam para ser monge. Mesmo no estudo das escrituras, eu me dedicava seriamente, lendo livros até tarde da noite – meia-noite, às vezes duas ou três da manhã, regularmente. Às vezes, até às cinco da manhã, mas sempre conseguia acordar para a puja matinal e sair para a ronda de esmolas, sem nunca faltar uma única vez."

Ele fez o seguinte voto:

"Durante esta estação chuvosa, não perderei uma única prática de puja matinal e noturna com meus colegas monges e noviços. Mesmo quando eu tiver que ir realizar atividades fora do templo, pedirei ao venerável mestre, o abade, que espere para realizarmos as práticas juntos, a fim de não quebrar a promessa que fiz." Quanto à sua prática pessoal de puja, ele a recitava mais uma vez quando voltava para sua cabana.

Ele narrou os acontecimentos da época de sua entrada na vida monástica:

"O abade gostava de meditar. Ele nos dizia para ficar no salão de *uposatha*[11] com ele. Ele dormia numa cama atrás da imagem de Buddha, e nós dormíamos no salão de *uposatha*, mas à frente da imagem de Buddha, perto da porta. Uns dois ou três noviços dormiam lá. Ele era muito bom em recitar puja e meditar.

De madrugada, ele saía às quatro da manhã para praticar meditação andando na frente do salão. Era tudo aberto, então, quando éramos noviços, víamos ele sair e sempre o observávamos enquanto ele praticava meditação andando. Depois que me ordenei, também comecei a praticar meditação andando e a perguntar a ele sobre a meditação. Eu não me esqueço disso, porque gostava de meditar.

'Eu quero meditar. Como devo meditar?' perguntei a ele.

'Ah, pratique recitando Buddho. Eu também pratico assim.'

Ele ensinava apenas isso. Eu comecei praticar 'Buddho' com fé e satisfação na meditação. À noite, bem tarde, saía para praticar meditação andando todas as noites. Antes de ir dormir, reservava uma hora – parava de ler livros e ia meditar. Por exemplo, se fosse dormir às duas da manhã, pararia de estudar à uma da manhã. Essa última hora era dedicada à meditação, regularmente. Quando chegava a hora, ia caminhar em silêncio e sentava-me para meditar, depois dormia."

Em relação à meditação, Luang Ta já tinha respeito e fé desde o início. Desde quando se ordenou em Wat Yothanimit, se visse um monge *kammatthana*[12] vindo pernoitar, ele se apressava para ser o primeiro a chegar perto e conversar com ele sobre o Dhamma e sobre a mente.

Ele continuou praticando assim constantemente, sem recuar. No começo, sua mente não ficava muito calma. Mas depois de muitas tentativas, a mente gradualmente se acalmou, até que algo maravilhoso aconteceu, dessa maneira:

"Foi então que vi a mente maravilhosa. Eu meditava cambaleando 'Buddho, Buddho...', atento à mente, mantendo sati[13] focada em 'Buddho, Buddho...' e algo que nunca havia acontecido, que eu nunca soubera ou vira, e que nunca havia imaginado que aconteceria, aconteceu. Enquanto recitava 'Buddho', parecia que uma rede que havia sido estendida, começou a se recolher, recolheu-se toda de uma vez.

11 Um templo dedicado a realizar cerimônias da sangha.

12 Um monge que vive nas florestas, dedicado à prática de meditação.

13 Capacidade de manter a mente no momento presente.

Quando eu focava 'Buddho' com sati intensa, era como puxar a ponta da rede. O fluxo da mente, que estava disperso por vários lugares, se retraía, como os fios de uma rede se recolhendo. Essa era a sensação. Fiquei ainda mais interessado, então intensifiquei o 'Buddho' ainda mais. A mente se retraía, retraía, retraía, até que 'pap!' De repente, o mundo inteiro se desfez, desaparecendo por completo, restando apenas a mente.

Essa mente era como uma ilha no meio do oceano – a ciência da mente, que era proeminente, maravilhosa. Fora isso, todo o resto era o mundo do samsāra, como um oceano. Mas esta ilha era uma ilha proeminente, maravilhosa e majestosa. Fiquei maravilhado e emocionado. Eu nunca tinha visto algo assim, então fiquei muito excitado. Por causa disso acabei me agitando, então a mente retrocedeu. Oh, que pena, quase morri de tristeza!

Na noite seguinte, estava muito empolgado, mas não deu em nada. Não importa quão energético eu fosse, não deu em nada. Pois é. Então pensei: 'Bom, vou praticando como for possível.' Dessa forma minha mente largou do seu apego pelo o que ocorreu anteriormente e segui praticando. Então ocorreu novamente, me empolguei de novo, e de novo não deu em nada.

Aquela sensação da mente maravilhosa se susteve durante todo o dia. Sorria daquele jeito. Enquanto eu estudava os livros, ela estava sempre presente, nunca divagava. Essa foi a principal base que me deu tanta força e apoio (para seguir adiante em minha prática)."

Desde que começou a estudar os textos e escrituras budistas, ele sentiu que o Dhamma, sendo a verdade, se encaixava perfeitamente com sua personalidade. Ele contou:

"Onde quer que eu estudasse o Dhamma, me tocava profundamente, cada vez mais. Comecei com o livro chamado Nāvakovāda, que é uma base para estudo inicial. Depois, li a biografia do Buddha, o que me fez sentir grande pena e compaixão por ele no período em que sofreu e se esforçou, antes de atingir a iluminação. Cheguei a chorar sem parar enquanto lia.

Ao terminar de ler, senti uma profunda inspiração pela dedicação do Buddha. Ele era um rei, mas abdicou do trono para se tornar um monge mendigo, sem posses. Na época dele, não havia budismo. Não se ensinava que dar esmolas gerava méritos dessa ou daquela maneira, que seguir preceitos gerava méritos dessa ou daquela maneira. Ele teve que se fazer um pedinte e mendigar sua comida diretamente. Ele se esforçou e treinou com toda sua força por cinco anos completos, até que se iluminou e se tornou um Buddha. Enquanto eu lia a biografia do Buddha, que havia atingido a iluminação, senti-me extremamente maravilhado, e também lágrimas correram."

Sobre quando leu as biografias dos discípulos arahants, que vieram de diferentes famílias – desde reis e grandes monarcas, grandes magnatas, comerciantes, até pessoas comuns – ele disse:

"Qualquer um que viesse de qualquer família, depois de receber os ensinamentos do Buddha, cada um partia para praticar nas florestas e montanhas com total empenho. Logo, um atingiu a iluminação e se tornou um arahant ali, outro atingiu a iluminação naquela floresta, naquela montanha, naquela caverna. Todos esses locais eram de quietude e reclusão, o que os fazia sentir fé e devoção, dava energia às suas mentes. As coisas externas, gradualmente, cada vez mais perdiam sua atração."

Ele descreveu essa sensação de mudança gradual em sua própria experiência:

"No começo, eu pensava em ir para o céu. No começo, eu pensava em ir para o reino de Brahma. Mas quanto mais eu lia as biografias dos discípulos, menos eu queria ir para lá – agora queria ir para Nibbāna. No final, eu só queria Nibbāna. Eu só queria ser um arahant, e não havia nenhuma outra possibilidade envolvida. Minha mente se concentrou em apenas um objetivo."

Sua intenção original de se ordenar por apenas dois anos e depois desistir, perdeu sua atração cada vez mais, ao mesmo tempo em que sua alegria na vida monástica aumentava. Ele sentia que o Dhamma se tornava mais e mais envolvente, e sua mente mudava. Por essa razão, mais tarde, ele deixou Baan Tad para estudar as escrituras em vários mosteiros, até que fez o seguinte voto:

"Após completar o terceiro nível de estudo Páli[14], me dedicarei exclusivamente à prática, sem exceções ou condições, pois desejo me libertar completamente do sofrimento. Quero me tornar um arahant."

Com essa mudança de pensamento, ele chegou a brincar com sua mãe, dizendo: "Mãe, minhas roupas que estão guardadas, dê-as aos meus amigos e irmãos. Se um dia eu pensar em deixar a vida monástica, eu procuro cascas de árvore para usar em lugar delas".

No entanto, embora ele tivesse fé no Dhamma e desejasse se dedicar à prática como o Buddha e os arahants, um obstáculo inicial que encontrou foi sua dúvida sobre se o caminho de prática que ele seguia o levaria ao mesmo ponto que aqueles grandes seres alcançaram, ou esse caminho se mostraria apenas espinhos, obstáculos e um esforço inútil para si mesmo? Além disso, ele se perguntava: "Neste momento, o Nibbāna ainda existe, como na época de Buddha, ou não?"

14 Língua antiga, em que as escrituras do Budismo Theravada estão registradas.

Ele manteve essa dúvida em seu coração e não podia compartilhá-la com ninguém, pois acreditava que ninguém estava capacitado a dissipá-la completamente. No entanto, ele sentia uma convicção plena, inerente a uma pessoa comum, na iluminação do Buddha e na de seus discípulos arahants.

Essa dúvida o levou a se interessar e a desejar buscar Ajaan Man Bhuridatta Thera. Embora nunca o tivesse encontrado antes, já ouvia sobre a boa reputação dele quando pequeno, época em que Ajaan Man vivia nos arredores de Baan Phue, Udon Thani. Isso o fez sentir uma profunda confiança interior de que Ajaan Man seria capaz de esclarecer essa questão.

A séria intenção de se dedicar à prática quando terminado os estudos das escrituras budistas fez com que seu aprendizado não se limitasse apenas ao currículo escolar. Em vez disso, se algum conhecimento fosse útil para a prática de meditação, ele se esforçava ao máximo para pesquisar e estudar livros adicionais, dando ênfase ao Tipitaka. Sua determinação ficava evidente em suas palavras:

"'Eu vou estudar tudo. O que eu puder memorizar, memorizo. Vou fazer anotações e copiá-las em pequenos cadernos. Isso veio daquele volume, daquela Jātaka, daquela página. Anotarei tudo. Quando precisar de mais detalhes, poderei abrir minhas anotações facilmente para consultar o que anotei.'

Mas, na maioria das vezes, apenas olhando o que copiei, já entendia tudo, pois já havia lido antes. Então, não era necessário consultar o Tipitaka. Por isso, quando um livro era citado em algum lugar, eu entendia imediatamente, pois já li tudo. Está tudo dentro do escopo do Tipitaka. Assim, eu pesquisei o Tipitaka o suficiente antes de partir para me dedicar à prática. Quando acabava as aulas, eu pesquisava os livros, quando estava em aula, estudava seguindo o currículo da classe. Mas quando tinha folga da escola, eu pesquisava o Tipitaka e fazia anotações para que fossem úteis quando eu partisse para me dedicar à prática, pois minha intenção era apenas praticar, e nada mais."

Na época em que ele se dedicava ao *pariyatti*[15], embora houvesse alguns obstáculos que o colocavam em desvantagem em relação aos seus colegas de estudo, a diligência e perseverança dele garantiram que esses problemas não tivessem grande impacto:

"Minha memória era mediana, nem muito boa, nem muito ruim – era mediana. Podia ver isso nos colegas que estudavam comigo. Eles memorizavam algo depois de recitar apenas duas ou três vezes. Já eu me

15 Estudo das escrituras budistas.

esforçava quase até a morte e ainda não conseguia. A diferença era enorme. Eles recitavam a mesma fórmula por uma ou duas horas e já a memorizavam. Já eu passava não sei quantas horas lendo um sutta e ainda não conseguia. Havia quem era mais lento do que eu, dava para perceber. Então, eu estava nessa faixa mediana, nem na inferior, nem na superior."

Essa situação o obrigou a se dedicar ainda mais aos estudos. No entanto, ele não se sentiu desanimado ou triste. Pelo contrário, se empenhou ainda mais.

Mais tarde, ele se mudou para estudar *pariyatti* no Wat Sutthajinda, distrito Mueang, Nakhon Ratchasima. Embora agora tivesse mais responsabilidades com os estudos, não abandonou a prática da meditação. Além disso, se esforçava para ter a oportunidade de ouvir o Venerável Ajaan Singh Khantayakamo no Wat Pa Salawan. Sobre aquela ocasião, ele disse:

"Eu estudava no Wat Sutthajinda. Sempre que estava livre dos estudos, ia ouvir Ajaan Singh no Wat Pa Salawan. Por isso, ele me via com frequência, por eu ser um que gostava de meditar. Eu não me importava se meus colegas iam ou não. Se ele tinha uma reunião de Dhamma no dia em que eu estava livre dos estudos, eu ia. Ia com frequência. Ajaan Singh até me elogiava: 'Este jovem monge medita bem.' E ele também contava aos outros monges: 'Ele se senta como um toco de árvore.' Naquela época, eu ainda não sabia meditar, nem sabia o quão 'pesados' ou 'leves' eram seus ensinamentos, mas o que ele falava sobre o fluxo da mente, eu nunca tinha ouvido antes."

Mais tarde, quando Venerável Bua foi estudar em Bangkok, se hospedou no Wat Borommaniwat. Neste templo, os monges e noviços eram divididos em grupos. O grupo dele tinha um professor '*chao khun*'[16] como chefe, e esse *chao khun* designou que o jovem monge Bua o ajudasse a supervisionar o grupo. Muitas responsabilidades recaíram sobre ele, além de seus estudos, que já eram intensos.

O Venerável Bua era amplamente conhecido entre os monges e noviços por sua generosidade e altruísmo. Sempre que recebia ofertas ou doações, ele as dividia e distribuía generosamente a todos. Por essa razão, seu grupo tinha um grande número de monges e noviços. Ele disse:

"Desde que eu era um jovem monge, onde quer que eu fosse, se o abade fosse avarento, eu não conseguia ficar. Sentia um aperto no peito, de verdade, não estou brincando. Quando estudava, era a mesma coisa. No nosso grupo, onde quer que estivéssemos, quando recebíamos algo, os monges e noviços se aglomeravam e tudo se ia num instante.

16 Um título eclesiástico, pela sangha a monges que se destacam em prestar serviço pelo Buddha Sāsanā.

Éramos muito unidos. No estudo, era a mesma coisa. Nunca dizíamos: 'isso é meu, aquilo é seu'. Era como se fôssemos uma única família. Onde quer que eu fosse, quando recebia algo, os monges e noviços se aglomeravam e tudo se ia num instante.

Os monges e noviços competiam como se estivessem em uma família, mas quando competiam no templo, competiam ao modo dos monges. Competir como pais e filhos em uma família é diferente. Há muitos tipos de disputas. Esta disputa de monges era bonita de ver, podia se olhar com confiança. Quando algo chegava, havia confiança e tudo se distribuía rapidamente.

Nunca acumulei nada, desde o início. Por isso, durante o período de meus estudos, meu grupo estava sempre cheio de monges. Onde quer que eu fosse, meu grupo era o maior. Tinha muitos discípulos e amigos, por causa da generosidade."

Ele tinha grande respeito e veneração pelo venerável *chao khun*, e não apenas por ser seu professor de *pariyatti*. A virtude do *chao khun*, especialmente sua generosidade, era algo que ele sempre mencionava e nunca esqueceria. Ele disse certa vez:

"Ainda me lembro de Somdet Phra Mahā Virawong, que tinha alcançado o sexto nível nos estudos de Páli. Ele era uma pessoa de mão aberta. Eu vivi muito próximo a ele. Quando ia e vinha, os monges e noviços se aglomeravam ao seu redor. Tudo era distribuído rapidamente. Ele era uma pessoa de mão aberta, não se importava com o quanto recebia. Quando ele falava, falava calmamente.

Trazia muitas coisas, sedas finas de Ubon, sedas e outros tecidos que lhe eram oferecidos. Quando ele as recebia, dizia: 'Ah, tomem cuidado com essa seda. Guardem-na rapidamente, senão o Ta vai levar tudo.' Ta era um monge do nível 'mahā' e também seu sobrinho. O venerável *chao khun* dizia: 'Rápido, leve tudo o que for bom, senão ele pega tudo.' Ele só dizia isso e nunca mais falava no assunto. Mas não tinha nada demais, falava apenas por hábito. Ele não falava por ganância. O que ele queria dizer era que as coisas deviam ser usadas de acordo com a necessidade (de cada um). Se fosse apropriado dar algo a alguém, ele mandava dar imediatamente. Isso é o que chamo de uma pessoa de mão aberta. Eu o admirava muito, porque a natureza dele e a minha se encaixavam perfeitamente. Gravei profundamente em meu coração 'Aqui está um monge que é um exemplo de generosidade.' Ele não tinha nada. Tudo o que recebia, ele dava. Não sobrava nada. Absolutamente nada."

Ele elogiava a generosidade do venerável *chao khun* dizendo que ele era uma pessoa de mente aberta, que não acumulava nada e não era mesquinho com as oferendas. Em vez disso, as distribuía a todos os seus discípulos, monges e noviços. O venerável *chao khun* uma vez ordenou que se fizesse um sorteio com muitos itens, para que todos os monges e noviços pudessem tirar uma rifa e assim dividir as oferendas.

Ele nunca se importou em guardar todos aqueles bens para si mesmo. Por essa razão, em uma ocasião, lembrando-se do venerável *chao khun*, e querendo que ele tivesse coisas boas para usar, o Venerável Bua secretamente guardou um conjunto de mantos em separado, para que não fosse incluído no sorteio. Ele pensou em oferecê-lo ao *chao khun*, para que pudesse trocar seus mantos velhos.

Mas mais tarde, quando o venerável *chao khun* percebeu que os mantos ainda estavam guardados no armário, perguntou: "Por que você não colocou este conjunto de mantos no sorteio para distribuir aos monges?"

Venerável Bua deu a seguinte razão: "Pode ocorrer das vestes do venerável serem danificadas por algum motivo, como fogo ou ratos. Assim, haverá um substituto imediatamente".

Essa resposta fez o venerável *chao khun* concordar, pois fazia sentido.

Enquanto o venerável Bua ainda estudava o *pariyatti*, a fama e reputação de Ajaan Man Bhuridatta Thera nunca diminuíram, pelo contrário, se espalhavam amplamente, vindo de Chiang Mai e dizendo que ele era um monge importante.

A maioria das pessoas que contavam histórias sobre Ajaan Man não falavam sobre o Dhamma de um nível comum, mas sim sobre o Dhamma do nível de um arahant. Isso fez o Venerável Bua ter certeza de que, ao terminar seus estudos como havia prometido, se esforçaria para ir praticar e estudar com Ajaan Man, a fim de dissipar as dúvidas que o atormentavam.

A oportunidade surgiu quando ele viajou para continuar seus estudos no Wat Chedi Luang, na província de Chiang Mai. Ao chegar, coincidiu que o Venerável Chao Khun Phra Dhammachedi (seu preceptor) havia convidado pessoalmente Ajaan Man para passar a estação chuvosa na província de Udon Thani. Ajaan Man aceitou o convite e, portanto, partiu de seu local recluso nas montanhas de Chiang Mai para pousar em Wat Chedi Luang (antes de continuar a viagem em direção a Udon Thani).

Os acontecimentos ocorreram aproximadamente na mesma época em que o Venerável Bua chegou, o que lhe deu a boa oportunidade de ver Ajaan Man. Ele narrou:

"Senti uma profunda fé nele naquele momento, pensando que não havia nascido como ser humano em vão, pois desta vez havia visto um arahant."

Ele disse que, naquele momento, mesmo que ninguém tivesse lhe dito antes que Ajaan Man era um arahant, ainda assim sua mente acreditaria firmemente nisso. Ele sentiu tal alegria ao vê-lo, que seus pelos se arrepiaram por todo o corpo, uma sensação impossível de descrever. Ele narrou os acontecimentos daquele período para os monges e noviços da seguinte forma:

"Ele ensinou no Wat Chedi Luang Pó três horas, uma palestra na ocasião da Visakha Puja. Eu tinha acabado de chegar, já ele havia chegado dois ou três dias antes de mim. Ele estava doente em Baan Pa Poe, saiu naquela ocasião porque havia aceitado o convite do meu próprio preceptor, o Venerável Chao Khun (Dhammachedi).

Ele veio porque havia combinado de vir naquele mês, naquele período. Então ele veio. Havia o Venerável Ajaan Un e a Sra. Naithip, esposa do comandante da polícia. Hoje em dia, chamam-no de superintendente. Eles pediram que o Venerável Ajaan Un o trouxesse.

Eu estava lá quando ele ensinou. Antigamente, não havia carros. Ele ensinou no templo grande, e a rua passava em frente ao templo. As pessoas ficaram alarmadas e vieram olhar. Acharam que os monges estavam brigando. Quando vieram ver, viram Ajaan Man discursando sentado no thammat[17]. Era assim que ele pregava, como uma trovoada, com força e razão. E eu também me deleitava com fé nele. Eu não entendia muito bem o que ele ensinava sobre o fluxo da mente, ou fluxo do que – não entendia nada – mas me deleitava com fé e admiração por ele, pensando que não tinha nascido em vão como ser humano, pois havia encontrado Ajaan Man, de quem há muito ouvia falar.

Qualquer monge que houvesse vivido com ele antes, falava a mesma coisa, sem exceção: que Ajaan Man era um ariya[18]. Ao ouvir isso fiquei ainda mais curiosos e queria saber que nível de realização ele alcançou. Existem muitos níveis, não é? Disseram ariya do nível arahant, foi assim que disseram. Um arahant, foi assim que disseram. Isso me impressionou ainda mais.

17 Um trono elevado, usado para proferir sermões sobre o Dhamma.

18 Um ser nobre, que alcançou um dos quatro estágios de iluminação.

Quando cheguei, perguntei em que rota de esmolas ele ia. Disseram que ele já havia saído para a esmola e estava voltando por lá. Normalmente, ele saía tarde e voltava tarde. Eu saía para esmolas de manhã cedo. Quando voltei, fiquei esperando para vê-lo. Ainda não o tinha visto, quando um monge veio me dizer: 'Ele chegou! Ali, ele está entrando pelo portão do mosteiro!' Eu corri para o meu quarto. Havia uma pequena fresta – não esqueço. Então, entrei no quarto e espiei... A aparência dele era como a de um pássaro da floresta, ágil. Seus olhos eram penetrantes. Ele caminhava, e eu observava... ouvia com interesse, olhava com reverência. Isso me tocou profundamente. Não me esqueço. 'Não nasci em vão como ser humano...' Mas não sei como ele me via. Eu parecia um doido, quem olhasse ia achar que eu era doido."

Pouco tempo depois, Ajaan Man partiu para a província de Udon Thani. Quanto ao Venerável Bua, permaneceu em Wat Chedi Luang, estudando páli e o curso Nakthamm simultaneamente.

Em seus estudos de páli, embora ele não tenha passado quando primeiro prestou o exame, não se sentiu desanimado de forma alguma. Ele aceitou o resultado porque sabia que seu nível de conhecimento na época ainda não era suficiente. Quanto aos exames seguintes, ele tinha tamanha confiança em sua capacidade que, quer passasse ou não nos exames, já não faria diferença. Isso se deveu à capacidade demonstrada ao seu professor de páli, Somdet Phra Mahā Virawong, quando estudava para o exame de Mahapariyan. Na terceira tentativa, seu professor chegou a dizer: "Este Bua já pode ser declarado um 'mahā' antes mesmo do exame. Se ele for reprovado, então todos os demais também terão que ser reprovados".

E de fato ele passou no exame de Mahapariyan, obtendo pontuação máxima em páli. Mais tarde, ele contou a seus discípulos: "Não senti nenhuma alegria em passar no exame aquela vez, porque senti que meu conhecimento já estava completo desde o segundo exame, mas naquela vez, acabei reprovado. Parecia que era para esperar os estudos de Nakthamm avançarem. No mesmo ano em que passei no exame de Mahapariyan, também alcancei o último nível de Nakthamm. É como se houvesse uma conexão, fazendo com que meus estudos mundanos se alinhassem perfeitamente: concluí o ensino escolar nível três, o páli nível três e o Nakthamm nível três — tudo nível três, em três ocasiões distintas."

Devido ao seu bom desempenho nos estudos e à confiança que seus mestres tinham nele, criou-se a expectativa de que se tornasse professor no mosteiro. No entanto, ele recusou educadamente:

"Eu estudei Nakthamm nível três, dois e um, estudei Mahapariyan, mas nunca ensinei ninguém. Nunca aceitei ser professor. Os mais velhos pediram que eu ensinasse — recusei. Não havia falta de professores, poderiam ter escolhido qualquer outra pessoa. Respondi isso e me esquivei. Seria feio se realmente não houvesse professores e eu me esquivasse desse jeito, mas havia professores, havia pessoas qualificadas para serem professores. Então deixei para eles. Assim consegui escapar e nunca fui professor de ninguém. Nunca fui professor de Nakthamm Três, Nakthamm Dois, Nakthamm Um, Mahapariyan."

Seus estudos no campo do *pariyatti* chegaram ao fim no Wat Chedi Luang, província de Chiang Mai, em 1941. Naquele ano, o agora Venerável Mahā Bua, havia sido monge por sete anos, e conquistou os diplomas de Nakthamm e Mahapariyan no mesmo ano.

O DESEJO DE PARTIR EM BUSCA DO CAMINHO DA PRÁTICA

A fim de se dedicar à prática de meditação, como havia prometido, ele viajou de volta a Bangkok para se despedir de seu mestre. Seu professor, com bondade, desejava que ele continuasse estudando o *pariyatti*, porque monges com nível de conhecimento Mahapariyan eram raros naquela época, mas ele já havia considerado que o conhecimento que havia acumulado deveria ser suficiente para então partir e se dedicar exclusivamente à prática de meditação. Um conhecimento desse nível não o deixaria facilmente cair em apuros. Além disso, ele ainda se lembrava da promessa que havia feito a si mesmo: "Quanto ao páli, que eu termine só até o Mahapariyan. Quanto ao Nakthamm, mesmo que eu não termine o curso, tudo bem. Depois disso, irei me dedicar exclusivamente à prática, e não voltarei a estudar escrituras ou fazer exames em hipótese alguma."

Por essa razão, ele tentou encontrar uma maneira cordial de escapar do seu grupo de amigos e mestres, para poder então se dedicar à prática. Aconteceu que, naquele período, seu professor foi convidado a visitar outra província. Venerável Mahā Bua aproveitou que ele estava fora e logo foi se despedir de Somdet Tisso, que era o abade do Wat Borommaniwat na época. O abade aprovou e consentiu em sua partida. Ele narrou o acontecimento da seguinte forma:

"Meu bom carma também ajudou. Os mais velhos não queriam que eu partisse. Eles me proibiram, dizendo para eu não partir ainda, para eu terminar o Mahapariyan nível 5 antes de partir... Mas eu não ia ficar de jeito nenhum. Só queria partir de uma forma educada. Quando tivesse uma oportunidade, partiria. Ela surgiu quando ele viajou para outra província.

Aquela era a minha chance. Assim que ele foi para outra província, eu parti imediatamente.[19]"

Durante o período em que estudava o *pariyatti*, sempre que tinha tempo livre, o Venerável Mahā Bua se esforçava para evitar seus colegas de estudo, meditando secretamente em sua cabana ou praticando meditação andando durante a noite. Ele temia que os outros o vissem (meditando) e isso o deixasse envergonhado em praticar. Ele contou com bom humor a razão pela qual se escondia para meditar:

"Eu meditava todos os dias, mas também nunca abandonava os estudos. Mas não contava a ninguém porque eu morava com 'macacos'. Se eu fosse meditar, eles zombavam de mim: 'Oh, já vai para o Paraíso Nibbāna, agora mesmo, é?' Ouçam só, os amigos do meu grupo falavam assim, sem se importar com certo ou errado. 'Oh, ele vai para o Paraíso Nibbāna! Não o incomodem. Ele está se preparando para ir para o Paraíso Nibbāna.' Eles zombavam assim.

Por isso, não deixava que soubessem. Meditava em silêncio, sem que soubessem. Fechava a porta para que não me vissem. Se saísse da cabana, fingia ser um macaco como eles. Mas quando entrava na cabana, agia de outra forma. À noite, bem tarde, saía para praticar meditação andando. Era algo que estava em meu coração, o que posso dizer? Não podia contar a ninguém. Não contava a nenhum amigo que vivia comigo. Fingia ser um macaco como eles."

Por causa disso, sua prática não atingia força total. Ele contou sobre sua meditação durante os sete anos de estudos:

"Apenas um pouco de calma, nada de mais. A mente se acalmava num nível normal. Só houve três vezes, no máximo, em que a mente atingiu um estado completamente fantástico, onde todos os objetos mentais desapareceram, restando apenas o estado de ciência. O corpo também desapareceu, completamente."

Ele disse que era muito maravilhoso, e foi isso que penetrou no seu coração e o fez ter a intenção de continuar praticando e ter a coragem de dizer abertamente aos seus colegas que ele só pretendia estudar até o nível de Mahapariyan.

Quando chegou a hora de se dedicar plenamente à prática, partiu para a província de Nakhon Ratchasima, levando consigo apenas um livro do

19 Assim conseguiu evitar bater de frente com seu professor, que certamente iria tentar impedi-lo de partir.

Pātimokkha[20] em sua bolsa. Ele passou a estação chuvosa em um templo no distrito de Chakkarat, onde completou seu oitavo ano de ordenação monástica.

Ele conta que, quando começou a praticar seriamente, parecia que Māra[21] vinha para incomodá-lo. Coisas que ele nunca havia sentido ou experimentado durante seus estudos, agora apareciam como um calor ardente em sua mente. Ele descreveu seus sentimentos naquela época:

"É estranho quando a gente leva à sério as coisas. Na época em que eu estava estudando, minha mente não era assim. Mas agora, quando comecei a praticar para valer, parecia que Māra vinha me incomodar. Não podia ouvir a voz de mulheres. Por que? A luxúria surgia imediatamente. Fiquei confuso, pensei: 'Eu vim para praticar o Dhamma e nunca me interessei por mulheres. Por que agora basta ouvir a voz de mulheres e a luxúria surge?' Mas ela só surgia dentro da mente – surgia, surgia. Eu investigava: 'Por que é assim?'"

Ele se esforçava ao máximo para meditar na floresta e erradicar as kilesas, mas só encontrava sofrimento e objetos mentais que perturbavam sua mente. Ele descreveu a batalha naquele período:

"Eu meditava na floresta tentando destruir isso, mas, assim que via uma moça, (as kilesas) emergiam. Oh, vejam como era, não me deixavam praticar, só arrastavam minha mente em direção àqueles assuntos. Vou dizer de maneira direta: ia praticar na floresta, mas assim que via uma moça bonita — bonita a meus olhos, se ela era realmente bonita ou não, não importava, porque a mente dizia que era bonita... Mas o importante é que estava praticando, e aquilo surgia, então guerreávamos.

Eu não conseguia mais meditar por causa disso. Então eu recuava. Mas, na maioria das vezes, eu vencia, porque eu estava ali para matá-las e as kilesas ainda se atreviam a aparecer na minha frente para brigar. Como eu não ia ficar com raiva? As kilesas são assim, sejam muitas ou poucas, elas aparecem na mente. São inimigas da mente. É assim, sempre foi. São muito fortes. Muitas ou poucas, elas existem na mente. A morte delas ocorre na mente."

Sobre isso, ele refletiu mais tarde e comparou com o período em que ainda estudava. As paixões e desejos não pareciam ser tão perigosos, eles permaneciam em silêncio. Mas quando ele começou a praticar diretamente para destruir as kilesas, parecia que elas se tornavam mais intensas. Ele explicou o porquê disso:

20 Código de conduta monástica.

21 Figura do folclore budista que tenta obstruir aqueles que praticam o Dhamma.

"Quando refleti mais tarde, não era nada demais, é que eu agora estava mais consciente e conseguia perceber facilmente quando elas surgiam. Não é que eu fosse daquele jeito ou que elas estivessem ficando mais fortes. Só percebi isso depois de algum tempo. Antigamente, minha mente estava 'escura' e 'turva', e eu não percebia as coisas como agora. Como eu poderia saber o que era branco, preto ou qualquer outra cor, quando tudo estava envolto em escuridão? Mas depois que passei por isso, comecei a perceber gradualmente. Quando a mente se tornava mais sutil, eu percebia mais rápido. Era como se as kilesas se manifestassem mais rapidamente. Bastava um leve movimento, e eu já percebia, não era mais do que isso. Por isso, me esforcei ainda mais."

No distrito de Chakkarat, ele se esforçou intensamente dia e noite, desde o momento em que chegou, até o final do *vassa*[22]. Não se envolvia com nenhum outro trabalho a não ser o trabalho de praticar meditação sentado e andando, porque já havia se decidido:

"'Desta vez, farei o máximo possível, com todo meu esforço, estou disposto a morrer. Não quero mais nada, a não ser a libertação do sofrimento. Quero me libertar do sofrimento nesta vida, sem falta. Só peço que algum mestre me explique e mostre que o caminho para Nibbāna realmente existe, então entregarei meu corpo e alma a essa pessoa e ao Dhamma, sem reservas, sem poupar nada. Se eu tiver que morrer, morrerei praticando, não morrerei recuando.' Minha mente estava firmemente arraigada, como uma pedra."

Por essa razão, pouco tempo depois, ele disse que sua mente experienciou paz e obteve bons resultados durante todo o *vassa*. No entanto, seu antigo professor, por compaixão, queria que ele voltasse a Bangkok para continuar seus estudos em um nível superior.

Primeiro, o professor enviou um cobertor grande com uma carta para a província de Nakhon Ratchasima. A carta continha apenas duas ou três frases, pedindo que o Venerável Mahā Bua retornasse a Bangkok imediatamente.

Ele sentiu-se profundamente grato pela compaixão que o professor tinha por ele, mas como já havia tomado sua decisão de forma irrevogável, não respondeu à carta. Mesmo assim, o professor se esforçou para escrever outra carta, ordenando-lhe que o encontrasse na estação de trem. Ele narrou os acontecimentos daquele período:

"Então, depois do *vassa*, ele veio. Ele me escreveu uma carta, dizendo: 'Tal dia, passarei por Korat', mencionando em qual trem. Havia apenas um trem

22 Período de três meses durante a estação chuvosa em que os monges não devem viajar, mas sim permanecer num único mosteiro.

que saía de manhã e ia para Ubon. Ele me disse para esperar na estação. Quando chegasse lá, ele me levaria de volta para Bangkok. Ele me disse para esperar na estação. Quando cheguei, ele disse: 'Mahã Bua, você tem que voltar para Bangkok, tem que voltar para Bangkok!' O trem parou por apenas um minuto. O trem também me ajudou! Só deu para falar algumas palavras: 'Mahã Bua, você tem que voltar para Bangkok, tem que voltar para Bangkok urgentemente!' Logo o trem começou a se mover, e eu pulei para fora. Consegui escapar. É estranho, tudo parecia se encaixar. Não havia muitos obstáculos para eu escapar. Parecia que tudo fluía.

Mesmo tendo o professor me proibido tão duramente, ainda assim consegui escapar. Até na estação de trem, o trem me ajudou. Logo o trem começou a se mover 'ping, ping', e eu consegui pular. Ele não sabia o que dizer, não recebia nenhuma resposta minha, ia me pressionando. Ele tinha muita compaixão por mim. Ele confiou a mim aquele grupo (de discípulos em Wat Borommaniwat). Era um grupo grande, porque ele era um *chao khun*. Ele me encarregou de cuidar do grupo. Por isso, era tão rigoroso com minhas idas e vindas. Ele não me deixava ir a lugar algum. Era como se eu estivesse amarrado.

Eu respeitava os mestres, mas eu também respeitava o voto que fiz com todo o meu coração ainda mais que aos mestres. Por isso, procurei uma maneira de escapar."

Enquanto o venerável Mahã Bua estava em Nakhon Ratchasima, certo dia choveu e trovejou muito forte e ele teve que se abrigar em sua cabana. A chuva que caía do céu o fez lembrar de um guarda-chuva que havia recebido em Chiang Mai, um guarda-chuva muito caro e bonito. Enquanto ele estava admirando o guarda-chuva, um casal da província de Sisaket, que veio trabalhar na região central do país, aproximou-se dele cambaleando, com febre alta. Eles esperavam pedir um remédio para a febre, pois não tinham um tostão sequer. Ele narrou o acontecimento:

"Recebi um guarda-chuva em Chiang Mai. Oh, era muito bonito. Naquela época, um guarda-chuva como aquele custava dez *salungs* (uma moeda antiga, cerca de 2,5 baht), três baht, o que era considerado muito caro. Os guarda-chuvas feitos em Chiang Mai eram os melhores. Peguei o guarda-chuva para admirá-lo. Era bonito. De repente, o casal veio. O marido tremia de febre. Eles não tinham um guarda-chuva. Vieram pedir remédio, mas não havia remédio. Ele estava ali de pé, tremendo. Eu só tinha aquele guarda-chuva, e disse: 'Para onde vocês vão tremendo assim, com chuva e trovões desse jeito? Como vão conseguir ir?' Eles disseram: 'Oh, vamos assim mesmo... Vamos voltar para Sisaket.' Então eu disse: 'Leve este guarda-

chuva. É muito bonito, muito forte e durável. Eu o dou a vocês.' Eles não se atreveram a aceitá-lo, pois viam que era uma coisa boa, então disseram: 'Oh, e o que o venerável vai usar?' Eu disse: 'Não importa. Tenho um guarda-chuva grande aqui mesmo. Essa cabana é o meu guarda-chuva grande. Levem o pequeno.' Depois, o homem me deu uma bênção: 'Oh, você me deu algo bom e valioso. Que o senhor prospere no Dhamma!' Ele disse que nunca havia tido algo tão bom desde que nasceu."

O venerável Mahā Bua falou assim porque o guarda-chuva ainda era novo, e ele mesmo nunca tinha usado. Depois de receberem o guarda-chuva, ambos o admiraram repetidamente, virando-o de um lado para o outro, com alegria e felicidade pela beleza do objeto, a ponto de esquecerem da febre por um momento, pois nunca haviam tido algo tão bom antes. A compaixão de Luang Ta em dar coisas boas aos outros estava em sua natureza desde o início e sempre permaneceu assim.

O Venerável Mahā Bua partiu da província de Nakhon Ratchasima, com destino a Udon Thani, com a intenção de passar o *vassa* com Ajaan Man no Wat Pa Non Niwet. No entanto, ele não chegou a tempo, pois Ajaan Man já havia partido a convite para a província de Sakon Nakhon. Ele então foi se hospedar no Wat Thung Sawang, província de Nong Khai. Ele narrou os acontecimentos daquele período:

"Fui esperar no Wat Thung Sawang para depois sair em busca de Ajaan Man. Naquela época, não havia uma data definida, mas eu tinha certeza que iria. Aconteceu de um monge chamado Sinuan, que acabara de chegar do Wat Baan Khok Na Mon, estar hospedado no Wat Thung Sawang. Perguntei a ele:

'De onde você veio?'

Ele disse: 'De Baan Na Mon, de Ajaan Man.'

'Hã? Hã?' Perguntei imediatamente, porque, ao ouvir o nome Ajaan Man, fiquei animado e feliz. Então, perguntei novamente, e ele disse:

'Vim da presença de Ajaan Man.'

'Onde Ajaan Man está hospedado agora?'

'Ele está em Baan Na Mon.'

'E quantos monges e noviços estão hospedados com ele?'

'Oito ou nove monges. Ele não aceita muitos. No máximo, essa quantidade.'

'Ouvi dizer que ele é muito bravo, é verdade?'

'Oh, melhor nem falar. Se ele manda alguém embora, tem que ir imediatamente!' O monge disse isso."

Quando ouviu isso, em vez de ter uma impressão negativa de Ajaan Man, sentiu-se admirado pela firmeza dele e pensou consigo mesmo:

"Este será o meu mestre. Tenho que ir vê-lo pessoalmente. Não importa o quão bravo ele seja, um mestre com tamanha reputação por toda a Tailândia não deve dar bronca, repreender ou expulsar sem bom motivo. Isso é impossível."

Ele permaneceu no Wat Thung Sawang por mais de três meses. Depois, em maio de 1942 (que foi o 9º ano de ordenação para ele), partiu de Nong Khai para Sakon Nakhon, a fim de encontrar Ajaan Man.

Prática do Dhamma

Encontro com Ajaan Man

De Sakon Nakhon, ele continuou a viajar até chegar ao templo onde Ajaan Man estava hospedado na época, em Baan Khok, distrito Mueang, província de Sakon Nakhon. Ele narrou os acontecimentos daquele período:

"Fui perguntar aos moradores locais, porque o caminho para o mosteiro do Venerável Ajaan Man era apenas uma trilha. Não era uma estrada para carros ou carroças. Era uma trilha estreita, só suficiente para uma pessoa passar. Os moradores disseram para ir por ali. 'Este caminho vai para o mosteiro. Siga esta trilha. Esta é a entrada. Siga este caminho e não se desvie, e você chegará ao mosteiro.'

Quando disseram isso, fui. Fui no escuro, tateando, até chegar no mosteiro. Então, olhei para cá e para lá no escuro até ver um pavilhão. Isso me deixou curioso. 'Este pavilhão parece um pouco pequeno para ser um salão.', referindo-se a um salão de meditação... 'Para uma cabana, parece grande demais.' Enquanto observava, ia tateando e me aproximando. O Venerável Ajaan Man estava praticando meditação andando por ali, mas eu não o vi. Ele estava praticando meditação andando ao lado do pavilhão e morava em um pequeno quarto naquele mesmo pavilhão. Caminhei às cegas, olhando para cá e para lá, porque não enxergava. Já era noite, e ele estava ali perto, de pé."

O Venerável Mahā Bua caminhou até encontrar Ajaan Man na trilha de meditação. Ajaan Man então perguntou:

"Quem vem aí?"

Venerável Mahā Bua respondeu: "Eu, senhor."

Ao ouvir essa resposta, Ajaan Man falou severamente: "Mesmo uma cabeça raspada tem 'cabelo' na parte em que ainda não foi raspada[23]!"

Nesse ponto, Venerável Mahā Bua sentiu um arrepio, pois entendeu imediatamente que não havia propósito em responder como fez. Ao mesmo tempo, embora temesse muito o Venerável Ajaan Man, ele se sentiu profundamente satisfeito com essa repreensão, cuja lógica não podia ser

23 Um dos pronomes equivalentes a "eu" em tailandês é homônimo à palavra "cabelo". O significado da expressão de Ajaan Man é que, da mesma forma que todo mundo tem cabelo, todos se referem a si mesmos como "eu". Portanto, responder à pergunta com apenas "eu", não esclarece quem é a pessoa que está ali.

contestada. Ele aceitou imediatamente a perspicácia e a inteligência de Ajaan Man. Assim, embora com medo, ele se sentiu feliz no fundo do coração, pensando: "Este é o meu mestre."

Ele imediatamente respondeu: "Venerável senhor, me chamo Mahā Bua."

Ajaan Man respondeu "Ah, então responda isso, só assim para se fazer entender. Você diz 'eu', 'eu', cabelo todo mundo tem! Vá, vá se alojar ao lado do salão."

Então Ajaan Man saiu da trilha de meditação e entrou no salão. No interior do pavilhão, havia um quarto separado para Ajaan Man. Ao entrar no pavilhão, Ajaan Man se preparava para acender uma lamparina ou uma pequena lâmpada, quando um monge entrou e a acendeu para ele. Depois que Ajaan Man se sentou, Venerável Mahā Bua aproveitou a oportunidade para se apresentar e se oferecer como discípulo, informando-o de onde viera e porque estava ali. Enquanto falava, Ajaan Man permaneceu em silêncio, ouvindo-o.

Com a intenção fervorosa de estudar com Ajaan Man, que já nutria há muitos anos, e impressionado com a perspicácia de sua sabedoria, Venerável Mahā Bua ficou ansioso, temendo não ser autorizado a permanecer com ele. Pensou consigo mesmo: "Só não quero ouvir a frase 'aqui já está cheio, não podemos aceitar mais ninguém', porque isso iria quebrar meu coração."

Quando terminou de falar, Ajaan Man disse: "Que sorte! Ontem, o Tahn Nêt partiu, e hoje o Tahn Mahā chegou. Se não fosse assim você não poderia ficar, não teria cabana livre."

Ao ouvir que Ajaan Man o autorizava a permanecer, ele não pôde deixar de sentir um grande alívio, pois até então temia não ter a oportunidade de estudar com ele. As palavras de Ajaan Man deixaram nele uma lembrança da qual jamais se esqueceu.

Embora ele já tivesse praticado meditação antes e tivesse tido a oportunidade de estudar extensivamente as escrituras por sete anos, ainda não havia dissipado suas dúvidas sobre o caminho para Nibbāna. As dúvidas persistiam em sua mente. Parecia que Ajaan Man conhecia seus pensamentos, pois logo naquela primeira noite, ele foi direto ao ponto:

"Você veio buscar o caminho para Nibbāna. Onde está o caminho para Nibbāna? A terra é terra, a água é água, o vento é vento, o fogo é fogo. O céu e o espaço são o céu e o espaço. Os minerais são eles mesmos. Eles não são o caminho para Nibbāna, eles não são as kilesas. As verdadeiras kilesas e o verdadeiro caminho para Nibbāna estão no coração. Que você foque sua mente, com sati em seu coração. Você verá a movimentação tanto do

Dhamma quanto das kilesas dentro do coração, e ao mesmo tempo, você verá o caminho para Nibbāna, passo a passo."

Esse ensinamento o fez ter certeza sobre o caminho para Nibbāna e confiança na visão e conhecimento de Ajaan Man, que havia esclarecido suas dúvidas. Em seguida, Ajaan Man bondosamente o instruiu sobre a prática, ciente de que ele tinha um conhecimento completo das escrituras, tendo ele os diplomas de Mahapariyan e Nakthamm, além de grande interesse em praticar. Esse ensinamento permaneceu profundamente enraizado em seu coração por toda sua vida:

"Tahn Mahā, você já estudou o suficiente, a ponto de ser chamado de *mahā*. Vou falar sobre o Dhamma para que você reflita, mas não entenda que estou desprezando os ensinamentos de Buddha. No momento, o Dhamma que você estudou, seja muito ou pouco, ainda não lhe trouxe o benefício que corresponde ao seu título de Mahapariyan. Pelo contrário, está sendo um obstáculo à sua meditação, pois você não conseguirá evitar a preocupação, ou resistir à vontade de comparar o Dhamma que estudou com suas experiências quando tentando pacificar a mente.

Portanto, para facilitar a obtenção da calma mental, peço que você renuncie e abra mão do seu conhecimento adquirido, como uma oferenda ao Buddha. Quando chegar a hora em que o Dhamma que você estudou puder aumentar os benefícios para si, todo ele voltará e se harmonizará perfeitamente com a prática. E será um Dhamma modelo, ao qual devemos nos esforçar para que a mente se alinhe a ele. Mas, por enquanto, não quero que você se preocupe com o Dhamma que estudou.

Deixe sua mente se acalmar ou use a sabedoria para investigar os *khandhas*[24]. Mas, por favor, faça isso dentro do corpo primeiro, porque apesar do Dhamma nos textos apontar para os *khandhas*, a base para sua mente ainda não existe, então você não pode usar o Dhamma que estudou nos textos para seu benefício. Se o fizer, esse Dhamma se tornará apenas um jogo de memória e especulação que o desviará do caminho, e você se tornará uma pessoa sem base, porque a mente está presa aos estudos de uma forma que não é o caminho do Buddha. Por favor, leve o Dhamma que eu lhe dei hoje e reflita sobre ele. Se você praticar com determinação e não desistir, um dia, no futuro, esse Dhamma com certeza o impressionará profundamente."

24 Cinco Khandas: o agregado corporal, o agregado das sensações, o agregado da percepção/memória, o agregado das formações mentais e o agregado da consciência sensorial.

Enquanto estudava com Ajaan Man, ele o observava constantemente, tanto com os ouvidos quanto com os olhos. Qualquer que fosse o assunto que Ajaan Man estivesse explicando, o Venerável Mahā Bua se interessava em aprender com admiração. Ele descreveu a conduta e as virtudes de Ajaan Man com grande respeito:

"Não se via nada nele que se desviasse de qualquer princípio do Dhamma ou Vinaya. A conduta dele era baseada num modelo, numa referência: as escrituras. Não havia nada a contestar ou criticar. Tudo o que ele falava era direto e verdadeiro. Mesmo quando ele explicava sobre o caminho para o Nibbāna, ele o fazia como se o tirasse de seu próprio coração, a partir do que ele sabia, enxergou e praticou. Isso fazia com que os ouvintes o sentissem profundamente, pois falava de uma forma que evidenciava sua própria natureza resoluta e abria aos olhos a verdade do Dhamma."

Isso o fez sentir-se confiante e certo de que o caminho para Nibbāna realmente existia. Sua dúvida anterior sobre tal assunto desapareceu completamente. Em seguida, ele se perguntou: "E eu, terei a mesma resolução?..." E então, com sua natureza diligente, determinou: "...Tenho que ser resoluto! Se não for, é melhor morrer a continuar sendo um peso morto para o Buddha Sāsanā e para o planeta."

A partir de então, ele se esforçou intensamente em combater as kilesas, e fez o seguinte voto: "Enquanto Ajaan Man estiver vivo, não o deixarei, até o dia em que ele ou eu morrer. Quanto a viajar para ocasionalmente praticar sozinho, farei como é o normal fazer – mas o terei sempre como meu guia, como se meu lar estivesse nele. Onde quer que eu vá, devo sempre retornar para ele em seguida."

Depois de ficar com Ajaan Man por apenas quatro ou cinco noites, ele teve um sonho marcante:

"Esse sonho realmente foi estranho e maravilhoso. Sonhei que carregava uma tigela de esmolas, um *glot*[25], e estava vestindo um manto de maneira formal[26], caminhando por um caminho muito fechado. Em ambos os lados do caminho havia espinhos e arbustos por toda parte. Não se podia ir a lugar nenhum, só dava para tentar seguir por aquela trilha estreita, cheia de obstáculos e emaranhada, mal dava para ver nela uma linha, um caminho. Quando cheguei a certo lugar, havia um denso emaranhado de bambu que

25 Um guarda-chuva grande, utilizado para pendurar num galho de árvore e servir de abrigo, quando morando na floresta.

26 Um ombro descoberto, com seu manto externo dobrado e posto sobre o outro ombro. Um monge só se veste assim em ocasiões formais.

bloqueava o caminho. Não dava para seguir. Olhei para os dois lados, e não havia caminho. 'Humm, como vou passar?'

Olhei por ali, por aqui, e então vi uma abertura. A abertura no caminho era pequena, o suficiente para me espremer com minha tigela de esmolas. Consegui passar. Como não havia outro jeito, primeiro tirei meu manto. O sonho era tão vívido que parecia que eu não estava sonhando. Tirei meu manto, dobrei e coloquei de lado. Tirei a tigela de esmolas do ombro. Então, comecei a rastejar, puxando a alça da tigela. Puxava o *glot* para perto, onde eu pudesse alcançá-lo. Depois de me espremer, puxava a tigela, puxava o *glot* e o manto.

Segui em frente me espremendo desse jeito. Foi extremamente difícil. Fiquei me esforçando daquele jeito por muito tempo. Consegui passar. Então, fui puxando a tigela aos poucos. A tigela passou. Fui puxando o *glot*, e ele também passou. Tentei puxar o manto, e ele também passou. Depois que tudo passou, vesti o manto. O sonho foi tão vívido! Tendo vestido o manto e posto a tigela de esmolas ao ombro, pensei: 'Agora posso ir.' e continuei pela trilha. O caminho era muito fechado.

Depois de andar cerca de 40 metros com a tigela de esmolas, o *glot* e o manto nos ombros, olhei para a frente e vi uma vasta extensão. À frente, havia um oceano. Não via a outra margem, apenas a margem onde eu estava de pé. Mas vi uma ilha ao longe. A ilha era preta e mal dava para ver no horizonte. 'É para aquela ilha que vou.'

Quando me aproximei da margem, não sei de onde, veio um barco. Eu não prestei atenção se era um barco a motor, a remo ou a vela. O barco atracou, e eu entrei. O barqueiro não me disse nada. Assim que entrei no barco, coloquei a tigela de esmolas e outras coisas no barco. O barco partiu imediatamente para lá, sem que eu tivesse que dizer nada. Não sei o que era, mas ele partiu para lá. Não senti nenhum perigo, nenhuma onda, nada. Foi tudo em silêncio. Em pouco tempo chegamos, porque era um sonho.

Quando cheguei à ilha, retirei minhas coisas do barco e desci à margem. O barco desapareceu. Eu não disse uma única palavra ao barqueiro. Então, desci na ilha com minha tigela de esmolas ao ombro. Enquanto caminhava morro acima, vi Ajaan Man sentado em uma pequena plataforma na montanha, mastigando bétel — chóp chóp chóp — e olhando para mim enquanto eu subia em sua direção.

'Ora, como você veio parar aqui, Tahn Mahā? Quem consegue vir por este caminho? Como você veio?'

'Vim de barco. Usei um barco.'

'Oh, este caminho é difícil. Ninguém se atreve a arriscar a vinda aqui. Bom, já que é assim, prepare um pouco de bétel para mim.' E ele estendeu o bétel para mim.

Eu preparei um pouco, e então acordei. Ah, fiquei tão triste. Eu queria continuar sonhando até o fim antes de acordar, seria melhor."

Quando levantou de manhã, foi contar o sonho a Ajaan Man. Ajaan Man bondosamente o encorajou ainda mais, pedindo-lhe que se esforçasse a praticar como no caminho que viu no sonho, com resiliência e perseverança até que esse se tornasse realidade. Ajaan Man bondosamente explicou o sonho:

"Ah, este sonho é muito auspicioso. É um modelo para sua prática. Não se desvie, siga este caminho que você sonhou. No início, será muito difícil. Você tem que ser muito diligente. Não desanime. No começo, é difícil. Veja, você rastejou por entre o bambu. Isso foi muito difícil. Seja muito diligente. Não desista de jeito nenhum. Depois de passar por isso, será tudo vasto e fácil até chegar na ilha. Isso não será difícil. O difícil é aqui... Depois de passar por aqui, você viajará com facilidade, sem obstáculos. É só isso. No início, seja muito diligente. Não desista. Se desistir, não conseguirá passar. Se tiver que morrer, morra! Tem que lutar bem aqui. Por mais difícil que seja, você consegue. Não desista!"

Venerável Mahā Bua ouviu com atenção, mantendo uma determinação séria de que, por mais difícil que fosse sua prática, lutaria sem desistir. Se fosse para viver, viveria. Se fosse para morrer, morreria.

No início de seus estudos, ele sentia um grande medo de Ajaan Man. Talvez por essa razão, um dia, após deitar-se para descansar, ele adormeceu e sonhou que Ajaan Man o repreendia severamente, dizendo: "Por que você está deitado como um porco aqui? Aqui não é um chiqueiro, e eu não elogio monges que estudam a ciência de ser porco. Desse jeito, este mosteiro se tornará um chiqueiro!"

A voz de Ajaan Man no sonho era tão alta e ameaçadora que o fez acordar assustado. Ele tentou espiar assustado pela porta para ver se Ajaan Man estava lá, mas não o encontrou. Ele descreveu seus sentimentos naquele momento: "Meu corpo e minha mente tremiam, quase enlouqueci naquele momento. Normalmente, eu já tinha tanto medo dele que mal conseguia me controlar. Mas eu me forçava a permanecer com ele pela razão de que isso era o correto a fazer. E ele ainda me dá um 'remédio para porcos' como esse! ...Pensei que desmaiaria naquele momento. Só quando olhei pela porta e não o vi ali, como no sonho, consegui respirar um pouco."

Quando teve a oportunidade, ele contou o sonho a Ajaan Man, que, com bondade, o consolou explicando o sonho:

"Você acabou de chegar para estudar com o mestre, e está muito determinado. Quando você dorme, isso o faz pensar e sonhar assim. O fato de eu tê-lo repreendido como um porco foi uma metáfora do Dhamma. Foi para avisá-lo a não trazer hábitos de porcos para o nosso grupo de monges ou para o Buddha Sāsanā.

Na maioria das vezes, as pessoas não se importam com o valor de seu nascimento humano. Fazem o que querem, sem considerar o certo ou o errado, o bem ou o mal. Por isso não conseguem serem humanos por completo. O Dhamma veio para ensinar como você viu no sonho, e é uma lição em acordo com o Dhamma. Leve isso como um lembrete para si mesmo.

Quando a preguiça surgir, use essa metáfora para se lembrar e eliminá-la. Um sonho como este é raro e difícil de acontecer, não ocorre para qualquer um. Eu gosto muito de sonhos assim, pois eles me fazem estar constantemente atento e diligente, e a prática se acelera. Se você, Mahā, levar este ensinamento do Dhamma para praticar consistentemente, sua mente rapidamente alcançará paz.

Quando estiver com o mestre, não o tema em excesso. Sua mente ficará perturbada e você não conseguirá dormir em paz. O que estiver certo ou errado, ele lhe ensinará de acordo com o Dhamma. Ter medo dele sem razão não traz nenhum benefício. Tenha mais medo do mau carma e maus atos que lhe trarão sofrimento e tormento, do que do mestre. Eu não organizei este grupo de discípulos apenas para ficar repreendendo ou maltratando eles sem motivo."

Antes de iniciar sua prática com Ajaan Man, o Venerável Mahā Bua passou um período em sua cidade natal, Baan Tad. Foi um período em que ele experimentou um declínio em sua mente, pois passou a maior parte do tempo fabricando um *glot*, em preparação para partir em busca de reclusão. Enquanto trabalhava, a força de seu samādhi começou a enfraquecer. Ele descreveu esse enfraquecimento:

"Era um estado em que a mente não conseguia entrar em samādhi com a mesma destreza que antes. Às vezes, conseguia acalmar, mas outras vezes, não. Esse declínio era tão intenso que parecia que eu ia morrer, pois era um sofrimento imenso.

A razão para tanto sofrimento era que eu havia experimentado o valor do samādhi firme como rocha e, então, o perdi completamente, sem sobrar nada. Havia apenas fogo queimando meu coração o tempo todo, dia e noite, em pé, caminhando, sentado e deitado. Por isso, sofria por querer que aquele samādhi retornasse. Era um sofrimento imenso, e foi nesse período, em que minha mente declinou, que mais sofri."

Ele comparou esse sofrimento a ter sido um bilionário e, de repente, perder tudo por algum motivo qualquer. Quem já teve tanto dinheiro sofreria mais do que alguém que vive de salário a salário e nunca teve muito. Para alguém assim, não haveria por que ficar triste na perda daquele dinheiro. Da mesma forma: o estado de samādhi em sua mente era como a grande fortuna de um milionário.

Sua determinação inabalável e seriedade em vencer as kilesas o faziam dizer frequentemente: "Se as kilesas não morrerem, eu morrerei. Entre as kilesas e eu, só pode haver um." Com essa mente firme e forte, nada poderia ser um obstáculo para sua verdadeira intenção, pois ele estava disposto a lutar arriscando sua própria vida.

Na época em que passou a estudar com Ajaan Man, nos dias em que não havia reunião para ouvir ensinamentos, depois que Ajaan Man terminava sua meditação andando por volta das 20h, ouvia-se a voz dele recitando puja em voz baixa, todas as noites. Isso durava muito tempo antes de terminar, e então ele continuava a meditar sentado até a hora de dormir. Mas nos dias em que havia reunião, ouvia-se o mesmo, só que depois que a reunião terminava. Nessas noites, ouvia-se ele recitando por longos períodos, assim como nas noites em que ele recitava logo no início da noite. Nessas ocasiões ele adiava seu sono até mais tarde, por volta da meia-noite ou uma da manhã.

Naquela época, o Venerável Mahā Bua queria muito saber quais suttas Ajaan Man recitava, pois, toda noite, levava muito tempo para terminar. Ele narrou o acontecimento, rindo de si mesmo:

"Eu me escondia para ouvi-lo recitar. Nunca esqueço. Ele estava no quarto dele. Eu era um novato no mosteiro, e ainda não tinha noção das coisas. Eu estava praticando meditação andando e ouvia a voz dele recitando – 'hum hum hum hum' – baixinho. Então me aproximava pensando 'Qual cântico ele está recitando?' Nunca esqueço. Morria de medo, tinha medo de recuar, mas quanto mais me aproximava, sentia mais medo. 'Ai, é hoje que eu morro! Eu sou muito sem noção, pareço um macaco', eu dizia a mim mesmo.

Ele morava num quarto que ficava mais elevado, a parte mais baixa é onde os monges e noviços se reuniam. O quarto dele era separado. Ouvia a voz dele recitando 'hum hum...' Ele recitava mesmo, 'hum hum...'. Então eu me aproximava sorrateiramente. Quando chegava perto, ele parava de recitar, ficava em silêncio... Eu ficava esperando. Ele continuava em silêncio. Naquela época, eu ainda não sabia das coisas, então pensei: 'É melhor eu me afastar.' Então, me afastei. Não muito tempo depois, ele começou a recitar 'hum hum...' novamente. Então me aproximei novamente. Era como um boi que não entende o que é um tigre, ou um rato que não entende o que é um gato. Que ridículo!

Então, quando me aproximei novamente, ele ficou em silêncio novamente. Desta vez, fiquei parado por um longo tempo, mas ele continuou em silêncio. Então, me afastei novamente. Sempre que eu me afastava, ele começava a recitar novamente. Na terceira vez, percebi. Na terceira vez que me aproximei e ele ficou em silêncio novamente, me assustei. 'Eh, será que ele sabe que estou aqui?'

Quando na terceira vez, me assustei e parti imediatamente. E então, de manhã, quando saí para cumprir minhas tarefas, ele me encarou com os olhos sérios. Pensei 'Oh, vou morrer. O que fui fazer ontem à noite? Agora sim vou morrer!' Ele realmente me encarou de verdade. Isso mostra que ele sabia claramente. A partir daquele momento, eu o temia mais do que um rato teme um gato."

No início de seus estudos com Ajaan Man, Luang Ta descreveu o medo que sentia por Ajaan Man: "Quando eu o vi pela primeira vez, oh, meu corpo tremia. Os olhos dele me olhavam e eu sentia vontade de desmaiar. Os olhos dele eram muito importantes, eram poderosos. A voz dele era poderosa, quando ele falava, era como uma faca afiada. Se a pessoa não é assim, como esperar que as kilesas se submetam?"

Quando enfim foi aceito como discípulo por Ajaan Man bondosamente, assim que a oportunidade se apresentou, o Venerável Mahā Bua foi visitá-lo e lhe perguntou sobre o desaparecimento do samādhi e como resolver isso. Com sua sabedoria refinada, Ajaan Man respondeu de maneira bem-humorada:

"Que pena! Para onde será que ele foi? Bom, não fique triste. Esforce-se em praticar ao máximo e com certeza ele logo voltará. Ele só foi passear, se você intensificar sua prática, ele voltará sozinho. Ele não consegue escapar. A mente é como um cão, aonde quer que o dono vá, ela o seguirá. Se você se

esforçar muito, a mente voltará sozinha. Não há necessidade de correr atrás dela e perder tempo. Ela não consegue escapar de nós mesmos.

Abandone a preocupação com ela e concentre-se em 'Buddho' de maneira contínua, sem diminuir o ritmo. Quando você recitar 'Buddho' intensa e continuamente, o samādhi voltará por si mesmo. Mas desta vez, quando ele voltar, não abandone a recitação de 'Buddho'.

Se a mente não tiver onde comer, ela volta para você. Recite 'Buddho' bastante, para que seja o alimento dela. Quando ela estiver saciada, terá que descansar. Você ficará à vontade enquanto ela repousa, sem vagar inquieta procurando fogo para se queimar. Faça até que ela não consiga mais fugir de você. É assim que se tem que fazer com uma mente que está sempre faminta e nunca se satisfaz. Se ela tiver comida suficiente, mesmo que você tente obrigá-la, ela não vai (para frente). Faça assim e sua mente não vai mais regredir."

Esse ensinamento de Ajaan Man o inspirou a fazer o seguinte voto:

"Não importa o que aconteça, usarei 'Buddho' para disciplinar a mente a todos os momentos. Não importa se estou em meditação ou fora dela, não importa onde eu esteja, mesmo que esteja varrendo o pátio do mosteiro ou realizando outras tarefas, não permitirei que a atenção se desvie do mantra."

A partir de então, ele praticou diligentemente até conseguir se firmar. Ele se estabeleceu firmemente em samādhi e não regrediu mais.

O nono *vassa* do Venerável Mahā Bua foi o primeiro que ele passou com Ajaan Man, em Baan Khok, Sakon Nakhon. Nesse primeiro ano com Ajaan Man, ele o ouviu falar sobre as práticas ascéticas (dhutanga). Como era muito rigoroso por natureza, o Venerável Mahā Bua as adotava como prática regular. Observava-as sem falhas durante todo o *vassa*, especialmente a prática de comer apenas o que recebia na tigela de esmolas. Com relação às outras práticas ascéticas, ele já as observava por hábito, como comer apenas uma refeição por dia, usar apenas mantos feitos de trapos, possuir apenas um conjunto de mantos, comer somente da tigela de esmolas e viver em florestas e montanhas.

Ele se dedicava diligentemente às práticas de limpeza, esfregando e varrendo sua cabana, o salão e a área circundante. Com sua natureza diligente e grande respeito pelas práticas, ele não permitia que essas fossem negligenciadas de forma alguma. Em vez disso, ele se esforçava para manter a pontualidade, a ordem, a limpeza, a harmonia quando realizando tarefas com os demais monges, com meticulosidade, agilidade e perseverança.

Tudo o que fazia, ele fazia com atenção, usando sabedoria para ponderar cuidadosamente, não fazia com impaciência ou pressa. Ao pegar ou colocar algo, ele se esforçava para não fazer barulho. Os monges e noviços eram responsáveis por cuidar de toda a área do mosteiro, desde a cabana de Ajaan Man, suas próprias cabanas, o salão, os caminhos e os banheiros. Não havia água encanada, então os monges tiravam água do poço e enchiam os tanques de água para uso posterior. Tudo isso os monges e noviços se esforçavam em fazer com dedicação, condizente com a natureza de um monge que ama a paz, a limpeza, o Dhamma e o Vinaya.

Mas a prática da meditação era considerada a tarefa principal e mais importante para todos no mosteiro. Portanto, a cada dia, Venerável Mahā Bua se esforçava para falar o mínimo possível. Se houvesse necessidade de conversar, que fosse com propósito, sobre o Dhamma, sem frivolidades, divagações ou vulgaridades. As conversas deveriam ser úteis e voltadas para o avanço no Dhamma. Aconselhar e guiar os monges e noviços deveria ser feito com compaixão e bondade, para que compreendessem verdadeiramente o que é benéfico e maléfico.

Sobre isso, ele sempre dizia: "Deve-se conversar sobre a frugalidade, o contentamento, a reclusão, e não ficar socializando. Falar sobre diligência, moralidade, concentração, sabedoria na luta contra as kilesas. Na época de Buddha, os monges não conversavam sobre política, ganhos e perdas, entretenimento, compra e venda. Eles estavam sempre atentos ao que poderia ser um perigo para o seu desenvolvimento mental, e evitavam tudo isso. Quanto ao que poderia promover a força e firmeza mental, e permitir a eliminação gradual das kilesas, isso sim deveria ser incentivado e elogiado."

Ele uma vez contou a seus discípulos que, quando vivia com Ajaan Man, em sua mente se perguntava se ele era capaz de ler seus pensamentos. Pouco tempo depois, ele foi ao salão para prestar reverência à imagem do Buddha e viu Ajaan Man costurando. Pensou em se aproximar e pedir licença para ajudar no trabalho. No mesmo momento, Ajaan Man o encarou severamente, ergueu a mão e disse: "Ei, não venha me incomodar!"

Venerável Mahā Bua pensou consigo mesmo: "Aaaiii, e agora?..."

Depois de um momento de silêncio, Ajaan Man continuou: "Normalmente, na prática de meditação, deve-se observar sua própria mente, observar o que sua própria mente está pensando. O praticante deve observar sua própria mente. Já você quer que os outros venham olhar sua mente? Que tipo de meditação de doido é essa?"

Foi então que ele entendeu claramente que a reação de Ajaan Man foi devido à sua atitude incrédula. Naquele momento, Ajaan Mahā Bua se curvou profundamente em seu coração, pensando: "Eu me rendo! Agora me rendo e aceito por completo!"

Depois de pensar isso, ele pediu novamente licença para ajudar a costurar. Desta vez, Ajaan Man não o repreendeu nem o impediu, pois sabia que seu discípulo havia se rendido, de todo o coração.

Normalmente, o Venerável Mahā Bua passava de três a quatro horas meditando. Durante o dia, depois de comer, lavar e secar sua tigela de esmolas, a colocava no armário e ia direto praticar meditação andando, o que durava até pelo menos as 11:00 ou meio-dia. Depois, ele descansava e voltava a meditar sentado por cerca de uma hora, para então retomar a meditação andando. Fazia assim rotineiramente.

Depois de um tempo vivendo com Ajaan Man, quis experimentar praticar isolado para ver se traria bons resultados. Mas quando realmente partiu em direção à floresta, sua prática não mostrou melhoria, pelo contrário, ele teve que lutar muito, a ponto de se sentir desanimado muitas vezes. Mas com sua determinação de nunca desistir, conseguiu superar, como contou:

"Fui para a floresta, para as montanhas, decidido a lutar contra as kilesas com toda minha força. Deixei meu mestre e fui para as montanhas. A floresta era calma e tranquila. A floresta não tinha assuntos, mas o meu coração criou assuntos. Eu mesmo criava confusão, eu mesmo me fazia louco.

'Oh, se é assim, para quê ficar sozinho? Se é assim, não posso deixar meu mestre.'

Lutei mas não consegui vencer, cheguei às lágrimas. Não me esqueço... As lágrimas escorreram. Oh, não consegui vencer. Firmava sati e ela desmoronava. Firmava e ela desmoronava, não permanecia. A firmava bem em frente aos meus olhos, e ela desmoronava bem em frente aos meus olhos. Um único golpe me arremessava a cinco continentes de distância.

Suponhamos que eu desse um soco e ela só afastasse meu braço com um leve tapa, mas esse tapa me jogasse a cinco continentes de distância. O poder das kilesas é forte desse jeito, e vive nesse coração. Baixei o nível da conversa, brigava com as kilesas, eu xingava elas na minha mente – não xingava em voz alta:

'Canalha, um dia você vai cair, eu vou te derrubar! Você me humilha a esse ponto, mas no dia em que eu tiver uma chance, vou me vingar! De um jeito

ou de outro você vai cair. Se não cair hoje, vai cair amanhã. Se você não morrer, eu morro, vamos até a morte!'

Nos pegávamos sem recuar, era uma briga de vida ou morte. Ambos batalhávamos, ninguém recuava. Eu e as kilesas éramos inimigos mortais, se um não morresse, ambos morreriam. Se elas não morressem, eu morreria."

Ele costumava citar os acontecimentos daquele período para explicar aos monges que, quando o exército das kilesas tem mais força que nós, não é apropriado ficar sozinho. Deve-se permanecer com um mestre, pois, mesmo que não houvesse progresso, a presença dele traz alento ao praticante.

Mas quando passou a ser vantajoso, ele sempre preferiu praticar sozinho, porque dizia que fazia a prática ficar mais divertida. Num dia normal, não precisava conversar com ninguém. Se decidisse jejuar por vários dias então nem via outras pessoas, porque não saía para pedir esmolas. Portanto, não havia nada para interferir em sua prática, exceto o sono. Mas às vezes, as kilesas o persuadiam, dizendo: "Oh, viver assim é como uma pessoa que perdeu tudo. Sem valor nem preço. As pessoas no mundo vivem confortavelmente e felizes, sem ter que aguentar esse sofrimento físico e mental como eu que estou aqui como alguém que perdeu tudo. Por que tenho que sofrer na floresta com animais e tigres desse jeito, como se não tivesse valor nem preço?"

Com esse pensamento, ele sentiu-se desanimado e sua diligência diminuiu um pouco. Ele contou que Māra, as kilesas, sempre sussurravam e se intrometiam, mesmo enquanto ele se esforçava na prática:

"Um dia – não esqueço – não olhei para o relógio. Estava meditando, para que olhar o relógio? Era muito tarde naquela noite. A mente ainda não conseguia se acalmar. Havia pessoas cantando *lam*[27] – chamavam de *lam yao* – através dos campos de arroz de Baan Na Mon. Os rapazes vinham visitar as jovens em Baan Na Mon. Eles moravam em Baan Phon Thong, a leste do templo de Baan Na Mon.

Eles cantavam *lam yao* pelos campos de arroz e, ao ouvir o som deles, minha mente pensou: 'Oh, eles estão se divertindo, têm alegria, passeiam por aí cantarolando, atravessam os campos se divertindo, não têm esse sofrimento físico atormentando a mente deles, como eu. Eu estou aqui vivendo um inferno ainda em vida. Ninguém neste mundo deve sofrer mais do que eu. Estou num inferno vivo.'"

Enquanto esse pensamento surgia e ele ouvia o canto, se lembrou do Dhamma e contra-argumentou: "Já caí no inferno vivo com as kilesas, já morri com as kilesas por incontáveis nascimentos. Agora, por que considero

27 Um estilo musical do Nordeste tailandês.

o esforço para me libertar do inferno das kilesas, um sofrimento e dificuldade? O que estou buscando com minha prática? Por acaso estou praticando em busca do inferno Avicci[28] ou o que?"

Ele disse que o pensamento de desânimo surgiu e foi imediatamente contra-argumentado. Não muito tempo depois, sua mente se acalmou.

Em certa ocasião, enquanto ele e seu grupo viajavam em busca de reclusão pelas florestas e montanhas, quanto mais avançavam, mais se perdiam. Adentravam cada vez mais a floresta, até não encontrarem mais nenhuma casa. Ele narrou que, naquela vez, sobreviveu graças ao poder de seu bom carma, por ter feito caridade em vidas passadas, da seguinte forma:

"Viajávamos pelas montanhas entre as províncias de Sakon Nakhon e Kalasin. Entramos pelas montanhas e nos perdemos. Não sei por quantas montanhas, quantos morros passamos. Entramos e ficamos presos nas montanhas. Aconteceu que encontramos algumas pessoas que estavam cultivando arroz ali. Havia quatro ou cinco casas. Elas estavam cultivando arroz no vale. Fomos até elas e ficaram tão confusas:

'Oh, como os senhores vieram parar aqui?'

Na noite anterior àquela, tive uma visão. Nos perdemos na floresta, nós, três monges. Ainda estávamos juntos. Normalmente, depois de sair do mosteiro, íamos dois ou três monges, e depois nos separávamos mais à frente. Naquele dia, ainda não havíamos nos separado. Nos perdemos na floresta à noite, tateando no escuro.

'Bom, vamos dormir aqui na floresta.' E fiz uma determinação: 'Que me seja revelado onde há um vilarejo. Pode ser através de uma visão em minha meditação ou através de um sonho quando dormir. Já estamos completamente perdidos nessa montanha. Onde fica a aldeia?' Fiz essa determinação em minha mente.

Outro monge também fez essa determinação, e o outro também. E eu também fiz. 'Que se manifeste na meditação ou de qualquer outra forma.' Aconteceu que à noite, a visão surgiu, à noite eu sonhei. O outro monge também sonhou, e o outro monge também. Nós três sonhamos! Muito estranho.

Um monge sonhou: 'Onde fica a aldeia?'

'A aldeia fica por aqui', apontando para o sul.

'Como você sabe que a aldeia fica por ali?'

28 Um dos infernos mais dolorosos no folclore budista.

'Há muitas mulheres carregando coisas passando por ali. É por este caminho, para o sul.'

E o outro (monge), o que ele sonhou? Também: 'A aldeia fica por aqui.'

'Como você sabe?'

'Há muitas mulheres carregando um monte de coisas por ali.'

E ele disse: 'Hoje encontraremos mulheres primeiro.'

'Ora, como você vai encontrar mulheres no meio da montanha?'

'O sonho disse isso.'

Eu também sonhei. Meus colegas me perguntaram: 'Como foi?'

'A aldeia fica por aqui, é verdade, mas não é uma aldeia. É um acampamento. Eles montaram um acampamento por aqui. Na noite passada, vi minha mãe vindo me visitar. Havia duas ou três crianças com ela. Minha mãe veio e começou a limpar e arrumar por aqui, e depois levou as crianças e as coisas por este caminho. É por aqui que fica a aldeia ou acampamento. Vamos por aqui!'

Então, quando acordamos, seguimos naquela direção. Estávamos em um vale profundo. Havia quatro casas. Elas cultivavam arroz no vale. Ficaram muito confusas.

'Oh, como vocês vieram parar aqui? Puxa vida!'

E de fato encontramos as mulheres primeiro. Havia apenas mulheres pilando arroz. Não havia um único homem. Havia duas ou três crianças brincando, conforme havia visto. Elas diziam *nga kru*, *luang ta* – essas eram as expressões de respeito deles.

'Como vocês chegaram aqui? Ontem à noite sonhamos que três monges viriam nos abençoar. Aquela casa também sonhou, esta casa também sonhou. É estranho.'

'Sonhamos ontem à noite que os *nga kru* vieram nos abençoar. Acabamos de falar sobre isso. Os homens foram trabalhar em outra área. Acabaram de ir. Disseram que três monges viriam nos abençoar.'

Aquelas pessoas ficaram excitadas. Elas disseram: 'Se vocês não tivessem encontrado esta aldeia, teriam morrido. Não há outro caminho, a não ser que encontrassem com caçadores. Se eles tivessem boa vontade, os teriam levado de volta pelo caminho para a aldeia. Já aqui é muito profundo. Se tivessem atravessado apenas mais uma ou duas montanhas, teriam morrido, porque não há aldeias por lá. É tudo penhasco.'

Então, comemos com elas. Eu disse aos meus colegas: 'Hoje, não digam nada. Haverá alguém para nos guiar.' As crianças carregaram meus pertences, eu não disse a elas para carregarem. 'Hoje veremos se terá alguém para nos guiar.'

Depois de comer, elas disseram: 'Nós temos que acompanhá-lo. Se não o fizermos, vocês morrerão.' Elas nos acompanharam de volta pelo caminho que leva à aldeia. Nós ficamos admirados com como conseguimos nos perder naquele vale profundo. A montanha era tão vasta quanto o céu e o oceano. Como nos perdemos? Mas é incrível, quando parecia que íamos morrer, não morremos, sendo que parecia que íamos morrer.

Foi porque subimos a montanha, e elas disseram: 'Não é possível. Subir esta montanha e descer aquela, subir e descer a próxima, são dezenas de montanhas para chegar a uma aldeia! Vocês só andaram dois ou três dias, e já estão exaustos e quase mortos. É bom que nos encontraram. Não vai ser dessa vez que vocês vão morrer.'

Eu acredito que, em caso de necessidade, essas coisas realmente acontecem. As coisas acontecem por si mesmas. Além disso, os *devas*[29] ainda intervieram, fazendo com que eles sonhassem que três monges viriam abençoá-los. E eu sonhei que ia visitar os leigos. Os leigos nos guiariam. Ficou gravado na minha mente até hoje. No meu coração, acredito que minha mente está sempre aberta. Esse é o poder de fazer méritos e dar esmolas: você não passa fome. Quando surge a necessidade, alguém sempre virá ajudar. Se houver, você só ouve dizerem 'há'. O poder da doação intercede para que alguém de bom coração venha ajudar e socorrer, porque o poder dos nossos méritos os atrai."

NINGUÉM MORRE

Depois que Ajaan Man foi à cremação de Luang Pu Sao, o Venerável Mahā Bua foi buscá-lo, e eles viajaram juntos desde a estupa Phra That Phanom até o vilarejo de Baan Na Mon, em Sakon Nakhon. Esse seria seu décimo ano como monge e segundo como discípulo do Ajaan Man. Desde abril daquele ano, Ajaan Mahā Bua começou a intensificar cada vez mais sua prática.

Durante o *vassa* ele praticou ainda mais intensamente, levando a extremos tanto seu corpo quanto a mente. Ele não dormia durante o dia, exceto nas ocasiões em que meditava a noite toda – nesses dias ele se permitia descansar durante o dia. Já num dia normal de prática, não se permitia dormir durante o dia.

29 Seres celestiais, 'anjos'.

Nas ocasiões em que ele sentava em meditação a noite toda, não permitia nenhuma mudança de posição do corpo ou das pernas. Ele contou sobre a dor que sentia ao sentar-se a noite toda:

"Era como se minhas nádegas estivessem inchadas por completo. Os ossos pareciam quebrar em todas as articulações. Onde os ossos se conectavam, ou mesmo as articulações das mãos, pareciam que iam se separar. A dor e o sofrimento, quando surgiam, surgiam em tudo, em todos os aspectos e em todos os cantos do corpo."

Praticar várias vezes com essa intensidade fez com que suas nádegas ficassem calejadas, os calos rachavam e o pus sujava seu sarongue. Ele narrou:

"Se em algum dia eu me esforçava ao máximo e a mente não conseguia se acalmar facilmente, naquele dia o corpo sofria muito e ficava muito machucado. Ou seja, ao sentar, minhas nádegas ardiam como se estivessem em chamas, a ponto de eu ter que sentar de lado na hora da refeição.

Mas se em algum dia eu investigava a sensação do sofrimento e lograva êxito, naquele dia, mesmo que eu meditasse a noite toda, meu corpo não sentia nenhuma dor. Quando me levantava, sentia-me normal, como se tivesse sentado apenas por três ou quatro horas, como de costume."

A maravilha que surgia ao meditar a noite toda vinha do resultado de investigar o sofrimento. Sobre isso, ele ensinou os monges e noviços com profundidade:

"Quando vi algo maravilhoso, foi quando meditei a noite toda, desde a primeira noite. Eu investigava o sofrimento. Puxa, era um sofrimento insuportável. Inicialmente eu não pretendia meditar a noite toda. Mas, ao sentar para meditar, o sofrimento surgia cada vez mais forte. Não importa o quanto eu investigasse, não dava em nada. 'O que é isso? Ora, hoje estou disposto a morrer!' Então, fiz um voto naquele momento: 'Vou sentar a partir de agora até o amanhecer, e só então me levantarei.'

'Se eu morrer hoje, que morra!' Não faria nenhuma exceção, nem para urinar ou defecar: 'Se quiser urinar, que urine! Por acaso não posso lavar depois? Se não consigo lavar é melhor não permanecer sendo um peso morto para o Buddha Sāsanā, melhor morrer logo de vez.'

Então não havia exceções, mas não ocorreu de querer ir ao banheiro. Não sentia vontade de urinar porque já suava a ponto do meu manto estar completamente encharcado, como se o tivesse lavado, não é brincadeira, estava completamente encharcado por causa do medo da morte. Não era

suor. No dialeto do Nordeste, chamavam de *yang tai*.[30] Como sentir vontade de urinar? O suor já saía todo. Quanto a querer defecar, até é possível, mas comigo nunca aconteceu. Mas se surgisse de verdade, eu defecaria de verdade. Era assim.

Então lutei com tudo. A mente nunca havia investigado daquele jeito, a sabedoria nunca havia se manifestado daquela forma, mas no momento em que estavam realmente encurraladas, oh, a sabedoria agiu rapidamente em todos os aspectos, a ponto de conseguir acompanhar o sofrimento do corpo e entender a mente. Cada um tinha sua verdade, e se separaram por completo, eu nunca havia experienciado isso antes. O corpo desapareceu da consciência. O sofrimento desapareceu completamente. Restou apenas a ciência que era apenas ciência, sem conjecturas ou especulações, era apenas ciência. Naquele momento, era a coisa mais refinada e maravilhosa que já tivesse visto.

Quando a mente se retirou daquele estado, voltei a investigar. Mas os métodos que eu usei antes não funcionavam. Agora eles eram apenas memórias passadas. Eu tinha que criar novos métodos que estivessem à altura da situação. A mente se acalmou novamente. Naquela noite, a mente se acalmou três vezes, e então amanheceu. Oh, fiquei maravilhado!"

Ao amanhecer, quando teve a oportunidade, foi se apresentar a Ajaan Man. Normalmente, ele sentia muito medo de Ajaan Man, mas naquele dia não sentiu medo algum. Isso porque ele queria contar a verdade a Ajaan Man para que ele soubesse como havia praticado de forma a obter esses resultados. Ele falou com coragem, de uma forma que nunca havia falado com Ajaan Man antes:

"Por eu estar falando com tanta firmeza e intensidade, ele provavelmente pensou: 'Oh, finalmente ficou doido!' Deve ter pensado assim, e ele não estava errado porque de fato falei sem hesitação, contei tudo o que me vinha à mente. Ele não me contradisse em nada, apenas dizia 'Humm... isso!' Depois que terminei, prestei reverência e esperei para ouvir o que ele ia dizer. Ele então também falou com toda a força, eu acho que ele sabia que com doido, é assim que se fala.

'Tem que ser assim! Isso! Agora que você tem a base, vá em frente com tudo. Este corpo não morre cinco vezes, ele morre apenas uma. Agora que você tem a base, vá em frente com tudo.'

Ele disse isso, foi direto. Explicou até que eu estivesse satisfeito. Eu era como um cachorro. Quando ele me elogiava ou me encorajava, eu, esse cachorro

30 'Secreção da morte'.

tolo, queria morder e latir. Eu estava satisfeito e motivado. Então, passei a lutar com todas as minhas forças."

Com esse encorajamento de Ajaan Man, Ajaan Mahā Bua pegou ainda mais pesado, intensificou ainda mais. Deixava seu corpo descansar uma ou duas noites, e então de novo sentava a noite inteira, descansava mais uma ou duas noites e sentava-se a noite toda novamente. Até que sua mente experimentou algo fantástico e compreendeu claramente a questão da morte.

"Quando a mente realmente soube, ela separou os elementos físicos e os agregados mentais para enxergar a natureza da vida e da morte. Os quatro elementos – terra, água, ar e fogo – se desintegravam e voltavam a ser terra, água, ar e fogo, como antes. O elemento espaço também voltava a ser espaço, como antes. A mente que antes temia a morte, agora se mostrava cada vez mais firme. Seu conhecimento era firme, entendia: 'Que morte? A mente não morre. Ter medo do que? É tudo mentira. São as kilesas e o mundo mentindo, enganando os seres no mundo a terem medo da morte, quando na verdade não tem nada morrendo.'"

Ao investigar um dia, surgia uma nova estratégia. Ao investigar outro dia, surgia outra estratégia. Mas eram todas estratégias intensas, ardentes e maravilhosas. A mente se tornava ainda mais maravilhosa e corajosa, a ponto de pensar:

"'Quando a morte realmente vier, que tipo de sofrimento ela acha que vai conseguir usar para me enganar? O sofrimento que se manifestou aqui hoje é o sofrimento completo. Mais forte que isso, só a morte. Já vi todos esses sofrimentos, compreendi-os plenamente e superei todos. E quando a morte vier, de onde ela pensa que vai tirar sofrimento para me enganar novamente? Não é mais possível me enganar. Aquele sofrimento não será diferente desse.

No que diz respeito à morte, não tem nada morrendo. Não há o que temer, exceto deixar as kilesas nos enganarem e nos prenderem em suas artimanhas de falsidade. Mas a partir de agora, não cairei mais em suas armadilhas.'

É assim quando a mente entende, e ela entendeu claro desde a primeira noite. Sobre o que eu havia dito, sobre a mente avançar e então regredir, avançar novamente e então regredir: desde quando sentei a noite inteira, da primeira vez em diante, nunca mais regrediu. Desde abril, não regrediu, mas ainda não enxergava claro. Só quando chegou àquela noite, ficou tudo claro. Tem que ser assim, sem declinar. É como se a mente tivesse subido e depois caído, subido e caído. Mas desta vez, quando ela subiu e se fixou cem por cento, não declinou – já havia compreendido. Sendo assim acelerei minha prática com força total, com toda minha capacidade."

Durante todo o *vassa* em Baan Na Mon, ele continuou a observar rigidamente a prática ascética de comer apenas o que recebia como esmola no vilarejo, assim como quando veio morar com Ajaan Man pela primeira vez, no primeiro ano. Embora Ajaan Man soubesse de seu rigor nesse assunto, por compaixão, e para ensinar ao discípulo a sabedoria e o equilíbrio mental apropriados, às vezes, Ajaan Man colocava comida na sua tigela de esmolas e dizia:

"Por favor, aceite esta esmola, Mahã. Isso é comida de monge." Ou, às vezes, ele dizia: "Isso é comida de monge. Por favor, aceite." Ajaan Mahã Bua narrou da seguinte forma:

"Às vezes, um grupo de devotos da província de Nong Khai, Sakon Nakhon ou outros lugares, vinha oferecer esmolas a Ajaan Man e demais monges do mosteiro em Baan Na Mon, distrito de Mueang, província Sakon Nakhon. Isso acontecia só de vez em quando, porque antigamente não havia carros. Eles tinham que ir a pé, ou de carroça alugada.

Eles ficavam apenas por uma ou duas noites e não se hospedavam no mosteiro, mas sim nas cabanas dos moradores de Baan Na Mon. Pela manhã, preparavam a comida para a esmola e a ofereciam aos monges do mosteiro. Eles não esperavam para oferecer as esmolas fora do templo. Eu não me atrevia a aceitá-las, com medo de quebrar a dhutanga[31]. Eu passava por eles e fugia. Quanto a Ajaan Man, aceitava por compaixão. Pelo que observei, havia muita comida restante depois da esmola, e ela era trazida para o salão, em pacotes – embrulhos e várias frutas. Eu não aceitava nada. A comida era passada de um monge ao outro e ninguém aceitava. Apenas um ou dois monges aceitavam, o que era muito estranho para os leigos. Mas eu não me atrevia a aceitar, com medo de quebrar essa dhutanga.

Vários dias depois, Ajaan Man pediu para colocar comida na minha tigela de esmolas, dizendo: 'Isso é comida de monge, aceite esta esmola.' E ele mesmo a colocou na minha tigela. Normalmente, eu não deixaria ninguém fazer isso. Quanto a mim, eu tinha medo de quebrar a dhutanga ou, no mínimo, de não cumpri-la à perfeição. Somente Ajaan Man, a quem eu respeitava e confiava plenamente, era capaz de me fazer ceder e permitir que alguém colocasse comida na minha tigela, quando ele julgava apropriado.

Na verdade, ele deve ter percebido que isso era uma teimosia disfarçada de prática ascética que eu havia assumido. Por isso, ele tentava me moldar um pouco, para que eu refletisse de várias maneiras e não fosse tão rígido, então

31 Ele havia feito o voto de só aceitar comida oferecida durante a ronda de esmolas, ou seja, fora do mosteiro.

ele usou vários estratagemas para me ensinar, tanto indireta quanto diretamente..."

Durante todo o *vassa*, Ajaan Mahā Bua se esforçou meditando sentado a noite toda por nove ou dez noites, mesmo que não fosse continuamente - às vezes com intervalos de duas a três noites, ou até seis a sete noites. Isso o levou a ter certeza sobre o sofrimento, em suas várias intensidades. Ele compreendia como lidar com ele e conseguia se esquivar e resolver os problemas com destreza. Assim, não havia hesitação, e ele não mais temia a morte, pois havia investigado com plena astúcia. Sati e sabedoria estavam aptas a lidar com a morte em todos seus aspectos. O fato de ele ter forçado seu corpo a sentar a noite toda repetidamente, fez com que a pele da região das nádegas ficasse frequentemente machucada. Chegou ao ponto de ficar inchada, com calos e, por fim, romper.

Depois de um tempo, Ajaan Man bondosamente o advertiu, dizendo: "As kilesas não estão no corpo; estão na mente." Ele disse isso e, em seguida, usou o símile de treinar um cavalo para ensiná-lo: "Um cavalo que está selvagem e desobediente não ouve o dono. É preciso castigá-lo intensamente. Não se deve dar-lhe capim, não se deve dar-lhe nada para comer. Tem que castigá-lo severamente até que não consiga mais se rebelar. Então, quando sua rebeldia cede, diminuímos o castigo. Quanto mais ele cede, mais o castigo é aliviado".

Ajaan Man apenas o advertiu dessa forma, e ele entendeu imediatamente, pois já havia aprendido sobre isso durante seus estudos teóricos. Assim, ele imediatamente aceitou de coração a advertência de seu mestre.

Durante o tempo em que esteve com Ajaan Man, ele o ensinava sempre que devia-se comer pouco, dormir pouco e falar pouco, mas praticar muito. Ou, comer simples, viver simples e dormir simples. Ir e vir com simplicidade significa não se comportar como uma pessoa de alto status ou como um tipo de "meditador de elite", elegante e arrumado por fora, mas com a mente desprovida de virtudes. Isso ele não elogiava. Ele admirava pessoas que eram humildes, que por fora pareciam com um pano de chão, mas que por dentro eram ricas e belas com o Dhamma. Poderíamos chamá-los de "milionários do Dhamma" sem erro.

O período após o *vassa* era uma época em que os monges que buscavam paz tinham a oportunidade de se retirar para meditar em locais calmos e isolados nas florestas e montanhas. Ajaan Mahā Bua também desejava isolamento, pois isso facilitava muito a meditação. Ele dizia que partir em peregrinação

com duas ou mais pessoas era como água transbordando, porque causava atrito e conflito interno, já que era preciso ter cuidado um com o outro, preocupar-se e assumir responsabilidade uns pelos outros. No entanto, quando se vai sozinho, pode-se praticar o tempo todo.

"Onde quer que eu fosse, ia sozinho, em constante esforço. Desde que acordava até dormir, praticava meditação andando de uma vila para outra. Era um esforço constante. Não tinha nada para me distrair do esforço. Era essa minha personalidade. Quando estar com um grupo de amigos era uma necessidade, eu ficava. Por exemplo, estar com Ajaan Man durante o *vassa*. Tínhamos que cuidar dos colegas e nos preocupar com várias coisas, o que é normal, além de também da minha própria prática, mas eu aguentava. Quando partia dali, eu me sentia revigorado. Ajaan Man conhecia minha personalidade. Quando ele sabia que eu ia partir, ele perguntava: 'Com quem você vai?'

Eu respondia: 'Vou sozinho.'

'Ah, então Mahā vai sozinho. Ninguém deve incomodá-lo. Deixem o Mahā ir sozinho.' "

Às vezes, Ajaan Man brincava, como quando Ajaan Mahā Bua pedia licença para sair em peregrinação. Embora Ajaan Man soubesse o quão resoluto ele era, quando chegava a hora de ir, Ajaan Man brincava com ele, dizendo: "Leve a sério, hein."

Ao escolher um local para meditar durante seu período de reclusão, ele geralmente fazia da seguinte forma: "Eu geralmente escolhia um local de meditação observando se havia alguma vila com três ou quatro casas, ou nove a dez casas. Não me preocupava que tipo de comida ou em que quantidade iria receber. Só queria receber o suficiente para continuar vivo e persistir em minha prática monástica. Não me importava com o sabor, com quente ou frio, mais do que com o progresso espiritual."

Suas peregrinações eram feitas a pé, pois não havia carros nem estradas naquela época. Ele carregava seu *glot* e tigela de esmolas e entrava na mata fechada, cavernas e encostas rochosas em busca de um local tranquilo e isolado. Os mantos que ele levava consigo eram apenas as três peças monásticas: o sarongue (manto inferior), o cīvara (manto superior) e o sanghāti (manto exterior), além de um sarongue extra, que usava para se cobrir quando tomava banho, e também para secar e proteger a tigela de esmolas.

O sofrimento extremo de suas peregrinações aparecia de muitas formas. Um tipo de sofrimento que os monges praticantes do Dhamma sempre experimentavam era o sofrimento causado pelas estações, especialmente o inverno na região Nordeste. Luang Ta descreveu isso da seguinte forma: "O clima era muito frio quando saía em peregrinação, porque não levava cobertor. Usava apenas o *cīvara* e o *sanghāti* dobrado ao meio para me aquecer um pouco. Mas se a noite fosse muito fria, não conseguia dormir. Tinha que me levantar e sentar em meditação, lutando contra o frio. Meu rosto, braços, pernas e lábios ficavam rachados. Ficavam todos ressecados.

O banho tinha que ser tomado rapidamente durante o dia, depois de varrer as folhas (ao redor de onde acampava). Tomava banho em riachos, entre rochas ou em qualquer córrego ou ribeirão – onde pudesse. Em geral era por volta das 15h, porque não podia tomar banho muito mais tarde. O ar era muito frio, a água era muito fria, mesmo sendo jovem na época, ainda sentia muito frio."

Quanto ao seu alojamento, ele pedia ajuda aos moradores e eles improvisavam algo simples em apenas um dia. Era só suficiente para se abrigar do sol e da chuva, e para protegê-lo da umidade, do calor ou do frio. Era feito de maneira improvisada, com estrutura de bambu, folhas largas de árvores como telhado, e o *glot* era pendurado dentro do abrigo (para se proteger dos mosquitos). Ele uma vez narrou sobre o frio intenso durante seu retiro na floresta:

"No inverno, mesmo com todas essas precauções, o orvalho ainda entrava, molhando tudo como se estivéssemos lavando roupa. Molhava todas as noites e manhãs. Então, depois de comer pela manhã, tinha que estender as roupas para secar. Se estendia muito cedo, ainda não havia sol e então tinha que deixá-las lá. Depois de comer, pegava o que estava molhado e estendia no sol. Mesmo estendendo assim todos os dias, ainda criava mofo. Eram manchas pretas de mofo. Parecia a pele de um leopardo. Embora me esforçasse em manter a limpeza, o mofo aparecia porque não secava a tempo."

Ao redor da cabana havia várias trilhas de meditação andando sob as árvores para usar durante o dia. Como as árvores ofereciam diferentes sombras de manhã, à tarde ou ao meio-dia, era necessário ter várias trilhas de meditação andando, e ele as usava dependendo da sombra em cada período. Já à noite, ele geralmente praticava meditação andando em áreas abertas e claras, sem árvores. Assim conseguia ver cobras, escorpiões ou outros animais venenosos que passavam como sombras escuras. Ele não acendia chama ao praticar meditação andando porque durante esses períodos de reclusão ele trazia só umas poucas velas. Se não fosse realmente necessário, não acendia.

Sobre medicamentos, ele disse que nem precisava falar, pois nunca os carregava. Mesmo que estivesse doente, com dor de estômago ou dor de cabeça, ele usava apenas a meditação como remédio, o excelente elixir do Dhamma. Na verdade, mesmo em tempos normais, quando estava no mosteiro e não em peregrinação, se não fosse realmente necessário, ele não costumava usar nenhum medicamento. Ele explicou a razão para isso:

"Não nego o valor da medicina. No entanto, a preocupação excessiva e irracional em um monge está em desacordo com o caminho do Buddha. Está em desacordo com o caminho de quem busca eliminar as kilesas e de quem estuda para compreender a verdade. Os remédios podem ser usados para o tratamento, mas não se deve ficar tão apegado a eles a ponto de gerar preocupação, que é uma manifestação das kilesas."

E de fato ele não se apegava nem se preocupava com sua vida, mais do que com o Dhamma...

JEJUM

Com a determinação de se libertar do sofrimento, ele não se importava em comer ou dormir mais do que em se esforçar para combater as kilesas em seu coração. Seu temperamento em relação à meditação era compatível com o jejum, pois ele tornava seu corpo leve e confortável. Manter sati e praticar meditação se tornava fácil. Sua sabedoria para resolver as kilesas era mais fluida do que quando comia e se nutria plenamente. Por isso, ele jejuava regularmente, a ponto de seu corpo ficar emaciado. Muitas vezes, ao caminhar para a esmola ou praticar a meditação andando, mal conseguia mover as pernas de tão fraco que estava, mas os resultados de sua meditação só melhoravam. Ele chegou a descrever o estado de sua mente naquele período, dizendo:

"A mente se tornava cada vez mais proeminente, como se pudesse flutuar no ar. Se recebesse boa comida, só queria dormir. Sentia preguiça e indolência. Era difícil estabelecer sati. Era difícil contemplar com a sabedoria."

Mesmo em sua velhice, se ele via o tipo de comida que costumava comer quando jovem, quando ainda lutava contra as kilesas de forma tão árdua a ponto de ser uma questão de vida ou morte, ainda fica emocionado e recordava com gratidão:

"Os brotos de bambu, as verduras, *phak kradon kradén,* os legumes da floresta, me deixam emocionado. É como se fossem companheiras, amigas que no passado me salvaram a vida. Nunca me adaptei a comê-las, mesmo hoje em dia, não estou acostumado. As ervas aromáticas que crescem nas

montanhas, perto de nascentes e riachos... Mas elas são trepadeiras, não árvores. Elas crescem perto de nascentes e riachos. Onde quer que os monges praticantes de meditação vão, deve haver água, não é? Então também há muitas variedades de vegetais.

Há muitos tipos de vegetais na floresta. Um monge entende de um tipo, outro monge entende de outro. Por isso, comemos muitos tipos de vegetais, porque cada monge conhece um tipo. Encontramos amigos de várias províncias. Um monge sabe sobre comer um certo vegetal, outro sabe sobre comer aquele outro. Os monges se encontram com frequência, e assim se aprende muito e o conhecimento se expande.

Vilarejos onde as pessoas têm muita fé é um problema – há muita comida. Atrapalha a meditação, sendo que nosso único interesse era a meditação. Por isso, gostávamos de lugares onde é conveniente a prática, onde não está cheio de pessoas. Onde há pouca gente, não há muita comida.

Além disso, procurávamos povoados pequenos, de três ou quatro famílias, ou nove ou dez famílias. Se não comêssemos por alguns dias, não encontrávamos ninguém além de nós mesmos. Os aldeões também não vinham nos incomodar, não eram do tipo que gosta de se envolver com os monges. Procurávamos lugares assim e vivíamos confortavelmente."

Ajaan Mahā Bua era muito rigoroso no controle de sua alimentação para que ela não se tornasse um obstáculo ou um perigo para a meditação. Por mais difícil que fosse, ele se esforçava em suportar, como segue:

"Se não comia, minha prática ficava ainda melhor. Comia uma vez a cada tantos dias. A concentração (samādhi) ficava firme e o mesmo acontecia com a sabedoria. A sabedoria fluía livremente. Se eu jejuava, realmente ajudava, pelo menos para mim era assim. Não importa o quão grosseiro meu temperamento possa ser, se eu comia até ficar satisfeito, oh, a preguiça aumentava muito, dormia muito, e a luxúria costumava aparecer. Tinha muito cuidado com isso.

Quando o corpo se agitava por si mesmo, eu não me agitava com ele, não me interessava, não me alegrava com ele. O que acontece com o corpo é que ele encoraja, e quando acontecia, eu estava atento. Por exemplo, alimentos que as pessoas gostam, como pratos fritos e oleosos, oh, são muito bons, mas eu tinha cuidado, não comia. Mesmo quando íamos à cidade ou onde fosse, eu comia apenas um pouco. Tinha cuidado a esse ponto.

'Āhāra sappāya'[32] é alimento que traz conforto. No Dhamma, O Buddha ensinou que o conforto é para a meditação, não para o desejo ou a luxúria

32 'Comida apropriada': um praticante deve buscar alimentar-se daquilo que ajuda em sua prática, e evitar o que atrapalha.

relacionados ao corpo. Você come e o corpo não se agita, e a meditação se torna fácil e confortável. Esse é o significado. Por isso eu tinha que ter cuidado. Oh, eu comia como um prisioneiro, falando de verdade. Não podia me importar com o paladar. Tinha que observar o Dhamma o tempo todo. Não importava o quanto eu quisesse, não pegava se visse que seria um inimigo ao Dhamma, tinha que me controlar o tempo todo.

Quando se trata de treinar a si mesmo, a comida tinha que ser apenas como a que mencionei. Por exemplo, arroz puro, nem se fala, fiquei acostumado a comer arroz puro na floresta e nas montanhas. Às vezes, se eles faziam pasta de pimenta para mim, colocavam peixe fermentado. Se o peixe estivesse cru, eu não podia comer. O que fazer?

Ninguém me acompanhava. Se algum leigo pedia, eu não deixava que me seguissem, não queria confusão[33]. Às vezes, eles faziam um embrulho de pasta de pimenta. Se tivesse apenas pimenta, eu podia comer. Mas às vezes era *plará* de peixe crú. Não coziam o *plará*, então não podia comer.

Já arroz puro eu podia comer. Apenas duas ou três colheradas e já estava satisfeito. Então eu praticava meditação andando, sentindo-me leve como uma pena. Ao sentar para meditar, eu ficava firme como um tronco, sem cair no sono. Isso mostrava claramente que era por causa da comida que eu ficava sonolento. Se houvesse bons acompanhamentos, eu comeria muito. Muita comida, muito sono, muita preguiça, ficava sonolento, sentava para meditar e ficava 'pescando' de sono[34]. Eu já passei por isso e sei que não era bom se eu comesse a comida que mencionei. Por isso, às vezes eu jejuava, às vezes comia até ficar satisfeito. O importante era que minha mente se sentisse confortável."

Por essa razão, embora sofresse imensamente, às vezes chegando perto da morte, a mente dele só progredia. Sendo assim, ele estava disposta a jejuar e passar fome. Uma vez, depois que voltou de um retiro na montanha e voltou a Wat Baan Nong Phue, ele foi prestar reverência a Ajaan Man. Sua aparência naquela época era pálida e amarelada, como se tivesse sido pintado com açafrão, parecendo alguém com hepatite. Seu corpo estava magro, restando apenas pele e ossos. De um jovem de mais de 30 anos, ele então parecia um velho.

Quando Ajaan Man viu seu discípulo, ficou chocado a ponto de exclamar: "Oh! Por que você está assim?!" O discípulo permaneceu em silêncio, sem

33 Não é claro o significado, mas talvez queira dizer que, após receber a refeição, ele preferia comer só, para que os leigos não se ofendessem caso não ele comesse algum dos pratos oferecidos.

34 Sua cabeça caia e levantava repetidamente por causa da sonolência.

responder nada. Ajaan Man, temendo que ele ficasse assustado ou desanimado, imediatamente o encorajou, dizendo:

"Tem que ser assim! Só assim para ser digno de ser chamado de guerreiro!"

Em uma ocasião, durante um retiro na floresta, ele não saiu para comer por vários dias, o que chamou a atenção dos aldeões. O chefe da aldeia chegou a tocar o gongo para reunir os moradores para irem vê-lo. Eles o encontraram bem, mas muito magro e pálido. Ele narrou o acontecimento:

"Até os moradores saíram de casa e foram olhar. Eu mesmo ainda não sabia que já tinha morrido, mas parece que os aldeões decidiram que sim. Eles tocaram o gongo para reunir os moradores: 'O que vocês acham? Alguém tem alguma opinião? Este monge que está aqui em nossa aldeia há vários meses, desde quando chegou não o vemos pedir esmola por seis ou sete dias, só então ele desce da montanha e logo desaparece em seguida. Está sempre desaparecido desse jeito. Será que não morreu? Nós comemos três ou quatro refeições por dia e ainda brigamos. Brigamos porque não temos o que comer, não queremos comer arroz puro, então brigamos. Mas ele não come nada – será que morreu?'

O chefe da aldeia perguntou aos moradores: "Se não morreu, está com raiva?[35] Vamos lá ver. Desde que nasci, nunca vi um monge que não come.' Ele disse isso. 'Nunca vi um monge que não come, essa é a primeira vez. Vamos lá perguntar a ele, mas há uma condição.' O chefe era inteligente ao falar. 'Quando formos, tenham cuidado. Este monge não é um monge comum, disseram que ele é um *mahā*. Se não tivermos cuidado, ele vai dar bronca na gente.[36] Não dá para ir conversar à toa, senão, vamos levar bronca. Tenham cuidado. Se fosse um monge comum, poderíamos conversar sobre qualquer coisa, mas ele é um *mahā*. É assim que eles fazem. Não podemos falar de qualquer jeito, senão ele vai nos dar bronca.' Ele alertou os moradores.

Quando chegaram, levaram bronca de verdade. Eu disse:

'Que diabos é isso? Para quê toda essa gente? Vieram fazer uma procissão para o Príncipe Vessantara entrar na cidade? Eu não sou o Príncipe Vessantara.'[37]

'Não, não.'

35 Num modo de falar popular, significa 'está com raiva da vida', 'deprimido'.

36 Talvez se refira à percepção que algumas têm de que monges eruditos são arrogantes e olham com desdém às demais pessoas.

37 Se refere a um trecho de uma jākata, que são história de vidas passadas do Buddha.

'Então, por que vieram?'

Eles explicaram, havia dois pontos. Um era: 'Não morreu? Se não morreu, está com raiva?' Perguntaram. Quando terminaram de falar, eu tinha dois pontos a responder.

Então perguntei: "E aí, estou morto?'

'É, parece que não morreu, está sorridente e feliz. Não há nada que indique que esteja morto.'

'E como é, estou com raiva ou não?'

'Não parece ter raiva. Está sorrindo o tempo todo.'

'Bom, entendam, eu jejuo não para me matar, mas para matar as kilesas, que são difíceis de matar. As kilesas estão no coração, e tenho que usar o jejum para ajudar. E a raiva também é uma kilesa. Que benefício haveria ficar com raiva? E então, era só isso?'

'Só isso.'

'Então podem ir embora.'

A conversa não durou nem 10 minutos, e logo mandei eles embora!"

Sobre jejum, certa vez, quando estava praticando em reclusão perto de certo vilarejo, um leigo veio exibir seu conhecimento perante ele. Esse leigo havia sido monge por vários anos e tinha diploma de Nakthamm 3 (o nível mais básico), e portanto estava bastante familiarizado com a vida monástica. Ele viu que o monge jejuava por muitos dias e sentiu-se incomodado, dizendo que isso não trazia nenhum benefício, apenas causava sofrimento e perda de tempo. Um dia, ele mencionou a biografia do Buddha para "ensinar" a Ajaan Mahā Bua:

"Por que o senhor jejua? Sei pela biografia do Buddha que ele jejuou por 49 dias e ainda não atingiu a iluminação. Então, por que o senhor jejua? Acha que isso o levará à iluminação?"

Ajaan Mahā Bua já sabia a resposta para essa questão pois ele também havia estudado as escrituras e sabia que o Buddha permitia que os monges jejuassem para auxiliar na prática de meditação. Mas se eles o fizessem para se exibirem, estariam quebrando a regra monástica. Se o jejum fosse sem razão, ou seja, apenas jejuar sem relação com a prática da meditação, isso sim não traria nenhum benefício, apenas sofrimento e perda de tempo.

Já o jejum dele tinha o propósito permitido pelos textos, porque ele observou que sua característica era adequada ao jejum, pois isso ajudava sua meditação a progredir mais rapidamente do que quando comia normalmente. Ele ponderou cuidadosamente e viu os resultados por si mesmo. É por isso que permanecia firme usando esse método para a ajudar sua meditação e, mesmo que alguém criticasse, não vacilava ou mudava de ideia.

Seu hábito era achar que longas explicações eram uma perda de tempo. Por essa razão, ele gostava de responder com frases curtas para que as pessoas pudessem refletir e entender por si mesmas. Nessa ocasião, para esse leigo, ele disse:

"E você leigo, come todos os dias?"

"Sim, como todos os dias. Eu não jejuo."

Então, ele lançou a pergunta ao leigo que se considerava um grande conhecedor das escrituras budistas:

"E aí, atingiu a iluminação???"

Lugares assustadores

Outro aspecto de seu caráter guerreiro era que mesmo quando um método de prática o fizesse sofrer imensamente, se o resultado fosse um maior avanço, ele se esforçava em aguentar, lutar, até superá-lo. Ele disse uma vez aos monges e noviços:

"Minha natureza é um tanto rústica. Pode-se dizer que sou uma pessoa rústica. Vivendo em um lugar normal, minha diligência não era muito boa, e os resultados esperados não apareciam tanto. Mas em certos lugares, o Dhamma dentro da mente só melhorava. Por isso, sempre buscava lugares assustadores. Embora tivesse medo, os benefícios que surgiam desse medo eram imensos e maravilhosos. Por isso, era necessário que arriscasse a vida para praticar o Dhamma."

Sendo assim, ele costumava usar o estratagema de treinar a mente praticando em cemitérios selvagens, onde pessoas eram cremadas ou enterradas. Outras vezes, morava em cavernas, em encostas rochosas, em matas densas onde viviam elefantes, ursos, tigres ou outros animais perigosos. Tomava esses animais como professores. Ele se retirava para lugares onde tigres costumavam passar ou viver nas proximidades. Num local como esse, não importa onde ele caminhasse ou sentasse, sentia medo o tempo todo de que eles estivessem por perto ou que pudessem vir atacá-lo. Ele falou sobre esses lugares:

"Era realmente assustador. De dia, sentia medo, a qualquer hora, sentia medo. Ainda mais à noite, a mente ficava ainda mais decidida a sentir medo. Sentava com medo. Praticava meditação andando à noite, na calada da noite. Andava, mesmo morrendo de medo."

Ele narrou a vez em que foi treinar a si mesmo em uma floresta de tigres: "Na floresta e nas montanhas, ficamos agitados. Antigamente, era uma floresta cheia de animais e tigres selvagens de verdade. Ao entrar por aqui, já era floresta, já havia animais. Havia veados, esquilos, macacos, javalis. Mais fundo, havia cervos, elefantes, tigres. Tigres estavam por toda parte. Onde havia animais, havia tigres. Estavam por toda parte.

"Às vezes, vinha o som do tigre 'awooo', 'awooo', ao lado da trilha de meditação. Oh, o som do tigre não é como uma canção. Com um tigre ali, pronto para arrancar sua cabeça, quem consegue ser negligente? O som 'awooo' vinha do lado, e eu não sabia há quanto tempo ele estava ali. O tigre fazia 'awooo' no seu próprio idioma, mas depois o som parava. Aí é que ficava muito assustador, porque não tinha como saber de que lado ele viria. Se eu ouvisse o som dele é porque ainda estava ali, e já não era tão mau. Mas quando o som parava, eu não tinha como saber de onde ele viria.

Eu realmente ia para lutar contra minhas tendências. Não era brincadeira, só ia a locais de luta. A floresta era uma floresta de tigres. À noite, quando praticava meditação andando, não era brincadeira. E ainda por cima o som do tigre! Eu dormia em uma plataforma de bambu. De manhã, via as pegadas dele passando por ali e se afastando. Como eu havia varrido tudo, quando ele passava por ali, as pegadas ficavam marcadas no chão. 'Oh, chegou o tigre!' Não sabia quando havia passado, só que não se interessou por mim – apenas passou por ali. Isso mostra que ele não se interessou por mim, seguiu seu próprio caminho.

Eu sabia. Se ele andasse ao meu redor, era porque estava interessado. Se ele se interessasse, ele poderia fazer o que quisesse, poderia me comer. Mas isso não aconteceu. Eu nunca vi um tigre de verdade na floresta, mas o som deles estava por toda parte, rugindo e rugindo. Oh, meus pelos se arrepiavam como se quisessem decolar, como um foguete. Acontecia por si só. Não sei se era medo ou não, mas meus pelos se arrepiavam e a mente se retraía, voltava para si.

Suponhamos que eu estivesse recitando 'Buddho', a mente se fixava em 'Buddho' e não pensava no tigre. Esse pensamento de tigre iria buscar perigo, buscar emoções negativas como o medo, e isso seria um perigo. Eu tinha que pensar assim para não deixar a mente divagar. Ela girava sem parar. Era assim."

Ele disse que, a partir de então, usou o medo como mestre ou estratagema para treinar a mente a ser racional. Como ele narrou:

"Quando o medo começou a aumentar, sati começou a se fixar. Ou seja, a mente estava estritamente proibida, ou forçada, a não se mover do ponto desejado. Por exemplo, se recitava 'Buddho, Buddho...', devia permanecer apenas com essa recitação. Não importa se viveria ou morreria, tigre, elefante, ou qualquer animal perigoso, não devia pensar ou me preocupar com nada. Devia apenas focar na recitação.

Isso se refere ao estágio inicial da meditação, que requer a recitação. Quanto mais medo se tem, mais a mente se apega à recitação, sem se desviar. O objetivo é morrer com o Dhamma. Não permitir que a mente vá para o medo. Qual Dhamma? O mantra é o nosso ensinamento do Dhamma."

"O verdadeiro Dhamma aparecerá na mente, a mente que está ali recitando, é ali que o poder do Dhamma se acumula, muito ou pouco, de acordo com o tamanho do nosso esforço. Fixar a mente na recitação, forçando-a a não se desviar para estados mentais nocivos, medo e ansiedade. Fazê-la permanecer apenas na recitação, de forma contínua – é assim que se acumula o poder do Dhamma dentro da mente, fortalecendo-a cada vez mais. Finalmente, essa mente se tornará firme como uma rocha ou uma montanha. Então, o que antes era medo, o que antes pensávamos ser assustador, não causará mais medo.

Ora! Pode pensar até o mundo acabar. Há alguma coisa que cause medo à mente, qualquer coisa? Não há nada. Ouça! Quando a mente atinge o estágio de *Attā hi attano nātho*, em que ela sabe cuidar de si mesma, é assim que ela cuida; é assim que se torna um refúgio em si mesma; é assim que se vive consigo mesmo com firmeza e estabilidade. Isso é algo que não esqueço em minha vida e prática, e isso ocorreu graças a viver num desses lugares assustadores."

Seus períodos em reclusão o fizeram ouvir muitas histórias estranhas sobre animais selvagens. Por exemplo, ele contou sobre uma luta entre um tigre e um javali. Ambos foram encontrados mortos próximos um do outro. O javali estava completamente estraçalhado, enquanto o tigre tinha o abdômen perfurado. Isso aconteceu porque eles se encontraram de repente em uma passagem estreita na montanha:

"Era uma ravina que descia. A montanha tinha uma passagem estreita. Do outro lado da montanha, havia uma passagem estreita que descia. Aconteceu que o javali subia por essa passagem. Era um javali grande. O tigre descia por aquela passagem e se encontraram bem no meio, e lutaram. Veja, ambos

morreram. O javali morreu no local. O tigre rastejou e morreu um pouco mais acima. Ambos morreram. Lutaram usando suas respectivas forças e poderes. Isso aconteceu num lugar apertado, e nenhum dos dois recuou, então lutaram.

No final, ambos morreram. O javali morreu no local. Quanto ao tigre, rastejou um pouco e logo morreu ali. O abdômen estava completamente perfurado. Os intestinos estavam espalhados. Quanto ao javali, seu corpo estava completamente estraçalhado. O tigre o mordeu. O tigre também tinha o abdômen perfurado – o javali o cortou com suas presas, é assim que ele faz. Se ele ataca assim, não é fácil escapar. Ele ataca com suas presas o tempo todo. No final também morreu – eles não recuam facilmente.

O tigre só conseguia morder quando o javali estava distraído. Se fosse um javali grande e solitário, eu saberia dizer pelo som que fazia quando ele passava pela floresta. Me parece que os javalis não sentem medo de nada porque andam fazendo barulho alto, 'boom, boom, boom', sem se preocupar em fazer silêncio. Ainda mais quando andam em grupo, fazem um barulho muito alto."

Apego à mente pacífica

Voltando à intensa prática de meditação de Ajaan Mahā Bua durante seu décimo *vassa*, o resultado foi que seu samādhi se tornou muito firme e estável, como segue:

"A mente progredia continuamente. O samādhi era tão firme e estável que podia permanecer nele por quantas horas quisesse, e isso era uma felicidade imensa pois a mente não ficava confusa nem se irritava, já não queria se envolver com nenhuma confusão.

Os olhos não queriam ver, os ouvidos não queriam ouvir, pois era um incômodo perturbando a mente sem propósito. No entanto, sentia prazer e satisfação na mente absorta em um único objeto, permanecendo firme assim. É justamente isso que me fez ficar apegado a ponto de, no final, pensar que esse conhecimento proeminente era o próprio Nibbāna. Estava tão obcecado que pensei que era o Nibbāna. Na verdade, era apenas samādhi. Pode-se praticar isso até o dia da morte se quiser – continua não sendo nada além de samādhi e apego a samādhi."

Ele permaneceu apegado a esse samādhi por cinco anos inteiros, sem avançar para o estágio da sabedoria que elimina completamente as kilesas. Sobre esse período em que continuava apegado ao samādhi, ele falou com gratidão sobre Ajaan Man:

"Se não fosse por Ajaan Man, que me puxou e me arrastou para fora, eu teria ficado preso no samādhi até o dia da minha morte. Mesmo assim não cedi facilmente. Pelo contrário, ainda discuti e argumentei com Ajaan Man a ponto de perder a calma, a ponto de todos os monges do templo se juntarem sob a cabana para ouvir meu debate com Ajaan Man."

Ele não discutiu com o mestre por arrogância ou para se exibir. Era uma discussão baseada em sua compreensão e convicção de que aquilo era algo verdadeiro para ele. Já Ajaan Man enxergava uma outra verdade. Era, portanto, uma discussão em busca da verdadeira razão e princípios corretos. Mas, no final, ele se rendeu à razão e à sabedoria perspicaz de seu mestre. A discussão em busca da verdade naquela ocasião, começou com uma pergunta de Ajaan Man:

"Mahā, sua mente está bem?"

O discípulo respondeu: "Sim senhor, está bem, está em paz."

"E você vai ficar dormindo desse jeito como se estivesse morto!?" O mestre perguntou com uma expressão séria e decidida, preparado a chegar às últimas consequências. Então disse:

"Você sabe? A felicidade do samādhi é como um fiapo de carne preso nos dentes. Você sabe? O samādhi é como um fiapo de carne preso nos dentes. Que felicidade tem isso? Fiapo de carne preso nos dentes, sabe, sabe?"

E continuou sua admoestação: "Você sabe que samādhi por completo, é toda a causa do sofrimento? Você sabe disso?"

O discípulo argumentou imediatamente: "Se samādhi é a causa do sofrimento, onde então fica sammā-samādhi?"

O mestre respondeu: "Sammā-samādhi não é samādhi de defunto, deitado morto como você. O samādhi do Buddha é um samādhi que conhece samādhi, e sabedoria que conhece sabedoria. Mas você aqui está tomando o samādhi como se fosse Nibbāna. Ficou doido com samādhi. É esse samādhi de defunto que você está chamando de sammā-samādhi? Vamos, responda!"

Desta vez, o discípulo finalmente cedeu e se prostrou perante o mestre, pois enxergou com clareza que ele tinha razão.

Em seu décimo segundo ano de ordenação, ele precisou ir a Udon Thani para resolver alguns assuntos. Depois de um tempo lá, enquanto estava passando pelo mercado, de repente uma jovem de cerca de 17 ou 18 anos se aproximou dele. Ela se ajoelhou e juntou as mãos em saudação, perguntando com uma voz que indicava familiaridade:

"Oh, Luang Pi[38], você já vai embora?"

Ele ficou um tanto surpreso, pensando: "Quem é essa? Como essa criança é tão ousada para me falar desse jeito no meio da multidão?"

Ele respondeu de maneira neutra: "Ainda não. Só estou indo ao mercado para resolver uns assuntos. De onde você é, senhorita?"

Ao ouvir essa pergunta, a jovem explodiu em gargalhadas, achando engraçado que o irmão mais velho, que havia se ordenado monge, estivesse longe de casa, na floresta, há tanto tempo que sequer reconhecia a própria irmã. Ela disse, ainda rindo:

"Veja só! Ele nem reconhece a própria irmã!"

A irmã disse isso e em seguida disse seu nome para ajudá-lo a se lembrar. Ele ficou em silêncio por um momento, e assim que se lembrou, também começou a rir.

"Oh, não te reconheci!"

A razão pela qual ele não reconheceu sua irmã era que ela tinha apenas cinco anos quando ele se ordenou. Desde então, ele esteve em vários lugares e só voltava para casa ocasionalmente. Quando seus irmãos e irmãs cresceram, ele não conseguia mais reconhecê-los.

Graças ao período de cinco anos em que permaneceu apegado a samādhi, sua mente já estava suficientemente firme. Se a comparássemos a uma refeição, diríamos que tinha todos os vegetais, carne, peixe e temperos completos. Podia-se fazer um curry, cozinhar, fritar. Mas ele apenas os deixava de molho, sem sequer cozinhar. Isso porque ele estava distraído demais achando que samādhi era na verdade Nibbāna. Ele estava ocupado demais comendo vegetais e ervas crus, pensando que era curry. Somente quando começou a trilhar o caminho da sabedoria é que de fato começou a 'cozinhar' utilizando todos os ingredientes:

"Ao escapar do samādhi, graças ao poder do Dhamma apimentado de Ajaan Man, comecei a investigar e peguei pesado. Quando investigava com sabedoria, ela fluía livre e rápida porque samādhi já estava pleno, como se todos os materiais para construir uma casa já estivessem prontos, só faltando a gente começar a juntar tudo em forma de uma casa. Se não o fazemos, eles permanecem apenas como pedaços de madeira à toa, sem utilidade.

Assim, o samādhi permanecia apenas samādhi daquele jeito. Se não fosse usado para desenvolver inteligência e sabedoria, não conseguiria servir de

38 Soa um pouco ofensivo porque ele já não era um garoto.

suporte para nada. Por isso tive que investigar da maneira que Ajaan Man indicou. Assim que ele apontou o caminho, comecei a caminhar. E assim que comecei a caminhar, passei a entender o que era o que. Conseguia cortar aquela kilesa, cortar esta kilesa, uma a uma. Me sentia desperto e alerta.

'Oh! Estive em samādhi, deitado como morto, por quantos anos e meses, sem obter nenhum resultado!?'

Desta vez, acelerei minha prática de sabedoria, ela girava dia e noite, sem freios. Mas minha natureza é impetuosa. Se eu vou em uma direção, vou apenas nessa direção. Quando comecei a trilhar o caminho da sabedoria, olhei com desdém o samādhi dizendo: 'É deitar morto à toa. Na verdade, samādhi é apenas um descanso para a mente.' Se olhar de verdade, era assim mesmo, mas aí dei meia volta e comecei a criticar o samādhi, dizendo 'Fiquei dormindo feito um defunto à toa, não sei por quantos anos, sem desenvolver sabedoria.'"

Normalmente, Ajaan Man falava com ele num tom normal, como um pai conversando com um filho. Mas quando se tratava de meditação, ele não falava de forma comum. Falava sério, em tom decisivo e sem rodeios, o que se encaixava perfeitamente com a natureza impetuosa e resoluta de Ajaan Mahā Bua. Desta vez, foi o mesmo. Depois de ele se perder em investigações no desenvolvimento de sabedoria, a ponto de esquecer de dormir, Ajaan Man novamente precisou interferir. Luang Ta contou:

"Quando saí para o lado da sabedoria, puxa, refletia dia e noite, sem dormir. Já fazia duas ou três noites que não dormia. Minha mente girava sem parar, o dia todo.

'Aí está, ficou obcecado pelos sankhāras[39]', disse Ajaan Man.

Então argumentei com Ajaan Man: 'Se não refletir, não saberei.'

'Pois é, ficou obcecado pelos sankhāras. Obcecado e alucinado nos sankhāras...'

Num primeiro momento, Ajaan Mahā Bua não entendeu a frase "alucinado nos saṅkhāras" porque Ajaan Man não havia explicado o significado. O fez assim porque conhecia a natureza impetuosa de seu discípulo, e por isso lhe deu uma charada impetuosa. Somente depois de um tempo, Ajaan Mahā Bua compreendeu o significado:

"O que ele queria dizer, para ser mais preciso, é que, seja para eliminar as kilesas, para progredir no caminho, ou para eliminar a causa do sofrimento, é preciso usar essas formações mentais. Mas naquele momento estavam sendo usados em excesso, além da conta. Se transformaram em causa para

39 O agregado das formações mentais.

sofrimento. Elas devem ser usadas na medida certa, só assim se transformam no caminho que elimina as kilesas. Da forma como eu estava fazendo, já havia passado do limite, a ponto de não descansar ou dormir.

Por isso ele disse que estava alucinado nos sankhāras. Ou seja, esses sankhāras que fazem parte do caminho para eliminar as kilesas, também possuem a causa do sofrimento dentro de si. Eu não sabia disso. Já Ajaan Man, era superior, ele sabia, e acabei discutindo com ele.

Se eu não refletisse, não teria entendido esse ensinamento. 'Pois é, está obcecado com os sankhāras, está alucinado nos sankhāras.' Muito hábil, essa charada derrubou tudo. Ele não deixou sobrar nada, derrubou tudo para que eu voltasse a buscar novamente."

Nesse ponto, quando Ajaan Man lhe deu a charada que o fez refletir, ele pensou novamente e descobriu que:

"Estava me destruindo. Enquanto me esforçava ao máximo, me esqueci por completo da minha mente e me deixei obcecar pelas formações mentais. Então, tomei aquilo (que ele disse) e trouxe de volta para mim, para investigar. Pisei no freio com força.

De agora em diante, enquanto me esforçava ao máximo, se ficava cansado e exausto mas a mente não admitia parar e a sabedoria não recuava, eu puxava as rédeas, forçando-as a entrar em samādhi para descansar. Eu as forçava a voltar para dentro até que aceitassem permanecer com a recitação de 'Buddho', não permitindo que saíssem para trabalhar porque já havia passado do limite. Eu puxava de volta, para que ficassem com a calma, quer dizer, em samādhi. O samādhi já estava pleno, só que não estava sendo utilizado, eu achava que samādhi era como ficar deitado feito defunto. Estava apegado a esse samādhi.

Então, a sabedoria girava mas ela também ia longe demais, então eu a puxava de volta. Quando a mente entrava em calma, era incrivelmente firme. Oh, é como se tivesse removido tudo, perfeitamente calma e tranquila. Mas, mesmo assim, tinha que controlá-la, caso contrário ela pulava para fora e começava a trabalhar novamente.

Quando voltava a trabalhar mais que a medida, tinha que controlá-la. Então consegui entender que após a mente entrar em repouso, ela ganha força e energia, e então pode sair para trabalhar. É como quando trabalhamos muito e ficamos exaustos. Então vamos descansar e dormir, ou vamos comer e depois descansar e dormir. Mesmo que isso use um tempo em que poderíamos estar trabalhando, fazemos esse sacrifício para acumular energia e continuar trabalhando em seguida.

Da mesma forma, minha mente podia se lançar ao trabalho, mas tinha que descansar para que ela tivesse energia para continuar trabalhando. Foi então que compreendi. Quando a mente sai em direção à sabedoria, oh! Eu lhes digo: vocês não vão encontrar sobre isso nos textos. Eu estudei (os textos) mais que suficiente, por isso tenho coragem de falar assim.

Ela sai perseguindo as kilesas. Não importa de que tipo elas sejam, a sabedoria se faz superior. Ela as persegue uma por uma, queimando-as continuamente. Acontece por si só. É por isso que eu estava tão absorto, sem descansar ou dormir. Estava absorto em matar as kilesas porque já tinha visto o perigo delas com todo o meu coração, a ponto de poder dizer: 'Se as kilesas não morrerem, eu morro.'"

Quando chegou nesse ponto, ele disse que via o perigo das kilesas com ainda mais intensidade. Ao mesmo tempo, via que o valor da libertação era tão importante quanto. Sendo assim, na luta mortal entre o Dhamma e as kilesas, nenhum dos dois jamais aceitaria a derrota:

"A mente se lançava. Só havia a opção da morte ou vitória, derrota não existia. Se perdesse, teria que ser carregado em uma maca. Não havia a opção de levantar as mãos e se render. Nos batíamos a esse ponto. Se eu começasse a praticar meditação andando, não sabia parar. Não me importava com tempo, calor ou o frio, não me importava. A mente ficava ali, não saía, não ia em direção ao céu ou à terra. Mesmo em direção ao corpo não saía nem uma única vez. Ela lutava por dentro, como um boxeador em combate corpo a corpo, num ringue fechado. Quem iria se importar com dor ou desconforto? Eu não me importava.

Então as kilesas entravam no ringue. O Dhamma e as kilesas lutavam no ringue. Era assim, giravam sem parar. Praticava meditação andando desde quando terminava de comer até a hora de varrer, ao final da tarde. Como conseguia caminhar tanto? Não percebia o tempo. Até que parava de caminhar e olhava o jarro d'água – quase morri, esqueci de beber água! Pulei e peguei o jarro e bebi. Oh, não conseguia beber rápido suficiente, logo engasguei. Quando estava lutando, não me importava com essas coisas. Mas quando parei e vi o jarro, oh, pulei nele! Já estava quase morto! Ah, era assim.

Não cheguei a rachar as solas dos pés[40], mas sentia como se estivessem queimando. Oh, era como se estivesse em chamas. Só percebi quando entrei para descansar. Enquanto praticava não sentia. Sob o sol, não sentia calor, não me importava com o sol ou a chuva. Ainda assim nunca pratiquei

40 Nos suttas há descrições de monges praticando meditação andando até os pés sangrarem.

meditação andando debaixo de chuva, mas já fiz sob o sol. Pegava um pano de banho, dobrava ao meio e o amarrava na cabeça, amarrava no queixo, deixando apenas os olhos à mostra. Praticava meditação andando ao ar livre, em campos e montanhas, bem ali, não tinha sombra alguma. Dane-se se houvesse sombra ou não, eu batalhava, conseguia fazer. Não me importava com o calor ou o frio, porque a luta era intensa dentro da mente.

E não praticava andando assim só uma ou duas vezes, era sempre assim. Assim que entrava na área de meditação andando, não havia a noção de hora ou minuto para me incomodar, havia apenas a luta acontecendo por dentro, girando sem parar, e eu caminhando. Caminhava por lá, mas por dentro o trabalho não parava. Ia cambaleando mas não parava. Caminhava hoje e caminhava amanhã, vários dias seguidos, praticava meditação andando e não sabia parar, não sabia de cansaço ou qualquer outra coisa, porque a mente girava sem parar.

Com relação aos métodos de investigação e sabedoria que praticou nessa época, ele sempre os mencionava ao ensinar monges e noviços. Enfatizava muito esses ensinamentos, especialmente para os monges, porque queria que soubessem como refletir e encontrar a paz interior:

"Intensifiquei minha prática de sabedoria, foquei no corpo primeiro, em *asubha*[41]. Isso é muito importante, muito importante mesmo. A investigação de *asubha* progredia com agilidade e firmeza. Onde quer que olhasse, meu olhar atravessava tudo, fosse mulher ou homem, jovem ou velho. Ora, falando abertamente, nem precisava ser mulheres velhas, mesmo que houvesse só mulheres jovens numa multidão, eu podia entrar lá sem que surgisse nenhum desejo. Essa é a firmeza da mente, que vem da contemplação de *asubha*.

Olhava as pessoas como apenas pele cobrindo ossos, apenas carne exposta e pele por toda parte. Onde tem beleza nisso? Como o poder da contemplação de *asubha* estava forte, não importava qual corpo eu via, era tudo igual. Sendo assim, de onde viria a beleza para construir deleite ou desejo? Por isso teria coragem de entrar em meio às pessoas. Ora! Mulheres jovens e bonitas, pode-se entrar lá entre elas sem problema algum quando a mente está firme, porque pode confiar em sua própria fortaleza.

Mas essa coragem não é o caminho que leva a mente a abandonar o desejo sexual. Por isso critiquei a mim mesmo quando essa sensação passou, porque essa coragem era também um tipo de loucura. Mas quando se está praticando, está correto dentro daquele contexto, porque é assim que se

41 Investigação do aspecto repulsivo do corpo.

pratica. É como quando fazemos uma refeição e ficamos satisfeitos. Certo ou errado, é assim que se manifesta."

Fim do desejo por forma física

Ajaan Mahā Bua continuou sua investigação até que o desejo não aparecesse mais em sua mente. Foi desaparecendo pouco a pouco, até simplesmente sumir, sem um sinal claro do motivo, tempo ou lugar, sem dar uma sensação de certeza de que o desejo e a luxúria por formas masculinas e femininas haviam desaparecido por completo. Por isso, ele decidiu investigar novamente. Esse desaparecimento silencioso não era aceitável, porque a mente dele não o aceitava.

"Se desaparecesse, teria que ser evidente que desapareceu e o que levou a desaparecer – desapareceu naquele momento, desapareceu naquele lugar. Teria que ser percebível em que momento ocorreu. Por isso, a mente tinha que voltar a refletir e buscar vários métodos para resolver esse problema. Se desapareceu de verdade, porque não é visível que desapareceu nesse ou naquele exato momento?

Quando via uma forma, a atravessava por completo, via carne e ossos por todo o corpo. Não via mulheres bonitas ou pessoas bonitas porque o poder do *asubha* era forte. Só via tudo como um monte de ossos. Quando a mente está assim, como conseguiria construir desejo ou deleite? Sendo assim, busquei uma nova estratégia.

Esse desejo desapareceu sem deixar vestígios, em que momento e por qual estratagema ele desapareceu? Por que não se manifestou claramente? Então, mudei minha investigação novamente. Desta vez, tomei *subha* (a percepção da beleza) e forcei a mente a contemplar. De antes enxergar apenas carne ossos, obriguei a mente a vestir a pele novamente e olhar até que enxergasse beleza. Eu tinha que obrigar a mente a fazer, caso contrário ela pulava de volta para *asubha* imediatamente, porque já estava proficiente nisso. Por isso, forcei a pele a cobrir os ossos e a torná-los bonitos e atraentes, e fixei aquela imagem dentro de mim. Este era o meu método de investigação. Ao praticar meditação andando, fazia com que a beleza da forma se fixasse dentro de mim enquanto andava para lá e para cá.

'Não importa quanto tempo leve, se ele (o desejo) ainda está presente, cedo ou tarde vai aparecer. Se já não está presente, então que haja um sinal claro de que já se foi.'"

Depois de praticar esse método por quatro dias inteiros, o desejo não se manifestou de forma alguma. Nesse ponto, Ajaan Mahā Bua disse: "Mesmo

quando confrontado com o mais belo corpo, o desejo não se mostrava. A mente queria apenas atravessar a pele que cobria os ossos, mas eu a obrigava a permanecer na pele. Na quarta noite, as lágrimas escorreram, a mente disse: 'Eu me rendo, não quero mais.' Ou seja, não sentia mais deleite, disse: 'Eu me rendo.' Mas o lado da investigação respondeu: 'Rendeu o que? Se rendeu-se por completo, deixe-me ver que acabou por completo. Render-se assim não é aceitável. Render-se com truques eu não aceito.'"

Continuei a contemplação, a fixar minha mente em todos os aspectos. Fixava em todos os aspectos que poderiam dar surgimento ao desejo ou deleite, esperando para ver. Quando o desejo surgisse, pegaria sua manifestação para investigar e então eliminá-lo. À medida que se aprofundava a noite, investigava mais e mais, mas não investigava *asubha*. Naquele momento, investigava apenas sobre *subha*. Fiz por quatro dias inteiros porque queria encontrar uma maneira de testar a verdade até enxergar.

Depois de cerca das dez ou onze horas da noite, na quarta noite, senti uma agitação, como se o desejo estivesse por surgir pelas formas belas que ele havia fixado em minha mente durante aquele período. Havia uma agitação estranha. Sati estava presente, pois estava sempre presente. Assim que a agitação surgia, fixei nela ainda mais, continuamente.

'Isso é uma agitação, não é? O ladrão escondido será pego aqui. Está vendo? Como assim ele desapareceu? Se desapareceu de verdade, por que isso está acontecendo?'

Intensifiquei mais e mais e vi que o que chamei de 'agitação' era apenas uma manifestação da mente, uma pequena manifestação. Não fazia com que os órgãos físicos se movessem. Acontecia dentro da mente. Ao intensificar (a contemplação da beleza), a agitação se manifestava, confirmando que 'Ah, ainda não acabou. Se ainda não acabou, como devo praticar?'

Então tive que praticar com um novo método, trocando os objetos de meditação. Isso porque nunca havia trilhado esse caminho antes e não sabia como prosseguir. Por isso, era muito difícil praticar. Quando focava em *asubha*, *subha* desaparecia imediatamente. Desaparecia muito rapidamente, por causa da proficiência da mente na contemplação de *asubha*.

Quando focava em *asubha*, tudo se tornava imediatamente um monte de ossos. Em vez disso, tinha que focar em *subha*, na beleza. Alternava entre eles. Levou muito tempo, porque nunca havia trilhado esse caminho. Não entendia, então tive que testar com vários métodos até ter certeza. Só então poderia decidir por um caminho."

Assim foi o momento final que o fez enxergar a verdade, depois de experimentar focando em *asubha* e *subha* alternadamente:

"Quando chegou a hora de conhecer a verdade, sentei-me e trouxe *asubha* à frente. A mente fixou em *asubha* para que essa imagem permanecesse imóvel, sem se mover ou mudar de forma alguma. Ou seja, fixou para que permanecesse firme ali, quer fosse a pele cobrindo ossos ou pele completamente removida, restando apenas ossos. A mente então observa com sati e foco firme, com curiosidade:

'Para onde irá? Este monte de *asubha* se moverá ou mudará?' Não importa como focasse, ela permanecia ali, devido à proficiência da mente. Se não decidisse destruí-la, ela não desaparecia, eu não deixava desaparecer. Se eu decidisse destruir, ela desaparecia imediatamente, devido à velocidade da sabedoria. Mas aqui, não destruí. Foquei ali para praticar e testar, a fim de encontrar a verdade e ter certeza.

Conforme focava minha mente ali, a imagem de *asubha* que estava à minha frente foi engolida pela mente, absorvida pela mente. No final, entendi que a própria mente era o *asubha*. A mente que focava em *asubha* o engoliu e o absorveu, e ela se tornou *subha* e *asubha*. Era ela quem enganava a si mesma. A mente então o soltou imediatamente, largou do *asubha* externo, pois agora ela compreendia. Uma vez que eram distintos, tinha que ser assim.

Isso era uma questão da mente, que criava imagens para enganar a si mesma, assustando-se com sua própria sombra. Aquela imagem não era luxúria, não era raiva, não era ignorância. A própria mente era a luxúria, a raiva e a ignorância. Agora, quando a mente compreendeu isso claramente, ela abandonou aquilo e voltou para dentro. Quando a mente emergiu novamente, soube que na verdade era apenas isso que estava se manifestando. Então, a imagem de *asubha* apareceu dentro da mente exclusivamente.

Foquei dentro da mente, contemplei dentro da mente: 'Isso não é desejo, é algo muito distinto!' A luxúria mundana havia desaparecido, compreendi claramente que elas tinham que se separar assim, ou seja, a decisão havia sido tomada, já havia compreendido. Então, a imagem apareceu dentro da mente e foquei ali. Quando fixei ali, soube claramente que a imagem interna também surgia da mente. Quando ela desaparecia, desaparecia ali mesmo, não em outro lugar.

Quando focava, desaparecia. Não demorava muito para desaparecer. Depois, foi como um raio – assim que focava, ela aparecia como imagem e desaparecia imediatamente em seguida. Então não podia mais transformá-las

em *subha* ou *asubha*, devido à velocidade do surgimento e desaparecimento. Assim que aparecia, desaparecia imediatamente. Depois disso, as imagens na mente desapareceram completamente. A mente se tornou vazia. Quanto ao *asubha* externo, já havia desaparecido antes, desde o momento em que foi engolido pela mente. Ela largou o *asubha* externo imediatamente. Formas, sons, cheiros, sabores, tudo externo, ela soltou completamente. Porque era isso que me estava enganando. Quando compreendeu isso claramente, não havia mais problemas. Ela compreendeu imediatamente e soltou tudo externamente."

Ele continuou a narrar a maravilha que surgiu em sua mente naquele momento:

"Depois que as imagens internas desapareceram completamente, a mente ficou vazia. Tudo estava vazio agora. Ao observar qualquer coisa, tudo era vazio. Ao olhar para árvores, montanhas, edifícios e casas, via apenas formas indistintas, como sombras. Mas, na maioria das vezes, a mente penetrava tudo, tudo estava completamente vazio. Mesmo ao olhar para meu próprio corpo, via apenas sombras. Já a mente verdadeira penetrava tudo, tudo estava completamente vazio, a ponto de eu exclamar no coração:

'Oh, a mente é vazia a esse ponto! Vazia o tempo todo. Nada passa pela mente.'

Embora estivesse vazia desse jeito, ela ainda criava imagens como uma forma de treinamento. Não importa que imagem criássemos, era um treinamento para a mente se aprofundar no vazio. Até que, em um piscar de olhos, tudo se esvaziava novamente. Assim que uma imagem surgia, desaparecia imediatamente.

Nesse momento, quando a mente estava completamente vazia, esse conhecimento se tornou incrivelmente firme. Ou seja, formas, sensações, percepções, formações mentais e consciência, tudo foi compreendido por completo, tudo foi abandonado, não sobrou nada a não ser a ciência. Havia um apego, uma conexão sutil e profunda que é difícil de descrever com precisão. Havia uma absorção nesse único ponto de ciência.

Quando qualquer manifestação surgia, desaparecia imediatamente, e estava ciente disso. Sati e sabedoria nesse estágio, se fosse na época de Buddha, seriam chamadas de 'mahā-sati' (sati suprema) e 'mahā-paññā' (sabedoria suprema). Mas, hoje em dia, não me atrevo a usar esses termos, então digo sati e sabedoria automáticas. Esse nome está de acordo com o trabalho que realizaram, é um nome adequado, não é necessário dar-lhes um nome ou título mais elevado do que esse. Não se desvia da verdade que se mostrou

dessa maneira. Essa mente então se tornou proeminente e essa proeminência iluminava tudo."

Ajaan Man conta sua experiência

Depois que a mente permaneceu absorta por muitas horas, ela gradualmente se retirou. Quando ele olhou as árvores, as montanhas, as cabanas e o salão de Dhamma, não viu nada. Tudo estava vazio. Mesmo ao abrir os olhos, via apenas formas indistintas, e tudo estava vazio. Os olhos viam os objetos como formas e sombras, mas em sua maioria a mente penetrava tudo e via tudo completamente vazio, a ponto de ser maravilhoso. Então, ele contou isso a Ajaan Man, que imediatamente exclamou com firmeza e intensidade:

"Ah! Correto! Apropriado! Você testemunhou, agora você tem uma fundação! É assim mesmo. Comigo foi na caverna Sarika, foi assim como com o Tahn Mahā aqui. Quando se leva ao extremo, se obtém o resultado!"

Então, ali naquele salão de Wat Nong Phue, Ajaan Man narrou a maravilha que surgiu em sua mente, quando estava na caverna Sarika, em Nakhon Nayok. Luang Ta narrou o relato dele da seguinte forma:

"Ele estava na caverna Sarika. Naquele momento, estava sofrendo. É assim que as pessoas, quando estão realmente encurraladas, aprendem a improvisar. A sabedoria surge por si mesma. Com ele também foi assim. Ele tinha uma doença estomacal. Tinha um remédio que costumava aliviar a dor por um tempo. E ele foi para a caverna Sarika.

Ele tinha um remédio de ervas ali consigo. As pessoas já haviam lhe dito antes dele subir para a caverna: 'Quatro monges já morreram nesta caverna', e perguntaram: 'Você vai ser o quinto a morrer?' Eles avisaram, mas ele não deu ouvidos. Disse que o levassem para a caverna. 'Você vai ser o quinto a morrer?' Foi o que disseram.

'Oh, que nada,' ele disse, 'só vou olhar para ver se é apropriado ficar ali ou não.' Ouça só como ele falou humildemente. 'Se for apropriado ficar, ficarei. Se não for, desço. Vou olhar primeiro.' Em sua mente, ele não pensava assim. Ele pensava: 'E por acaso existe algum lugar onde a morte não nos alcance?' Caverna ou não, todos morrem. Há cemitérios por toda parte.' Era isso que pensava em sua mente, mas quando falou, apenas disse: 'Vou ver primeiro. Se for apropriado ficar, ficarei. Se não for, desço.' Ele falou assim. Ficando lá, a doença piorou muito. 'Eu serei o quinto a morrer, de verdade? Ora, se é para ser cinco, então que sejam cinco!' Ele não recuou. 'Ora, se é para ser cinco, então que sejam cinco!' Pensou assim. Não havia remédio para tomar. Ele disse que o remédio que tinha em mãos, jogou na floresta.

'Qual o problema? Se for para ser, que seja. Se for para morrer, que morra!'

Ele ferveu o remédio, mas mudou de ideia e jogou na floresta, jogou tudo para fora da caverna. A caverna era pequena, eu fui olhar. Onde ele disse, eu fui ver.

Naquele momento, quando a situação se tornou séria, a dor ficou intensa. A dor se intensificava, e ele lutava. O sofrimento foi intenso.

'Ora, se viver, viverei; se morrer, morrerei! Que este campo de batalha seja meu cemitério. Aqui é o campo de batalha onde vou batalhar contra o sofrimento e a dor, contra as kilesas que causam agitação e confusão. Lutarei aqui mesmo. Se viver, viverei; se morrer, morrerei!'

Quando ele atingiu o ponto, tudo se desfez. Assim que a prática entrou nos eixos, tudo se desfez imediatamente. Todo o universo se extinguiu. Tudo ficou completamente iluminado. Não havia nada coberto ou escondido. Tudo ficou completamente iluminado.

Aí apareceu o tal espírito, que haviam dito iria matá-lo, carregando algo como uma barra de ferro para atacá-lo, como escrevi na biografia de Ajaan Man. Essa é a verdade. No seu vigésimo segundo ano como monge ele alcançou uma fundação inabalável, naquele dia. Embora as kilesas ainda existissem, o princípio do Dhamma havia entrado em seu coração e tornou-se inabalável. Acreditava firmemente no caminho para Nibbāna, se tornou corajoso e intrépido a partir daquele momento. Ele conquistou uma fundação importante na caverna Sarika."

Enquanto Ajaan Mahā Bua relatava sua experiência a Ajaan Man, sentia como se sua mente se expandisse. Ainda mais quando Ajaan Man bondosamente narrou sua própria história, um testemunho em primeira mão, seu coração se expandiu ainda mais com alegria e satisfação.

Depois desse encontro, se decidiu a aumentar seus esforços com a intenção de obter a mesma experiência maravilhosa novamente. Ele meditou intensamente por dois ou três dias, mas não obteve os mesmos resultados de antes. Então, foi conversar com Ajaan Man novamente e este o repreendeu severamente, dizendo:

"Você vai enlouquecer. Eu não ensino as pessoas para ficarem loucas. Quando acontece, acontece apenas uma vez. Comigo também só foi uma vez. Eu não sou louco. O que é essa loucura agora? Eu não ensino as pessoas para ficarem loucas. Aconteceu e passou. Por que se preocupar com isso? Reflita sobre o presente. O que tiver que ser, que seja. Tome o momento presente como parâmetro. Você tem ciência – no presente você tem ciência, não é? Para quê procurar em outro lugar?"

Em resumo, sobre seu método de investigar as Quatro Nobres Verdades, ele disse:

"A sabedoria tem muitos níveis, desde o nível de *asubha* até *aniccā* (impermanência), *dukkha* (sofrimento) e *anattā* (não-eu), possui tanto partes grosseiras, medianas e sutis. A sabedoria flui por toda parte. Por exemplo, o agregado da forma – que é visto como algo bonito, amável e desejável – esse é o entendimento das kilesas que nos engana desde tempos imemoriais, fazendo com que os seres do mundo se iludam e se apeguem, sem nunca se saciarem.

A sabedoria, então, deve penetrar ali, para resolver a questão do que se diz ser beleza. Onde está essa beleza? Olhe até enxergar. Mas quando se reflete, em qualquer lugar onde se vê beleza, ela não aparece, há apenas *asubha* por todo o corpo. Como poderia se opor à verdade? Ela terá que aceitar que não há beleza no corpo.

Quando se transcende o agregado da forma, geralmente se reflete sobre as três características, porque essas coisas não estão relacionadas a *subha* ou *asubha*, que se referem apenas ao corpo. São eles que dão significado e criam opiniões sobre diferentes coisas. Por isso, é preciso resolver a fixação na beleza, investigando *asubha*.

Quando esse nível está completo na mente, ou seja, quando a sabedoria é claramente evidente, ela solta tanto o *subha*, que entende que há beleza, quanto o *asubha*, que entende que não há beleza. Não temos interesse, não nos apegamos a nenhuma condição. Ficamos satisfeitos em contemplar de modo que transcendemos, passamos pelo caminho do meio, que é o nosso ponto de equilíbrio. Isso é o que se chama de sabedoria. Depois de conseguirmos passar, sobre o que refletimos? Sensações (vedanā), memória/percepção (saññā), formações mentais (saṅkhāra), consciência sensorial (viññāṇa). Esses são os agregados sutis, chamados de agregados imateriais (nāmakkhandha).

Quando contemplando os agregados imateriais em suas três características, ou seja, *aniccā*, *dukkha* e *anattā*, que haja destreza e clareza na mente. Não importa que aspecto lhe apareça mais claro ou mais fácil, qual mais lhe agrade, quer seja *aniccā*, *dukkha* ou *anattā*, use aquele para contemplar. Pode usar qualquer um porque eles todos estão interligados. Isso é o que se chama de sabedoria que compreende a verdade de todas as coisas. Então, ela abandona do mesmo jeito que abandonou a forma, que é o nosso corpo. E então, sensações, percepção, formações mentais e consciência, esses cinco agregados são apenas uma manifestação da mente, não a mente em si. O

praticante de meditação saberá por si mesmo, sem dúvidas. Isso é conhecido claramente e abandonamos de acordo com a verdade – isso se manifesta em sua verdade inerente."

Serviço ao mestre

Luang Ta contou sobre seus hábitos de meditação, citando os acontecimentos da época em que estava no Wat Baan Nong Phue:

"Quando eu estava em Baan Nong Phue, eu não praticava meditação andando onde meus colegas pudessem ver. Eu tinha que esperar até as 22:00 ou 23:00, quando todos tivessem se recolhido – só então eu saía de minha cabana para praticar meditação andando. Durante o dia, eu ia para a floresta. Se eu voltasse durante o dia, digamos às 17:00, eu ia para minha cabana e sentava em meditação até que todos meus colegas tivessem se recolhido, e só então ia para a área de meditação andando. Esse era o meu hábito desde o início. Eu não queria que ninguém soubesse o quanto eu me esforçava. Mas, é claro, todos sabiam. A trilha de meditação estava tão gasta que parecia uma vala.[42] Como não saberiam?"

Em relação às práticas ascéticas, mesmo durante seu tempo em Baan Nong Phue, ele continuou a ser rigoroso e resoluto, como segue:

"Onde quer que eu estivesse, eu me dedicava às práticas ascéticas, sem recuar. Eu me mantinha firme, sem permitir que elas fossem quebradas. Depois de receber as esmolas, eu (voltava para o mosteiro e) as organizava rapidamente (para partilhar com os demais monges). Eu pegava só um pouco, porque nunca fui de comer até encher a barriga. Durante o *vassa*, nunca enchia a barriga. Eu me limitava a comer apenas 60% ou 70% do que pensava seria o suficiente. Fazia assim porque morava com muitos colegas, e se eu jejuasse, seria inconveniente, uma vez que sempre havia algum trabalho comunitário a ser realizado. Eu me comportava como um pai em segredo, mas não deixava que notassem. Quero dizer, me esforçava para preservar a ordem do grupo no mosteiro. Eu não tinha muitos anos de senioridade, apenas cerca de dez, mas sentia que Ajaan Man, com compaixão, contava comigo para ajudar a cuidar dos monges e noviços em segredo.

Depois de voltar da esmola, organizava rapidamente o que tinha em minha tigela. Em seguida, separava rapidamente alguma comida para colocar na tigela de esmolas de Ajaan Man. Eu sabia e entendia qual tipo de comida era compatível com o corpo dele, então logo as separava. O que deveria ser

42 Ele caminhava tanto que a trilha de meditação se tornou um sulco profundo.

separado, o que deveria ser colocado, eu organizava rapidamente. Depois de terminar, me sentava em meu lugar. Meus olhos observavam, meus ouvidos ouviam, esperando para saber o que ele diria antes de começar a comer.

Depois que terminava de organizar minha tigela de esmolas, a colocava em um lugar protegido, ao lado da parede, perto do poste. Eu a cobria bem com uma tampa e com um pano de banho também, para que ninguém viesse mexer ou colocar comida na minha tigela. Naquela época, não deixava ninguém colocar comida na minha tigela. Eu havia dado instruções claras.

Mas quando Ajaan Man queria colocar comida em minha tigela, ele tinha seus próprios estratagemas. Quando eu terminava de organizar as coisas de Ajaan Man e me sentava em meu lugar, e Ajaan Man terminava de recitar as bênçãos, na hora de fazer a reflexão sobre os quatro requisitos[43], bem antes de começar a comer. Não sei em que ponto ele preparava a comida, mas logo pedia para colocar algo na minha tigela de esmolas – mas não o fazia repetidamente. Ele também sabia como eu estava praticando, compreendia minha intenção. Quando ele ia colocar, dizia:

'Tahn Mahā, por favor, aceite um pouco de esmola. Os leigos chegaram atrasados.'[44]

Assim que ele dizia isso, erguia a mão em minha direção e eu aproximava minha tigela. Estava bem em meio à reflexão sobre o propósito do alimento e não sabia o que fazer. Como eu tinha respeito por ele, tinha que ceder à sua bondade. Eu só aceitava comida dele. Ele só colocava de tempos em tempos. Em um *vassa*, ele fazia no máximo três ou quatro vezes. Ele não colocava repetidamente, porque era muito inteligente. Por isso, a palavra *mājjhimā* (o caminho do meio) podia ser atribuída a ele em todos os aspectos, sem que houvesse nada a criticar."

Em sua prática de cuidar de seu professor, Ajaan Mahā Bua se esforçava ao máximo, usando toda a sua atenção e inteligência, especialmente nos últimos cinco anos que ele passou com Ajaan Man em Baan Nong Phue.

Nesse assunto, Luang Pu La Khemmapatto, que também passou o *vassa* com Ajaan Man naquele período, narrou sobre o cuidado e a reverência que Luang Ta tinha por Ajaan Man:

43 Uma reflexão realizada antes de iniciar a refeição.

44 Ajaan Mahā Bua praticava só aceitar comida oferecida fora das dependências do mosteiro. Ajaan Man pedia que aceitasse um pouco da comida que os leigos trouxeram até o mosteiro, porque não conseguiram chegar a tempo de encontrar com os monges durante a ronda de esmolas.

"Na era de Baan Nong Phue, Venerável Ajaan Mahā era muito profundo em tudo que fazia. Luang Pu Man confiava nele mais do que em qualquer outro monge, em todos os assuntos. Se fosse para costurar um de seus mantos, ou todos os três, ou qualquer coisa que devesse ser guardada especialmente para Luang Pu, seja mantos, pertences, ou mesmo medicamentos, era tudo responsabilidade de Ajaan Mahā. Ele era quem instruía os monges sobre o significado oculto por trás (das palavras ou gestos) de Luang Pu Man. E Luang Pu Man não havia dito a Ajaan Mahā Bua que fizesse coisas para ajudá-lo, de maneira direta ou indireta, de forma profunda ou superficial. Ajaan Mahā (o fazia porque) o respeitava profundamente, por sua própria natureza."

Sobre a meticulosidade em observar e cuidar da alimentação de Ajaan Man, Luang Pu La também o elogiou, dizendo:

"Ajaan Mahā, quando vivia com Luang Pu Man, provavelmente desejava jejuar, mas tinha um raciocínio em seu coração: 'Eu sou um monge sênior e moro com ele. Observarei Ajaan Man e verei o quanto ele come por dia, quanto arroz e acompanhamentos ele come. Observarei diariamente para poder organizar corretamente aquilo que for oferecido de acordo com o Dhamma. Mesmo quando ele pegar uma comida de sua tigela de esmolas, eu saberei o que ele escolheu pegar, porque me preocupo muito com ele. Quando ele consegue comer um pouco, me sinto aliviado...'"

Sendo assim, quando surgiu a necessidade de pedir licença a Ajaan Man para ir a Udon Thani por um tempo, Ajaan Mahā Bua decidiu que depois de terminar seus assuntos, traria utensílios e alimentos de Udon Thani que fossem compatíveis com o agregado corporal de Ajaan Man. Ele observava constantemente até saber o que Ajaan Man podia comer sem problemas. Ele os colocava em cestos cheios e pedia aos noviços que preparassem um pequeno curry para oferecer a Ajaan Man diariamente, sem que Ajaan Man soubesse. Mais tarde, Ajaan Man soube e o proibiu, mas ainda assim, por respeito, amor e preocupação com o agregado corporal de seu mestre – que já estava muito idoso – ele procurava maneiras de preparar e oferecer coisas a Ajaan Man.

Ele sempre observava atentamente a alimentação, os medicamentos, as vestes e todos os pertences de Ajaan Man, com a máxima atenção e ponderação, a fim de proporcionar o máximo de conforto corporal ao mestre.

Jamais mediu seus esforços, ou deu mais importância ao cansaço, dificuldades e obstáculos, do que dava ao conforto de seu professor. Pode-se dizer que sempre que Ajaan Mahā Bua estava presente, seu Luang Pu Man podia se sentir tranquilo.

Ajaan Mahā Bua dedicava toda a sua atenção e sabedoria para cuidar e servir a Ajaan Man. No início, ele era sempre o primeiro a se aproximar para ajudar, mas com o tempo, Ajaan Man lhe disse:

"Um monge com muitos anos de ordenação não precisa se preocupar em ficar levando e trazendo coisas. Sendo um dos mais velhos, basta que você supervisione, e isso é suficiente."

A partir de então, ele passou a supervisionar e dar conselhos sobre vários assuntos: o que deveria ser feito, o que era apropriado fazer, o que deveria ser evitado e o que era apropriado evitar para não ser um incômodo nem ir contra os princípios do Dhamma. Além disso, ele também estabeleceu uma rotina e dividiu as tarefas, para que tudo fluísse de maneira harmoniosa e tranquila, com compreensão mútua baseada em razão e respeito adequado à senioridade de cada monge. Quem quer que fosse responsável por cuidar de algum dos pertences de Ajaan Man, deveria continuar a fazê-lo, sem interferências. Quanto a ele, ficava de pé na escada em frente à cabana de Ajaan Man, observando se os monges e noviços trabalhavam de maneira circunspecta.

Quando Ajaan Man não o via por dois ou três dias, costumava sempre perguntar aos monges:

"Tahn Mahā está?"

Os monges respondiam:

"Sim senhor, ele está lá embaixo."

Ajaan Man então ficava em silêncio. Após mais dois ou três dias sem vê-lo, ele perguntava novamente da mesma forma, e os monges davam a mesma resposta. Ele ficava em silêncio outra vez. Mesmo durante os períodos em que Ajaan Man estava doente, ele perguntava aos monges e noviços:

"O que Tahn Mahā decidiu? Eu estou muito doente, o que o Mahā decidiu?"

Os monges respondiam: "Ele já organizou todos os turnos de monges para cuidar do senhor."

Isto é, ele designava dois monges para ficarem no andar de cima, meditando sentados em silêncio, e dois monges no andar de baixo, fazendo meditação andando em silêncio. Quanto a ele, era quem supervisionava os turnos.

Ajaan Man depositava confiança nele, encarregando-o de distribuir os donativos e as oferendas conforme a necessidade dos monges e noviços do mosteiro. Sobre isso, Luang Ta uma vez contou:

"Quanto às coisas que eram doadas, Ajaan Man delegava tudo:

'Mahā, cuide dos monges e noviços', Ajaan Man dizia apenas isso e depois deixava tudo por minha conta. Quando as pessoas vinham fazer oferendas de grandes quantidades de tecidos para manto, era eu quem cuidava de tudo.

Se algum monge precisava de algo, se lhe faltava alguma coisa, eu providenciava. Para mim, eu não pegava nada. E quando eu não estava por perto, ele perguntava aos outros monges:

'O Mahā pegou alguma coisa para ele? Das coisas que foram doadas, que ele distribuiu aos monges e noviços, ele pegou algo?'

Os monges respondiam: 'Ele não pegou nada.'

Ele ficava em silêncio, impassível. Ele percebia tudo. Após considerar, ele sabia que eu fazia tudo com justiça. Eu não pegava nada para mim, a ponto de ele mesmo ter de me dar um dos seus cobertores. Onde mais se veria isso? Nunca vi. Foi porque ele notou que eu não usava cobertor, não importa quão frio estivesse, eu não usava. Eu era resoluto assim o tempo todo. Se ele me desse um cobertor novo, temia que eu não o usasse. Vejam a sua astúcia. Ele teve de pegar o seu próprio cobertor, aquele que ele mesmo usava, dobrá-lo e oferecê-lo a mim.[45]

Ele trouxe flores e velas; oh, em todos os aspectos ele era um mestre, um mestre supremo. Ele subiu e colocou (o cobertor) na minha cama, bem no meio, com flores e velas.

O cobertor era um que ele já usava. Ele temia que eu não aceitasse um novo. Ele procurou um jeito para que eu aceitasse, tomou seu próprio cobertor. Quando entrei (no quarto) e vi, oh, soube imediatamente (que era o cobertor dele). Eu praticava todos os dias sob sua tutela, como não saberia? O significado era para que eu o usasse. 'Faz favor, use isso aqui', era o que significava, pois ele sabia da minha natureza de ser muito austero."

Para aliviar o fardo de Ajaan Man, ele ficava atento para ser os seus olhos e ouvidos dentro do mosteiro, supervisionando os monges e noviços, observando o temperamento e a disposição daqueles que viviam ali. Fazia isso não para acusar ou delatar os demais companheiros, muito pelo contrário, sempre que um monge ou noviço cometia um erro, ele frequentemente assumia a responsabilidade perante Ajaan Man em nome do grupo, a ponto de se poder dizer que ele estaria disposto a oferecer a sua cabeça à guilhotina em prol de seus companheiros.

45 O discípulo não se atreveria a jogar fora o cobertor que pertenceu ao próprio mestre.

Ele prontamente atribuía o erro a si mesmo, pois via que os seus companheiros monges e noviços temiam muito Ajaan Man, o que o fazia sentir pena e empatia por eles. Além disso, sabia que não tinham a intenção de errar; eram apenas alguns deslizes. Quanto a ele, conseguia suportar se Ajaan Man o repreendesse ou criticasse. Mas com o tempo, os erros tornaram-se mais frequentes, e era sempre ele quem assumia a responsabilidade, ao ponto de Ajaan Man ter que repreendê-lo, dizendo:

"Quem quer que erre, por todo o mosteiro, é sempre o Mahā. Quem quer que erre, por todo o mosteiro, é sempre o Mahā. Será que este Mahā é assim tão burro? Hein? Hein? Acontece qualquer coisa, a culpa é do Mahā. Acontece qualquer coisa, a culpa é do Mahā..."

Na verdade, sobre este assunto, Ajaan Man já sabia bem o que se passava, pois a sua mente era rápida e sempre observadora, pelo que conseguia perceber tudo.

Certa vez, Ajaan Mahā Bua ficou tão doente que não conseguia se levantar. O vento soprava forte e chovia a noite toda, fazendo com que muitas folhas caíssem. Na manhã seguinte, Ajaan Man não ouviu o som de varrer as folhas como usual. Sentindo que algo estava muito fora do normal, perguntou imediatamente:

"Hein? Onde foram todos os monges e noviços? Hein? Onde está o Mahā?"

Os monges responderam: "Tahn Mahā está doente."

Ajaan Man disse num tom severo: "Hein? Só o Tahn Mahā ficar doente e agora o mosteiro inteiro se esvaziou?"

Ele disse isso porque, normalmente, no dia a dia, Ajaan Mahā Bua era sempre quem tomava a iniciativa de liderar o grupo nas várias tarefas. Quando ele adoeceu a ponto de não conseguir se levantar, os monges e noviços ainda não sabiam e ficaram esperando por ele para começar as tarefas. Aquela manhã pareceu anormalmente silenciosa.

Em algumas ocasiões em que ele estava gravemente doente, aconteceu que o próprio Ajaan Man, por compaixão, lhe levou remédio para que tomasse. Como respeitava seu mestre, não se atrevia a recusar:

"O remédio dele, remédio de ervas, se ele trouxesse, eu tinha que tomar. 'Este remédio é bom para isto e aquilo', ele apontava para que eu tomasse. Se outra pessoa o trouxesse, eu não tomava.[46] Nisto, ele também conhecia minha natureza. Ele mandou alguém levar o remédio, mas eu não o tomei, me recusava veementemente. No final, ele mesmo o trouxe..."

46 Como mencionado anteriormente, Ajaan Mahā Bua preferia não tomar remédios, mas se o remédio vinha da mão do próprio mestre, ele não se atrevia a recusar.

SERES CELESTIAIS

Durante o período em que estudou com Ajaan Man, ele observou todos os aspectos do seu mestre e viu que ele não era como os outros que já tivesse encontrado antes. Não importava o que ele expressasse, tudo podia ser tomado como um ensinamento do Dhamma.

"Eu observava todos os aspectos, observava de verdade, porque minha intenção era estudar com ele de verdade. Às vezes, ele falava comigo meio a sério, meio brincando, como um pai falando com um filho – mas eu não via brincadeira, levava tudo a sério. Não importava o que ele dissesse, havia sempre um ensinamento do Dhamma ali. Mesmo que fosse uma piada, continha um ensinamento do Dhamma, uma verdade do Dhamma inserida. Não era como as pessoas mundanas.

Quando falando da excelência suprema, sobre algo interno ou externo, de sua conduta ou prática, sentia que, de todos os mestres que conheci, não havia ninguém como ele. Ele era completo em todos os aspectos. Especialmente quando ensinava sobre *devas*[47], oh, ao ouvi-lo – falo com honestidade – as lágrimas corriam-me pelo rosto. Os *devas* vinham visitá-lo, vinham ouvir os seus sermões, mas ele só falava sobre isso em ocasiões específicas – ele não falava de forma leviana. Enxergam? É assim um verdadeiro sábio.

Ele sabia o que era pesado e o que era leve, o que era interior e o que era exterior, o que era apropriado e o que não era. Quando havia uma boa oportunidade, com apenas dois ou três de nós conversando, e perguntávamos sobre isto e aquilo, querendo conhecer e saber, ele gradualmente se abria. E nós, por nossa vez, inseríamos as nossas perguntas, ora numa ocasião, ora noutra, muitas e muitas vezes.

Ele falava sobre os *devas*, Indra e Brahmas que o visitavam. Ele dizia que, quando estava em Sakon Nakhon, poucos *devas* o contactavam. Dizia que eles vinham em momentos específicos, como no início do *vassa*, no dia de Magha Puja, no dia de Visakha Puja e no final do *vassa*. Fora isso, os *devas* não vinham com frequência. Ele referia-se aos *devas* de níveis superiores. Tāvatimsa e Bhumma *devas* também vinham, mas com menos frequência.

Mas quando ele estava em Chiang Mai, oh, tinha que receber visitantes quase todos os dias, ele dizia. Não havia tempo livre. Os *devas* de vários planos vinham em sucessão. Por exemplo, os *devas* de Tāvatimsa, ele contava sobre a aparência deles, o quão refinado ou grosseiro eram seus corpos. Quando comparando com os diferentes níveis de *devas*, o

47 Seres celestiais.

refinamento ou sutileza de seus corpos variam de acordo com o nível de cada.

Estão vendo? É a habilidade em saber as coisas. Aqueles com bons olhos veem assim. Os cegos negam o dia todo, dizendo que não existe... Oh, hoje em dia, já começaram a apagar a existência dos *devas*, dizendo que não existem. Os próprios budistas se tornaram inimigos do Buddha..."

Na aldeia de Nong Phue havia uma senhora idosa, vestida de branco[48], com cerca de 80 anos, que era uma praticante de meditação importante a quem Ajaan Man sempre tratou com especial compaixão. A senhora esforçava-se em ir estudar o Dhamma com ele no mosteiro de Nong Phue, e um dos seus netos era o assistente leigo[49] de Luang Pu Man, que carregava sua tigela todos os dias ao fim da ronda de esmolas.

Esta senhora conseguia saber os pensamentos e o estado mental de qualquer pessoa. Por vezes, o próprio Ajaan Man perguntava-lhe, em tom de brincadeira:

"Conhece aquilo?" e a senhora dizia "Conheço."

"E aquilo outro, conhece?" e ela dizia "Também conheço." Ajaan Man então perguntou:

"E conhece o que se passa na mente dos monges nesse mosteiro?" A senhora respondeu: "Porque não haveria de saber?", e acrescentou num tom quase ameaçador: "Sei tudo."

A senhora uma vez contou sobre a sua meditação a Ajaan Man com grande firmeza:

"Quando olho para o mosteiro de Nong Phue, vejo-o todo resplandecente. Está cheio de monges a meditar – como estrelas, pequenas e grandes, por todo o mosteiro."

Quando contava isto a Ajaan Man, a senhora falava com grande segurança, sem medo de ninguém, mesmo que quase cinquenta monges (incluindo Ajaan Mahã Bua) estivessem ouvindo naquele momento. A senhora falava com tranquilidade, sem se importar com o que os outros pudessem pensar. O mais especial foi quando ela leu o estado mental de Ajaan Man com grande

48 Indicação de que ela seguuia os oito preceitos budistas.

49 Uma pessoa não ordenada que, por devoção, presta ajuda ao monge em coisas que ele não pode fazer como: fazer compras, preparar e oferecer alimentos, dirigir, administrar doações financeiras, etc.

audácia e sem medo de que ele a repreendesse ou reclamasse. A senhora disse:

"A mente do Luang Pó está liberta há muito tempo. Eu sei da mente do Luang Pó há muito tempo. A mente do Luang Pó não tem igual, nem neste mosteiro, nem em qualquer outro lugar. A mente do Luang Pó é sublime, está acima do mundo. Para quê o Luang Pó continua a meditar?"

Ajaan Man respondeu, rindo e, ao mesmo tempo, ensinando uma lição à senhora: "Medito até ao dia da morte, sem recuar. Quem recua não é um discípulo do Tathāgata."

A senhora disse-lhe: "Se houvesse para onde ir, seria compreensível. Mas a mente do Luang Pó já não tem para onde ir, nem de onde vir. Está cheia apenas de brilho e excelência. Para onde mais o Luang Pó medita para alcançar? Eu vejo a mente do Luang Pó brilhando e abrangendo todo o mundo. O que quer que ocorra, Luang Pó sabe tudo. Nada consegue se esconder da mente do Luang Pó.

Já a minha mente ainda não é sublime como a do Luang Pó, por isso tenho de vir perguntar para que ele me possa indicar o caminho para alcançar excelência, como a sua."

Sempre que a senhora vinha, recebia boas explicações de Ajaan Man sobre a meditação. Ao mesmo tempo, os vários monges e noviços escondiam-se nas redondezas da sala de refeições – que era o local onde a senhora conversava com ele – para ouvirem as questões sobre o Dhamma relacionadas com a meditação, que na sua maioria eram problemas surgidos do conhecimento e da visão que vinham exclusivamente de sua prática. Às vezes perguntas relacionadas às Nobres Verdades, às vezes relacionados aos *devas* e brahmas. Quando a senhora terminava de relatar suas experiências, quer fossem relacionadas a fenômenos internos ou externos, se ele aprovasse, a incentivava para que ganhasse força na contemplação daquele aspecto do Dhamma e o aprofundasse ainda mais. Se houvesse algo com que ele não concordasse, ele explicava o método correto e dizia a ela que abandonasse o anterior e não continuasse a praticá-lo.

Ajaan Man uma vez elogiou esta senhora aos monges, dizendo:

"Ela tem um nível de Dhamma elevado que é digno de admiração. Muitos de vocês, monges, não conseguem saber como a vovó sabe."

Último sermão de Ajaan Man

Ajaan Mahā Bua falou sobre a vez em que Ajaan Man deu uma palestra que foi como se o céu e a terra desabassem – ou seja, com toda a sua força – que durou três horas em Wat Chedi Luang. Esta foi a última vez que ensinou em Chiang Mai e, por sorte, Ajaan Mahā Bua pôde estar presente. Já em outra ocasião, em Nong Phue, ele perdeu a oportunidade de ouvir o sermão de Ajaan Man, que também foi do tipo que abala o céu e a terra, durando quatro horas completas. O mais importante é que esse (em Nong Phue) foi seu último sermão. Ele contou aos monges e noviços o seguinte:

"Em resumo, foi a última vez. O sermão em Nong Phue também. Eu falei claramente com ele antes de me despedir para sair em peregrinação para os lados de Waritchaphum. Do distrito de Waritchaphum até Nong Phue, a distância é de mais de 40 km.

Ele perguntou: 'Para que lado vai?'

'Pretendo ir para os lados de Tham Phra, para os lados de Baan Tad Phu Wong.'

Antes de eu partir, ele me deu quatro questões para considerar. Eu não me esqueço, porque normalmente, quando ia vê-lo, não costumava usar o manto completo, pois não havia leigos, apenas monges e noviços no mosteiro. Ninguém incomodava, era um lugar tranquilo e isolado. De manhã, depois da refeição, eu subia para vê-lo vestindo apenas o *angsa*[50], porque ele não se importava com formalidades quando só havia monges.

Naquele dia, eu vesti o manto completo. Assim que subi, ele disse: 'Aonde vai?', e eu fiquei em silêncio, sem saber o que dizer. Depois de prestar reverência, ele continuou a conversar, sem mencionar para onde eu ia ou de onde vinha. Um pouco depois, ele começou a falar:

'Se ficando ganha força, e partindo ganha força, é melhor ficar. Se ficar não te der força, mas ir te der força, então é melhor partir.'

Ele continuou a falar assim por um bom tempo, e depois me deu oportunidade de falar. Então, questionei sobre as tarefas dentro do mosteiro:

'Se houver algo para organizar ou fazer, eu gostaria de ajudar os meus companheiros a terminar tudo. Mas se não houver nada, gostaria de pedir permissão ao mestre para ir meditar por um tempo.'

Ele perguntou: 'E para onde vai?'

50 Uma espécia de camiseta com o ombro direito exposto.

'Desta vez, pretendo ir um pouco mais longe.' Normalmente, eu não ia muito longe, apenas uns 20, 30, 45 quilômetros.

"'Desta vez vou mais longe, para o lado do distrito de Waritchaphum.'

'Ah, bom, é boa aquela região', disse. 'É calmo e isolado, só há florestas e montanhas por lá', disse. 'E quantos monges vão?'

'Eu penso em ir sozinho.'

'Ah, bom, vai sozinho.' E ele apontou (para os outros monges): 'Ninguém o incomode, o Tahn Mahā vai sozinho.'

Então, quando estava para partir, lembro-me que era o terceiro dia da lua crescente do terceiro mês lunar, não me esqueço. Antes de partir, eu disse: 'Desta vez, talvez não consiga voltar a tempo para a cerimônia de Magha Puja.' Foi o que eu disse. Eu caminharia por nove ou dez dias antes de parar, o caminho era longo, e todo feito a pé.

'Ah, faz a cerimônia sozinho. Magha Puja sozinho, de verdade.' Ele disse isso e apontou para aqui (seu coração): 'Buddha Puja, Dhamma Puja, Sangha Puja, tudo isso é Magha Puja. Foque bem aqui.' Depois disso eu parti. Então, no dia da cerimônia (de Magha Puja), por volta das onze da manhã, ele perguntou aos monges:

'O Mahā não veio? Viram o Mahā?'

Os monges disseram: 'Não o vimos, venerável senhor.'

'Para onde ele terá ido?' Pelas duas ou três da tarde, ele perguntou de novo. Ao anoitecer, perguntou mais uma vez.

'Eh, o que se passa com o Mahā, para onde foi ele?' Era como se ele tivesse algo em mente. Como se ele soubesse que ia ensinar com toda a sua força, ciente de que logo adoeceria. Antes disso ele não estava doente, mas ele já sabia o que ia acontecer. Na hora em que me despedi, ele ainda estava bem. Quando chegou a hora, ele veio ao salão e virou-se de repente:

'Hein? O Mahā não veio?'

'Não o vimos, venerável senhor', foi o que todos disseram.

'Eh, o que se passa? O que se passa com esse Mahā?', ele disse de uma forma estranha. Mesmo que já tivéssemos acordado tudo antes, ele tinha algo em mente. E então ele ensinou desde daquela hora até meia-noite. No dia de Magha Puja, ele ensinou com toda intensidade, quatro horas, das oito à meia-noite, com toda a força.

Quando o sermão terminou: 'Oh, que pena que o Mahā não veio ouvir também', ele disse novamente, como se soubesse que seria o último sermão. Depois disso, ele nunca mais deu palestras.

No primeiro dia da lua minguante do quarto mês lunar, eu cheguei. Eu parti no terceiro dia da lua crescente do terceiro mês, e cheguei no terceiro dia da lua crescente do quarto mês, o que deu exatamente um mês. No primeiro dia da lua minguante do quarto mês, eu voltei. Lembro-me das fases da lua, mas não do dia do mês. A razão pela qual me lembro é que, quando fui prestar reverência à tarde. Assim que ele saiu do seu quarto, eu prestei reverência:

'O que se passa contigo, Mahā?', ele disse assim. 'Dei um sermão que abalou o céu e a terra, e você não veio ouvir.' Isso me fez pensar: 'Ah, o que os monges me contaram, foi sobre isso.'

'Um sermão que abalou o céu e a terra. Agora já comecei a ficar doente, comecei a ficar doente desde anteontem.' Foi o que ele disse."

Quando Ajaan Man ficou muito idoso, ele costumava avisar sempre os monges e noviços para que se aplicassem, pois a convivência não é algo eterno. Apenas o Dhamma é algo a que se devem agarrar com confiança e dedicação. Um mestre é incerto. Não se deve ficar complacente, pensando que, por agora estar com um mestre, ele estará sempre conosco. Com o tempo, Ajaan Man revelou mais:

"Quem quiser ser forte em algo, seja forte em sua prática. Se tiver algum conhecimento ou experiência na sua mente, venha, pergunte, conte-me para que eu possa ouvir. O velho monge irá esclarecer. Quando este velho monge morrer, será difícil. Quem irá esclarecer as questões da mente, do desenvolvimento mental? Não falta muito tempo..."

Ele enfatizou: "Não passarei dos 80, não me resta muito tempo. Sendo assim, é apropriado a vocês serem negligentes?"

Quando Ajaan Man deu este aviso, todos os monges e noviços sentiram uma profunda comoção e apressaram-se a intensificar suas práticas. Quanto a Ajaan Mahā Bua, contou sobre este momento importante a seus discípulos:

"Era como se a minha mente estivesse a tremer. Depois de ouvir aquilo, a minha diligência intensificou-se. Enquanto o mestre estava vivo, podíamos contar com a sua sombra protetora para resolver as nossas dúvidas sobre o Dhamma. Então, intensifiquei a minha prática ao máximo. Assim que ele completou 80 anos, começou a adoecer. E quando adoeceu, ele disse logo – ouçam bem! Ele já tinha estado doente inúmeras vezes, com malária e outras doenças, mas nunca tinha mencionado sua própria morte.

Mas desta vez, assim que começou (a adoecer) e ainda não era nada de grave, ele já disse: 'Comecei a ficar doente anteontem.' Eu estava no distrito de Waritchaphum, cheguei no décimo quarto dia da lua crescente, e ele adoeceu. Lembro-me bem, no décimo quarto dia da lua crescente do quarto mês. Cheguei nesse dia.

'Comecei a ficar doente anteontem', anteontem significava o décimo quarto dia da lua crescente. 'Esta doença é a última, não vou sarar. Podem vir remédios de qualquer *deva* ou brahma,' disse ele, 'não há remédio neste mundo que me possa curar. Esta doença será a última. Mas não vou morrer facilmente. É uma doença que causará sofrimento, o que se chama a doença da velhice. Não procurem remédios para me tratar, que tudo siga de acordo com a natureza deste corpo', foi o que ele disse.

'Tratar-me com remédios é como adubar e regar uma árvore que morreu de pé. Não há como fazê-la brotar novamente, dar folhas ou frutos. Apenas resta o tempo que lhe falta para cair e se decompor na terra. Agora, apenas está de pé, ainda não caiu, mas é só isso. Não se pode curar com remédios. Isto é apenas o começo', disse ele.

Não era incrível, Ajaan Man? Ouçam bem. É por isso que o reverencio com todo o meu coração. Ele revelou as coisas dessa forma, e foi exatamente como ele disse.

'Ouçam bem, ao entrar nos 80. Não vou passar dos 80. Esta doença é a final. Não sarará, vai até a morte. Morrerei desta doença', disse ele. 'Mas não morro facilmente, é uma doença que causará sofrimento.' E foi verdade. Do quarto mês lunar até o décimo segundo mês lunar, ouçam bem, durante sete ou oito meses, ele foi adoecendo gradualmente, como se a doença se acumulasse lentamente. No final, foi mesmo como ele disse."

Os monges e noviços de Baan Nong Phue sabiam bem que durante o período em que Ajaan Man estava gravemente doente, se ele não dormisse a noite toda, Ajaan Mahā Bua também não dormia. Mesmo que tivesse de ficar sentado imóvel por muitas horas, vigiando seu professor nesse período de doença, ele jamais reclamava ou se preocupava com seu próprio conforto mais do que com o bem-estar de seu mestre.

Quando ele adormecia por um pouco, Ajaan Mahā Bua aproveitava essa oportunidade para mudar de postura, indo fazer meditação andando nas proximidades, sem se esquecer de deixar um monge de confiança silenciosamente vigiando o venerável mestre em seu lugar. Ele também instruía:

"Se acontecer alguma coisa, avise-me imediatamente. E fique atento, se o mestre der sinais de que vai acordar, avise-me imediatamente."

O monge que cuidava do doente tinha que sempre informá-lo, pois ambos notaram que quando Ajaan Man acordava e abria os olhos, a primeira coisa que ele costumava perguntar era: "Onde está o Mahā?" O monge em vigília corria então para o avisar no local combinado, e ele vinha imediatamente.

No período em que Ajaan Man estava gravemente doente, era Ajaan Mahā Bua quem se encarregava de todas as suas necessidades pessoais, especialmente as evacuações. A razão para isso, ele explicou:

"Eu o fazia por ele, com lealdade e devoção, venerando-o a tal ponto que não deixava ninguém o incomodar, e ele nunca me repreendeu por nada. O que eu fazia por ele, fosse bem ou malfeito, fazia com devoção total. Ele nunca me repreendeu. Quer se tratasse de urinar ou defecar, eu resolvia tudo sozinho. Não deixava ninguém se intrometer. Tinha medo que alguém pudesse ter pensamentos negativos, pensamentos ruins sobre ele, porque as pessoas comuns são capazes disso.[51]

Embora também fosse uma pessoa comum, eu não era assim. Havia me entregado por completo, e é aí que estava a diferença. A atenção e a sabedoria que usei para cuidar dele, pode-se dizer que era o máximo da minha capacidade.

Quando ele evacuava, eu dava muita importância. Não deixava ninguém ver, eu trabalhava de forma que ninguém pudesse ver. Eu usava o meu próprio corpo para bloquear a visão dos demais. Limpava sozinho. Antigamente não havia sacos de plástico, apenas penicos e panos de limpeza, ou papel de embrulho.

Quando ele evacuava, eu colocava a minha mão diretamente sob seu ânus (segurando um penico). Assim que ele soltava, eu aparava. Soltava, eu aparava. Depois, usava um pano para limpá-lo. Deixava-o evacuar diretamente na minha mão, não permitia que mais ninguém se envolvesse.

Depois de terminado, eu mesmo limpava tudo. Quando acabava, ia para fora, porque havia muitos monges do lado de fora, já lá dentro, ficava só eu."

Durante o período em que Ajaan Man tossia devido à tuberculose, uma doença contagiosa e grave, a probabilidade de contrair a infeção era muito

51 Como Ajaan Man era muito sensível à mente das pessoas ao seu redor, isso ajudaria a não incomodá-lo desnecessariamente; também é uma forma de evitar que os demais monges fizessem mau carma, sentindo nojo, raiva ou impaciência com relação ao mestre doente.

alta caso alguém se aproximasse e tivesse contato próximo, e poderia levar à morte facilmente.

Sobre este assunto, algumas pessoas perguntaram-lhe se ele não tinha medo de contrair a doença. Ele disse que não se importava com a tuberculose e permaneceu próximo ao mestre o tempo todo. Mesmo quando ele tossia, Ajaan Mahā Bua usava algodão para ajudar a limpar o catarro. Especialmente no décimo primeiro e décimo segundo meses lunares, quando o tempo ficou frio, a tosse de Ajaan Man piorou. Se ele não dormia à noite, Ajaan Mahā Bua também não dormia, porque tinha de ajudar a limpar o catarro a noite toda. Ele disse que o algodão usado chegava a transbordar a bacia, uma vez que era necessário limpar constantemente. Ele contou sobre esse período:

"Se ele não dormia em um dia, eu também não dormia. Se ele conseguia dormir um pouco, eu ia fazer meditação andando. Durante o dia ele não tossia e sentia conforto, então eu pedia a um monge de confiança para ficar discretamente por perto, mas sem entrar debaixo do mosquiteiro dele. Nesses momentos, eu podia descansar. Mas à noite, eu estava sempre pronto.

Quando se trata de Ajaan Man, eu venero-o com todo o meu coração. Eu entregava tudo, não guardava nada para mim. Entreguei tudo. Dificuldades e sofrimentos não me importavam. Entreguei tudo."

O fato de Ajaan Man perguntar sempre por Ajaan Mahā Bua não era algo que tivesse começado apenas recentemente, já vinha de antes. Quando ele partia para retiros solitários por muitos dias, o mestre perguntava repetidamente aos monges e noviços:

"Eh, para onde foi o Tahn Mahā? Já se foi fazem muitos dias." Quando voltava, Ajaan Man não dizia nada, mas os outros monges contavam-lhe o ocorrido em segredo. Ajaan Man agia como se não houvesse nada, mas quando Ajaan Mahā Bua saía para outro retiro de vários dias, o mestre voltava a comentar com os monges e noviços:

"Eh, o Mahā foi-se embora há muitos dias, não o vejo."

Esta compaixão tão tocante que o mestre lhe demonstrava era provavelmente porque bem conhecia o coração de seu discípulo, que estava disposto a entregar tudo em reverência e dedicação ao mestre.

Com uma concentração firme e uma diligência sincera no desenvolvimento de sabedoria, Ajaan Mahā Bua foi capaz de erradicar kilesas mais e mais, até que alcançou a sutileza mental que acabou levando-o a se enganar, pensando que *avijjā* (a ignorância) fosse algo maravilhoso, amável, digno de ser

preservado e protegido – um estado maravilhoso que perdurava dia e noite. Este período ocorreu nos quatro meses que antecederam a morte de Ajaan Man. Até aquele momento, a sucessão de vassas que Ajaan Mahā Bua passou com Ajaan Man foram: Baan Khok por um *vassa*, Baan Na Mon por um *vassa*, Baan Khok novamente por um *vassa*, e Baan Nong Phue pelos cinco vassas finais.

O FIM DE TODAS AS KILESAS

O dia da morte de Ajaan Man foi 11 de novembro de 1949, às 2h23 da manhã, em Wat Pa Sutthawat, na província de Sakon Nakhon, aos 80 anos. Esse evento trouxe uma profunda tristeza a Ajaan Mahā Bua, pois ele bem sabia que, embora a sua sabedoria e sati trabalhassem automaticamente, girando dia e noite, e a sua mente estivesse extremamente sutil, ainda havia trabalho a ser feito. Ele ainda precisava de um mestre em quem pudesse confiar plenamente e que pudesse ajudá-lo a apontar o ponto crucial em que estava preso, para que pudesse superá-lo. Ele falou sobre este assunto:

"No dia em que Ajaan Man faleceu, senti uma tristeza e uma desolação imensas pela sensação de ter perdido o meu refúgio espiritual. Porque naquela altura, a minha mente ainda tinha 'coisas' dentro dela, e era um conhecimento que não aceitava facilmente os ensinamentos de qualquer um. Se não apontassem corretamente para o ponto crucial em que eu estava preso e contemplando, como Ajaan Man costumava fazer, e de quem eu já tinha recebido bons resultados, não adiantaria. E era uma época de esforço intenso.

Por isso, quando Ajaan Man faleceu, não consegui permanecer com o grupo de monges. Só pensava em ficar sozinho. Então, procurei um lugar para estar em reclusão e decidi que ficaria sozinho até que todos os problemas da minha mente fossem completamente resolvidos, até que desaparecessem por completo. Só então eu aceitaria e viveria com os meus companheiros monges novamente, quando a ocasião fosse apropriada."

Este pesar e anseio pelo seu mestre, que vinha do fundo do seu coração, ocorria porque ele tinha o mais profundo respeito, amor e fé por Ajaan Man. Ao mesmo tempo, sentia-se sem esperança, sem refúgio espiritual. Mas então, várias estratégias surgiram na sua mente naquele momento:

"O método de ensino dele enquanto estava vivo, a forma como ele ensinava – devo agarrar-me a esses e tomá-los como meu professor. Ele costumava enfatizar que, de forma alguma, devemos nos afastar da raiz, que é a ciência dentro da mente. Quando a mente tem conhecimentos estranhos que podem causar danos, se não formos capazes de investigar esse tipo de

conhecimento, devemos fazer a mente recuar para dentro. Assim, não haverá dano."

Quando terminado o funeral de Ajaan Man, as pessoas que rodeavam o seu corpo começaram a dispersar-se. Nessa oportunidade, ele aproximou-se para se prostrar aos seus pés e sentou-se, a refletir e a lamentar, sentindo uma profunda tristeza e comoção, com as lágrimas escorrendo durante quase duas horas. Ao mesmo tempo, contemplava o Dhamma no seu próprio coração, juntamente com os ensinamentos que Ajaan Man, com grande compaixão e esforço lhe tinha transmitido durante os oito anos em que viveu com ele, pensando:

"Viver juntos por tanto tempo, mesmo um marido e uma mulher que se amam profundamente, ou filhos amados pelos pais, teriam desentendimentos de vez em quando. Mas entre o mestre e um discípulo que veio procurar refúgio na sua sombra por tanto tempo, nunca houve nenhum problema.

Quanto mais tempo eu ficava, mais o meu respeito, amor e fé aumentavam imensuravelmente. E agora, ele partiu, deixando para trás todos nós, bem-intencionados amigos. *Anicca vata sankhara* – impermanentes são as coisas condicionadas. O seu corpo jazia em paz, com uma aparência que inspirava mais fé e pesar do que minha própria vida e mente, as quais estava disposto sacrificar por ele. Meu corpo está calmo aqui sentado, mas meu coração treme de desespero pela perda do refúgio daquele que me trazia paz e bem-estar.

Ambos esses dois corpos estão sujeitos ao mesmo princípio do Dhamma, ou seja, *anicca* (impermanência). Ambos seguem o princípio do Dhamma que diz *uppajjitvā nirujjhanti* – tendo nascido, têm que morrer. Não pode ser de outra forma.

Quanto a Ajaan Man, ele separou-se do caminho do convencional, seguindo o princípio do Dhamma que diz *tesaṃ vūpasamo sukho* – sua cessação é a felicidade. Ele faleceu num estado de paz, permitindo que todos os seus discípulos contemplassem o Dhamma com comoção por um breve momento.

De agora em diante, ele não mais será uma fonte de lágrimas, como acontece com seus discípulos ou qualquer outra pessoa no mundo, porque sua mente se separou do ciclo de existências, assim como uma pedra que se parte em dois pedaços não pode ser unida novamente, e ser como antes."

Ele sentou-se, sentindo-se sem esperança no coração:

"Todos os problemas dentro do meu coração, que eu costumava contar com ele para resolver – agora quem vai me ajudar? E quem conseguiria tomar e

erradicar os meus problemas completamente como Ajaan Man? Não existe outra pessoa.

Mesmo estando entre a vida e a morte, agora só posso contar comigo mesmo. Era como um médico que me curou da doença inúmeras vezes – minha vida estava nas mãos desse único médico. Mas o médico que me deu a vida dia após dia, faleceu hoje. Tornei-me um animal selvagem, pois fiquei sem a cura para a minha doença interior."

Voltando a falar sobre o período em que Ajaan Man começou a adoecer, Luang Ta narrou o estado de sua mente naquela época para os monges e noviços da seguinte forma:

"Quando Ajaan Man começou a adoecer, minha mente entrou em um estado de agitação e confusão sem cessar, dia e noite. A partir de então, minha mente nunca estava livre. Quanto mais grave ficava a doença dele, mais eu tinha que assumir a liderança nos cuidados, inclusive orientando os companheiros que iriam interagir com ele. Eu era quem dava conselhos e advertia. Eu mesmo estava em constante movimento. Saía da cabana dele e ia direto para o caminho de meditação andando. Ao sair do caminho de meditação, subia para a cabana dele. Isso se refere a quando estávamos em Nong Phue. Saía da cabana dele e ia para o caminho de meditação andando. Não podia largar, era algo muito importante e eu não largava. Mesmo que houvesse muitos companheiros, eu estava sempre lá para aconselhar e dar orientações a todo momento.

Quando tinha um pouco de tempo livre, ia para o caminho de meditação andando, porque naquela época a mente estava realmente estranha e maravilhosa. Pode-se dizer que ela operava por si mesma, ninguém me instruía, ninguém me ensinava, ninguém me guiava. Aconteceu por si só quando chegou a hora. Se tivéssemos que dar um nome, chamaríamos de *Bhāvanāmayā Paññā* (sabedoria nascida da meditação), por assim dizer.

Quando se atinge o estágio da sabedoria nascida de *Bhāvanāmayā Paññā*, ela gira por si mesma, automaticamente, sem parar, sem recuar. Ela gira constantemente com as kilesas, não com qualquer outra coisa. Esquece-se o dia, esquece-se a noite, esquece-se o mês, esquece-se o tempo. Não sai para fora; está exclusivamente envolvida com as várias impurezas e fermentações internas..."

Antes do falecimento de Ajaan Man, e durante um período em que Ajaan Mahā Bua ainda estava em retiro, Ajaan Man uma vez perguntou aos monges que iam atendê-lo:

"Se eu morrer, em quem vocês se apoiarão?"

Um momento depois, Ajaan Man disse: "Apoiem-se no Tahn Mahā. O Mahā é sábio, tanto externamente quanto internamente..."

Por essa razão, havia um grupo de monges e noviços, seus companheiros, que o observavam secretamente e tinham a intenção de, após o falecimento de Ajaan Man, poder contar com ele como um refúgio e guia para a prática da meditação no futuro.

Portanto, após a cerimônia de cremação de Ajaan Man, dezenas de monges e noviços o seguiam constantemente. Mesmo que ele tentasse se esquivar e fugir para outros lugares (por ser um período em que ele precisava estar sozinho), sempre havia monges seguindo seus rastros o tempo todo, em quase todos os lugares, porque a grande árvore Bodhi que era Ajaan Man, havia partido. Ora um monge começava a segui-lo, ora mais um aparecia. Era assim o tempo todo naquele período. Ele narrou os acontecimentos daquela época dizendo:

"Chegou um ponto em que eu não podia mais ficar com os companheiros. Realmente não podia, era uma perda de tempo. Não queria ninguém me incomodando. Veja, para onde eu ia em busca de esmolas? Não ficava em vilarejos grandes, ia para vilarejos de cinco ou seis casas – vilarejos grandes, não ia. Se em algum vilarejo as pessoas se aglomerassem ao meu redor, oh, esse vilarejo não serviria. Eles vão me incomodar e não terei tempo para meditar, não aceitava.

Eu fugia para vilarejos de três ou quatro casas, recebia apenas esmolas suficientes para manter a vida e praticar o Dhamma com toda dedicação. Na ronda de esmolas, eu praticava meditação o tempo todo. Sendo assim, como é que eu me envolveria com alguém? Tanto na ida quanto na volta, era só a prática da meditação, como se estivesse andando em meditação. Isso está na natureza da mente quando ela entra nos trilhos. Eu via claramente em meu coração que não podia morar com ninguém.

Isso eu sabia em meu próprio coração. Por um tempo, ele me disse: 'Você não pode ficar sozinho, tem que correr de volta para o mestre, senão, vai afundar com certeza.' Eu sabia disso claramente, então tive que morar com o mestre. Quando chegou a hora de ficar sozinho, eu não podia mais morar com ninguém, e eu sabia disso também. Ninguém podia me seguir. Oh! Eu fugia dos monges e noviços como um ladrão, um grande ladrão. O líder dos ladrões, o chefe dos bandidos, foge à noite, porque se fugir de dia os outros o veem.

Se eu pudesse ir durante o dia, eu ia. Se só pudesse ir à noite, eu ia à noite. Não importava a hora. Eu fugia dos companheiros. Não era confortável, eu

não conseguia ficar. Meu trabalho era assim, quando é que eu tinha tempo livre? Eu estava assim o tempo todo. Como eu poderia abrir a boca para conversar com esse, abrir a boca para conversar com aquele? O trabalho estava a todo vapor. Foi quando chegou a hora em que o coração soube por si mesmo."

Um dia, durante o terceiro mês lunar, na fase minguante, após a cerimônia de cremação de Ajaan Man, Ajaan Mahā Bua foi meditar em Wat Doi Dhammachedi. Naquela época, ele ainda estava maravilhado com a luminosidade de sua mente:

"Minha mente estava radiante, como eu disse anteriormente. A pessoa fica louca, maravilhada por si mesma. Ninguém fica tão maravilhado quanto a pessoa que se maravilha obsessivamente por si mesma. Não é um maravilhamento no Dhamma, mas um maravilhamento na loucura. O engano, o apego à *avijjā*, faz com que ela fique maravilhada por si mesma. Ao andar em meditação, exclamava em meu coração: 'Nossa... por que minha mente está tão brilhante? Olho para o meu corpo e o vejo apenas como um vulto, uma sombra, porque o conhecimento penetra tudo.' Tudo estava luminoso, era maravilhoso. Por isso digo que era um maravilhamento na loucura..."

Ele havia jejuado por apenas três dias, pois naquela época não podia jejuar por muito tempo. Desde que começou a praticar, até aquele momento, já haviam passado nove anos, e este era o seu décimo sexto *vassa*. Ele sempre jejuou de forma rigorosa, mas naquele dia decidiu tomar a refeição.

Como Ajaan Kongma[52] tinha dado permissão aos aldeões para que oferecessem comida dentro do mosteiro nos dias de *uposatha*, os monges e noviços não precisavam sair para a ronda de esmolas nessas ocasiões.

Sendo assim, ao amanhecer, enquanto esperava a hora da refeição, ele saiu de sua cabana para meditar andando no lado oeste do templo, com a intenção de caminhar até a hora da refeição. Enquanto caminhava de um lado para o outro, um pensamento surgiu em sua mente:

"Eh... por que esta mente é tão maravilhosa? Ela é tão radiante..."

Assim que terminou de refletir sobre a maravilha de sua mente, um insight surgiu em um instante, em palavras, como uma frase, de uma forma totalmente inesperada:

"Onde quer que haja um ponto, um centro do conhecedor, ali está a existência."

52 Abade de Wat Doi Dhammachedi e discípulo de Ajaan Man.

Naquele momento, ele ficou completamente perplexo, como uma galinha cega, pois ainda não compreendia o insight que havia recebido. Então ele carregou esse problema consigo, sozinho, pela floresta e pelas montanhas, na região dos distritos de Baan Phue e Tha Bo.

Durante esse período, a princípio, ele teve que permitir que o Chao Khun Dhammachedi, seu preceptor, viajasse com ele. No entanto, as conversas sobre o Dhamma entre ele e o *chao khun* não eram frequentes, pois ele temia interromper a continuidade de sua prática. Por isso, precisava evitar o *chao khun* constantemente. O próprio *chao khun* provavelmente percebeu isso claramente, ao ponto de exclamar:

"Ei, assim que me for, você ficará à vontade. Você está desconfortável por minha causa."

De fato ele não se sentia à vontade em estar com ninguém naquele momento, porque não queria perder tempo e interromper sua prática. O *chao khun* tinha assuntos que precisava discutir com frequência, e essas conversas causavam alguma interrupção na prática. Além disso, quando o *chao khun* ia a algum lugar, uma comitiva de monges, noviços e leigos, sem falta, sempre vinha visitá-lo. Portanto, quando o *chao khun* partiu, a continuidade de sua prática foi retomada.

Ele falou sobre o insight que surgiu em sua mente: "Onde quer que haja um ponto, um centro do conhecedor, ali está a existência."

Naquele momento, ele ainda não compreendia o significado, e por isso sentia um grande pesar, pensando que se Ajaan Man ainda estivesse vivo, ele resolveria esse problema imediatamente:

"Se Ajaan Man ainda estivesse vivo, ele conseguiria explanar este insight imediatamente, e esta mente de *avijjā*, radiante e maravilhosa, teria se desintegrado e se rompido completamente naquele mesmo instante. Mas, como naquele momento a sabedoria não estava à altura do insight que surgiu, ela não pôde se desintegrar. Pior ainda, apegou-se e agarrou-se a ele. Por isso digo com toda honestidade: um mestre é sempre necessário.

Se eu tivesse levado este problema e apresentado a Ajaan Man, ele teria me dado uma resposta contundente imediatamente. Então, eu teria compreendido num piscar de olhos e aquele ponto teria desmoronado. Mas eu não compreendi, embora o problema estivesse claro. É exatamente por isso que digo que a necessidade (de um mestre) existe em todos os estágios.

Portanto, quando se fala da mente, é crucial que haja um mestre dando treinamento e instrução. Aquele que já sabe não precisa falar muito. Ele só

diz uma palavra e a compreensão logo vem. Não precisa aterrar um pântano ou tomar um baú inteiro de remédios.

A necessidade de um mestre é assim. Em qualquer estágio, nosso progresso é lento em comparação. Alguns problemas levam dois, três dias para serem resolvidos e ainda não se resolvem... e se não se resolvem, não se desiste. É preciso persistir até conseguir. É aqui que se pode morrer, porque a palavra 'derrota' não pode existir. Se for para ser derrotado, é melhor morrer. A única opção é atravessar. Se não atravessar, tem que continuar cavando, trabalhando sem parar."

Por volta de 1950, ele foi passar um tempo com Ajaan La nas profundezas das montanhas por cerca de meio mês. O local era uma floresta montanhosa, e contavam com os agricultores locais para esmolas, que era suficiente para viver de um dia ao outro. Para ir do seu local de retiro até a aldeia, levava-se três horas e vinte minutos até sair da floresta, somando um total de quatro horas para chegar à aldeia.

Ele teve a oportunidade de estudar e fazer perguntas sobre o Dhamma com o Venerável Ajaan La, e sentiu-se profundamente tocado e impressionado, como aparece em um trecho do livro "Paṭipadā, Venerable Ācariya Mun's Path of Practice"[53] que diz:

"Venerável Ajaan La explicou o Paccayākāra[54], ou seja, *avijjā*, de forma excelente e detalhada. É difícil encontrar alguém que possa explicar como ele, porque o Paccayākāra é um Dhamma muito sutil e profundo. É preciso ser alguém que tenha passado pela prática da meditação de forma proficiente para poder explicá-lo com detalhes e precisão. Isso porque o Paccayākāra, ou ignorância, é um tipo de impureza muito sutil. Está no domínio da sabedoria de vipassanā de um nível igualmente sutil para que se possa descobrir e erradicar o verdadeiro Paccayākāra, a ignorância, e então explicar corretamente..."

O Venerável Ajaan La era um discípulo sênior de Ajaan Man. Sua terra natal era Vientiane. Ele não sabia ler nem escrever, pois nunca havia estudado. Mudou-se para a Tailândia quando se ordenou monge e permaneceu até o dia de seu falecimento, porque na Tailândia havia muitos grupos e mestres da linhagem da floresta.

53 Original em Tailandês "ปฏิปทาของพระธุดงคกรรมฐาน"

54 Um ensinamento do Abhidhamma.

O Venerável Ajaan La começou a praticar nas florestas nas montanhas com Ajaan Man e Ajaan Sao desde o início de sua ordenação, nunca negligenciando as práticas ascéticas e o esforço mental.

Luang Ta também falou sobre a prática de ascetismo do Venerável Ajaan La, dizendo:

"O Venerável Ajaan La tinha uma natureza resoluta e corajosa, gostava de viver e viajar sozinho. Ele tinha o dom de conhecer coisas estranhas, como seres dos planos celestiais, como os *devas*. Esses seres o respeitavam e o amavam muito. Ele dizia que onde quer que ficasse, esses seres sempre vinham para protegê-lo.

Ele sempre teve uma natureza de contentamento com pouco e simplicidade, e não gostava de socializar com muitas pessoas. Preferia ficar nas florestas e montanhas com os povos nativos, como sempre fez. Ele possuía virtudes elevadas e era muito digno de respeito e veneração. Em termos de sabedoria e inteligência, me parecia que ele era muito hábil.

Quando estava por falecer, soube que não queria ninguém por perto criando confusão, ficando preocupado com ele ou ficando agitado. Ele desejava morrer num lugar tranquilo, como é apropriado a um praticante do Dhamma, para que fosse uma morte digna de um praticante, sem bagunça ou confusão."

Certa vez, Ajaan Mahā Bua estava em reclusão, peregrinando em direção à aldeia de Kaho Phon Thong, que fica entre os distritos de Baan Phue e Tha Bo, na fronteira, tendo o rio Thon como limite.

Os aldeões de Kaho Phon Thong, em grande número, adoeceram com uma doença de dor aguda no peito, espalhando-se por toda parte, como cólera ou varíola, a ponto de em um dia morrerem de três a quatro pessoas, às vezes cinco, e em alguns dias até sete ou oito pessoas.

Ajaan Mahā Bua estava hospedado na floresta e os aldeões o convidaram para recitar os ritos funerários, porque não havia monges naquela área. Todos os dia, uma pessoa morria e era trazida, daqui a pouco traziam mais uma. Ele mal conseguia se afastar do cemitério. Finalmente, a mesma doença o atingiu.

A dor era como se lanças de ferro afiadas perfurassem e se cruzassem em seu peito e coração. Ele não conseguia respirar fundo, e se espirrasse, quase desmaiava. Quando esses sintomas ocorreram, ele soube imediatamente que, se continuasse assim, certamente morreria em breve, pois mal conseguia respirar. O peito ficava cada vez mais apertado e ele mal conseguia respirar

fundo. Quando esses sintomas apareceram, ele disse aos aldeões que estava com a mesma doença e que precisava se isolar.

Depois disso, ele se retirou para uma floresta de bambu no sopé da montanha e então refletiu:

"'Será que vou morrer agora? Neste momento, ainda não quero ir, porque minha mente, por mais sutil que esteja, sei que não está liberta. Ainda há algo na mente. Se eu morrer agora, tenho certeza do nível da mente, do meu nível do Dhamma, e que terei que renascer em certo lugar. Ainda ficarei preso, ainda não cheguei ao fim.' Isso me causou preocupação e reflexão: 'Ainda não quero morrer.' Porque a mente ainda estaria presa em algum nível. Ainda havia apego e receio, mas não pela vida. Era um apego e receio pelo caminho e fruto de Nibbāna, que desejava alcançar."

Mas como a doença o pressionava constantemente, ele teve que se voltar e refletir:

"Mesmo que não queira morrer, terei que morrer. Quando chega a hora, não pode ser evitado. Essas coisas são verdades comuns, para que se preocupar com elas? Já passei pelo sofrimento antes, já lutei contra ele sentando-me dia e noite, sentando-me a noite toda. Mesmo que a dor fosse imensa, já venci até alcançar esse estado maravilhoso. Esta doença é mais uma face do sofrimento, a mesma Nobre Verdade, por isso não vou recuar."

Os aldeões, a aldeia inteira, vieram visitá-lo, centenas deles. Ele mandou todos de volta, não permitindo que ninguém o incomodasse. Apenas um velho permaneceu. Ele se escondeu em um bambuzal na floresta próxima e o observou a noite toda, preocupado, sem que ele soubesse.

Ajaan Mahā Bua decidiu subir no ringue para lutar contra a dor da doença naquela noite, de uma forma que o levaria à causa, ao efeito, à essência, à vida ou à morte. Então, ele se sentou para meditar, concentrando toda a sua sati e sabedoria para investigar a dor no centro do peito que o estava perfurando. Ele narrou o seguinte:

"Investiguei a dor no meu peito, o que era, de onde vinha, o que perfurava. Quando a dor se tornou uma lança, uma flecha? Era apenas uma dor comum. A dor é um estado, uma coisa real? Investiguei para frente e para trás, sem recuar, sem me importar com a vida ou a morte, apenas interessado em conhecer a verdade naquele dia.

Investiguei assim até depois das 23:00, quando a verdade se tornou totalmente clara. Quando ela se retirou, retirou-se de forma clara, assim como a dor de sentar a noite toda. A mente a cercou com sabedoria, e a dor se retirou da mesma forma. Retirou-se até que tudo estivesse completamente

vazio, desapareceu tudo, sem deixar vestígios, completamente vazio. Era como se o corpo não existisse. Permaneci assim até que a mente estivesse satisfeita, então ela se moveu ligeiramente e veio para fora. A mente ainda estava vazia. Embora o corpo existisse, não havia dor, nem pontadas no peito como antes. Então, tive certeza de que não morreria, a doença estava curada. Foi curada pela Nobre Verdade.

Depois disso, fui meditar andando... Como se chama esse tipo de lamparina? Uma pequena lamparina de vidro, no nordeste eles chamam de *takiang pô*... Acendi do lado de fora da tenda, desde que comecei a lutar. Acendi e me sentei. Podia ver a luz do lado de fora da tenda, não a trouxe para dentro. Então, saí para meditar andando. Oh, andava como se estivesse flutuando, tudo desapareceu, não restou nada..."

Ele meditou andando a noite toda. Naquela noite, não dormiu. Quando o sol começou a raiar, o velho que estava escondido no bambuzal saiu apressado, com alegria. Vendo o velho, ele perguntou:

"Ei, o que você está fazendo aqui?"

"Oh, eu dormi aqui, ao lado do bambuzal.", disse ele.

"E por que está dormindo aí? Eu disse para você ir desde ontem à noite."

"Oh, eu não fui. Tive medo que o senhor morresse. Fiquei escondido aqui, também não dormi a noite toda. A luz do senhor ficou acesa até o amanhecer. Vê-lo praticando meditação andando me trouxe um pouco felicidade."

A investigação da dor decorrente da doença naquela ocasião, costumava ser usada por ele como um exemplo para ensinar aos monges:

"Quando se investiga e ela se remove, se remove de forma clara. Ela é removida pela Nobre Verdade. A sabedoria investiga a massa de sofrimento, separando-a do nosso corpo para vê-la claramente, assim como pratiquei na época em que sentava dia e noite, não havia diferença.

Mas a questão da sabedoria e sati deve surgir no momento presente, de forma vívida. Não podemos pegar coisas antigas, coisas que já aconteceram, e usá-las como prática. A questão de eliminar as kilesas – eliminar qualquer coisa, eliminar a dor – tem que ser no momento presente, de forma vívida, não deixe que venha através de suposições e adivinhação. Só então ela será eliminada no momento presente, de verdade."

Em abril de 1950, durante o período em que estava em Wat Pa Sutthawat, na província de Sakon Nakhon, ele conheceu o Dr. Charoen Watanasuchart, que

se preparava para se ordenar naquele mosteiro para oferecer méritos a seus pais, como era tradição.

Um dia, uma jovem veio conversar com o Dr. Charoen. Após uma longa conversa, o assunto fez com que a jovem revelasse um segredo: ela era um *póp* (um tipo de fantasma do folclore tailandês). Ajaan Mahā Bua estava presente durante o ocorrido, como narrou:

"Como eles dizem, ser um *póp*, ser um fantasma, é a mesma coisa. Fulano é um *póp*, sicrano é um *póp*. É um tipo de fantasma que controla outra pessoa, chamam de *póp*. Eh, qual era o nome daquela mulher? O Dr. Charoen investigou até seus olhos secarem, ficou sentado observando aquela mulher. O Dr. Charoen, um estudante de medicina moderna, queria saber com clareza como era esse negócio e ela contou a verdade. Humm, ela contou com tanta certeza, sem piscar os olhos, com a boca aberta. O que ela disse era fascinante.

Se um dia o fantasma sentisse fome, ele se contorceria lá dentro. A pessoa sentiria irritação, por assim dizer. A maioria dos *póp* sai pelos olhos. Pisca, pisca pelos olhos e já se foi. A pessoa fica com o coração aflito, com medo de que ele vá comer alguém. Se um exorcista habilidoso o expulsar, ele volta para a pessoa (na qual está hospedado). Se a pessoa que expulsa o fantasma não for habilidosa, se a pessoa que expulsa o fantasma não tiver conhecimento, ele devora o exorcista. Depois que ele come e se satisfaz, ele volta para a pessoa (na qual está hospedado), às vezes entra pelo ouvido, às vezes pelos olhos, em um piscar de olhos. Então, a pessoa sentirá sono o dia todo. Se ele comer até se satisfazer, ela sentirá sono o dia todo. Mas se estiver com fome, ela se sentirá inquieta, porque ele a perturba por dentro. E se ele sai para comer, as pessoas o expulsam: 'Este é um *póp*! Aquele é um *póp*!' Eles o perseguem e ele acaba voltando (para o hospedeiro original).

A razão pela qual ela se tornou um *póp* é porque ela fez uma tatuagem mágica, chamada *wan krajai*, na cabeça. Ela mandou tatuarem no topo da cabeça, para se tornar invulnerável. Depois de tatuada, facas não a cortavam, espetos não a perfuravam, armas não disparavam. Essa é a razão pela qual ela se tornou um *póp*, porque não conseguiu cuidar daquele feitiço.

Ela disse que há coisas que entram em conflito com esse feitiço. Por exemplo, comer comida crua. Se comer carne crua, peixe cru, isso entrará em conflito com esse feitiço. Se entrar em conflito, pode se tornar um *póp*. Se não entrar em conflito, não acontece nada. As coisas que causam conflito são, por exemplo, comer carne ou peixe cru, ou *laap* com sangue, ou cortar cacho de banana – isso também não pode, é proibido. Foi isso que ela nos contou.

Eu também ouvi e achei estranho. Foi no Wat Pa Sutthawat. Estávamos indo para Wat Doi Dhammachedi com o Dr. Charoen. O Dr. Charoen estava prestes a ser ordenado, e Chao Khun Dhammachedi iria ordená-lo. Ele ia se ordenar para oferecer mérito à sua mãe. A mãe pediu, então se ordenou para ela. Acontece que aquela mulher estava esperando o carro em frente ao templo. Naquela época, não havia muitos carros. Ela veio para a cabana, e nós estávamos sentados lá. Ela veio e começamos a conversar, e foi assim que descobrimos que ela era um *póp*.

'Você ainda é *póp* hoje em dia?'

'Ainda sou', ela disse. 'Ainda sou hoje em dia, e não consigo me livrar disso. Porque eu violei o feitiço que tatuaram na minha cabeça, e me tornei um *póp*...'

Se o exorcista for habilidoso, quando o fantasma vai comer alguém, o exorcista o expulsa. Ele o amarra, usa uma corda que chamam de *chuak rakam*, é uma corda especial. Depois de amarrá-lo com esta corda, ele não pode sair. Então, eles o interrogam.

'Quem é você? De onde você vem?'

'Sou fulano de tal.'

'E quem é o seu dono?'

Ele aponta para o dono: 'Aquela senhora ali.' Ela ainda era jovem, não era uma senhora idosa.

O Dr. Charoen acreditou na hora... Oh! Essas coisas são estranhas. Pensem nisso, vocês médicos modernos. Eles não acreditam que essas coisas existam. Agora, o Dr. Charoen acreditou. Depois de ver, como ele poderia não acreditar? Porque ela falou de forma tão vívida, de acordo com a verdade. A prova estava tatuada em sua cabeça. Ela disse 'tatuei bem aqui, essa é a razão'. Havia provas e testemunhas para tudo, como ele poderia não acreditar? Ela disse que come pessoas, sai para comer pessoas..."

Luang Ta falou sobre sua perseverança na prática de meditação, dizendo que ela acontecia por si só, sem necessidade de ser forçada. Isso era resultado de b*hāvanāmayā paññā*, uma sabedoria que opera automaticamente, sem qualquer necessidade de comando ou esforço. Pelo contrário, era preciso contê-la, pois se não, essa sabedoria trabalharia excessivamente. Isso acontecia porque ele via claramente em seu coração o perigo do ciclo de renascimentos. Por isso, a mente tinha grande força para se libertar do

sofrimento com total dedicação, sem qualquer preocupação com vida ou morte. Ele disse:

"Neste estágio, sati e sabedoria já avançaram. Agora, elas se expandiam cada vez mais. As kilesa e os desejos, o ciclo vicioso que gira dentro do coração, pareciam encolher e se contrair, enquanto o caminho para a libertação do sofrimento se abria amplamente. A sabedoria se transforma na *Roda do Dhamma*. Isso é chamado de o *Dhamma em Ação*. O Dhamma tem poder e é capaz de reverter o ciclo, assim como as kilesas têm o poder de girar o coração dos seres no ciclo de renascimentos. Não importa qual ação das kilesas se manifeste, todas trabalham para renovar o samsāra.

Agora, quanto a sati e sabedoria, que é o lado do Dhamma, ganha força e reverte o ciclo, neste ponto, ela reverte automaticamente, assim como as kilesas giram o coração dos seres sencientes por conta própria. Ao atingir este estágio da sabedoria, ela gira continuamente, revertendo o processo, seja em pé, andando, sentado ou deitado, exceto durante o sono. Fora isso, neste estágio, sati e sabedoria aniquilarão as kilesas continuamente e de forma automática, girando sem parar. Se as kilesas grosseiras giram com força, sabedoria se mostra afiada e audaciosa, como se o céu e a terra estivessem desabando. A sabedoria grosseira e as kilesas grosseiras lutam entre si.

Depois disso, a sabedoria gradualmente se torna mais leve, porque as kilesas diminuem, e a sabedoria também se torna mais leve em conformidade, girando em uníssono. É como a água que se infiltra e penetra. Onde quer que as kilesas se infiltrem, a sabedoria automática, que já se tornou *mahā sati* e *mahā paññā*, se infiltram e penetram junto, como um fogo que encontra combustível. Não importa quão sutil seja, esta sabedoria se tornará sutil ao mesmo nível, automaticamente..."

Depois de deixar o Wat Pa Sutthawat na cidade de Sakon Nakhon, ele retornou mais uma vez a Wat Doi Dhammachedi, hospedando-se em uma pequena cabana no topo da montanha. Era uma cabana diferente da anterior, onde aquele insight sobre o Dhamma havia primeiro surgido em sua mente.

Naquela época, era o 16º *vassa* de sua vida monástica e o 9º ano desde que abandonou o estudo das escrituras e passou a se dedicar à prática. Naquela montanha, na noite da 14ª lua minguante do 5º mês lunar, às 23:00 em ponto (15 de maio de 1950), ele havia com paciência e perseverança se esforçado continuamente, desde o início de sua prática intensa, totalizando nove anos completos. Na noite da realização, a batalha entre as kilesas e o Dhamma dentro de seu coração chegou ao fim.

Numa ocasião, ao ensinar o Dhamma aos monges em Wat Baan Tad, ele bondosamente descreveu os eventos daquela noite, dizendo:

"Eu contemplei apenas a mente, nada muito amplo. Porque todas as coisas grosseiras, como forma, som, cheiro, sabor e tato, em todo o universo, eu já conhecia, compreendia e havia abandonado completamente. Não havia interesse em contemplar nem mesmo a forma, a sensação, a percepção, as formações mentais ou a consciência sensorial. Não tinha nenhum interesse em contemplar.

O interesse estava focado apenas na ciência proeminente e nas sensações sutis dentro da mente. Sati e sabedoria estavam em contato com isso. Contemplando repetidamente, mas ciente de que este ponto ainda era uma fabricação. Não importava o quão majestoso e fantástico fosse, ainda estava dentro da esfera do condicionado. Não importava o quão brilhante e claro fosse, ainda estava dentro da esfera do condicionado, porque *avijjā* ainda estava presente ali.

Avijjā é a própria condição. Aquele ponto de proeminência mostrava altos e baixos de acordo com o nível de sutileza da mente, permitindo-me vê-lo. Às vezes, tinha uma aparência sombria, às vezes radiante; às vezes sofrimento, às vezes felicidade, de acordo com o nível sutil deste plano mental, aparecendo só o suficiente para que a mácula pudesse ser detectada. Sati e sabedoria neste estágio eram como um guarda-costas protegendo essa mente rigorosamente. Em vez de apontar o cano da arma, que é sati e sabedoria para cá, ela não o fazia, em vez disso, apontava para a ignorância enganosa, lá longe.

Essa *avijjā* é muito afiada. Não há nada mais afiado do que a *avijjā* que está no ponto final. A ganância é grosseira, fácil de entender e de ver seus malefícios, mas o mundo ainda se deleita nela. Pense nisso. A raiva também é grosseira, e o mundo ainda se deleita na raiva. A ilusão, o amor, o ódio, a aversão, a raiva, todas essas coisas são grosseiras, fáceis de entender e de ver seus malefícios, e o mundo ainda se deleita nelas.

Isso não é essas coisas. Já passou tudo isso, já largou tudo, mas por que ainda se apega a essa luminosidade, a essa maravilha? Agora, quando isso está presente internamente, manifesta um pouco de opacidade, um pouco de sofrimento, que é uma mudança, uma incerteza, inconstância, que pode ser captada por sati e sabedoria atenta e contínua, sem abandonar o esforço de querer saber e ver as várias formas de ser desta mente. No final, não há escapatória. É preciso saber que esta mente não é um lugar de certeza e confiança, e então surge uma reflexão:

'Esta única mente, por que pode ser tantas coisas? Ora é opaca, ora é radiante, ora é felicidade, ora é sofrimento. Não permanece boa e bela para sempre. Por que, mesmo sendo tão sutil, a mente ainda manifesta vários estados?'

Quando sati e sabedoria começam a voltar a sua atenção para contemplar esta mente, um tipo de conhecimento inesperado e inimaginável surge no coração, dizendo:

'Tanto a opacidade quanto a radiância, tanto a felicidade quanto o sofrimento, tudo isso é fabricado e inteiramente não-eu.' Só isso e a sabedoria compreendeu que a mente dominada por *avijjā* é fabricada e deve ser completamente abandonada, não se deve apegar.

Logo após o conhecimento surgir e alertar sati e sabedoria que estavam inspecionando naquele momento, a mente, sati e sabedoria, tornaram-se como se estivessem em equanimidade, sem se moverem para desempenhar qualquer função. A mente estava neutra, não focada em nada, não se distraía. Sabedoria não trabalhava. Sati estava simplesmente ciente, em seu estado natural, sem focar em nada.

No momento em que a mente, sati e sabedoria, estavam em equanimidade, foi o momento em que o universo dentro da mente, onde a ignorância reinava suprema, foi abalado, e a ignorância foi despedaçada e aniquilada do seu trono, que é o coração, tornando-se uma mente purificada. Ao mesmo tempo, a ignorância foi cortada, despedaçada, estilhaçada e desapareceu pelo poder de *mahā paññā*.

No momento em que o céu e a terra desabaram e o universo interior tremeu, manifestando uma maravilha no limite final entre o condicionado e incondicionado, o julgamento foi proferido no tribunal da justiça. O conhecimento e a visão da libertação (*vimutti-ñana-dassana*) foram o juiz. O lado do Caminho do Meio, a Nobre Verdade do Caminho, foi o vencedor absoluto. O lado da Nobre Verdade da Origem do Sofrimento foi derrotado por nocaute e carregado numa maca, sem chance de se recuperar por toda a eternidade. Aquele que experimentou isso ficou maravilhado, exclamando:

"Oh! Que maravilha! Antes, onde estava este Dhamma? Agora, o verdadeiro Dhamma, um Dhamma maravilhoso além de qualquer expectativa, além do mundo, veio a residir na mente e se tornou um com ela. Como isso é possível?

E antes, onde estavam o Buddha, o Dhamma e a Sangha? Agora, como este refúgio maravilhosíssimo se tornou um com esta mente?

Oh! O verdadeiro Dhamma, o verdadeiro Buddha, a verdadeira Sangha, é assim que são!"

O resultado da prática do Dhamma naquela noite trouxe um profundo desencanto pela sua própria sucessão de nascimentos e renascimentos, como descreveu:

"Naquela noite de extinção, a certeza surgiu com clareza no coração, dissipando todas as dúvidas sobre existências, nascimentos, envelhecimento, doença e morte. Todas as formas de impurezas, desejos e máculas foram arrancadas do coração naquela noite. A mente revelou o universo com clareza, gerando um desencanto que fez lágrimas correrem a noite toda.

Naquela noite, não dormi, pois estava tomado pelo desencanto por minha própria história, pelo ciclo de nascimento, envelhecimento, doença e morte. O poder das impurezas plantou as sementes do sofrimento no coração. Renascer nesta ou naquela existência significa apenas carregar o fardo do sofrimento, sem descanso, até o momento da morte, e depois carregá-lo novamente. A palavra 'carregar' significa que, em qualquer existência ou nascimento que a mente entre, por mais ou menos felicidade que haja, o sofrimento estará sempre presente. Foi assim que vi seus perigos e senti desencanto. E então vi o valor da mente, algo que nunca antes havia imaginado pudesse ter um valor tão maravilhoso. O fato de não ter dormido naquela noite foi por ver os perigos com tanta clareza e ver o valor da mente e do Dhamma com tanta profundidade.

No ápice de sutileza da mente, achei que *avijjā* era algo bom e nobre, e me apeguei a ela por um bom tempo. Fiquei iludido por *avijjā* por oito meses, nunca esqueço, pois amava e protegia ela, que era a fonte de brilho, majestade, expressiva e proeminente. Por isso eu a protegia. Mesmo com sati e sabedoria em sua plenitude, eu não a aplicava a *avijjā* naquele momento. Quando finalmente apliquei sati e sabedoria plenamente a *avijjā*, a ignorância se despedaçou. Foi então que vi a maravilha surgir dentro da mente, e essa era a verdadeira maravilha, não a falsa de antes..."

Sobre o nascimento e a morte de cada pessoa, ele uma vez ensinou aos monges e noviços com grande profundidade, para que vissem o sofrimento e os perigos do nascimento e se apressassem em cultivar o bem em si mesmos, dizendo:

"Este ciclo de nascimento e morte, nascimentos e mortes acumulando-se infinitamente. Cada cadáver, cada pessoa – a mente sabe de tudo. Quando ela sabe, ela sabe de verdade, com seriedade. Por isso sente repulsa. Oh! Mesmo depois de ter passado por tudo isso, ainda sente repulsa. Mas quando

ainda está afundada nisso, não sente repulsa. Fica ali afundada. Quando se liberta é que vê os seus malefícios e sente repulsa.

Uma pessoa, um ser, se não tiver mérito e bondade, não serve para nada. Continua a vagar no ciclo de nascimentos e mortes, ora em estados elevados, ora em estados baixos, nascendo e morrendo incessantemente. Por quantos éons e *kalpas*? Se juntássemos os corpos de uma única pessoa que nasceu e morreu repetidamente como qualquer tipo de ser, a Tailândia inteira não teria espaço suficiente para empilhá-los.

Apenas uma pessoa: a Tailândia inteira não teria espaço suficiente para empilhar os corpos. Por quanto tempo, por quantos éons e *kalpas*, nascendo e morrendo, empilhando-se uns sobre os outros? Isso se chama morrer em pilhas. Tudo começa com a mente saindo de um corpo e entrando em outro. Entrar em um corpo é chamado de nascimento. Quando um corpo se deteriora, é chamado de morte. Nascimento e morte, e a mente continua a girar assim, o tempo todo. Este é o ciclo vicioso do samsāra.

O que vem para corrigir isso? O mérito e a bondade que acumulamos, em maior ou menor grau, se juntam e gradualmente corrigem, corrigem. Quanto mais se corrige, mais mérito e bondade se acumulam, e a densidade da correção aumenta. Essa escuridão gradualmente se dissipa, e a luz brilha intensamente. É assim que todos os Buddhas olham para o coração dos seres sencientes. Aqueles que não têm os ensinamentos do Buddha, não olham para o coração; eles olham apenas para o mundo material."

Foi o conhecimento e a visão clara que surgiram em Wat Doi Dhammachedi que o fizeram chorar por duas razões. Ele contou o seguinte:

"Chorei por duas razões. Primeiro, pelo desencanto pela minha própria sucessão de nascimentos e renascimentos. Segundo, por assombro com o Buddha e seus discípulos libertos; eles também passaram por isso, e eu agora experienciava o mesmo. Desta vez, foi o maravilhamento no momento final, quando soube com clareza e certeza no coração, porque a testemunha estava dentro da própria mente. Antes, a mente estava envolvida e apegada a várias coisas; agora, não havia mais nada a que se apegar.

Surgiu um maravilhamento no Dhamma que se manifestou sem qualquer fabricação para contaminar aquela mente. (Foi tão grande) a ponto de diminuir minha disposição, e me fazer pensar em não ensinar ninguém, porque naquele momento pensei que não conseguiria ensinar ninguém. O Dhamma e a mente são algo tão maravilhosamente amplos, que ninguém neste mundo será capaz de saber ou ver, pois está além da energia, capacidade e do alcance das pessoas comuns.

Inicialmente, isso acontecia porque a mente ainda não havia pensado por outros ângulos, de forma mais ampla, abordando o Nobre Caminho. Por isso, voltei a contemplar e a rever tanto a causa, que é a prática, quanto o efeito que se manifestava no presente: 'Se esta natureza é algo que está além do alcance dos outros, como então eu consegui alcançá-lo? Eu sou apenas uma pessoa como qualquer outro ser humano. Qual foi a causa para eu conseguir alcançar?' Voltei minha atenção para a prática, contemplando e analisando, até que ficou claro que 'Se existe a prática, ou seja, o caminho de prática, então é possível alcançar esse conhecimento.'"

Ele afirmou, de modo irrefutável, que se ainda houver alguém que se esforce para seguir os ensinamentos do Buddha, através da prática correta, que inclui moralidade (sīla), concentração (samādhi) e sabedoria (paññā), ou o Nobre Caminho Óctuplo, com firmeza e plenitude, essa pessoa certamente experimentará o fruto da pureza, a libertação do sofrimento e do ciclo do nascimento e morte por si mesma.

"Quem quer que pratique o caminho em sua plenitude, como o Buddha ensinou, não precisa esperar que alguém venha explicar essa natureza. Ela será conhecida e vista por si mesmo, porque o poder do Caminho do Meio é a ferramenta que desbrava e destrói as coisas que bagunçam e obstruem dentro do coração, que se despedaçarão, dissipando-se completamente, restando somente o Dhamma, somente a mente, que é *visuddhi citta*. Depois disso, o que poderia ser uma ameaça para a mente?

Mesmo que o corpo sofra e passe por dificuldades, é apenas o corpo que sofre. Não consegue oprimir, ferir ou turvar a mente, porque essa natureza não é uma fabricação. Todos os agregados são puramente fabricações. Essa natureza é a libertação, livre de todas as opressões que são a própria natureza das fabricações. Então, como poderia surgir o sofrimento? Se for para viver, vive. Se for para morrer, morre. São apenas os agregados que se reuniram e agora estão se desintegrando de acordo com sua natureza..."

Ajaan Mahā Bua bondosamente relatou o conhecimento e a visão que surgiram no topo da montanha do Wat Doi Dhammachedi, por preocupação com os companheiros budistas, temendo que eles se esqueçam de si mesmos e não deem a devida importância ao demérito, mérito, ao que é danoso, ao inferno e ao céu, ou não os enxergue como coisas reais:

"Quando as kilesas foram completamente arrancadas do coração, sem deixar vestígios, algo ficou claro. Que coisas relacionadas às kilesas conheci claramente no meu coração? Inferno, fantasmas *asuras*, mérito e demérito, *devas*, Indra, Brahma, existem ou não? O que quer que seja que o Buddha

tenha ensinado, eu aceitei e me submeti completamente, sem encontrar nada para contestar.

Porque essas coisas existem há incontáveis éons e *kalpas*. Elas existem desde o início. Qualquer Buddha que atinge a iluminação vem a conhecer e ver essas coisas. Além de ver e destruir as impurezas em seu coração, ele também vem a conhecer e ver as coisas que estão interligadas com essa realização e o que deve ser conhecido e visto, tudo da mesma forma.

Portanto, no que diz respeito ao ensinamento do Dhamma ao mundo, ele deve ensinar de acordo com a verdade, dizendo que o demérito existe porque já existia desde o início, desde tempos imemoriais. O mérito existe, o mérito sempre existiu desde o início, desde tempos imemoriais. O inferno existe, o céu existe, o mundo de Brahma existe, o Nibbāna existe. Tem que se admitir que eles existem desde tempos imemoriais.

Quando o conhecimento e a visão penetram no mesmo ponto e veem da mesma maneira, o que há para contestar? Vê-se com clareza, sem dúvida. Sabe-se com clareza, com coragem e bravura, de acordo com a verdade que já existe. Ao falar sobre isso, não há hesitação. Quer alguém acredite ou não, este conhecimento, esta visão, esta realidade, não se desvia do princípio da verdade. É a pura verdade.

Não sejam corajosos em fazer demérito. O Buddha é o mestre supremo. Todos os Buddhas ensinam que o demérito existe. Não cometam o demérito. O mérito existe. Façam o bem para obter mérito e virtude. O inferno existe. Não desafiem o Buddha com arrogância, fingindo ser mais espertos que ele, negando a existência do inferno. Ao morrer, afundarão imediatamente.

Se alguém for arrogante e desafiar o Buddha, negando a existência do demérito, do mérito, do inferno e do céu, essa pessoa já perdeu todo o seu valor, mesmo que ainda respire. Quando a respiração cessar, ela cairá imediatamente. Não há perto nem longe. Quantos quilômetros, quantas milhas, daqui até o reino do inferno? Nunca houve. Assim que o coração para e a respiração se extingue, o carma das más ações cometidas, tanto em segredo quanto em público, é um carma verdadeiro, sem diferenciar privado ou público. Ele brilha claramente como uma estrela no coração daquele que o cometeu."

Assim como um cego que não acredita em quem enxerga, pode cair em buracos e valas, aquele cuja mente está obscurecida pela ignorância e pelo desejo e não acredita na visão do Buddha e dos arahants, trará a ruína para si mesmo. Luang Ta ensinou o seguinte:

"A ruína virá para aqueles que não acreditam. Isso é chamado de *Svākkhāta Dhamma* (o Dhamma bem proclamado). Resumindo, aceitei tudo o que o Buddha ensinou, desde que de fato existe o demérito e o mérito, o inferno e o céu, o mundo de Brahma e o Nibbāna, os *devas* e os fantasmas. Aceitei cem por cento desde o momento em que as impurezas foram removidas do coração e tudo se tornou claro. Nunca esperei, nunca pensei, nunca adivinhei que um dia saberia e veria. Aconteceu de uma forma maravilhosa, e eu me maravilhei comigo mesmo, pensando: 'Como é possível que agora eu saiba? Como é possível que agora eu veja?'

Esta mente, enquanto estava dominada pelas impurezas, era como um cego. Não importava o que existisse, em maior ou menor grau, ela não via. Cores, luzes, objetos, nada via, mas era afetada por eles. A mente obscurecida e cega é assim, só é afetada pelo sofrimento e pela dor, afetada pelo demérito e pelo mau carma continuamente. Conforme praticamos, os ouvidos e os olhos gradualmente se abrem, até finalmente se abrirem completamente para todo o universo, brilhando e cobrindo o universo. Surge um maravilhamento em si mesmo: 'Como é possível que agora eu saiba? Como é possível que agora eu veja?'

As coisas que nunca esperei, nunca pensei, nunca soube, nunca vi, eu vejo e elas se tornam evidentes no coração porque essas coisas já existem. É apenas que nossos olhos estavam fechados, obscurecidos pelas kilesas. Assim que abrimos os olhos, ou seja, removemos as kilesas do coração, tudo se torna claro. Então, eu aceito. Prostro-me diante do Buddha desde então até hoje."

Justamente essa realidade o fez insistir que a mente é algo real, dizendo:

"Esta mente nunca morre, nunca desaparece, sempre foi assim. Se falarmos sobre as várias coisas materiais neste universo, sobre o que é mais abundante, não há nada mais abundante do que a mente dos seres nesse mundo. O céu, o oceano, o subsolo e a superfície da terra estão repletos. Está em toda parte. O que há de mais abundante é a mente dos seres desse mundo, porque ela nunca se extingue. Ela está aqui, governando as existências, governando os nascimentos, em todos os lugares, de acordo com sua natureza e nível.

Assim como nós, que somos humanos, vemos a nós mesmos – se não são humanos, são animais, vemos assim. São galinhas, patos, pássaros, peixes, o que quer que seja, nós vemos assim. Mas o que é mais sutil que isso também existe da mesma forma, sem diferença. Existe de acordo com sua própria natureza. É apenas uma questão de sermos capazes de entrar em contato, saber e ver, ou não. É assim que é.

Existem planos de existência sutis e grosseiros de maneiras diferentes. Como os *devas*, *devaputtas*, Indra e Brahma, *petas* e os fantasmas, eles são como nós. Eles têm existências e nascimentos com sua própria origem, através do resultado do carma bom e mau, todos da mesma forma. Ninguém é diferente nesse aspecto. Portanto, o Buddha nos adverte a não sermos negligentes uns com os outros. Nós, seres que nascemos juntos nesse mundo, não desprezemos uns aos outros por nossa casta, classe, status, alto ou baixo. Não desprezemos uns aos outros."

Muitas pessoas ainda acreditam que, após a morte, tudo desaparece e não há mais nada. Na verdade, não é assim. Por isso, Luang Ta sempre enfatizava:

"Os seres que nascem e morrem não têm para onde ir, porque essas coisas não desaparecem. Elas apenas giram e vagueiam. Desta vida, tornam-se animais, *devas*, Indra, Brahma, fantasmas. Mudam de existência, mudam de nascimento, mudam para lá e para cá, assim por éons e *kalpas*. Esta mente não é capaz de morrer.

Portanto, a ideia de que 'morre e desaparece' é extremamente falsa. É uma ilusão direta das kilesas que engana os seres para que cometam o mal. Porque se após a morte não houvesse nada e nenhuma consequência, as pessoas poderiam fazer o que quiserem. O desejo de fazer é o caminho das kilesas, elas agem de acordo com o desejo. Mas depois da morte, não desaparecem, mas sim experienciam o resultado do seu carma.

O que é mais abundante do que as mentes dos seres no mundo? O mundo está abarrotado delas, porque não desaparecem. Elas giram e mudam de acordo com o poder do carma, nascendo como isto e aquilo. Depois da morte, nasce de novo, e os corpos se empilham. Estes são os que morrem em pilhas. O amontoado de cadáveres nossos e dos demais estão lá, porque não têm outro lugar para ir.

Isso porque a mente não desaparece. O céu e o espaço estão abarrotados dela, está em toda parte. Não há nada mais abundante do que esta natureza, a mais densa. Isso é chamado de carma dos seres. Ou seja, quando o Buddha atinge a iluminação, ele vem para varrer essas mentes, que são chamadas de seres, pessoas, *devas*, e as liberta.

Portanto, que todos acumulem o bem. Quem quer se libertar que nem o Buddha, que faça o bem. Esta mente muda constantemente, muda para esta ou aquela existência de acordo com o poder do carma. Quando este carma acaba, outro se segue. Esta existência continua na próxima, e o carma pesado e leve continua surgindo constantemente. É assim..."

O conhecimento e a visão que surgiram desde a noite maravilhosa em Wat Doi Dhammachedi fizeram com que ele se prostrasse diante do Buddha com total submissão, aceitando e confirmando tudo o que o Buddha, em sua compaixão, havia ensinado. Não havia nada a contestar, nada que o incomodasse em seu coração. Ele disse de forma decisiva:

"Se alguém viesse cortar meu pescoço por acreditar no Buddha, que o demérito, o inferno e o céu existem, eu deixaria que cortassem. Mas a fé que está presente em meu coração, eu não deixaria cortarem. Morrer com o pescoço cortado não me faria arrepender, porque eu realmente sei e vejo isso. Este ensinamento foi revelado há incontáveis éons e *kalpas*, ensinando a todos nós. As kilesas também o encobriram por incontáveis éons e *kalpas*, fazendo com que todos os seres se iludissem e se perdessem, sofrendo imensamente. Acreditem, se não quiserem afundar, acreditem no Buddha. Este ensinamento é o supremo, não há nada como ele. O Buddha, o Iluminado, o Conhecedor, é uma mente pura, desperta, brilhante, que abrange todo o universo, e por isso pode ver tudo. Ele é chamado de *Lokavidū* (Conhecedor do Mundo). Quando a mente atinge o estado de Buddha puro, ela se torna brilhante, mesmo que não seja tão profunda e vasta quanto a do Buddha.

O Buddha é como uma árvore com folhagem densa e exuberante, que espalha seus galhos amplamente. Mesmo que outras árvores não espalhem seus galhos tão amplamente quanto a árvore do Buddha, elas o fazem com toda a força de sua própria capacidade.

Este conhecimento do Buddha é como uma grande árvore que espalha seus galhos até os confins do universo, até os confins do mundo condicionado. Mas o conhecimento e a visão dos discípulos iluminados, que são proficientes, também existe, mas é proporcionalmente menor. Mas que eles neguem essas coisas é impossível, (pois) é claro para todos eles. A única diferença é se eles falam ou não. Esta é uma oportunidade para falar aos irmãos e irmãs sobre ajudar a nação. Antes, eu nunca falava, mas sabia, via. Esteve evidente para mim desde, como contei, quando estive em Wat Doi Dhammachedi..."

O sucesso supremo na vida monástica de Luang Ta naquela ocasião, surgiu de um esforço e perseverança genuínos. Embora, como leigo, ele não conhecesse muito sobre carma e mérito, por desde o início ter uma natureza que respeitava aquilo que fizesse sentido e de ser verdadeiro, sua vida mudou. Ele disse:

"Eu li a mim mesmo, e o que aprendi usei para ensinar a vocês, irmãos e irmãs. Ou seja, eu lia a mim mesmo de maneira sistemática, desde o início, quando ainda não sabia nada. Ficou claro em meu coração que eu não conhecia mérito ou demérito, apenas queria obter coisas, como comer isso ou aquilo, obter o que pudesse obter. Se via um animal, matava o animal, se via um peixe, pegava o peixe, se via uma galinha, pegava a galinha. O que quer que eu visse, eu pegava por desejo.

Eu não pensava em demérito ou mérito. Vejam só qual era a base da minha mente. Esta era a base da mente naquele estágio, falando honestamente. Ou seja, não estava apaziguada em relação a demérito ou mérito, só dava ouvido ao desejo. Se ia em busca algo, queria aquilo. Se ia procurar comida, não conseguia evitar de matar animais. Via qualquer animal e o pegava.

Depois, ordenei-me monge. Foi aí que a sensação na minha mente começou a mudar – quando me tornei monge. Antes, era normal. Mas uma coisa que era um hábito da mente já naquela época era o respeito pelos monges, a fé nos monges e a crença nos ensinamentos. Isso estava como que já gravado em minha mente desde antes. Se via um monge, não quereria encontrá-lo, não quereria me aproximar, sentia vergonha de chegar perto. Vergonha e medo eram a mesma coisa. Eu raramente me aproximava dos monges.

O motivo de não me aproximar era a vergonha. A natureza da vergonha e do medo andavam juntas. Se não nos encontrássemos face a face, eu raramente via um monge. A não ser que o encontro fosse inevitável, sem escapatória, então eu prestava reverência. Essa era a base da minha mente, a base do meu coração, era assim por natureza. O elemento original dela era assim. Eu não pensava muito em demérito ou mérito, isso por causa do desejo. Se queria algo, ia atrás do desejo sem me importar com as palavras 'demérito' ou 'mérito'.

Quando chegou a hora de me ordenar, eu lia o tempo todo. A expressão 'sucessão de mérito e carma' se tornou uma certeza para mim. Por exemplo, adoeci a ponto de pensar que ia morrer. Às vezes, a doença era muito grave, mas minha consciência permanecia clara. Foi durante uma febre alta, perto da ordenação. Assim que me recuperei, ordenei-me naquele ano. A doença foi grave. Depois disso, a ideia da ordenação se tornou mais forte.

'Eh... vou morrer mesmo? Ainda não me ordenei para levar algum mérito comigo.' Era um pensamento humilde no coração: 'Que esta doença passe, que a doença e o perigo desapareçam. Que eu possa me ordenar.'

E foi estranho, sabe? Esta doença estava prestes a me matar, mas eu me recuperei de repente. Então, eu me ordenei. Parecia que algo estava me ajudando. A ordenação foi muito fácil, sem nenhum obstáculo. Todas as

outras coisas tinham obstáculos, mas a ordenação fluiu sem problemas. Isso é algo para se pensar.

Quando me ordenei, essa natureza também estava presente. Sempre fui decidido. Como leigo, sempre fui decidido. Como monge, com os princípios do Dhamma e da disciplina como garantia, como âncora, tornei-me ainda mais firme, preciso, apegado aos princípios do Dhamma e do Vinaya. Eu estudava, estudava, e ficava surpreso. Estudava o Dhamma, estudava, e ficava surpreso.

'Ei... o Buddha criticava isso, mas eu já fiz isso antes.'

Eu ficava surpreso o tempo todo, me alertava o tempo todo. Mas eu não abandonava a meditação. Isso era uma coisa estranha. Eu tinha fé nos monges de meditação. Enquanto eu estudava, se via um monge de meditação vindo para o nosso mosteiro, eu ia até ele antes de todo mundo, ia conversar com ele. A conversa deles era interessante, fiquei apegado. Gostava da meditar, não diminuía a prática, meditava em silêncio, sem que ninguém soubesse, fazia assim.

Isso ficou gravado em meu coração, gravado em meu comportamento. Enquanto estudava, convivia com macacos e micos que não entendiam nada, e o comportamento deles era de acordo.[55] Mas, no fundo do meu coração, a meditação era algo que eu não abandonava. O Dhamma era o alicerce da minha mente, eu não o negligenciava. Por isso, nunca cometi uma transgressão dos preceitos do Vinaya com intenção impura..."

A profunda apreciação e o reconhecimento do valor do Dhamma, como mencionado, fizeram com que ele se dispusesse a enfrentar o sofrimento da intensa prática e treinamento da mente, como uma vez declarou de forma decisiva:

"Qualquer sofrimento que o mundo considere pesado – eu já passei pelo mundo e o vi por cerca de 20 anos completos. Alguns trabalhos pareciam estar além das minhas forças, eram muito pesados. Mas, em comparação, nenhum trabalho é tão pesado e difícil quanto a luta contra as kilesas. Porque, por mais pesados que fossem esses trabalhos, nunca cheguei a ponto de sacrificar minha vida e meu coração por eles. Mas, para o trabalho de destruir as impurezas, é preciso ter como base estar disposto a se sacrificar, continuamente."

55 Está se referindo ao episódio no começo do livro, em que ele convivia com monges que se comportavam como 'macacos'.

Um exemplo claro disso, no caso dele, foi o despertar pela manhã. Ele se esforçou para treinar e corrigir seu hábito de uma maneira nova, com rigor e seriedade, como ele descreveu:

"Assim que eu sentia que ia acordar, eu pulava. Desde os tempos de estudo (*pariyatti*), eu nunca me levantei de forma normal, por causa da minha determinação, do meu rigor comigo mesmo. Quando acordava, eu pulava. Se tivesse um amigo dormindo ao lado, ele acordava com o susto do meu despertar. Nos estudos, era assim. Desde que me tornei noviço e comecei a estudar, foi assim que continuei, treinando até se tornar um hábito.

Especialmente ao começar a praticar, tornei-me ainda mais habilidoso. E nunca voltei a dormir depois de acordar, uma vez que eu levantava da cama, estava feito. Exceto nos dias em que estava com problemas de estômago e não conseguia dormir, nesses casos eu fazia exceção, mas apenas nesses casos, para não se tornar um hábito. Se eu tivesse problemas de estômago, me levantava, ia ao banheiro e voltava a dormir. Isso eu permitia, nesses casos. Fora isso, era absolutamente proibido, falando honestamente. Então, fazendo isso continuamente desde a ordenação até a prática, tornou-se um hábito. Não preciso mais ter a intenção de me levantar, assim que sinto que acordei, me levanto imediatamente.

Até o 18º *vassa* – não me esqueço – foi quando comecei a treinar um novo hábito, porque o antigo já estava arraigado e não era fácil de mudar. Após o 17º *vassa*, comecei a treinar um novo hábito. Ou seja, acordar daquela forma era correto em certo sentido, porque era um momento de intensificar o esforço em estar alerta e consciente o tempo todo, o que eu admito ser correto.

Mas agora, eu deveria suficientemente descansar meu corpo. A partir de então, me esforcei para ensinar a mim mesmo, refletir, e ao acordar, eu deveria saber onde estou, onde é Norte, onde é Sul, e só então me levantar normalmente, com sati. É isso que eu queria. Agora, vou treinar para, assim que tomar consciência, notar os pontos cardeais e me levantar de forma calma e normal, sem me assustar e pular da cama. Eu tentei treinar, treinei por quase um ano para tomar consciência e me levantar normalmente. Treinei por quase um ano para conseguir mudar."

Ele falou sobre este ponto, deixando claro que as pessoas podem se tornar boas através do treinamento. Como alguém se treina, assim se torna. Ficar parado e esperar que a melhora venha por si só é impossível.

Ele também falou sobre a dificuldade de lutar contra as kilesas, a ponto de estar disposto a sacrificar a própria vida em troca do Dhamma, dizendo:

"Quando chega a onda de lutar com toda a força contra as kilesas, a vida não tem mais importância. Pode-se dizer que, se for para morrer, que morra. Sacrifica-se a vida em troca. Porque as kilesas, se não fossem realmente fortes, não seriam capazes de dominar os corações dos seres por todas as existências e nascimentos. Quando se trata de enfrentá-las, é preciso lutar com toda a força. Pode-se dizer que é um sofrimento indescritível."

Ele comparou essa dificuldade e sofrimento a estar encarcerado numa prisão, dizendo:

"Desde aquele momento, subi no ringue. Não havia pausa para água. Se houvesse pausa para água, era apenas durante o sono. Fora isso, não havia. Não tinha árbitro – não precisava. Sem árbitro, a morte é mais lenta. Quem for bom, que permaneça no ringue. Quem não for bom, que caia do ringue. O Dhamma e as kilesas guerreavam em meu coração. Quem for bom, que fique no ringue. Quem não for bom, que caia do ringue.

Se me perguntassem, eu me voluntariaria para ir para a cadeia. A dificuldade e o sofrimento na prática do Dhamma eram pesados a esse ponto. Eles dizem que estar preso é um sofrimento, uma tortura. Eu me ofereceria para ser preso, porque na prisão come-se três vezes ao dia. Pode-se fazer artesanato com bambu – cinco peças por dia – para passar o tempo, até o dia da libertação. Mas para nós, se as kilesas não forem destruídas do coração, não há dia de libertação. Temos que lutar até a morte. É muito difícil."

Por mais difícil e penoso que seja, a perseverança e a determinação dele tinham um peso maior. O ditado "onde há vontade, há um caminho" tornou-se realidade, manifestando-se como pureza em seu coração.

Luang Ta falou sobre a seriedade dos monges na época do Buddha, dizendo:

"Na época do Buddha, o próprio Buddha era quem dava os ensinamentos aos praticantes que vinham para treinar e estudar. E eles estudavam tendo o Dhamma como objetivo, tendo Nibbāna como objetivo, de verdade. Não estudavam só as palavras, apenas para memorizar. E não estudavam porque queriam obter status ou posição, como ocorre hoje.

Além de ouvirem o Dhamma diretamente do Buddha, que era perfeito em todos os aspectos do caminho e do resultado, eles recebiam esses ensinamentos em lugares adequados para eliminar as kilesas a todo o momento. Geralmente, eles se retiravam para florestas, montanhas e vales, não se envolvendo com as multidões.

Os monges que vinham estudar eram todos resolutos em relação ao caminho, ao objetivo, à libertação e ao fim do sofrimento. Eles tinham perseverança

como base, porque viam o perigo do ciclo de nascimento e morte. O trabalho dos monges na época do Buddha era apenas o trabalho de caminhar em meditação, sentar em meditação, que é o trabalho de destruir as kilesas diretamente. Portanto, o resultado da prática geralmente correspondia à expectativa, e muitos arahants, que haviam erradicado as impurezas, surgiram naquela época."

Olhando para trás em sua vida, no início, ele não tinha a intenção de se ordenar. Devido aos costumes antigos, seus pais desejavam obter mérito através da ordenação do filho. No início, seu coração não estava pronto, mas as lágrimas de seus pais o fizeram perceber o forte desejo deles de se apoiarem no mérito da ordenação do filho, ter isso como um suporte para a vida deles após a morte. A gratidão e o reconhecimento da bondade deles o fez decidir.

Ao entrar para a vida monástica, fazia tudo com afinco, um hábito de comportamento que vinha desde a vida leiga, e que o levou a levar a sério o estudo do Dhamma e do Vinaya. Assim, ele começou a entender o verdadeiro propósito da vida.

Ao estudar o *pariyatti*, sua intenção era conhecer diferentes pontos do Dhamma e do Vinaya, sob vários ângulos, esperando que servissem como ferramentas para a prática real do caminho, mas não para obter status, posição ou honra. Esse conhecimento lhe deu um ponto de referência para encontrar um mestre que realmente conhecesse o caminho, o fruto e a prática correta que leva a tal fruto.

Depois disso, quando teve a oportunidade de estudar e treinar com Ajaan Man, ele se esforçou ao máximo de sua capacidade em desenvolver *citta-bhavana* até conseguir se libertar das máculas (*asavas*) e entrar no reino da libertação do sofrimento, a felicidade suprema. A vida monástica dele tornou-se, assim, completa com o estudo (*pariyatti*), a prática (*patipatti*) e a realização (*pativedha*).

Ele comparou o conhecimento do estudo teórico com o conhecimento da prática da seguinte forma:

"O Tipitaka interior vem daquele que erradicou as impurezas, que sustenta o Dhamma puro em sua totalidade e pureza. O Tipitaka exterior vem de uma pessoa com impurezas, que o registraram em papel.

Indo mais a fundo, o Tipitaka daqueles de olhos bons, é aquele que é claro e radiante, que sustenta o verdadeiro Dhamma, o Dhamma puro, Buddho, em sua totalidade – ou seja, o Buddha, o Dhamma e os arahants. Isso emana de seus corações, brilhando e abrangendo todo o universo.

O Tipitaka daqueles de olhos cegos é quando, não importa o quanto estudemos – mesmo que todo o Tipitaka – obtemos apenas palavras, conceitos, memória e livros, mas não a verdade como os arahants obtiveram. É o que se chama de 'um que memoriza'. Se for desse tipo, mesmo o estudante que te segue também fica cego. A palavra 'cego' aqui significa que as kilesas dominam o coração, a mente ainda está escura e os olhos fechados. Mesmo que se estude o significado e o Dhamma, obtém-se apenas as palavras e conceitos do Dhamma, mas a mente ainda continua cega."

Com base no que foi dito acima, ele enfatizou a prática acima de tudo, dando razões detalhadas da seguinte forma:

"O Budismo está completo no que diz respeito a textos e escrituras – tanto o Sutta Pitaka, o Vinaya Pitaka e o Abhidhamma Pitaka. Eles já foram todos registrados. Nós estudamos de acordo com o que está registrado nos vários Pitakas, absorvendo-os em nossos mentes através da memória. Nesta fase, todo o estudo, não importa qual Pitaka seja estudado, entra na mente através da memória. O Dhamma que é visto, ouvido, recitado e contemplado, tudo isso entra na mente como o Dhamma da memória. Ele flui para a mente através da memória, ainda não entrou na mente através da verdade.

Portanto, aqueles que estudam, muito ou pouco, não escapam da dúvida sobre como proceder. Qual é a forma correta, qual é a forma errada de seguir adiante? Essa dúvida é a fundação no coração de todos os estudantes do *pariyatti*, sejam eles quem forem. Isso eu digo com base na verdade que está no coração daqueles que estudam.

Eu digo, sem medo de estar errado, que todo coração é assim, porque é da natureza das coisas serem assim. Como não há ninguém experiente e habilidoso no caminho da prática, que tenha visto e conhecido o resultado dessa prática, que é o fruto, para vir e explicar, mostrar e dizer, aqueles que estudam, muito ou pouco, não conseguem deixar de duvidar. Eles têm que duvidar. Este é a reação natural de nós, pessoas comuns.

Quando falam, falam apenas de memória, não importa de qual Dhamma em qual Pitaka falem. O Vinaya Pitaka, sabe-se que depende da memória como princípio fundamental para se comportar e praticar. Isso não é muito complexo. O que é muito complexo é o Sutta Pitaka e o Abhidhamma Pitaka, que são Dhammas verdadeiramente complexos.

Aqueles que estudaram tudo isso, se não tiverem a verdade em seus corações, o que usarão para praticar? Eles devem carregar o fardo da dúvida em seus corações. Eles estudam, eles sabem, mas sabem apenas na memória. Mas o método de prática, quando não há ninguém experiente e habilidoso que também tenha alcançado o fruto para guiar, torna-se muito difícil. Não se

pode praticar de forma correta, boa e tranquila, de maneira consistente. Por isso, é importante procurar um mestre como Luang Pu Man na época atual."

A diferença entre o conhecimento adquirido pelo estudo do Dhamma e o conhecimento adquirido pela prática do Dhamma até a realização, foi comparada por Luang Ta de uma forma simples de visualizar:

"Uma pessoa com kilesas lê o Tipitaka, estuda o Tipitaka... e bate-boca sobre tudo. Vê? É porque é uma pessoa com impurezas. Não importa o quão verdadeiro o Dhamma seja, se o coração não for verdadeiro, se o coração for falso, ele discutirá por causa da falsidade, não por causa da verdade. Se for um praticante, para onde quer que olhe, ele sabe tudo. É como um elefante. Sabe-se qual é a cauda do elefante, qual é a tromba, o que são as presas, o que são as orelhas, o que são os flancos. Uma pessoa com boa visão sabe de tudo. Mas uma pessoa cega vai tateando. Onde quer que ela toque, ela diz que o elefante é assim e assado. É assim mesmo.

Um cego disse: 'Este elefante é como uma vassoura', porque ele tocou na cauda do elefante. Outro cego tocou no flanco e disse: 'Não, este elefante é como a parede de uma casa.' Outro foi e tocou na perna e contesta de novo: 'Não, o elefante não é a parede de uma casa, o elefante não é uma vassoura, o elefante é um pilar.' Uma pessoa foi e tocou na orelha, tateando o mesmo elefante mas em lugares diferentes. A pessoa que tocou na orelha respondeu: 'O elefante não é um pilar, é como uma peneira de arroz.' Desta vez, aquele que veio e apalpou a tromba disse: 'O elefante é uma sanguessuga.'

E eles continuaram a discutir assim, debaixo de um pé de abacate. De repente, o vento soprou e um abacate caiu bem na cabeça de um dos cegos. Ele gritou: 'Ei, eu só falei com a boca, você já chegou ao ponto de me bater com as mãos, teve que me agredir a esse ponto?!' Dito isso, eles começaram a trocar socos. Assim, os cinco cegos se envolveram em uma briga feia, tudo por causa de um único abacate. É a mesma coisa aqui. Um diz uma coisa, outro diz outra.

Atualmente, o abacate está prestes a cair por aqui – ou já caiu, não sei. O abacate caiu sobre nosso grupo (de praticantes). Nós somos como os cegos apalpando o elefante. Onde quer que toquemos, dizemos que o Dhamma é desse ou daquele jeito.

Já uma pessoa com boa visão olha para o elefante e vê tudo. Por que duvidar? Não há o que duvidar sobre o elefante. Uma pessoa com boa visão olha por um instante e já sabe. É assim que o Buddha e os arahants olham para o Dhamma. Eles olham como uma pessoa com boa visão olha para um elefante. Já nós aqui estudamos o Dhamma, olhamos para o Dhamma como um cego apalpando um elefante e discutimos o dia inteiro.

O abacate já caiu e rolou para longe. O abacate não se importa com ninguém, mas este pessoal briga feio. Em vez de resolver o caso, eles fracassam. O abacate atingiu a cabeça e eles começaram a brigar feio. Lutando no ringue dos cegos, eles não vão parar. Não sabem de onde veio o abacate. É difícil encontrar o abacate que caiu bem na testa deste grupo. É difícil.

Hoje em dia, quase não veem mais o abacate. Ou seja, ninguém se importa mais com o abacate do que com apalpar o elefante e depois discutir e brigar. É isso, nós estudamos – estudamos através da memória. Não importa onde a pessoa estude, se apega a esse conhecimento como propriedade e exibe o poder do seu conhecimento e inteligência que vem dessa memória, disfarçando a memória com mais falsidade, e usa isso para debater, tornando-se um louco, babando sem perceber. Se praticassem para conhecer a verdade do Dhamma que foi exposta, por que iriam debater com alguém, por que iriam discutir e perder tempo, se não são cegos apalpando um elefante?

O Buddha nos ensina a praticar, a conhecer. Quem sabe (a verdade) muito ou pouco, é corajoso. Por que não seria corajoso? Toca com o coração, conhece com o coração, porque praticou com o coração. É preciso conhecer tanto as kilesas grosseiras, médias e sutis, quanto o Dhamma grosseiro, médio e sutil, e o extremamente sutil, além da sutileza, até chegar à pureza. Se não o coração, quem seria capaz de conhecer tal coisa?"

O resultado da prática de cada um para alcançar Nibbāna foi comparado por ele da seguinte forma:

"Os vários rios, não importa qual sejam, fluem e se unem no mesmo oceano. Os vários rios, nós os chamamos por seus nomes, como o rio Baang Pakong, o rio Chao Phraya, o rio Nan, qualquer que seja o rio. Isso é chamado de curso da água que flui para baixo. Ao chegar ao oceano, torna-se a água do mesmo oceano. Não se pode separá-los. Não há mais este ou aquele rio. Quando entra no grande oceano, no mar aberto, é chamado de água do oceano, tudo a mesma coisa.

Os vários rios são comparados aos praticantes em diferentes lugares. Onde quer que estejam, quando suas perfeições (*parami*) amadurecem, eles fluem, se aproximam, cultivando o bem. Isso é chamado de os vários rios fluindo. Quando se acumula, quando se aproxima, chega-se ao oceano, e aqui, alcança-se a grande libertação, o grande Nibbāna. Quando se está completo, deve-se alcançar o estado supremo do Dhamma, todos da mesma forma.

Não importa se são homens ou mulheres, monges ou leigos. O importante é o cultivo das perfeições, que é a base fundamental para elevar o praticante à

libertação. Agora, quando a prática está completa, é como os vários rios que fluem gradualmente, se aproximando. As perfeições amadurecem, e eles se aproximam. Quando se encontram, diz-se que alcançaram a plenitude, tornando-se um arahant.

É isso. A grande libertação, o grande Nibbāna foi alcançado. Agora, aquele que alcançou o Dhamma, que alcançou a grande libertação, o grande Nibbāna, tornou-se a grande libertação, o grande Nibbāna – todos se tornam o mesmo. Então não se pode mais distinguir quem é quem, ou quem veio de que lugar. Não se pode dizer, porque já se alcançou. Dizer vários rios não têm mais significado, porque entraram no mesmo grande oceano.

Assim, os praticantes das várias formas de bem são como os rios e canais, cada um fluindo, e então alcançam o ponto supremo da libertação do sofrimento. Pode-se dizer que a libertação do sofrimento está nesse ponto, na Libertação Suprema, no Nibbāna Supremo. Ao alcançar isso, todos se tornam a mesma grande libertação, o mesmo Nibbāna Supremo.

Portanto, diz-se que todos aqueles que alcançaram o Dhamma, o estado de arahant, desde o Buddha até o último discípulo, são todos iguais. Ouça isso. Não se pode distingui-los, não há superior ou inferior, não se pode distingui-los..."

Dando continuidade ao legado recebido

Luang Ta sempre disse aos monges e noviços que o fruto do Dhamma, alcançado através de sua prática diligente até que se manifestou claramente em seu coração, foi devido à sabedoria e aos ensinamentos de Ajaan Man. Por esta razão, ele prestava a mais alta reverência e recordava a benevolência e a virtude de Ajaan Man com todo o seu coração e mente, a ponto de estar disposto a sacrificar-lhe a sua vida.

Ele costumava elogiar as virtudes e qualidades de Ajaan Man, dizendo que ele era completo e perfeito em todos os aspectos. Nada era negligenciado ou falho, quer se tratasse dos princípios do Dhamma ou do Vinaya. Ajaan Man era capaz de reter tudo. O seu conhecimento intuitivo e a sua sabedoria interior eram supremos.

A sua mais alta reverência por Ajaan Man foi expressa certa vez de uma forma que cativou os corações dos ouvintes:

"Ajaan Man, nosso mestre, era como meu pai e minha mãe. Tudo estava contido nele. Ele me deu o Dhamma, me presenteou com pontos de vista e formas de pensar auspiciosas e, com os seus ensinamentos e conselhos,

removia todo tipo de coisa ruim de minha mente. Por isso digo que era como meu pai e minha mãe, como se tivesse um pai e uma mãe aqui mesmo.

Eu o venerava ao máximo, meu coração estava totalmente dedicado a Ajaan Man, digo isto com toda a sinceridade. Eu não olhava com desdém os demais mestres, mas não me associava a eles de forma profunda, a ponto de confiar minha vida e morte a eles, tal como fazia com Ajaan Man. Ele ensinou-me tudo, desde o 'a' ao 'z', no que diz respeito à prática do Dhamma.

Quanto à parte teórica, eu estudei, mas não era um caminho verdadeiro. Era apenas memorizar e anotar, sem saber como aplicar na prática. Ele teve que me dizer: 'Isso se faz assim. Essa ferramenta se usa daquela maneira. Use esta outra ferramenta desta forma.' O que eu tinha aprendido, eu lembrava, mas não sabia como praticar corretamente. Foi com a ajuda dele que aprendi a aplicar o que tinha estudado. Ele pegava o que eu sabia e mostrava-me: 'Isto serve para este propósito, aquilo serve para aquele propósito.' E assim, fui aprendendo com ele continuamente, até (esse conhecimento) se tornar um caminho de prática.

Na hora de praticar, era a mesma coisa. Ele tinha de ser o ímã, a força de atração, a árvore Bodhi que nos dava abrigo. Sua proteção, era como um corvo pousado numa montanha de ouro, tudo resplandecia. As kilesas tinham medo quando eu estava com ele; elas se rendiam. Estar com ele era reconfortante. Ele era como uma árvore Bodhi, um ímã que nos inspirava a praticar com diligência, disposto a morrer quando lutando contra dificuldades e desafios. Recebi a sua instrução, e ele ensinou-me tudo sem reter nada, guiando-me na prática com toda a sua força, em todos os aspectos. Ele ensinava com grande detalhe e meticulosidade."

A profunda reverência e o apego, a recordação da benevolência do mestre, que estavam firmemente enraizados na sua mente, podem ser claramente compreendidos num dos seus sermões, onde ele disse:

"Onde quer que eu vá, se não prestar homenagem a Ajaan Man, não consigo dormir. Não importa onde esteja, mesmo que seja para fazer meditação andando, tenho primeiro de me virar na sua direção e prestar-lhe homenagem. Se houver uma imagem sua como representação, presto homenagem à sua imagem. Se não houver nada, tomo as suas virtudes como objeto e presto reverência. A sua benevolência nunca se desvanece, é como se ele nunca tivesse falecido. Existe uma natureza que é assim, é como se eu sempre estivesse sob seu olhar."

A sabedoria dos ensinamentos e conselhos de um mestre que conhecia e via a verdade como Ajaan Man, fez com que seus discípulos e seguidores

monges fossem muitos e espalhados por todo o país, pois receberam dele os princípios e as diretrizes corretas para a sua prática, o que lhes dava confiança. Ele costumava contar aos monges e noviços que seguiam o modo de prática de Ajaan Man:

"Ajaan Man nos guiava de forma correta e precisa, adotando as treze práticas ascéticas como base para a nossa conduta e prática do Dhamma, de forma consistente, sem se desviar do caminho, sem prejudicar aos outros ou praticar com desejo for fama e renome. Era uma prática suave e bela. Se houvesse algo em que se podia confiar, se podia ter certeza, se podia tomar sem receio, era seu modo de prática."

No livro "Paṭipadā, Venerable Ācariya Mun's Path of Practice", Luang Ta escreveu:

"As treze práticas ascéticas têm, cada uma, um peso incrível na subjugação de todos os tipos de impurezas, a ponto desse peso ser difícil de enxergar por completo. São elas: 1. Pedir esmolas diariamente. 2. Pedir esmolas de casa em casa, em sequência. 3. Não aceitar comida oferecida depois (da ronda de esmolas). 4. Comer na tigela. 5. Comer uma vez por dia. 6. Usar apenas três mantos. 7. Usar mantos feitos de panos descartados. 8. Viver ao pé de uma árvore. 9. Viver na floresta. 10. Viver num cemitério. 11. Viver ao ar livre. 12. Viver no local que lhe for designado. 13. Manter a postura sentada, sem se deitar.

Os mestres que são discípulos de Ajaan Man, seguiam e aderiam a esse princípio em suas práticas, o que então se espalhou e se ramificou para seus próprios discípulos, até chegar a nós, hoje. Viemos da sua linhagem. Não há dúvidas, não há nada de oculto ou distorcido que possa causar desconfiança. Tudo o que ele fazia era apropriado, ou seja, tinha uma fundação, uma origem, não era inventado.

Por quê? Porque no início, ele esforçou-se, é verdade, mas esforçou-se de acordo com os princípios do Dhamma e do Vinaya, sem se desviar deles. O Vinaya é a regra dos monges, o modo de se comportar dos monges, e ele era muito rigoroso. E no Dhamma, ele aderiu às treze práticas ascéticas como seu caminho, sem se desviar para outros caminhos. Isto é algo muito digno de admiração presente desde o início da sua prática.

Depois disso, ele começou a ver os resultados gradualmente, como já escrevi na sua biografia, até se tornar alguém que realizou plenamente o caminho e o fruto no seu coração, e então proclamou e ensinou o Dhamma aos seus discípulos, juntamente com o modo de prática, com coragem e bravura, sem a menor hesitação. Isto porque ele tinha a certeza no seu próprio coração, tanto na causa como no resultado; ele estava seguro de ambos.

Todos os seus discípulos que foram estudar e treinar com ele receberam os princípios e as diretrizes da sua prática correta e precisa como guia para a sua própria conduta, que depois foi transmitida sucessivamente por toda parte. Especialmente entre a comunidade monástica, havia muitos discípulos de Ajaan Man espalhados por todo o lado. Ter uma conduta guiada por alguém que conhece e é sábio, como ele, é algo muito raro. É por isso que se pode confiar nele, ter fé e sentir-se seguro, ao contrário de quando se estuda e pratica sozinho.

Não precisamos olhar muito longe para ver um exemplo. Eu estudei (as escrituras) – podem dizer que estou me vangloriando se quiserem – estudei até obter o título de *mahā*. Mas quando se tratava de encontrar um princípio ou uma base para seguir com confiança e segurança, para mim mesmo, não havia. O que dizer? É assim que as coisas são. A mente procurava constantemente um mestre – especificamente Ajaan Man."

Luang Ta respeitava e relacionava-se de coração aberto com qualquer mosteiro ou centro de prática que fosse sincero em praticar o Dhamma, sem dar importância a grupos ou sectos, sem considerar nacionalidade, língua, casta, nome ou seita, como mais importantes do que o Dhamma e o Vinaya. Como exemplo, uma vez ele falou sobre este assunto com um monge da ordem Mahanikaya[56], dizendo:

"Nos tempos do Buddha, havia apenas *Sakyaputtas*[57]. Não havia este ou aquele secto. Estes sectos são apenas nomes; não têm importância. Pode-se ter o nome de um foguete ou de um satélite, mas se a pessoa for um prisioneiro, continuará na prisão. O nome dele pode estar num foguete ou num satélite, ainda assim alguém o respeitará? Não importa quão fantástico seja o nome desse prisioneiro, ele continua preso. É o mesmo com os *Sakyaputtas* do Buddha. Se a conduta não estiver de acordo com os princípios do Dhamma e do Vinaya, o valor da pessoa diminui respectivamente.

O nome não traz benefício. O nome é apenas um nome. Patos, galinhas, porcos, cães, todos eles têm nomes. O nome de um monge é apenas isso. O princípio fundamental é ser um *Sakyaputta*. Que se pratique de acordo com o Dhamma e o Vinaya. Esse é aquele que alcançará o caminho e o fruto. Para aquele que alcança o caminho e o fruto, o nome é apenas um nome.

56 Na Tailândia existem dois sectos oficiais: Mahanikaya e Dhammayutta. Ambos seguem os exatos mesmos textos e ensinamentos, apenas diferem-se em termos administrativos. Há muito tempo, havia uma clara diferença em termos de nível de repeito às regras monásticas entre ambos, mas hoje essa diferença já não é tão clara.

57 'Filhos do Sakya'. Sakya era o nome do clã de nascença do Buddha.

Não é o nome que alcança o caminho e o fruto. O mundo, a tradição, tem sido assim.

Como o nosso Ajaan Man – ele próprio o disse. Ajaan Man não se importava com nomes. Ele se importava com os princípios do Dhamma e do Vinaya nos *Sakyaputtas*. Por isso, quando os seus discípulos mais velhos que eram monges da ordem Mahanikaya vieram pedir-lhe a reordenação[58] – o próprio Ajaan Man me contou isso, e por isso falo com tanta certeza – ele disse:

'Estes são praticantes que praticam correto, praticam bem. Vejo grande benefício para a comunidade. E estes vêm pedir-nos a reordenação. Não é preciso reordenar.' Ele disse diretamente, como se estivesse dando uma ordem.

'Não há impedimentos ao céu, não há impedimentos ao caminho. O estado monástico já foi estabelecido. A sociedade aceita tanto o Dhammayutta como o Mahanikaya. Esta é uma aceitação geral na sociedade. Quanto ao Dhamma e o Vinaya, o caminho já está aberto para aqueles que praticam bem e corretamente. Não há este ou aquele secto. Sejam apenas bons e corretos praticantes. Todos podem ser igualmente filhos do Sakya, o Buddha.' Foi isto que Luang Pu Man expressou.

'Tenho compaixão por seus companheiros, que são muitos. Se todos vocês se reordenarem, não será conveniente para seus companheiros conviverem com vocês. É melhor que vocês não se reordenem.'

A palavra 'companheiros' refere-se a Dhammayutta e Mahanikaya, os nomes que eles se dão, porque o mundo se apega às convenções.

'Se se reordenarem, vão fazer parte desta ou daquela facção. O grupo de vocês é grande, seria bom que eles se beneficiassem do Dhamma de vocês, por isso não quero que se reordenem.'

Ele disse de forma categórica. No que diz respeito à prática, não há impedimentos ao céu, não há impedimentos ao caminho para quem pratica corretamente. Mas para quem não pratica bem, não há esperança. É assim que as coisas são. Depende da prática. Ele visava esse benefício, não este ou aquele secto.

'Quando se reordenam, consideram-se desta ou daquela facção. Aqueles que não compreendem o Dhamma, não conseguem enxergá-lo. O benefício se perde.' Foi o que ele disse.

---

58 Era comum que os alunos que vinham de uma ordenação Mahanilkaya pedissem para se reordenarem Dhammayutta quando se tornavam discípulos de Ajaan Man. Em geral ele dava permissão, mas escolheu manter um pequeno grupo composto, entre outros, de Ajaan Kinaree, Ajaan Tongrat, Ajaan Cha, no secto Mahanikaya.

'Quando vocês se espalharem, seguindo o caminho do Dhamma, onde quer que forem, terão muitos seguidores. Assim os ensinamentos se difundirão ainda mais, o benefício será ainda maior. Por isso, é melhor não se reordenarem.' Ele disse. 'O benefício será maior do que se reordenarem.' Ele falou diretamente, contou para nós. Falando dos seus discípulos que praticavam bem e corretamente, ele não se importava se eram Dhammayutta ou Mahanikaya. Quem praticava bem e corretamente – ele elogiava a todos. É assim que é uma pessoa que é o Dhamma.

Tomem o Dhamma e o Vinaya como as fundações para a vida monástica. Este é um princípio seguro. A pessoa sente-se segura e tranquila onde quer que vá, porque um monge com Dhamma, com Disciplina, com bondade amorosa, está sempre em paz. Sem Dhamma, sem Disciplina, o coração é negro, a água é turva, estagnada e bloqueada, não se pode ver através dela. Um monge com um coração negro, água turva, estagnado e bloqueado, não consegue sentir bondade amorosa. Ele é lenha e fogo em si mesmo, e em seguida vai queimar a cidade inteira. Isto não é bom.

Onde quer que vá, que haja paz. Observe sempre a sua própria mente. É assim. O praticante do Dhamma deve observar a mente como o mais importante. A moralidade é boa, a concentração, a sabedoria, a libertação, tudo emana da mente. Sati e sabedoria protegem e nutrem a mente para que seja boa. Onde quer que se esteja, há paz e conforto. É aqui que se encontram o caminho e o fruto do Nibbāna. Não está nesta ou naquela pessoa, neste ou naquele nome, neste ou naquele secto. Isso é apenas uma fachada que as pessoas inventam."

Sobre esse assunto, Luang Ta também não se importava com qual seita era, desde que a pessoa fosse um bom e correto praticante. Ele ficava satisfeito e sentia-se imediatamente à vontade com aquela pessoa. Ele falou enfaticamente com os monges e noviços daquela comunidade, dizendo:

"Monges que se dedicam ao Dhamma e ao Vinaya, onde quer que vão, sentem-se à vontade uns com os outros. Não são como as pessoas mundanas. Não há preferência por este ou aquele secto; desde que se pratique bem, a afinidade é imediata. Para mim, podem chamar-me de louco, mas não me importo com nomes. É apenas uma fachada. Dhammayutta, Mahanikaya, quem quer que seja, se não praticar bem, mesmo que seja um anjo vindo do céu, não terá utilidade alguma.

Mesmo que sejam do mesmo secto, com o mesmo nome, se a prática não for boa, não me dou bem com eles. Nem sequer quero olhar para a cara deles – o que posso dizer? O Dhamma e o Vinaya são o que determina se nos damos bem ou não. Por que? Se o Dhamma e o Vinaya, a prática, forem compatíveis, então todos são igualmente filhos do Sakya..."

A realização na vida monástica de Luang Ta foi o resultado da sua sinceridade em treinar e corrigir-se a si mesmo, primeiro aperfeiçoar a si mesmo. Durante a época em que ainda treinava a si mesmo, pode-se dizer que ele não se preocupava ou não se interessava em ensinar às demais pessoas. O fruto da sua prática, portanto, cresceu continuamente. Se ensinasse, era apenas ocasionalmente, por necessidade inevitável. Ele contou um incidente em que teve de ensinar:

"Ocorreu acho que no meu segundo *vassa*. Depois do *vassa*, os leigos me convidaram para uma cerimônia de mérito no vilarejo deles. O abade encarregou-me de liderar os cânticos. Eu tinha um pequeno livro de bolso, e quando era necessário, usava ele para dar sermões. Depois da refeição, eles me convidaram a dar um sermão. Peguei o livro e li (em voz alta). Consegui safar-me. Quando terminei, pouco depois, outro grupo veio atrás, pedindo para ouvir um sermão. Eles disseram:

'Qual o problema? O senhor já comeu, pode dar um sermão para nós.'

Mas eu já estava farto. O meu coração estava apertado, (pensei) 'Sobre o que eu vou ensinar agora? Não tem mais nada. Me lasquei!'

Então eles convidaram para ensinar. A responsabilidade cai sobre o líder, não dá para pedir a outro, no final, tive de ser eu a ensinar. Oh, sentia calafrios, mas suava em bicas. Ainda assim consegui, o que é estranho. Quando se está encurralado, consegue-se. Consegui dar o sermão, mas o meu peito parecia que ia explodir. Consegui safar-me, por assim dizer.

Quando voltei, os meus companheiros vieram provocar-me. 'Uau! Falou muito bem...', disseram eles. Eu respondi:

'Fiquem quietos, estou enfezado. Se ainda não querem morrer, melhor ficarem calados.'"

Ele contou a história rindo, divertindo-se consigo mesmo nos primeiros tempos da sua ordenação. Depois, ao regressar ao mosteiro, pegou o livro de sermões do Venerável Chao Khun Upali e começou a memorizá-los intensamente. Escolheu os que lhe pareciam mais adequados e os memorizou até saber de cor, como (se faz com) o Pātimokkha. Ele pensou para si mesmo:

"Da próxima vez não passo vergonha. Se houver necessidade de ensinar noutro lugar, usarei o sermão que me esforcei tanto para memorizar."

Mas o que aconteceu foi que, depois dessa ocasião, não mais foi requerido que ele desse sermões. Aquele foi um momento marcante que ele nunca esqueceu. Ele explicou o motivo:

"Foi um sermão feito sob pressão, sem saída. Tive que lutar, ir contra meu desejo. A partir daí, conseguia ensinar sem problema, sem ficar bloqueado, como naquela ocasião, porque eu também estudava os livros. Só ensinava quando era realmente necessário. Se não fosse necessário, não ensinava."

Mesmo depois de concluir os estudos e ganhar o título de *mahā*, ele não se deu por satisfeito e partiu em busca do caminho da prática. Durante esse período de sua vida ele também só dava sermões quando fosse realmente necessário:

"Depois que saí a praticar, eu já era um *mahā*. Dar sermões e palestras não era algo que me interessasse, nunca me interessei em dar sermões para ninguém, só ensinava a mim mesmo. Mas havia momentos em que era inevitável. Às vezes, eu ia ficar em alguma aldeia, e eles tinham uma cerimônia no vilarejo deles. Inevitavelmente vinham me convidar para dar um sermão. Eu dizia: 'Não sei discursar.'

Eles não acreditavam de forma alguma e diziam: 'Você é um *mahā*, nem diga que não sabe ensinar.' Era o que eles diziam. Um *mahā* também pode passar aperto, sabe? Eles não acreditavam de forma alguma. 'Uma vez que você é um *mahā*, não há como não saber ensinar', diziam eles.

Então eu ia e ensinava mas só quando era realmente necessário. Porque eu viajava para muitos lugares, às vezes pediam que discursasse. Então era necessário de tempos em tempos. Fora isso, eu não aceitava, não ensinava. Não ensinava ninguém.

Especialmente depois de ter estudado e entrado no caminho da prática, tinha ainda menos interesse. Exceto quando era necessário, como já expliquei. Então eu discursava um pouco para eles, e só. Fora isso, eu não aceitava. Eventualmente, acabei associado com esse grupo de discípulos aqui, com o público, com os leigos, e tive que passar a ensinar regularmente, e assim tem sido até hoje.

Ensinar a si mesmo é que é difícil. Ensinar a si mesmo é pegar firme em tudo, amarrando cada canto e cada esquina. É por isso que se chama ensinar. Ensinar o público, o quanto eles absorvem, seja muito ou pouco, é mérito deles. Mas ensinar a si mesmo é ser sincero em tudo. O que quer que se diga, tem que ser daquela forma. É uma obrigação. Chama-se ensinar a si mesmo, aplica pressão tempo todo.

É por isso que é mais difícil do que ensinar ao público. É muito pesado, porque se ensina para pegar firme, não apenas para ouvir à toa. O professor

ensina normalmente, e o ouvinte absorve o que pode. Mas quando ensinamos a nós mesmos, ensinamos de verdade, sem largar, batalhamos o tempo todo."

Depois da noite em que os céus e a terra se abriram para ele em Wat Doi Dhammachedi, na manhã do 15º dia da lua minguante, ele partiu daquele mosteiro em direção a Wat Pa Sutthawat por compaixão a um monge que o seguia há muito tempo – desde a época em que Ajaan Man ainda estava vivo em Nong Phue. Naquela época este monge ainda era um noviço, mas era diligente, perseverante e atento aos seus deveres. Ajaan Mahā Bua sentiu pena e pensou:

"Se ele tivesse a oportunidade de ouvir esse Dhamma maravilhoso, isso o encorajaria a ser ainda forte em sua prática, e lhe daria a certeza de que o caminho para Nibbāna realmente existe de verdade."

Quando se encontraram, Ajaan Mahā Bua disse a seu discípulo:

"Vou contar-lhe uma coisa, você vem me seguido há muito tempo, as palavras que vou dizer agora, já me ouviu falar antes?"

E ele contou a história em Wat Doi Dhammachedi até ao fim, e depois perguntou:

"Depois de ouvir, o que acha destas palavras? Você esteve comigo por muito tempo, já as ouviu antes? Eu já lhe falei algo do tipo antes?"

O monge respondeu com grande excitação e alegria transbordante no coração: "Oh, eu nunca ouvi nada assim antes!"

"Pois é. Seja firme. O Dhamma do Buddha é atemporal – essa fundação está sempre presente. Pegue para valer. Eu agora vejo, todas as dúvidas desapareceram. Todas as dúvidas sobre o Buddha, o Dhamma e a Sangha desapareceram. Os três tornaram-se um só.

E quando digo isto, não tenho dúvidas sobre onde está o Buddha, onde está o Dhamma, onde está a Sangha. A mente e o Dhamma tornaram-se um só. Todos os Buddhas, são um só. Não há separação. São um só."

Muitos anos mais tarde, o monge em questão, falou sobre os seus sentimentos ao ouvir aquele importante ensinamento:

"Ouvi com a mais alta reverência e devoção. Embora naquela altura eu não compreendesse completamente o significado profundo e sutil do Dhamma, guardei os ensinamentos que emanavam da bondade dele como uma recordação e um encorajamento para a prática da vida monástica, que nunca esqueci."

Luang Ta nunca pensou em ser professor ou mestre de ninguém, porque a sua natureza sempre foi a de preferir estar sozinho. Como ele disse aos monges e noviços:

"Quando Luang Pu Man faleceu e foi cremado, foi um momento em que o grupo de discípulos perdeu o seu apoio, então se agarraram a mim. Desse ponto em diante comecei a tentar me esquivar e fugir para poder viver nas florestas e montanhas. Eu era o fugitivo mais hábil.

O que significa dizer que eu fugia do grupo, e que era o melhor fugitivo? No silêncio da noite, quando estava escuro, eu ia. Uma vez que um grupo se juntava ao meu redor e eu ficava incomodado, não queria estar lá. Então, quando estava silencioso, eu ia dar uma olhada – via alguns praticando meditação andando, outros sentados em meditação. Quer dizer, eu ia fazer um reconhecimento. Minhas malas já estavam prontas. Quando chegava a hora, fugia do grupo dessa forma, pegava minha tigela de esmolas e fugia no meio da noite sem dizer nada, ia embora. De manhã, os monges ficavam em alvoroço, como se o céu e a terra tivessem desabado.

'Ele foi embora, não sei para onde!' Eu desaparecia sem deixar rastro. Cerca de duas semanas depois – porque estes eram bons nisto, o nariz desses monges conseguia seguir o rastro em qualquer montanha, qualquer gruta, seguiam até achar. Não importa em que floresta, montanha ou gruta eu me escondesse, eles descobriam. É por isso que eu digo: o nariz de um cão não é tão bom quanto o nariz desses monges.

Eu explicava para eles mas, por mais que dissesse, eles não davam ouvidos, desde que pudessem estar comigo para eles estava bom. Por mais que eu dissesse, eles não se importavam, como se não tivessem ouvidos, olhos, mente ou coração. Eles não se importavam. Ou seja, eles já haviam decidido e não se importavam com o que eu dissesse.

Então, eu fazia de novo. Quando eles se descuidavam, fugia de novo, às vezes, em plena luz do dia. Os monges estavam praticando meditação andando nas montanhas e florestas. Eu passava por este e aquele lado só para observar. Já tinha as minhas coisas prontas. Ia observar aqui e ali – via um praticando meditação andando, outro sentado em meditação. Pegava minhas coisas e partia por um lado onde não havia ninguém. Ia-me embora. Fiz isso não sei quantas vezes, mas ao final não consegui escapar."

Mais tarde, quando cada vez mais monges e noviços passaram a segui-lo pedindo os seus conselhos e ensinamentos, por compaixão, lembrando-se de como ele próprio tinha no passado precisado de um mestre, ele finalmente aceitou o fardo de ensinar.

"Eu nunca pensei que seria professor ou mestre de ninguém, porque a minha natureza não é essa. A minha natureza é apenas focar somente nos meus próprios assuntos. Acho que nunca me interessei em ensinar ninguém. Quando praticava, só me interessava no Dhamma. Então, quando consegui ver as coisas com mais clareza, não me interessei em ensinar ninguém. Pensava: 'Viver assim é mais tranquilo.'

É por isso que, quando o grupo de monges se juntou a mim, eu fugia constantemente. Estar sozinho é bom, não há nada para incomodar, é tranquilo – é assim que as coisas são. Mas aí eles começaram a se multiplicar – mais e mais monges – no final acabou desse jeito que vocês veem aqui.

Mas não é da minha natureza. Eu vivo assim porque vejo o valor em cada coração. Eu penso em como, ao nascer, tive meu pai e minha mãe. Mais tarde parti disposto a morrer em busca de um mestre. Onde quer que eu fosse, não me sentia satisfeito em meu coração e tinha que seguir em frente, procurando até encontrar um lugar satisfatório – e então me entreguei. Os amigos à procura de um mestre devem ser iguais. Por pensar e refletir dessa maneira, eu suporto (ensinar).

Eu suporto pelos meus companheiros, porque minha bem querer está com eles. Sinto compaixão, porque no caminho da mente eu já vi sofrimento suficiente por mim mesmo. Eu vi o valor de um mestre que ensina e guia de maneira correta e precisa. Então, penso em todas essas coisas, e por isso suporto estar aqui. Eu apenas suporto – se fosse para ser de acordo com meu caráter, que dizer, com a minha preferência, eu preferiria não viver com um grande grupo como esse. Desde sempre minha característica é querer estar sozinho. Desde que comecei a praticar, sempre fiz assim, até que meu mestre faleceu e o grupo de monges se atrelou a mim."

Quando os monges e noviços que procuravam o Dhamma chegaram para estudar com ele, como mencionado, com sua compaixão e desejo de que eles obtivessem resultados na prática, Luang Ta dedicou-se com afinco a aconselhar e ensinar.

"Lembrem-se bem, eu ensino para valer – ensino a comunidade, ensino os companheiros. Peço que compreendam isso: quando aceito como discípulo cada um de vocês, aceito de verdade, com razão e fundamento. Ensino tanto quanto posso, com toda a minha capacidade de ensinar. Observo os companheiros dentro do mosteiro como se fossem meus próprios braços e pernas, eu os observo em detalhe e meticulosidade, com toda a minha atenção e capacidade. Quando vou a outros lugares, não me interesso pelos monges (que moram) lá.

Sempre disse: quando saio do mosteiro, ponho os meus óculos de sol e não me interesso por nada, porque não é minha responsabilidade. Não sou eu que tenho de dar conselhos e ensinar ninguém (em outros mosteiros). Isso é assunto deles, assunto de cada um. Mas estes companheiros entregaram-se de corpo, fala e mente, para que eu assumisse a responsabilidade. Eles recitaram *Acariyo me bhante hohi*, e eu aceitei *Opāyikaṃ paṭirūpaṃ pāsādikena sampādehi*"[59]

Naquela ocasião, Ajaan Mahā Bua permaneceu em Wat Pa Sutthawat por apenas duas ou três noites. Depois disso, foi para as montanhas na área do distrito de Waritchaphum. Originalmente, ele planejava passar o *vassa* lá, mas soube através de um leigo que era discípulo de Wat Nong Phue, e tinha acabado de visitar a aldeia de Nong Phue, que relatou:

"Fui a Wat Nong Phue, havia apenas dois ou três monges velhos lá. Ao ver aquilo, senti-me desolado e triste, porque antes era (movimentado) como um mercado, cheio de monges por todo lado. Mas desta vez, quase não havia monges, parecia um mosteiro abandonado. Vê-lo assim foi extremamente triste..."

Quando ouviu isto, Ajaan Mahā Bua sentiu-se desolado. Ele explicou o motivo:

"Wat Nong Phue é o mosteiro onde Ajaan Man passou o seu último retiro das chuvas. E a própria aldeia de Nong Phue é uma aldeia que tem muito mérito e tem sido muito generosa para com os monges praticantes de meditação. Não importa quantos monges e noviços viessem, eles conseguiam sustentar todos, apesar de haver apenas 70 casas. Agora, está se tornando um mosteiro abandonado, como se ninguém se importasse, como se esta aldeia fosse um trapo sujo. Isso é apropriado? Não me parece razoável."

Por esta razão, ele decidiu voltar para passar o retiro das chuvas lá novamente, embora restassem apenas sete dias para o início do *vassa*. Os monges e noviços que esperavam depender e receber conselhos, ensinamentos sobre o Dhamma e a prática dele, também voltaram para passar o *vassa* juntos lá. Assim, naquele ano, havia 28 monges e noviços juntos, trazendo calor e conforto aos aldeões de Nong Phue, como antes.

Voltando a falar da avó com poderes psíquicos que frequentemente vinha conversar sobre Dhamma com Ajaan Man em Baan Nong Phue, ela ainda estava viva, mas muito idosa. Quando vinha ao mosteiro, apoiava-se numa

59 Palavras do ritual para pedir que um professor o aceite como aluno.

bengala. Para chegar, tinha que parar para descansar cinco vezes, embora a sua casa não ficasse longe – cerca de 400 metros de distância.

A avó sentia pena do seu neto, que antes servia Ajaan Man. Temendo que ele não reconhecesse as virtudes de Ajaan Mahā Bua e pudesse não tratá-lo tão bem quanto deveria, ela sussurrou secretamente a seu neto:

"Olha, vou te sussurrar algo para que saiba. Você tem que saber. Já sabe que em Wat Nong Phue, o pai morreu, mas que o pai ainda está vivo? Sabe que o pai morreu, mas que o pai ainda está vivo?" Ela apontou para Ajaan Mahā Bua e sussurrou a seu neto:

"Tahn Mahā Bua está tomando conta do mosteiro em seu lugar, tomando conta do Dhamma em seu lugar. Ele está tomando conta de tudo, de forma completa e perfeita. Você deve respeitá-lo da mesma forma que respeitava Luang Pu Man. Não o abandone nem o negligencie. Você deve servi-lo e ajudá-lo sempre que possível. Ninguém sabe disto. Estou te sussurrando. Não conte a ninguém."

Os monges e noviços de Wat Nong Phue naquela época notaram que, da mesma forma que a avó vinha visitar Ajaan Man, agora visitava Ajaan Mahā Bua – sem qualquer diferença de como era quando Ajaan Man ainda estava vivo. Ele contou sobre um incidente daquela época:

"Luang Pu Man faleceu, e eu fui passar o *vassa* lá. Ela saía de casa para me ver de manhã. Então eu perguntei-lhe:

'Quantas vezes parou para descansar antes de chegar aqui?'

Ela respondeu: 'Cinco paradas.'

'Então, porque veio?'

'Porque eu queria vir.'

Ela falava assim, de forma muito direta. 'Veio para quê?', perguntei.

'Porque eu queria vir, então vim.'

Ela vinha ver-me regularmente... Depois de eu comer, ela vinha. Chegava para conversar sobre o Dhamma. Era divertido. Ela falava sobre o Dhamma e falava com conhecimento. Era uma pessoa que não estudou, que não sabia ler uma única letra, mas falava com grande deleite (no Dhamma). Os monges e noviços juntavam-se à volta. Tudo o que ela dizia era interessante, falava com conhecimento de vários ângulos, conhecia os deuses Indra, Brahma, os *devas* e os *devaputtas*..."

Como a natureza do neto era de não conseguir guardar segredos, o 'sussurro' da avó acabou tornando-se conhecido por todos, e foi motivo de riso o fato de que até ao próprio Ajaan Mahā Bua ele veio contar a fofoca.

Neste *vassa*, um dia, um leigo da cidade trouxe um purgante para os monges e noviços do mosteiro tomarem. Os monges e noviços, depois de tomarem o remédio, tiveram uma reação normal, de acordo com o efeito prescrito pela receita, por isso não houve nada de anormal.

Mas para Ajaan Mahā Bua, pouco depois de tomar, o resultado foi que teve de ir ao banheiro 25 vezes e vomitou 2 vezes. O seu corpo enfraqueceu rapidamente. Embora tivesse tomado um antídoto, não conseguiu neutralizar o efeito daquele remédio.

Sentiu uma dor intensa, a ponto de quase morrer, ou não seria errado dizer que já tinha morrido, porque perdeu toda a sensação do corpo. Aconteceu enquanto ele estava no banheiro. Embora sentisse uma dor terrível, como já tinha passado por estas coisas antes, não se sentiu abalado ou assustado. Ele descreveu o seu estado naquele momento da seguinte forma:

"Quando digo que fui ao banheiro 25 vezes e vomitei 2 vezes, estava mesmo a ponto de morrer, noventa e nove por cento. Não me descuidei, não tive medo de morrer. 'Hã? Já está na hora de partir?', pensei. 'Bem, se é para ir, vamos lá.'

Foi divertido contemplar, tranquilo. Naquele momento, quando estava prestes a ir embora, a responsabilidade pelo corpo recolheu toda de uma vez. A parte de baixo se recolheu para o meio do coração, a de cima desceu, e os lados esquerdo e direito se recolheram ao mesmo tempo (para o centro do peito).

Depois disso, o corpo perdeu seu significado. O corpo tornou-se como um pedaço de madeira, um pedaço de lenha. Os ouvidos ficaram surdos. Não só surdos, não só cegos – foi para além disso. Tornou-se um pedaço de madeira, um pedaço de lenha. Toda a dor desapareceu. É por isso que acredito firmemente que, uma pessoa que está para morrer, se tiver plena consciência de si mesma naquele momento, a dor desaparece por completo. Ela desaparece.

No momento em que a dor desapareceu completamente, apesar de ter sido uma dor terrível, quando chegou a hora de ir, a responsabilidade por essas sensações se recolheu para dentro num único instante e se reuniu no centro (do peito), aqui. Este centro é apenas ciência. Não se pode dizer que é o ponto ou o nó da ciência, de uma forma ou de outra. Só se pode dizer que é

apenas ciência. Então a dor cessa – tudo cessa. O corpo cessa da sensação do próprio corpo e da sensação dos nervos. A mente é a mente. A dor cessa ao mesmo tempo. Naquele momento de noventa e nove por cento, a preocupação era: 'Já está na hora de partir? Bem, se é para ir, vamos lá.'

A mente moveu-se novamente como que para ajudar a ir. Tornou-se então uma força. O poder da mente que se determinou a ir, tornou-se uma força que fez a mente expandir-se novamente, para ganhar ciência das várias coisas nas diferentes partes do corpo.

'Hã? Não vai? Se não vai, então fica!' Foi assim, não me esqueço. A sensação em mim era realmente assim. Pensava assim quando estava para ir. 'Já vai mesmo?', pensava. 'Se é para ir, vamos lá.' Determinei-me num instante para ajudar a ir, ou seja, ir sem preocupações – para dizer de forma simples.

Não tinha dúvidas sobre nada. Naquela altura, eu não tinha dúvidas sobre mais nada. Todas as dúvidas tinham desaparecido. Falando a verdade, naquele momento a verdade estava a manifestar-se para eu ver. Quando estava para morrer, não sentia medo de nada. Seguia e conhecia cada etapa – até a toda a dor que era tão intensa a ponto de me levar à morte. O meu conhecimento dela permaneceu constante, sem vacilar, até que a dor intensa no corpo desapareceu completamente, porque a responsabilidade da mente se recolheu num piscar de olhos, e a dor desapareceu juntamente com a responsabilidade pelo corpo.

'Já está na hora de partir? Bem, se é para ir, vamos lá.'

Restava apenas ciência. Fixei-me nesse ponto de saber. Não demorou um minuto, e expandiu-se novamente. Quando se expandiu, os ouvidos ouviram, os olhos turvos voltaram a ver. A sensação do corpo retornou. Então a dor começou de novo. Era tão intensa como antes. A intensidade estava na parte do corpo, não na mente. Não alcançava a mente. A mente permanecia normal, como sempre."

Depois disso, a sua doença começou a melhorar gradualmente. A sua força e vigor começaram a retornar sucessivamente e, finalmente, voltaram ao normal.

Baan Huai Sai

Depois do falecimento de Ajaan Man, Luang Ta passou um *vassa* em Baan Nong Phue. O *vassa* seguinte ele passou em Baan Huai Sai, distrito de Khamcha-i, província de Mukdahan, e lá ficou por quatro anos – até 1954. Muitos monges e noviços seguiram-no para lá, se espalhando pelas pequenas aldeias da região, como antes acontecia quando Ajaan Man se estabelecia em

alguma região. Já no mosteiro onde Luang Ta residia, ficavam apenas cerca de dez monges.

Ele demonstrou sua compaixão pelos monges e noviços através de ensinamentos e instruções, com firmeza e atenção, sendo rigoroso tanto no Dhamma-Vinaya como nas várias práticas ascéticas. Ele ensinava e os encorajava nas suas práticas, resultando em muitos monges, noviços e leigos, alcançarem resultados claros nas suas mentes.

Ajaan Singthong foi um dos que passou o *vassa* com ele durante este período. Numa breve biografia que foi escrita a seu respeito, Ajaan Singthong falou sobre a intensidade de Luang Ta com os monges e noviços da era de Baan Huai Sai:

"O Venerável Ajaan Mahā Bua era muito rigoroso e exigente com os monges e noviços que praticavam com ele. À noite, ele saía para inspecionar os monges e noviços no mosteiro sem usar uma lanterna – queria ver quem estava praticando diligentemente ou não. Se visse uma luz acesa, ele não se aproximava. Se um monge tivesse a luz apagada, ele ia até debaixo da cabana e ouvia para ver se o monge estava dormindo ou meditando, porque a respiração de uma pessoa que dorme é geralmente mais forte do que a de alguém acordado.

Se algum monge adormecesse antes das 22h, de manhã, por volta das 4h, ele ia direto à cabana desse monge. E se ele ainda não estivesse acordado, mais tarde, quando viesse para a sala de refeições para se preparar para a ronda de esmolas, ele dava um sermão para aquele monge ou noviço. Se ele o avisasse três vezes e não houvesse melhoria, ele o expulsava do mosteiro, mandava para outro mosteiro dizendo: 'Já não consigo te ensinar. Tenha a bondade de partir desse mosteiro.'

Por isso, os monges e noviços da era de Baan Huai Sai, sob a sua liderança, eram muito diligentes na prática da meditação. Cada um praticava em segredo, ou seja, alguns monges, quando o grupo fazia meditação andando, entravam em suas cabanas, não acendiam a luz, fingindo que estavam dormindo, mas na verdade estavam sentados em meditação. Quando os demais terminavam a meditação andando, eles saíam para praticar."

O Venerável Ajaan Singthong contou uma vez que, naquela época, era como se os monges e noviços do mosteiro não dormissem. Sempre que se olhava, via-se a luz das lanternas a brilhar dentro das cabanas, como se ninguém dormisse.

Quanto à comida, se tinham um sapo ou uma rã, dividiam-no para quatro monges. Em tempos de escassez, uma única berinjela era cortada para quatro monges. Isto porque o Nordeste da Tailândia é árido, especialmente na

estação seca. Em alguns lugares, tinham de beber água de um lago e ir buscá-la longe, a dois ou três quilômetros de distância, porque não havia água nos poços. E mesmo que houvesse, em alguns lugares a água era imprópria para consumo, e com isso, o que se seguia era a escassez de alimentos.

Eles dependiam de raízes e folhas para comer. Raramente tinham um pedaço de açúcar, quando tinham, ele era dividido entre três ou quatro monges. Em alguns anos, quase todos os monges e noviços ficaram doentes com malária. Restavam apenas o Venerável Ajaan Mahā Bua e mais um monge para cumprir as tarefas diárias, como varrer o pátio do mosteiro e ir buscar água para lavar e beber.

Luang Pu La Khemmapatto, de Wat Phu Chó Kó, província de Mukdahan, foi um dos que passou o retiro das chuvas com ele durante este período. Luang Pu La descreveu a atmosfera da era de Baan Huai Sai de forma impressionante:

"Naquela época, era maio, na lua minguante, depois do Visakha Puja de 1953... Naquele ano, havia 11 monges e 4 noviços: o monge líder (Ajaan Mahā Bua), Ajaan Som, Ajaan Singthong, Luang Pó Nin, eu (Luang Pu La), Venerável Phian, Venerável Suphat, Venerável Pheng, Venerável Siha, Venerável Lee, Venerável Sawat, dois noviços chamados Nói, noviço Bunyang e o noviço So.

A prática que Luang Pu Mahā nos levou a fazer era como a da era de Nong Phue com Luang Pu Man, porque na era de Huai Sai ainda não havia muitos visitantes leigos. A história da era de Huai Sai foi também da era em que o Venerável Ajaan Mahā repreendia e disciplinava os monges e noviços, sem olhar quem.

Mas não se esqueça que na era de Baan Huai Sai, na sala de refeições, ainda se usava um cuspidor de bambu. Nas cabanas, na sua maioria, era a mesma coisa. O querosene disponível era apenas dois latões por ano. O pano para fazer os três mantos era apenas um ou dois rolos por ano, para todo o mosteiro. O valor total de todos os bens no mosteiro era, por vezes, apenas cem ou duzentos bahts. Isto eu menciono para que as gerações futuras se lembrem e não se esqueçam nesses tempos de materialismo e de luxo, por receio de que as impurezas se tornem luxuosas.

Quanto aos alojamentos, eram na sua maioria feitos de folhas de bananeira e palha. O Venerável Ajaan Mahā ainda vivia numa cabana feita de ripas de bambu e coberta de palha. As portas e janelas eram feitas de folhas de bananeira entrelaçadas.

Havia mais tempo para a prática do que hoje em dia. Quando jovem, Luang Pu Mahā era ainda mais ágil do que agora. Os discípulos que têm a oportunidade de estar com Luang Pu em Baan Tad na era atual, conheceram a versão mais complacente dele. Esses não têm o direito de dizer que ele era rigoroso."[60]

Em Baan Huai Sai, havia uma praticante leiga (que mais tarde seria) chamada Mé Chi Kéu Siang Lam. Durante sua meditação, ela frequentemente fazia contato com conhecimentos estranhos e extraordinários. Quando Ajaan Mahā Bua veio passar o *vassa* nesta aldeia, teve a oportunidade de conversar e dar-lhe importantes instruções sobre a prática da meditação. Ele contou sobre a vida e prática do Dhamma de Mé Chi Kéu, que era maravilhosamente extraordinária, da seguinte forma:

"Mé Chi Kéu, que vivia em Baan Huai Sai, era uma discípula original de Ajaan Man desde a sua juventude. Ela praticava meditação desde jovem. Se algum dia a sua meditação fosse estranha, quando Ajaan Man chegasse na sua ronda de esmolas, ele diria:

'Hoje, vá ao mosteiro.'

Porque ele sabia de tudo. Então, quando ele estava prestes a partir daquele lugar, ele disse-lhe diretamente: 'Se você fosse homem, eu lhe ordenaria noviço.' Naquela altura, ela tinha cerca de 16-17 anos. 'Sendo mulher, é difícil. Não te levarei. Fique aqui, mas se vai ou não enlouquecer com a vida familiar, como o resto do mundo faz, é escolha sua...' Dizendo isto, ele partiu. Antes de partir, ele ordenou: 'Mas não pratique meditação.'

Isto é importante, ele deu essa ordem. O caráter dela era muito aventureiro. No que diz respeito à meditação, seu caráter era realmente muito aventureiro. Voava pelos céus, caminhava sobre a terra, mergulhava na terra. Em sua mente ela via e conhecia todo tipo de coisas. *devas*, Indras, Brahmas, fantasmas, ela via tudo. Era assim. Então, como não haveria um mestre para guiar e aconselhar, Ajaan Man temia que ela se desviasse, por isso a proibiu de meditar.

'Quando eu partir, não medite. Mais à frente haverá um mestre para te ensinar.'

Ele disse isto. O tempo foi passando, passando, e ela não conseguiu mais resistir. Queria meditar o tempo todo. Então, ela meditou. E coincidiu com a minha chegada àquele lugar. Foi um momento perfeito.

60 Mesmo em seus últimos anos de vida, Luang Ta era considerado extremamente rigoroso.

Quando cheguei, ela veio contar-me. Quando cheguei, fui passar o *vassa* na montanha. Deixei os meus companheiros passarem o *vassa* em baixo e eu e um noviço fomos passar o *vassa* no alto da montanha em Baan Huai Sai.

Quando ela vinha me ver, meditava e falava sobre os seus conhecimentos e visões. Ela ia ajudar os fantasmas famintos, espíritos desencarnados e tudo o mais. Ela podia ir ao inferno e ao céu, sabia tudo...

Nos dias de *uposatha*, eles vinham. Vinham todos juntos, todo o mosteiro. As monjas e as leigas vestidas de branco, todos subiam a montanha para me ver à tarde, às 16h. Eles vinham e desciam por volta das 18h. Quando chegavam, ela me contava suas histórias. Desde o início era sempre interessante. Assim que ela começava, era imediatamente cativante.

'Eu não tenho meditado. Só comecei a meditar agora. Ajaan Man me proibiu de meditar.' Ela disse. 'Ele me proibiu de meditar.'

Isso me chamou a atenção. Tinha de haver uma razão. Se Luang Pu Man a proibiu de meditar, tinha de haver algo ali. Então ela me contou sobre a sua meditação. Oh, não era brincadeira. Era mais extraordinário do que se poderia esperar ou imaginar. Eu percebi imediatamente.

'Ah, é por isso que ele a proibiu de meditar.'

Quando ela veio ficar comigo... quando vinha me ver, ela meditava. Falava sobre os seus conhecimentos e visões. Ia ajudar os fantasmas e tudo o mais. Inferno, céu, ela podia ir a todo o lado, via tudo. Então, quando meditava, deleitava-se apenas em observar estas coisas. Depois de vir me ver por mais umas vezes, eu gradualmente comecei a refreá-la pouco a pouco. Então proibi (deixar a mente) ir para fora. De agora em diante, não deixe sair em hipótese alguma. A partir de agora tem que ser assim. No início, eu permitia que saísse.

'Pode sair ou não. Vá meditar e experimente por si mesma.' Mais tarde: 'Não deixe sair.' Depois, peguei pesado: 'Terminantemente proibido sair.'

Levei a esse ponto. Que ela voltasse sua consciência para seu interior. Aquilo era conhecimento externo, não interno, não era conhecimento que erradica as impurezas. Eu queria que ela entrasse para conhecer internamente, para erradicar as impurezas. Ela não queria entrar. Discutimos. Ela dizia que sabia (o que estava fazendo). Ela discutiu comigo. Foi um momento crucial. Quando ela discutiu com o mestre, o mestre expulsou-a da montanha, e ela desceu a montanha chorando.

'Fora! Não me importa para onde, vá! Este lugar não é para eruditos nem sábios. Aqui é só para tolos. Quem for erudito ou sábio, que desça daqui!'

Expulsei-a naquele mesmo instante. Ela desceu chorando. Eu fiquei indiferente. As lágrimas não me pareciam ter utilidade. Falei na hora, expulsei-a da montanha.

'Não suba mais. A partir de agora, está proibida.' Cortei de vez. Passaram-se quatro ou cinco dias, e ela apareceu de novo.

'O que veio fazer aqui?'

'Espere, deixe-me falar. Espere, deixe-me falar', disse ela.

'O que é isto? O que a grande sábia veio fazer aqui?' Eu falei 'a grande sábia'. Ela disse:

'Espere, deixe-me falar.' Então ela disse que já não tinha mais esperanças, precisava encontrar um apoio. Falou abertamente:

'Eu quero me apoiar nesse mestre. Já lhe entreguei a minha vida e o meu coração, não tenho mais nada. Fui expulsa da montanha por ele. Em quem vou me apoiar? E a razão pela qual ele me expulsou, ele tinha as suas razões. Ele disse que eu não o ouvia. Se eu o considero meu mestre, porque não ouço? Foi porque eu fui arrogante que isso aconteceu assim. Não tem benefício algum. Então, tomei suas palavras para me ensinar, para praticar. O que tiver que acontecer, que aconteça. Se me afundar, que me afunde.'

Desta vez, ela tomou minhas palavras para ensinar a si mesma, forçando-se a não (deixar a mente) sair, como eu havia instruído. Antes, ela só saía. Mesmo eu a expulsando da montanha, ela não aceitava a instrução. Só queria conhecer coisas externas. Depois de ter esgotado todas as suas opções, todos os seus apoios, ela enfim viu a sua própria culpa.

Ela pensou: 'Se eu o considero meu mestre, porque não o ouço? Ouça-o. Veja o que acontece quando praticamos como ele diz.' Então seguiu as instruções. Tendo seguido, tudo se abriu internamente, ficou claro – falando de forma resumida. Ela voltou por esta razão. Então, viu isso e aquilo, viu de acordo com aquilo que ensinei.

'Bom. Agora tenha diligência nisso. Não saia. Não crie confusão. Já criou confusão por muito tempo e não trouxe nenhum benefício. Não tem diferença entre olhar a terra e o céu e olhar para essas coisas (externas).

Olhar para os *petas*, para os fantasmas, para os *devas*, para os *devaputas*, é como olhar com os nossos olhos normais. Estas coisas não trazem nenhum benefício. Não conseguem erradicar uma única kilesa. É aqui (no coração) que se erradicam as kilesas.'

Eu lhe disse. 'Olhe para aqui.' Ela concentrou-se intensamente. Levou a sério. Decidiu-se. Não demorou muito, e ela alcançou (a iluminação). Ela disse que

já tinha alcançado há muito tempo... Em 1951, eu fui passar o *vassa* em Huai Sai. Por volta de 1952, ela alcançou..."

Outra ocasião em que ele fala sobre o conhecimento extraordinário de Mé Chi Kéu:

"O conhecimento de Mé Chi Kéu era estranho e extraordinário. O mais importante é que ela nunca errava. Onde quer que eu fosse, ela nunca errava. Era preciso. Nunca se desviava. Assim que eu saía do mosteiro (ela dizia): 'Ah, o Mestre já se foi', dizia ela. 'Ele já foi.'

Onde quer que eu fosse, a minha natureza era assim, eu nunca falava, nunca contava a ninguém. Era a minha natureza desde sempre. Quando eu voltava ela sabia, ela dizia 'Estou sentido ficar mais caloroso, está ficando mais caloroso.' Quando eu chegava ela dizia: 'Ele chegou.'

De manhã, cozinhava o arroz, preparava bétel e outras ervas para oferecer. Nunca falhava. Então eu perguntei 'Você faz isso todos os dias? O bétel, o arroz?'

Ela cozinhava uma pequena panela de arroz para mim todos os dias. Quando eu estava lá, não importava o quanto eu proibisse, ela não dava ouvidos. Cozinhava o arroz e preparava o bétel. Ela mesma não vinha, mas pedia a uma monja para trazer a oferenda de comida. A monja trazia. Ela mesma vinha só de vez em quando. Perguntei à monja sobre o cozimento do arroz, e ela respondeu:

'Comecei a cozinhar quando o *yathan* (venerável mestre) chegou.' Chamar de *yathan* era o jeito deles de demonstrar respeito. 'O bétel foi preparado agora. Quando o *yathan* não está, não faço.'

'E como você soube que era para cozinhar?'

A monja respondeu: 'A avó (Mé Chi Kéu) mandou cozinhar, disse que o *yathan* já tinha chegado.'

Vejam só, nisso ela não errava. Era infalível. Assim como quando o Luang Pu Man faleceu. Oh, a precisão dela era impressionante. 'O *yathan* faleceu... ontem à noite. *Yathan* veio me dizer: 'Venha, venha ver meu corpo, só sobrou o cadáver, o pai já se foi.'

A conversa mal tinha terminado quando o sobrinho dela foi até Kham Cha-i e ouviu a notícia no rádio às sete da manhã, anunciando que Luang Pu Man havia falecido. Ao chegar, ele correu direto para o templo, ofegante:

'O que foi?'

'Oh, o *yathan* faleceu!'

Veem só? Faleceu tal e tal hora, eles anunciaram. A precisão dela era incrível..."

Outro discípulo importante durante a estadia em Baan Huai Sai foi um leigo chamado Kam Tan. Pouco tempo depois, o leigo foi ordenado monge. Luang Ta teve a bondade de providenciar pessoalmente os oito itens necessários para a ordenação, como ele mesmo relatou:

"Luang Pó Tan, era um. Eu o ordenei. Ele era um leigo e meditava bem. Ele me contou sobre sua meditação, parecia bom. Então, eu o mandei para ser ordenado em Mukdahan. Eu não fui, mas pedi a um leigo e a um monge para levá-lo. Eu já tinha preparado todos os itens necessários. Pedi que, após a ordenação, ele viesse ficar comigo. Luang Pó Tan foi um deles..."

Posteriormente, lembrando-se da grande benevolência de sua mãe e desejando que ela também conhecesse, visse e encontrasse a felicidade no Dhamma, ele partiu de Baan Huai Sai para Baan Tad. Luang Pu La relatou os eventos desse período da seguinte forma:

"No ano de 1955, após o fim do *vassa* e da cerimônia de oferecimento dos mantos *(Kathina)*, o venerável foi buscar sua mãe para a ordenação como *mé chi*. Ele refletiu bastante sobre o assunto, temia que se após a ordenação levasse sua mãe para ficar em Huai Sai, onde já havia muitas monjas idosas e jovens, se tornaria um fardo para aquelas que foram ordenadas antes. Sendo a mãe do abade, ela ia acabar recebendo honra e tratamento especial. Ele temia que isso pudesse sobrecarregar as mais velhas e as que foram ordenadas primeiro. Assim, decidiu que, após ordenar sua mãe, teria que encontrar um novo lugar para ela ficar. Ele então consultou a sangha dizendo:

'Vou ordenar minha mãe. Quanto a voltar (aqui), não sei dizer. E quanto aos que virão comigo, não seria certo que todos viessem. Quando estou aqui, vocês competem para poder ficar também; quando eu vou, vocês competem para poder ir também. Isso não é apropriado para a prática, manchará a linhagem dos praticantes.

Portanto, peço que o venerável Som lidere o grupo aqui no próximo *vassa*. Quanto a quem irá comigo, não tenho preferência por um ou por outro. Se preferirem ficar aqui, também é bom. Se muitos vierem comigo causará problemas, pois não sei onde ficaremos. Isso é algo que precisa ser bem pensado...'"

Ao chegar em Baan Tad, ele organizou a ordenação de sua mãe como *mé chi* e a instruiu na prática da meditação. Naquele ano, sua mãe completou exatamente 60 anos. Ele relatou os eventos daquele período:

"Quando chegou a hora, enviei uma carta para minha mãe dizendo: 'Virei de Huai Sai por volta de tal dia. Esteja preparada.'

Minha intenção era ordenar minha mãe assim que chegasse. Ao chegar, ela já estava pronta, então a ordenei imediatamente. A velha Mé Kéu (Venerável Mé Chi Kéu Siang Lam) veio junto. Ela veio por causa da minha mãe. Se não, minha mãe não teria companhia, pois os outros iam ficar com receio (uma vez que era mãe do mestre). Agora que eu ia ordenar minha mãe, ela veio para lhe fazer companhia. Assim que chegou, a ordenação foi feita, tudo correu tranquilamente."

Com relação a seu pai, vários anos antes deste falecer, Luang Ta tentou escrever-lhe cartas várias vezes, pedindo que parasse de matar animais. No final, seu pai concordou e nunca mais matou nenhum animal. Seu pai faleceu muitos anos antes, em 1944 aos 55 anos, na mesma época em que Luang Ta ainda estava desenvolvendo sua prática pelas florestas e montanhas.

Sabe-se que na manhã do mesmo dia em que seu pai faleceu, Luang Ta disse aos monges que estavam com ele naquela época: "Bom, meu pai faleceu. Ontem à noite, o irmão do meu pai veio (numa visão) me dizer que ele havia morrido. Esperem para ver se é mentira ou se é verdade."

Os monges e noviços anotaram a data e a hora que ele disse. Cerca de duas semanas depois, ele recebeu uma carta de seus parentes da província de Udon Thani que dizia: "Seu pai faleceu." Quando os monges e noviços compararam a data e a hora que haviam anotado com a da carta, viram que coincidiam perfeitamente, deixando todos impressionados.

Depois que ordenou sua mãe, para ajudá-la a não se preocupar com filhos, netos e parentes, ele a levou para morar na província de Chanthaburi em1955.

Primeiro, ficaram em Baan Yang Rahong. Mais tarde, Ajaan Jia Cundo o convidou para morar e construir um mosteiro nas terras de sua irmã mais velha, na área da Estação Experimental Agrícola de Phriw, no distrito de Lém Sing.

Ajaan Jia supervisionou a construção das moradias para garantir que fossem confortáveis e completas, adequadas para a residência durante o retiro das chuvas, com uma área bem definida e isolada, tanto para os monges quanto para os leigos.

Uma conexão forte com o povo da região ficou evidente para Ajaan Mahā Bua. Ele falou sobre a fé firme e inabalável do povo de Chanthaburi da seguinte forma:

"Indo para Chanthaburi, tive a oportunidade de ensinar à população local. Dei sermões na cidade de Chanthaburi. Aqueles sermões eram apenas sermões, nada de especial. Mas o povo de Chanthaburi, oh, é muito devoto. A fé é muito importante. Aos sábados, domingos e dias de *uposatha*, o lugar ficava lotado. Pessoas da Estação Experimental vinham ouvir os sermões e ficava cheio.

Eles até se gabaram para Tahn Pó Lee (Dhammadharo), sem saber que eu e Tahn Pó Lee nos conhecíamos há muito tempo. Depois que foram embora, foram se gabar para Tahn Pó Lee. Naquela época, Tahn Pó Lee estava no mosteiro Wat Pa Khlong Kung. Eles foram contar a ele:

'Tahn Pó, agora temos um monge muito importante. Ele está no mosteiro da Estação Experimental.'

'Importante em quê?', ele perguntou. Na verdade, eles não sabiam que nos conhecíamos há muito tempo. Eles disseram:

'Venerável Ajaan Mahā Bua, puxa, ele ensina como água corrente, como fogo brilhante!' contaram a ele.

'É assim que tem que ser', foi a resposta dele. 'É assim que tem que ser.' Na verdade, eles não sabiam que nos conhecíamos há muito tempo.

Por isso, quando foram se gabar para ele, ele não conseguiu conter o riso e disse: 'É assim que tem que ser.' Foi só o que ele disse..."

Em Chanthaburi, durante aquele retiro das chuvas, houve um incidente que deixou Ajaan Singthong maravilhado com a habilidade de Luang Ta em observar o caráter das pessoas. Ele era capaz de enxergar a índole delas em seus mínimos detalhes com clareza e precisão. Certo dia, enquanto os monges e noviços trabalhavam juntos, Luang Ta pediu que observassem um homem que estava por ali e então disse:

"Veneráveis, o que vocês acham deste homem que está sempre por perto do mosteiro?"

Todos os monges e noviços ficaram surpresos com a pergunta dele, pois não viam nada de anormal naquele homem em comparação com os outros. Ajaan Singthong respondeu: "O que é que tem? Ele parece uma boa pessoa."

Luang Ta disse: "Tem certeza? Olhe bem." Ajaan Singthong disse com confiança: "O que há para olhar bem? Já olhei bem."

"Considere primeiro.", ele insistiu. Então, ele contou o histórico daquele homem: "Este é um grande criminoso. Ele é capaz de matar 5 pessoas sem problemas, possui todos os requisitos para isso."

Ajaan Singthong ficou surpreso e ainda não acreditou nas palavras dele. Então, ele secretamente foi investigar o passado daquele homem, determinado a descobrir a verdade. Depois de investigar minuciosamente todos os pontos em dúvida, resultou que tudo que Luang Ta disse era verdade, em todos os aspectos. Ele então voltou e disse a ele:

"Oh, incrível! Tahn Ajaan, como você enxerga as pessoas? Por que o senhor pôde dizer do nada, mesmo que ele não tenha feito nada para levantar suspeitas? Ele sempre pareceu uma pessoa decente, mesmo eu o observando o tempo todo. Você tinha razão."

Luang Ta sempre elogiava Ajaan Singthong para os monges e noviços em Wat Pa Baan Tad, dizendo: "Este Venerável Singthong é resoluto! Ele não cede facilmente a ninguém, e se não aceitar, ele luta. Mas se aceitar, ele aceita de verdade."

Aquele incidente tornou-se outra história que é frequentemente contada entre os discípulos, monges e noviços até hoje.

Após o fim do retiro das chuvas, Luang Ta levou sua mãe para ficar em Baan Sam Phan, no distrito de Tha Mai. Mesmo assim, os leigos da Estação Experimental continuaram a segui-lo para ouvir o Dhamma e sempre o convidavam a voltar a morar com eles, o que às vezes fazia com que os leigos de Baan Sam Phan se sentissem um pouco ofendidos e incomodados, pois também o respeitavam e amavam e não queriam que ele fosse embora. Eles queriam que ele ficasse lá por muito tempo ou, se possível, para sempre.

Naquela época, sua mãe adoeceu gravemente e foi necessário levá-la de volta para Baan Tad, em Udon Thani. Além disso, a doença de sua mãe coincidiu de ser tratável com as ervas medicinais do médico de lá. Assim, teve que deixar Chanthaburi com pesar tanto para ele como para os moradores. Por causa de sua estadia na província de Chanthaburi naquela ocasião, sempre que tinha oportunidade, visitava seus irmãos e irmãs de Chanthaburi.

Wat Pa Baan Tad

Como sua mãe adoeceu de dormência nos membros, ele a trouxe de volta para se tratar em Baan Tad. O médico que tratava a dormência usava cana-de-açúcar preta misturada na fórmula do remédio, então ele buscou cana-de-açúcar preta para plantar ao lado da cabana de sua mãe. O médico a tratou por 3 anos até que a doença fosse completamente curada.

Por ter que cuidar de sua mãe por muito tempo, e como ela já era idosa, levá-la para viverem juntos em lugares remotos de acordo com seu antigo hábito de preferir a reclusão, apenas criaria muitas dificuldades para ela. A ideia de fundar o Wat Pa Baan Tad surgiu por essa mesma razão.

Naquela época, os moradores de Baan Tad já ouviam falar da reputação e das virtudes de Luang Ta há muito tempo e também desejavam que ele estabelecesse um mosteiro ali. Assim, eles se uniram para doar a terra. O Wat Pa Baan Tad começou a tomar forma a partir do ano de 1956.

Uma vez estabelecido a base, muitos monges e noviços vieram para morar com ele. No início, ele limitou o número a apenas 17 ou 18 monges e manteve esse número por muitos anos – de 1956 a 1977. No entanto, conforme mestres importantes iam falecendo, muitos monges e noviços ficavam sem um ponto de apoio, então ele gradualmente permitiu que o número aumentasse até que, no ano de 1998, havia um total de 47 monges tomando residência durante o *vassa*.

Como sua mãe não havia aprendido a ler e escrever, porque o sistema educacional antigamente não era tão desenvolvido como hoje, ela precisava da ajuda dos netos para ler os livros que seu filho havia escrito, como a biografia de Ajaan Man. Eles liam em voz alta para ela ouvir todos os dias.

Além disso, Luang Ta pessoalmente lhe dava ensinamentos regularmente. A apreciação dela pelo Dhamma crescia a cada dia, e sua diligência se fortalecia, permitindo que ela praticasse meditação muito bem e gradualmente progredisse ao máximo de sua capacidade. Sua mãe uma vez disse: "Sempre que ouço seus sermões – nunca falhou – a mente se aquieta e se unifica, todas as vezes."

Em seus momentos finais, antes dela deixar este mundo, em meio a uma grande dor física que poderia ter terminado sua vida a qualquer momento, ele a visitou e perguntou como ela estava. Sua mãe respondeu:

"É verdade que o corpo está doente e sofrendo, mas a mente permanece clara, brilhante e radiante o tempo todo."

Acredita-se, portanto, que a mãe de Luang Ta alcançou a bem-aventurança, cumprindo plenamente o desejo de seu filho de retribuir a bondade dela,

assim como o Buddha elogiou: "Aquele que estabelece sua mãe e seu pai na virtude, fé, moralidade e sabedoria, é dito um que retribuiu plenamente a bondade deles."

Ela partiu deste mundo pacificamente aos 93 anos, no dia 30 de maio de 1982. Por essa razão, todos os anos no dia 30 de maio, ele nunca deixou de fazer mérito em memória de sua mãe. Isso demonstra uma profunda gratidão por sua bondade e virtude, que nunca se desvaneceu.

Voltando a falar sobre Tahn Pó Lee, Wat Asokaram, os habitantes de Chanthaburi costumavam contar histórias sobre os sermões eloquentes de Luang Ta para Tahn Pó Lee ouvir. Na verdade, os dois já se conheciam desde a época em que Ajaan Man ainda estava vivo. Como disse Luang Ta:

"Tahn Pó Lee tinha uma natureza resoluta, corajosa e destemida em sua conduta e prática. Ele foi discípulo de Luang Pu Man desde o início, até o dia em que partiu. Tanto Luang Pu Man quanto ele mesmo costumavam visitar um ao outro regularmente.

Pelo que observei quando ele foi prestar homenagem a Luang Pu Man em Wat Baan Nong Phue, senti que Luang Pu Man o tratava com grande amizade, o que era claramente visível. Embora ele não tenha ficado em Wat Nong Phue por muito tempo, o lugar para Tahn Pó Lee dormir foi organizado pelo próprio mestre, que deu ordens para prepararem 'ali e ali' na floresta, fora da área cercada do templo, para que o Venerável Lee pudesse descansar confortavelmente, pois lá era mais isolado do que outros lugares.

A expressão 'ali e ali' significava na floresta profunda. E ele mesmo me ordenou que fosse ver e arrumar o lugar para ele ficar. Depois disso, ele ainda foi ver o local. Isso me causou uma forte impressão, que nunca esqueci. E os ensinamentos e instruções que ele deu nas duas ou três noites em que (Tahn Pó) esteve lá me deixaram muito impressionado.

Porque mestres que são seus discípulos e que gozam de sua compaixão e confiança, raramente têm a oportunidade de encontrá-lo, prestar-lhe homenagem e conversar sobre o Dhamma. Assim, (nessa ocasião) eles puderam conversar de forma plena, cheia de significado e Dhamma em todos os níveis, o que é difícil de ouvir em outras ocasiões.

Este também é um evento inesquecível, porque qualquer gesto que Luang Pu Man fazia era sempre cheio de motivo, propósito e significado que podiam ser tomados como um exemplo a ser seguido. Não era apenas um gesto externo, mas estava cheio de significado. Tahn Pó Lee era um dos discípulos importantes de nosso Luang Pu Man..."

A partir dessas palavras, pode-se ver que Tahn Pó Lee já o conhecia desde a época de Baan Nong Phue. Aquele ano de 2500 da era budista (1957), marcava o ponto médio (de duração) do Buddha Sāsanā[61]. Não muito tempo após o começo da construção de Wat Pa Baan Tad, Tahn Pó Lee preparou uma celebração em Wat Asokaram, na província de Samut Prakan. A intenção inicial de Tahn Pó Lee era realizar o evento por duas semanas, mas a celebração acabou por se estender ainda mais.

É normal que, ao realizar qualquer atividade ou trabalho, surjam problemas, maiores ou menores. Se for necessário que muitas pessoas participem do trabalho, torna-se ainda mais essencial que haja acordo sobre o trabalho para que haja uma direção unificada. Caso contrário, problemas convolutos que causam aborrecimento podem surgir facilmente. Mesmo na organização deste evento, foi o mesmo.

Depois de cerca de uma semana de evento, alguns problemas começaram a surgir: o número de cozinheiros era insuficiente. Inicialmente este problema pode não ter sido grande, mas quando se expandiu, causou outros problemas que eram como galhos e ramos, culminando em acaloradas discussões e disputas, porque ainda não se havia chegado a um consenso. O trabalho comunitário ficou paralisado, tornando-se um grande problema. Embora monges e mestres tentassem conversar e ajudar a resolver a briga, não houve melhora – às vezes a situação até piorava.

Portanto, quando Tahn Pó Lee soube do assunto, ele ordenou estritamente a Ajaan Jia que fosse buscar Luang Ta, que estava presente no evento, para ajudar a resolver o problema. Ajaan Jia recebeu a ordem de Tahn Pó Lee: "Diga especificamente a Mahā Bua para ir resolver o problema na cozinha. Ninguém mais pode ir em seu lugar, de forma alguma. É proibido que qualquer outra pessoa vá em seu lugar."

Sem poder se esquivar de tal tarefa, Ajaan Mahā Bua foi questionar as cozinheiras sobre a causa do problema, saber quão sério era. Depois de entender as razões, ele apontou o problema e a solução de forma direta, fazendo com que todos compreendessem a lógica e ajudassem uns aos outros, até que todos os conflitos fossem resolvidos. A celebração, então, transcorreu bem, sem mais preocupações. Suas palavras duras e intensas naquela ocasião, em resumo, foram:

"Vejam, todos nós viemos como discípulos de Tahn Pó Lee. Quão ruins são os méritos e qualidades de Tahn Pó Lee para que cheguemos a agir dessa maneira? Se todos nós viemos na qualidade de discípulos, então por que não podemos respeitar uns aos outros?

61 Textos antigos definem que o tempo total de vida do sāsanā do Buddha Gotama será 5.000 anos.

Por que incomodar Tahn Pó Lee? Se ele viesse e dissesse algo assim, o que diríamos? Ele não vai dizer muitas palavras, vai falar apenas algumas palavras, e nós, vamos conseguir resolver?... Oh, lá vai Tahn Pó Lee partindo!

(Supondo que ele dissesse) 'Eu estou de partida. Eu não tenho mérito suficiente para liderar esses discípulos e realizar este trabalho nessa ocasião.' Tahn Pó Lee está de partida. Ele está saindo do templo agora. E aí, quem vai correr atrás para trazê-lo de volta? Se não resolvermos isso agora... Neste momento, estamos em condições de resolver. Será que não podemos respeitar uns aos outros?"

Ao ouvir isso, aqueles que estavam envolvidos na briga e não conseguiam encontrar uma solução, sentiram-se como que despertados para se lembrarem da bondade e virtude de Tahn Pó Lee, que se esforçou com compaixão para ensinar o certo e o errado, para que se tornassem pessoas de bem. (A partir de então) todos se sentiram encorajados a lutar contra o problema até que ele desaparecesse, sem se importarem com pequenos aborrecimentos, que eram menos importantes do que a cerimônia organizada pelo mestre. Todos se voluntariaram e concordaram. Um disse "sim", outro disse "sim". Um se voluntariou para contatar aquela cozinha, outro para ir àquela outra; todos se comprometeram a trazer o que fosse preciso. A união, que é a força, retornou como antes.

Uma vez que um acordo foi alcançado, a harmonia e a coesão no trabalho ressurgiram, mas desta vez mais fortes do que antes. O problema desapareceu, transformando-se em uma força de união avassaladora. Por volta das 20h, as cozinheiras anunciaram que já eram 200 pessoas trabalhando. Às 21h, já eram 300 pessoas.

Na manhã seguinte, o número ultrapassou os 300. E com tal união, Tahn Pó Lee respondeu à bondade de seus discípulos estendendo o evento para um total de 3 semanas, sem que surgissem quaisquer conflitos. Todas as disputas se acalmaram.

Provavelmente por causa desse incidente, em parte, Tahn Pó Lee manteve Ajaan Mahā Bua por perto, não permitindo que ele fosse a lugar nenhum durante toda a celebração. Sempre que Tahn Pó Lee o encontrava, costumava dizer com a compaixão de alguém próximo e familiar:

"Mahā Bua, você não pode ir a lugar nenhum, ainda não terminou... Mahā Bua, você não pode ir a lugar nenhum, o festival ainda não terminou..."

Depois disso, Tahn Pó Lee o levava para inspecionar vários lugares pela manhã, durante a oferta de comida, ou para ver outros assuntos, fazendo

com que todos no evento percebessem a amizade e a proximidade especiais que Tahn Pó Lee tinha por ele.

Em outra ocasião, no mesmo Wat Asokaram, houve uma importante reunião de monges na qual ele participou. Naquela vez, apenas monges graduados e mestres importantes estavam presentes (incluindo Tahn Pó Lee). Sabe-se que durante a reunião não conseguiam chegar a um ponto de acordo, Tahn Pó Lee pediu que Ajaan Mahā Bua participasse da deliberação, expressando sua opinião, dizendo na assembleia: "Mahā Bua, vamos! Considere."

Por necessidade e respeito a Tahn Pó Lee, ele participou expressando sua opinião. Sua natureza decidida, que era sua base, fez com que a consideração e o julgamento sobre o assunto fossem feitos com total empenho e bom senso. O resultado foi que a comunidade monástica concordou e aceitou seu julgamento por unanimidade. A pauta da reunião, que parecia difícil de concluir, transformou-se em um acordo rápido e satisfatório. A reunião terminou bem.

Em outra ocasião, durante um período em que a saúde de Tahn Pó Lee começava a declinar, ele ainda se deu ao trabalho de escrever uma carta pessoal para Ajaan Mahā Bua. O conteúdo, em resumo, era que ele fosse passar o *vassa* em Wat Asokaram.

Mas, naquela época, Ajaan Mahā Bua tinha acabado de começar a construir Wat Pa Baan Tad. Além disso, já havia um número considerável de monges e noviços residindo em seu mosteiro. Portanto, ele informou respeitosamente a Tahn Pó Lee que não poderia passar o *vassa* com ele.

Luang Ta contou às gargalhadas outro ocorrido entre ele e Tahn Pó Lee:

"Foi engraçado quando ele veio se tratar no Hospital Bukkhalo, aquele em Phra Pinklao. Eu fui visitá-lo, e havia uma campainha para pacientes chamarem médicos e enfermeiras em caso de emergência. Eles a colocaram ali, e eu estava conversando. A campainha estava ao meu lado, e eu me sentei para conversar com ele. Vi ela ali e não sabia o que era.

Foi muito engraçado, engraçado em que o monge da floresta é ignorante, não sabe o que é o que. Vi a campainha ali, estava presa ao lado. Eu a peguei, vi que era macia e apertei para ver. Eu não sabia que era uma campainha. Quando apertei, ela alertou os médicos e enfermeiras. Aqueles que estavam no andar de baixo, oh, correram para cima em alvoroço.

'O que? O que aconteceu com o Venerável Pai? O que aconteceu?'

O Tahn Pó Lee disse: 'Que foi? O que é que vocês têm?'

Ouvia-se o som da campainha do outro lado. Tahn Pó Lee disse: 'De onde vem essa campainha?'

Ele não sabia que eu tinha apertado. É engraçado neste ponto. Eu mesmo ainda não sabia. Eles vieram de lá, e eu ainda não sabia que aquilo era uma campainha. O som da campainha os alertava. Eu apenas apertei à toa, 'bip, bip'. Eles subiram correndo.

'Eh, o que aconteceu com o Venerável Pai? O que aconteceu com o Venerável Pai?' Eles vieram em pânico, com muita pressa... Era macio, eu apertei à toa. Eu lhes perguntei:

'Huh? É isso? O que vocês ouviram, a campainha, é isso?'

'É isso mesmo.'

'Oh, então fui eu que apertei à toa.'

Tahn Pó Lee disse: 'Hei, que bagunça!' Ele disse assim. Ele só disse isso: 'Que bagunça!' Eles desceram correndo. Quando souberam que era por causa daquilo, eu disse: 'Oh, fui eu que apertei à toa. Pensei que não era nada.' Tahn Pó disse: 'Que bagunça!' Quando entenderam (o que havia ocorrido), todos caíram na gargalhada."

Em qualquer reunião onde haja um assunto a ser decidido, seja entre leigos ou monges, é comum que haja várias opções adequadas. A decisão de escolher uma delas deve ser baseada em razões sólidas e justas. Muitas vezes, é preciso saber ceder para chegar a uma escolha entre as várias opções para que seja satisfatório e traga o maior benefício para todos, com o mínimo de conflito de opiniões.

Em reuniões em que Luang Ta participava, tanto com monges quanto leigos, era comum que ele desempenhasse o papel de questionador, juiz, avaliador, e propor decisões para que os participantes pudessem discordar ou aprovar. E o resultado era sempre que a reunião chegava a uma decisão unânime, para a satisfação de todos. Como uma vez, em uma reunião em Wat Phothisomphon, na província de Udon Thani.

Naquela época, o Venerável Chao Khun Dhammachedi – seu preceptor – havia falecido. A reunião tinha como pauta a discussão sobre o que fazer com os bens e utensílios pessoais do venerável. Os participantes incluíam o chefe monástico regional, o chefe monástico provincial, vários monges graduados e, do lado leigo, o governador da província presidia a reunião.

A reunião durou dois dias, mas não se conseguiu chegar a um acordo adequado, o que causou grande preocupação aos membros do comitê. A incapacidade de chegar a consenso sobre esse assunto oprimia o peito dos participantes, com a preocupação de que não conseguiriam chegar a um acordo em tempo hábil.

Por essa razão, o chefe monástico provincial se deu ao trabalho de escrever uma carta urgente e enviá-la através de um noviço que foi a pé até Wat Pa Baan Tad, pois não havia veículos na época. A carta dizia, em essência:

"Que o mestre venha apagar o fogo em Wat Pho... Só vejo o mestre como o único capaz. Por favor, venha urgentemente."

Depois de ler esta carta, ele sentiu grande compaixão pelo comitê. Tanto o mosteiro quanto o assunto em discussão eram relacionados ao seu antigo preceptor e mestre. Tanto os monges quanto os leigos que participavam da reunião tinham boas intenções de levar o trabalho a uma conclusão bem-sucedida, pois todos eram discípulos do Chao Khun Dhammachedi.

Ele então pegou sua tigela de esmolas e caminhou de Wat Pa Baan Tad, atravessando o aeroporto, até a periferia de Udon Thani, onde poderia pegar um táxi. Os monges que participaram daquela reunião falaram sobre o incidente com grande admiração pela sua determinação:

Quando ele chegou à reunião, começou a questionar os assuntos em detalhes, de todos os ângulos, até que tudo estivesse claro. Ele respondeu e debateu sobre os pontos problemáticos com lógica, até que os questionadores ficassem satisfeitos e todas as dúvidas fossem dissipadas. Tudo isso levou apenas 45 minutos. No final, antes de encerrar a reunião, ele perguntou à assembleia: "Alguém tem alguma objeção a esses pontos? Como é?"

Aconteceu que ninguém se opôs. Tanto os monges quanto os leigos concordaram e assinaram em conjunto a resolução. Então convidaram ele também a assinar, como uma forma de lhe demonstrar respeito, mas ele não quis. Ele deu a seguinte razão:

"Eu não vim para assinar meu nome, mas sim (para resolver) este assunto. A questão foi resolvida, portanto estou satisfeito."

Com sua natureza racional, firme e decisiva, sem ter respeito por nada nem ninguém mais do que ao Dhamma, ele era frequentemente solicitado a ser a figura principal em reuniões importantes. Além disso, ao expressar suas opiniões, ele sempre tentava encontrar um ponto de equilíbrio na decisão tomada. Assim, os assuntos problemáticos geralmente não causavam atrito, e se houvesse, era mínimo, pois ele se baseava na razão e no Dhamma como

princípios supremos. Portanto, reuniões importantes, em vários lugares, chegavam a um acordo fácil e pacificamente.

Além das reuniões em que ele participou com seu julgamento, como mencionado acima, ele também teve a oportunidade de participar de muitas outras reuniões importantes, como em Wat Pa Sutthawat, Wat Pa Udom Somphon na província de Sakon Nakhon, Wat Tham Klong Phen na província de Nong Bua Lamphu, entre outros.

Mesmo nos últimos tempos, ele era frequentemente solicitado por discípulos, tanto monges quanto leigos, para presidir, dar conselhos e tomar decisões em assuntos importantes que muitas vezes tinham muitos aspectos e detalhes que exigiam discussões e argumentações constantes.

Quando havia um conselheiro líder que era decisivo, sério e fundamentado na razão e no Dhamma, como ele, para participar da tomada de decisões, esses assuntos geralmente transcorriam sem problemas, trazendo conforto e paz a todas as partes envolvidas.

Com compaixão e vendo a necessidade mencionada, ele lutou contra o cansaço e assumiu a responsabilidade por assuntos importantes, como a criação de mosteiros de meditação em várias províncias de todas as regiões do país, pois havia muitos devotos que queriam doar terras a ele.

Também se encarregava de outros assuntos como a criação de museus e estupas para falecidos mestres e monges importantes, questões de saúde, tratamento médico de mestres importantes que estavam gravemente doentes. Até mesmo os funerais de tais mestres (muitas vezes patrocinados pela casa real), como Luang Pu Khao, Luang Pu Fan, Ajaan Sing Thong, Ajaan Suphat, Luang Pu Boonjan, Ajaan Sithon, Luang Pu Kham Tan, Luang Pu La, e muitas outras ocasiões.

Um exemplo que demonstra sua bondade em dar conselhos e ser generoso com os companheiros que praticaram o Dhamma juntos, é relacionado a Luang Pu Boonjan Kamalo do Wat Pa Santikawat, distrito de Chai Wan, província de Udon Thani.

Luang Pu Boonjan era outro discípulo de Ajaan Man, com apenas 2 anos de ordenação a menos que Luang Ta Mahā Bua. No entanto, eles tinham um respeito muito elevado um pelo outro, o que é cada vez mais raro de se ver hoje em dia.

No quinto mês do ano de 1972, quando Ajaan Sing Thong soube que Luang Pu Boonjan estava gravemente doente, a ponto de comer apenas uma ou

duas colheres de arroz por dia, Ajaan Sing Thong viajou do seu templo para visitar Luang Pu.

Ao chegar à cabana de Luang Pu, ele falou de forma humorada, como era sua natureza:

'Ora! Por que está aqui deitado morrendo de doença?'

Luang Pu respondeu: 'Como não deitar para morrer se não consigo andar?'

'Por que não vai ao médico?' Desta vez, Luang Pu ficou em silêncio, não respondeu nada. Ajaan Sing Thong então convidou respeitosamente Luang Pu a ir ao hospital para que um médico o examinasse e tratasse. Luang Pu disse:

'Se é para ir ao médico, primeiro vá informar o mestre em Baan Tad para ver o que ele acha apropriado. Só então agirei de acordo.'

Tendo essa oportunidade, Ajaan Sing Thong pediu a um leigo que o levasse ao Wat Pa Baan Tad naquele mesmo dia para informar Luang Ta sobre a doença de Luang Pu. Luang Ta então ordenou: 'Vá dizer a Tahn Boonjan que hoje em dia há médicos. Leve para que eles o examinem primeiro. Se não puderem tratá-lo, então volte para esperar o dia da morte no templo.' Então Luang Ta levou Ajaan Sing Thong à cidade de Udon Thani para arranjar uma passagem para Bangkok, para que Luang Pu pudesse ir ao médico no Hospital Siriraj, e também ordenou que Ajaan Sing Thong o acompanhasse. Ao receber as ordens, Ajaan Sing Thong voltou para informar Luang Pu Boonjan naquela mesma noite. Quando Luang Pu soube da ordem do mestre, ele concordou em obedecer.

Ao chegar a Bangkok, o Dr. Charoen Wattanasuchart já estava lá para recebê-los, porque Ajaan Mahā Bua havia arranjado tudo, tanto o transporte quanto os médicos. Quando o carro chegou ao hospital, o Prof. Dr. Udom Posakrisna e o Prof. Dr. Rojana Suvannasuddhi também estavam lá para receber Luang Pu. Naquele momento, Ajaan Sing Thong entregou uma carta de Luang Ta aos dois médicos, confiando o doente aos cuidados deles. Depois de examinado, soube-se que Luang Pu estava doente com tuberculose óssea, que causou necrose na articulação do quadril. O médico disse:

"Esta é uma doença que pode ser curada. Mas se ele tivesse demorado mais dois meses para vir ao médico, o osso teria se rompido e a perna direita teria que ser amputada."

Após a cirurgia, o médico o deixou se recuperar até dezembro de 1972. Quando viu que Luang Pu estava mais forte e a ferida da cirurgia havia cicatrizado, o médico permitiu que ele voltasse ao mosteiro. Luang Ta soube

que o médico havia permitido que ele deixasse o hospital e foi visitar Luang Pu Boonjan no quarto do paciente e disse (ao médico):

"Fui eu quem enviou Tahn Boonjan para tratamento e o confiei aos seus cuidados. Eu estava recebendo notícias suas periodicamente, por isso não o incomodei. Quando soube que a doença havia melhorado e que o médico havia permitido que voltasse, vim visitá-lo. Fui eu quem o enviou, portanto serei responsável por todas as despesas do tratamento, incluindo quarto e remédios. Peça ao hospital para calcular o custo, quanto é, eu vou fazer os arranjos necessários."

O médico informou respeitosamente: "Quanto aos honorários médicos pelo tratamento, os doutores gostariam de oferecer tudo, sem cobrar pelo tratamento. Quanto ao quarto e à comida durante os cinco meses de tratamento, o hospital não cobrará, gostaria de oferecer tudo."

A doença de Luang Pu desta vez foi considerada uma doença grave, quase terminal, pode-se dizer. Mas a compaixão de Luang Ta ajudou tanto externa quanto internamente. Externamente, ele ajudou com o contato e a recomendação aos médicos para que cuidassem dele com atenção especial, tanto no transporte quanto nas despesas médicas. Internamente, foi por causa do Dhamma que Luang Pu Boonjan tinha grande respeito por ele, por isso concordou em ir para o tratamento, de acordo com suas ordens.

Luang Pu contou, depois de voltar ao templo: "Nesta doença, eu já havia me preparado para abandonar tudo. Se não fosse pela ordem do mestre de Baan Tad, eu não teria ido (ao médico)." Luang Pu tornou-se um refúgio para seus discípulos por mais 23 anos antes de falecer.

(Anos mais tarde), na ocasião em que Luang Ta visitou Luang Pu Boonjan doente, pouco antes de seu falecimento, ele disse antes de partir:

"Bem, estou de partida. Não tenho mais nada a lhe ensinar, sua prática já está bem desenvolvida."

Depois disso, ele se virou para os leigos que vieram prestar-lhe homenagem naquele momento e disse:

"Vim visitar Ajaan Boonjan. Antigamente, quando eu ia às florestas para praticar, ele também ia, nos encontrávamos, passávamos por dificuldades juntos. Bem, estou de partida. Quando se visita um doente, não se deve perturbá-lo por muito tempo."

No momento final, quando Luang Pu estava prestes a falecer, Luang Ta chegou (para mais uma visita). Ele foi apressadamente e entrou no quarto de

Luang Pu. Ele se aproximou da cabeceira da cama, levantou o pano que cobria a testa de Luang Pu para olhar e disse: "Hoje está mais inchado do que antes."

Naquele momento, a respiração de Luang Pu ficou mais fraca, seus olhos piscaram levemente, e então Luang Pu parou de respirar, finalmente abandonando seus agregados físicos às 10h52 do dia 18 de junho de 1995. Depois disso, Luang Ta recuou para se sentar em uma cadeira e olhou para Luang Pu, dizendo: "Hã, ele parou de respirar."

Mais tarde, ele falou sobre este assunto com os monges: "Tahn Boonjan estava esperando por mim. Assim que cheguei para visitá-lo, ele partiu."

Durante o período em que Luang Pu Boonjan esteve gravemente doente, Luang Ta continuou a ser um refúgio, dando conselhos e orientações em todos os assuntos, dentro de sua capacidade, para a comunidade de seus discípulos, de forma calorosa, em todos os momentos, até o último momento de vida de Luang Pu. Esses são alguns exemplos de consultas que seus discípulos faziam durante esse período:

"Gostaria de levar Luang Pu Boonjan para ir se tratar no Hospital Siriraj. Qual seria a opinião do mestre?"

"Com a devida reverência ao mestre, neste momento Luang Pu Boonjan já não percebe o exterior, restando apenas a respiração e os médicos já suspenderam todos os tratamentos. Mas, se for para administrar água gota a gota ocasionalmente, o senhor acha que seria apropriado?"

"Respeitosamente, informo sobre a gestão dos restos mortais de Luang Pu, e gostaria de solicitar que Luang Pu Mahā Bua presida sobre este assunto."

"Com a devida reverência ao mestre, por quantos dias devemos manter o cadáver (antes de realizar a cremação)?"

"Respeitosamente convido Luang Pu Mahā Bua para proferir o sermão no dia da cremação de Luang Pu."

"É apropriado construir uma estupa memorial para Luang Pu Boonjan?"

Luang Ta esteve frequentemente envolvido em decisões importantes sobre os agregados físicos de mestres quando estavam gravemente doentes. Como ele mencionou uma vez:

"Os discípulos de Luang Pu Buddha vieram me encontrar em Suan Séng Thamm. Eu perguntei sobre a condição de Luang Pu.

Antigamente, seus agregados físicos eram uma virtude, um benefício, trouxeram muitos benefícios ao mundo. Mais tarde, muito tempo depois, atingiu esta idade e agora ele está no (hospital) Siriraj para lá abandonar os agregados, porque estes já não são mais utilizáveis. Além de não serem utilizáveis, são também uma fonte de sofrimento por toda parte. Não há espaço nos agregados que não seja uma fonte de sofrimento para ele. E ainda querem mantê-lo vivo assim?... É apropriado? Que vocês discípulos pensem sobre isso?

Ajaan Chah também foi assim. Digo-o diretamente. Ajaan Chah também tem uma conexão comigo, nos conhecemos há muitos anos. E Luang Pu Buddha também, nos conhecemos há muito tempo, somos muito próximos, eu e esses dois monges.

Luang Pu Buddha era como meu avô, o que posso dizer? Quando fui prestar-lhe homenagem, ele, oh, pegava aqui, acariciava ali, fazia com verdadeira compaixão. Ele até me elogiou para seus próprios discípulos. Eles levaram uma fita minha para ele ouvir, uma das melhores, sabe? Um discípulo me contou que depois que o sermão terminou ele disse:

'Já ouço falar dele há muito tempo, esse Mahā Bua. Há quanto tempo nos conhecemos e você ainda não sabe que nos conhecemos? O que mais vocês querem me contar?'

Então, quando os monges vieram me procurar, eu lhes dei um conselho: 'Neste momento, os agregados não são mais de nenhum benefício para ele. Os discípulos buscarem calor e alento nessa fogueira enquanto ela queima o mestre, é apropriado? Neste momento, o fogo dos agregados está queimando constantemente, sem pausa... Considerem isso.

Ajaan Chah esteve assim por muitos anos. Sempre que eu perguntava, era a mesma coisa. Então, os monges de Nong Pah Pong vieram me ver no Suan Séng Thamm. Foi uma grande ocasião, gravaram uma fita cassete.

Quando terminaram, eles levaram a fita para tocar em Ubon. Eles a tocaram em Wat Nong Pah Pong. Todos os seus discípulos se reuniram lá. O governador foi quem levou a fita para tocar.

"Vamos, quem vai ouvir agora? Este sermão é do Ajaan Mahā Bua. Ajaan Mahā Bua e Ajaan Chah são próximos há muito tempo. Ouçam o que ele vai dizer hoje."

Dito isso, ele tocou a fita imediatamente. Vendo superficialmente, vê-lo ali nos deixa satisfeitos. Mas que preocupação ele teria com esses agregados? Tendo já visto que são apenas uma fogueira, por que ele iria se apegar a eles? Se apegar ao fogo que queima a nós mesmos – faz sentido isso? Ele já

estava pronto para partir, desde o momento em que ficou gravemente enfermo. Um mestre está morrendo e não o deixam ir, não o deixam morrer. Mantêm-no queimando na fogueira, com tubos por toda parte, oxigênio para ajudar a respirar. Ajudar a respirar o quê? Só ajuda o fogo a queimar, isso sim.

Se tirassem aquilo, o fogo pararia de queimar. Ele teria partido. O benefício é óbvio, o malefício é óbvio. Se aquilo for mantido ligado o tempo todo, ele continuará a queimar o tempo todo, o que se pode dizer? Assim que é desligado, ele parte. Me parece bastante óbvio.

Se falamos do ponto de vista médico, eles seguem os princípios da medicina. E nós, qual é o nosso raciocínio? Que Dhamma nós temos? Ao lidar com um mestre, devemos explicar a eles. Se for apropriado deixar ir, então deixe ir. Para quem o estamos guardando? Não traz nenhum benefício e ainda causa um grande sofrimento. Quem aguenta fogo queimando e atormentando assim o dia todo? Por quantos dias, quantas noites, quantos anos? Atormentando e queimando o corpo inteiro.

Sobre os agregados físicos, já se sabe. Mesmo antes de morrer, já se sabe. São apenas ferramentas, tendo a mente como controladora. Quando a mente se retira, essas coisas se tornam nada mais que madeira e lenha. Que benefício há nisso? É como as nossas ferramentas espalhadas por aí, não têm utilidade quando o dono não pode mais usá-las. É assim que se deve aprender a ver a mente. Vendo claramente, a quem se perguntará? Se já está manifesto no próprio coração, ele então está pleno por completo.

Levaram o corpo dele de volta para lá, para Wat Klang Chu Si. Ele era um diamante puro, este Luang Pu Buddha. Um diamante puro. Ajaan Chah também. Eles eram diamantes puros. Então, por que se preocupar com os agregados físicos, sendo eles nada mais que uma fogueira?

Ainda me lembro de Luang Pu Khao. Ele estava muito doente e não queria que lhe pusessem oxigênio. Ele não queria que o pusessem, e eles deixaram o oxigênio do lado de fora. Ou seja, ele proibiu que o pusessem. Eu concordei cem por cento. Para quê ir incomodá-lo? Então, quando o levaram para perto dele, mesmo estando ele já muito fraco, ele ainda deu um tapa com a mão, um gesto brusco.

Uma pessoa do nível de Luang Pu Khao, que problema teria? Não importa como ele morresse, ele era testemunha – e *hipassiko*. Ele era testemunha do verdadeiro Dhamma. Um piscar de olhos, e ele se foi. Se ele não quisesse mais ficar, não ficaria. Estão se acabando, os monges do tipo diamante puro, um após o outro, se vão..."

Sua conexão de Dhamma não se limitava apenas aos monges. Havia muitos leigos interessados em praticar e, para aqueles com determinação séria, independente do gênero ou status, os frutos do Dhamma se manifestam em seus corações. Sobre se os praticantes, homens ou mulheres, produziam resultados diferentes ou não, Luang Ta uma vez deu a seguinte explicação:

"A prática não tem gênero. Quando se trata do caminho, fruto e Nibbāna, não há gênero. É como as impurezas, elas também não têm gênero – todos podem tê-las. A ganância pode ser encontrada tanto em homens quanto em mulheres. A raiva, a ilusão, a luxúria e o desejo podem ser encontrados em todos.

O Caminho do Meio, portanto, pode ser seguido tanto por homens quanto por mulheres, como um meio de erradicar todas as impurezas. Todos podem erradicá-las. Com o poder de sua própria habilidade, há um caminho para a libertação para ambos."

Por essa razão, quando a oportunidade surgia, ele visitava os centros de prática femininos, como o centro de prática de Baan Huai Sai de Mé Chi Kéu, e o centro de prática de Khao Suan Luang, da Upasika Kee Nanayon. Nesta seção, falaremos sobre a vez em que visitou o centro de prática de Dhamma de Khao Suan Luang.

Ele já ouvia falar da reputação de Khun Yai Kee, de Khao Suan Luang, há muito tempo: que ela era uma praticante de boa conduta, digna de respeito e veneração. Mas havia uma coisa que chamava a atenção: dizia-se que Khun Yai não 'aceitava' monges, ou seja, não os recebia bem. Isso fez com que Luang Ta quisesse saber se era verdade e qual era a razão exata. Porque se ela fosse realmente uma praticante de boa conduta, tal comportamento não deveria ser possível. Portanto, ele não estava muito inclinado a acreditar nesse boato.

Por essa razão, quando a oportunidade surgiu durante sua viagem a Bangkok para cuidar do Venerável Chao Khun Phra Dhammachedi no Hospital Siriraj, quando o momento apropriado surgiu, ele foi visitar Khun Yai em seu centro, em Khao Suan Luang, Ratchaburi, pessoalmente.

Assim que ele entrou no centro, não demorou muito para que o som de um sino ressoasse, chamando todas as praticantes de Dhamma para virem prestar-lhe reverência e recebê-lo calorosamente, tendo Khun Yai Kee como líder.

Depois de conversarem por um tempo, Khun Yai o convidou respeitosamente a dar um sermão de Dhamma para todas as praticantes presentes. Ele, então, com compaixão, deu um sermão enfatizando a meditação como o ponto

principal. Sabe-se que, após o término do sermão, Khun Yai declarou para as discípulas em seu centro:

"O Dhamma que o mestre nos ensinou pode ser tomado por completo como princípio para a prática de vocês, sem nenhum defeito, nem mesmo 1%."

Ele mesmo ficou impressionado naquela ocasião, como uma vez contou a um grupo de visitantes:

"O tipo de monge que ela não aceitava lá era do tipo arrogante e falso. Isso é outra história. Se fosse um monge que respeita o Dhamma e o Vinaya, a avó não via problema... o que dizer? Eu mesmo também não aceito esse tipo de monge, da mesma forma (que ela)..."

Luang Ta ensinava e treinava os monges separadamente dos leigos, pois seus estilos de vida e níveis de determinação são diferentes. O conteúdo do Dhamma apresentado, portanto, também era diferente. Se o Dhamma fosse ensinado a ambos os grupos de forma conjunta, os resultados não seriam plenos.

Ele costumava comparar com cozinhar uma grande panela de curry para muitas pessoas: é impossível que agrade ao paladar de todos. Depois, se houvesse tempo suficiente, ele então ensinaria o Dhamma para grupos menores, a fim de que todos se beneficiassem de forma abrangente.

Mas a saúde corporal daquele que ensina também influencia o quanto se pode ou não ensinar, como uma vez ele explicou:

"Meus sermões, quando eu era jovem, fluíam. Eles gravavam em fitas cassetes, eu ia acelerando e, de repente, ficava sem fôlego, mas o Dhamma ainda não tinha acabado, então eu tinha que inspirar rapidamente, fazendo um som sibilante. Esse som ficava gravado na fita – chegava a esse ponto.

Hoje em dia, oh, sem chance... Meu corpo mudou muito, é realmente assim. Antes o sermão simplesmente fluía. Quanto mais elevado o nível do Dhamma ensinado, mais rápido ele vinha, a ponto de ser quase impossível acompanhar. É verdade. Ele jorrava, jorrava. Porque o Dhamma vinha unicamente de dentro. Eu não ia buscar nesse ou naquele livro – vinha de dentro.

Quanto mais elevado o Dhamma, mais incisivo ele se tornava, mais rápido, mais jorrava. O sermão acelerava a ponto de se tornar uma metralhadora... era assim quando eu era jovem. Mas isso também gerou um certo carma – a partir do ano de 1963, desenvolvi uma doença cardíaca. Foi aí que desabei. Parei completamente de dar sermões. A partir de 1969, eu consegui voltar a

falar um pouco. De 63 a 69, não falei nada. Nem mesmo para receber convidados. Eu me afastava e me isolava na floresta, me escondendo, não era capaz de receber visitantes.

Depois de 1970 voltei a ensinar um pouco, até o ano de 1977, quando foram publicados os livros da série de **ธรรมชุดเตรียมพร้อม** e o livro **ศาสนาอยู่ที่ไหน**. Eles surgiram de sermões, de ensinamentos, que eram dados diariamente.

Foi aí que voltei a dar sermões. Mesmo que não fossem tão intensos, pode-se dizer que voltei a dar sermões. A partir daí, foi progredindo gradualmente, mas sempre com o cuidado de vigiar a doença cardíaca. Por isso, nunca mais foi com força total. Ensinar de forma incisiva, intensa e fervorosa como antes, é impossível. Tive que diminuir o ritmo. Isso também pode ser considerado um tipo de carma.

Se este corpo estivesse sempre pronto, sinto que teria dado ensinamentos de forma muito mais ampla, pois eu ensinaria sem parar. A pausa que fiz foi por causa da doença. A doença me forçou a parar por um tempo, até que pude recomeçar.

Antigamente, eu realmente conseguia falar. Porque eu realmente ensinava daquela forma. Era da natureza da minha própria mente. O sermão saía sem ser forçado ou coagido; acontecia por si só. Especialmente falando sobre a prática, fluía ainda mais, com a maior facilidade. Jorrando, jorrando, jorrando..."

A partir do ano de 1996, ele parou de dar sermões para os monges e noviços no mosteiro, e desde 1992 já havia parado de aceitar convites para ensinar fora do mosteiro. A razão para isso, como ele mesmo explicou, foi:

"Ir ensinar era muito difícil. Eu ia e não conseguia descansar o dia todo, me sentia fraco. E a memória... enquanto discursava, me perdia. 'Oh, onde eu estava?', eu dizia ali mesmo, em cima do Thammat. Eu esquecia. Não sabia sobre o que estava falando. 'Bem, vamos começar de novo.' É assim hoje em dia. A memória não é boa. Minha memória não serve para mais nada.

Os cinco agregados são tanto uma ferramenta para as impurezas quanto uma ferramenta para o Dhamma. Quando as impurezas estão no comando, elas os usam como ferramenta para se divertirem e nos agredirem. Agora, como ferramenta do Dhamma, o Dhamma os utiliza. Usa-se os mesmos agregados, a única diferença é que o Dhamma não se apega a eles. As impurezas se apegam, como se fossem delas. Todos os cinco agregados pertencem inteiramente às impurezas.

As impurezas se apegam, mas o Dhamma não. Ele apenas os usa como uma ferramenta. Essa é a única diferença. Mas é preciso usar os cinco agregados para ensinar. Onde quer que eles estejam danificados, ali fica difícil. Como a memória, por exemplo. Se, enquanto discurso, eu me esqueço, o que usarei para continuar o sermão? Se o início for esquecido, como se pode conectar ao fim? Se não consigo lembrar, começo de novo, e se torna um novo estilo. Onde quer que me convidem para ensinar, eu não aceito mais. Discursar é difícil, fico fraco. E a memória só piora a cada dia..."

Ele falou sobre os monges que vinham pedir para morar e estudar com ele da seguinte forma:

"Monges vêm para este lugar de toda a Tailândia. De todas as regiões. Há os com bacharelado, mestrado, doutorado. E também há coronéis e generais que vêm se ordenar e morar aqui. Por que os monges vêm para cá? Eles vêm para praticar, para realmente estudar e buscar orientação de um mestre.

Parece que a região central é a que tem mais representantes, mas aqui temos de todas as outras regiões também. Neste mosteiro, não há divisões regionais. Somos todos tailandeses, somos todos discípulos do *Tathāgata*, filhos do *Sakya*. Portanto, não há distinção de nação, casta ou região. Somos todos filhos da Tailândia, filhos budistas. Eles vêm para estudar e se dedicar seriamente à prática. E eu me esforço para ensiná-los com toda a minha capacidade, com toda a minha consciência e força.

Sobre a recorrência da minha doença, a doença cardíaca, ainda tenho certeza de que uma das principais causas está relacionada a este próprio ato de aconselhar e ensinar. Porque ensinar os monges exige vigor, uma voz alta, ênfase, intensidade, muito mais do que ensinar qualquer outra pessoa, seja o público em geral ou os demais monges e noviços.

Por quê? Porque os monges que vêm para Wat Pa Baan Tad são, em sua maioria, monges de meditação, determinados a praticar. Se fôssemos comparar, seria como soldados que já entraram na linha de frente. Ao entregar armas ou estratégias a soldados que estão no campo de batalha, você entrega apenas o que é importante de verdade. As armas são as mais modernas, e as estratégias são as mais adequadas para a situação, a fim de trazer a vitória para o país. Aqui, é a mesma coisa.

O Dhamma e as várias estratégias que são apresentadas para que todos os monges, vindos de diferentes lugares, possam ouvir e aprender neste local, têm a mesma característica. Portanto, a fala, o sermão, os vários assuntos, assim como a voz e expressões, são todas intensas, apropriadas à situação..."

Com um estilo de ensino tão intenso, às vezes os recém-chegados entendiam que ele estava dando bronca. Ele mesmo já havia passado por uma experiência semelhante na época em que morava com seu mestre, Ajaan Man, da seguinte forma:

"Quando cheguei a Luang Pu Man, não tinha como contestar... Com o tempo, comecei a entender. Quando ele repreendia os monges e noviços, não importava quem fosse ou se repreendia muito ou pouco, o Dhamma emergia de forma pura. Quanto mais forte ele falava, mais o Dhamma jorrava, e era impossível encontrar qualquer falha que pudesse ser classificada como algum tipo de impureza. Quanto mais forte, mais o Dhamma jorrava. E eu me ajustava constantemente, me ajustava o tempo todo. Assim, aos poucos, consegui me aproximar e entender seu modo de ser.

No final, se ele não estivesse por perto, era como se algo estivesse faltando. Se fosse comida, seria como se faltasse algum ingrediente, entende? Não estava completo. Se eu ouvisse um som estrondoso, um 'bang!', ah, aí sim. Se fosse chuva, seria o trovão, e eu me prepararia para receber. Aqui, quanto mais forte, mais o Dhamma fluía, e isso me trazia um sentimento de aconchego. A bronca dele não era raiva. Olhando para trás, era apenas a força pura do Dhamma. Era pura compaixão. Não era raiva. Eu consegui perceber isso.

Ou seja, a ação que ele demonstrava usava este agregado (o corpo), que originalmente era uma ferramenta das kilesas. Depois que as kilesas foram completamente extintas, o Dhamma tomou este agregado como sua ferramenta. Os gestos e posturas firmes e enérgicos pareciam com os das kilesas, porque usavam a mesma ferramenta, mas nesse caso, era a energia do Dhamma. Quanto mais forte, mais se tratava puramente do Dhamma, apenas externamente eram semelhantes.

Quando entendi isso, aceitei. 'Ah!' Então pude fazer uma comparação: é como dois tanques de água. Este tanque está cheio de água suja. A água está cheia, mas toda suja. Este outro tanque tem água completamente limpa. Agora, abra a água dos dois tanques para ver. Quanto mais você abrir – digamos que abrimos o tanque de água suja primeiro – se abrirmos pouco, sai pouco; se abrirmos muito, sai muito. Não importa o quanto abrimos, o quanto jorra, é apenas água suja. Não importa a extensão, tudo fica sujo e imundo. Agora, abra o tanque de água limpa. Não importa o quanto você abra, se abrir ao máximo, sairá ao máximo também, mas é tudo água limpa. Veja, é diferente – é diferente desse jeito."

O treinamento dos monges e noviços dentro de Wat Pa Baan Tad tinha pontos importantes do Dhamma que ele sempre enfatizava:

"Se nós monges não temos nenhuma paz, nossa ordenação não tem nenhum significado. A riqueza do mundo é dinheiro, ouro, bens, edifícios e casas. A riqueza de um monge é a virtude (sīla), a concentração (samādhi), a sabedoria (paññā), o caminho, o fruto e o Nibbāna. Essa é a riqueza de um monge. Mas agora estão trazendo o trabalho do mundo para os mosteiros, os monges e noviços. Hoje em dia o Dhamma perde seu significado a cada dia que passa. É por isso que dizem que as kilesas são espertas. Vejam só... Ninguém nota como agora as kilesas estão em grande escala, pode-se dizer 'kilesas por atacado'. De que forma é isso? Hoje em dia, elas estão destruindo tudo, sem diferenciar entre mosteiro, leigos ou parentes. Estão destruindo tudo de forma indiscriminada. Não estou culpando ninguém, estou falando de acordo com a verdade.

Existem modelos, textos e escrituras como confirmação. Peguem isso e abram. Se sair do caminho dos princípios corretos do Dhamma, saberá imediatamente. Nos textos, oh, eles são muito sérios e pegam para valer. O trabalho de um monge não é nada mais do que estar na floresta, nas montanhas, praticando meditação andando e sentada. A morada de um monge que busca o caminho, o fruto e o Nibbāna, seguindo verdadeiramente o caminho do Buddha, é descrita assim. Podemos ver isso nas escrituras, há muitos e muitos exemplos. Falando desde a meditação andando, a meditação sentada, a purificação das impurezas. Assim que um monge vinha ver o Buddha, ele perguntava imediatamente: 'Como foi ficar lá?' – isso se referindo ao local de meditação. 'Como foi a meditação lá? Como está a mente?'... Depois disso, ele aconselhava.

Este é o trabalho do Buddha, o trabalho dos discípulos ligados a ele. É puramente sobre o Dhamma, sem nada mais misturado. Nos tempos modernos, Luang Pu Man era assim também. Exatamente assim. Ele nunca falava de um modo mundano, nunca. O que quer que ele falasse, era sempre sobre o Dhamma, sobre a floresta e as montanhas, locais de prática. Era sobre isso que ele conversava. Não importava por quantas horas conversasse, era sempre puramente sobre o Dhamma. Ouvir era revigorante. Vê? É diferente assim. Isso é o Dhamma. O Dhamma se manifestando. É assim. Já quando são as kilesas se manifestando, as kilesas por atacado, as palavras e conversas serão sobre as kilesas, sobre política, sobre ganhos e perdas, sobre comprar e vender, sobre homens e mulheres. Isso são as kilesas por atacado.

O trabalho dos monges, que deveria ser daquela forma, tornou-se todo sobre construção, luxo, extravagância, desperdício. Depois competem entre si. 'Aquele templo é bonito', 'Este templo é magnífico'. Quanto mais belos as

construções, mais arrogantes eles se tornam. Ora, ouça isso! As impurezas podem transformar isso em arrogância. Elas se infiltram ali. Quanto mais luxuoso, extravagante e belo, mais serve como adorno para o templo e o mosteiro. São as impurezas adornando a loja, tanto por fora quanto por dentro. Não simplesmente enfeitam a loja: por fora enganam de uma forma, por dentro enganam de outra.

Está por toda parte nos templos, nos monges e noviços. Quanto aos leigos, nem precisa falar, eles não têm um modelo a seguir. Nós monges temos um modelo, deveríamos tomar um bom modelo para nos adornarmos e para ensinar à população. Mas, em vez disso, as histórias deles (os leigos) e as nossas se tornaram praticamente as mesmas. Assim, não sei como será possível ensinar. Eles são como nós, nós somos como eles. Como será possível ensinar? De onde o ouvinte tirará sua confiança quando é tudo a mesma coisa?

É por isso que eu repreendo nosso círculo de praticantes de meditação, e mesmo assim alguns ainda tomam o caminho errado. Puxa, é rápido. Às vezes eu tenho que apontar o dedo na cara, dar bronca pesada. Especialmente em relação a se envolver com construções – é só confusão. Isso cria preocupação, não cria paz. Quando você se envolve com algo, sati, sabedoria, pensamento, reflexão, preocupação, agitação e perturbação vêm todos juntos. Isso é criar agitação. Construir apenas uma cabana já causa muita agitação. Construir um salão grande então, quanto mais perturbação isso causará?

É tanto agitação quanto perturbação. Acaba se tornando uma prática de perturbar as pessoas e a sociedade. Perturba ao pedir dinheiro para construir. Onde deveria coçar, não coça, desvia-se para o exterior e a coisa piora ainda mais. No final, torna-se uma prática de perturbar as pessoas e a sociedade, em vez de trazer paz ao mundo e aos seres. Torna-se ainda mais quente que o mundo. Perturba o mundo e os seres. São as kilesas por atacado. Atacam assim e nós não percebemos. Qualquer adorno ou decoração, é tudo coisa das kilesas.

O que o Dhamma adorna? Adorna o coração com sati, sabedoria, fé e esforço. Adorna continuamente, limpando as impurezas e a sujeira. A água do Dhamma, que é limpa, lava por dentro. É assim que se purifica o interior, que se limpa por dentro. Não se busca a limpeza com as coisas externas, que são puramente assunto das kilesas. Limpeza por fora e sujeira por dentro é assunto das kilesas. O assunto do Dhamma é limpeza tanto por fora quanto por dentro. Externamente, a conduta e as tarefas são realizadas com atenção, seguindo os princípios do Dhamma e do Vinaya. Isso é chamado de limpeza externa através da conduta. A limpeza interna é purificar a própria mente

para que ela se torne calma, clara, serena, brilhante e radiante, passo a passo. Isso é limpeza interna, porque a purificação e a limpeza são feitas através de vários tipos de esforço. Isso é chamado de limpeza interna.

Agora, quando o interior tem princípios, tem critérios, tem uma beleza graciosa, então, onde quer que se esteja, tudo é gracioso. Passar fome ou estar saciado não causa sofrimento. Não há preocupação. Ninguém passa por mais fome e privação do que um praticante de meditação que busca o Dhamma. Se se trata de alguém que busca o Dhamma, essa pessoa vai passar por vários sofrimentos relacionados aos quatro requisitos, como moradia e outras coisas. Mas ele não se interessa, não se apega, porque fazer isso não é o caminho. Apenas o necessário para viver de um dia ao outro é suficiente. O interior é o que mais lhe interessa..."

Por volta do ano de 1963 monges estrangeiros começaram a pedir para morar e estudar o Dhamma com ele.

No início, ele não queria aceitá-los, pois não conhecia suas disposições e temperamentos. Eles também não estavam familiarizados com o budismo nem com a comida e o estilo de vida tailandês, especialmente na zona rural da região nordeste. Ele temia que fosse difícil e inconveniente de várias maneiras.

Mas, com a determinação, a paciência e o verdadeiro interesse deles na prática do Dhamma, ele, por compaixão, os aceitou. Ele costumava contar sobre o esforço de Ajaan Pañňavaddho, o primeiro monge ocidental que pediu para estudar com ele.

Ele contava com humor a forma pela qual Ajaan Pañña conseguiu morar com ele por muito tempo:

"Este Ajaan Pañña é muito tranquilo. Ele veio ficar conosco em 1963. Ele pediu para ficar cinco vezes, não é brincadeira. Na primeira vez que ele pediu, nosso grupo de monges praticantes nunca tinha tido um monge ocidental, então ainda não queria aceitá-lo...

Por um lado, ainda não sabíamos como era a índole dos ocidentais, porque eles não conheciam nossa religião budista, então ainda não o aceitei. Ele veio pedir de novo, e ainda não permiti. Na terceira e quarta vez que ele pediu, ainda não permiti. Na quinta vez, ele veio com um novo plano e caí na armadilha dele. Quando ele viu que realmente não ia conseguir ele disse: 'Mesmo que não seja por muito tempo, peço para ficar temporariamente.' Foi o que ele disse e eu caí na armadilha. Foi no início do ano de 63, em fevereiro, no dia 6, não me esqueço... Desde então até agora, quantos anos se

passaram? Ele veio para ficar temporariamente e tem ficado temporariamente até hoje.

A partir daí, começamos a aceitar monges ocidentais continuamente. Observando ao longo do tempo, percebi que todos os monges ocidentais que ficaram conosco eram bons, cada um à sua maneira. Na prática dos princípios do Dhamma e do Vinaya, todos eram bons. Por isso, sempre há monges ocidentais aqui. Mas não aceitamos muitos, apenas o suficiente. Se fôssemos aceitar muitos, seria mais do que isso, e logo se tornaria uma plantação de goiaba.[62]

Um monge dos Estados Unidos, um da Inglaterra, um do Canadá e um da Alemanha... Atualmente, todos são bons. Há quatro monges ocidentais aqui.[63] Naquela época senti que os ocidentais eram bons em seguir regras e disciplina..."

Desde então, mais monges e leigos estrangeiros, tanto homens quanto mulheres, vieram pedir para estudar, tanto por curtos quanto por longos períodos, em número cada vez maior. Entre eles, havia muitas nacionalidades, como ingleses, canadenses, americanos, australianos, alemães, poloneses, cingapurianos, japoneses, chineses, coreanos, indonésios, malaios, cingaleses, etc.

Em meados de 1974 (7 a 22 de junho), budistas ingleses o convidaram para ensinar e responder a perguntas sobre o Dhamma no Wat Dhammapadipa, em Londres.

Naquela ocasião, quatro pessoas o acompanharam: Ajaan Pañña, Ajaan Cherry, Prof. Uay Ketusingh, Sr. Sermsri Kasemsri.

Embora fosse verão quando Luang Ta viajou, o clima inglês ainda era considerado muito frio para os tailandeses, mas ele não se sentiu incomodado de forma alguma. Continuou a viver de forma simples, saindo para a ronda de esmolas, comendo uma única refeição por dia em sua tigela como de costume, e não queria que nada de especial fosse arranjado para ele em relação a comida ou moradia.

Ele deu a seguinte razão: "Como Ajaan Pañña conseguiu comer comida tailandesa durante os 12 anos em que esteve comigo? Eu também consigo comer comida ocidental da mesma forma!"

---

62 A palavra para 'estrangeiro' em tailandês é a mesma para 'goiaba' (**ฝรั่ง**).

63 Referindo-se ao ano de 1998; em alguns anos, como em 1979, havia até 6 monges ocidentais de um total de 21 monges e noviços.

Durante sua estadia na Inglaterra, um grande número de ocidentais interessados na prática do Dhamma veio fazer-lhe perguntas. Esses interessados incluíam desde aqueles que já praticavam meditação há muito tempo, iniciantes, pessoas que haviam praticado com outros mestres, estudantes da Universidade de Cambridge, até aqueles que estavam apenas começando a se interessar pelo budismo. Todos vieram conversar sobre o Dhamma com ele, com um interesse genuíno na prática.

Leigos, tanto ingleses quanto tailandeses, vinham oferecer comida na tigela com grande alegria e fé todos os dias às 9h. Havia também dois jovens discípulos ingleses. Um deles, durante as férias da Universidade de Cambridge, já havia se ordenado noviço no Wat Bowonniwet Vihara e depois foi praticar em Wat Pa Baan Tad. O outro era um estudante que veio praticar o Dhamma no Wat Dhammapadipa. Eles sabiam como se comportar com os monges e ajudavam de forma impecável, ágil e graciosa, sendo elogiados até pelos tailandeses.

Mesmo depois de seu retorno à Tailândia, muitos ingleses interessados queriam convidá-lo para ensinar o Dhamma novamente. Ele disse que já estava velho e não era mais conveniente viajar como antes. Ele expressou sua admiração pelos ingleses, dizendo que eles tinham um interesse genuíno na meditação e realmente se esforçavam para praticar. Ele acrescentou:

"Quando fui à Inglaterra, inicialmente não vinham muitos ingleses. Vinham muitos tailandeses, mas não tantos ingleses. Com o tempo, o número aumentou. No final, estava cheio de ocidentais. Quando se sentavam, parecia uma fotografia, todos iguais.[64] Eu me senti mal por não saber falar inglês e ter que usar um tradutor.

Ajaan Pañña era o tradutor. Quando eles faziam uma pergunta, eu respondia e Ajaan Pañña traduzia minha resposta. Olhando para eles sentia muita empatia. Vinham todos os dias. Às 17h, eles começavam a chegar. Eu os guiava em meditação por 30 minutos todos os dias. Depois, discursava por mais 30 minutos.

Naquela época, eu ainda era jovem, em 1974. Sentia muita empatia. Alguns vinham no início apenas para observar, mas depois não conseguiam mais ficar só observando. A palavra 'observar' desapareceu completamente. Eles não conseguiam ficar só ouvindo, queriam ajudar, e acabavam se interessando pelo Dhamma.

64 Os tailandeses experienciam a mesma dificuldade em diferenciar um rosto ocidental do outro que os ocidentais têm em diferenciar um rosto asiático do outro.

Falando a verdade, os ocidentais, especialmente na Inglaterra, parecem ser muito racionais e ter princípios, o que se encaixa perfeitamente com o Dhamma-Vinaya. Mesmo tendo ficado lá por pouco tempo, puxa, dava pena.

Ocidentais chorando, existe isso? Eu nunca tinha visto chorarem por causa do Dhamma. Mas eu vi. Vi com meus próprios olhos. Assim que baixavam a cabeça, as lágrimas caíam. Quando o mestre estava prestes a partir, eles vinham em número cada vez maior. Não havia mais cadeiras (livres). Eles se sentavam espremidos, preenchendo todo o espaço. Eles não se importavam. 'Sentem-se como puderem', e eles se espremiam todos... ficou lotado.

Se a nossa religião budista tiver praticantes com verdadeiros princípios no coração, tanto externa quanto internamente, então os ingleses, quem sabe, poderão até se tornar os donos da nossa religião budista[65]. Apenas por ter ido lá, eu percebi. O Sāsanā (lá) se fortalece a cada dia. Não é brincadeira, ele se fortalece a cada dia. Eles ficaram satisfeitos com as respostas às perguntas. Uma pessoa perguntava e eu respondia até que sua dúvida se dissipasse. Eles ficaram muito satisfeitos com as respostas.

Os ingleses também riem bastante, sabia? Riem para valer. Não diga que ocidental não chora, que ocidental não ri. Ocidental chora e ri. Eu vi. Vi quando uma pergunta era feita e a resposta era certeira. Quando a resposta vinha, eles gargalhavam. Agradou-lhes. Entendeu? Responder perguntas... Sempre há perguntas, assim como conosco. Porque a natureza da mente é a mesma. O que chamamos de 'nação' é apenas um nome dado a uma aparência. Uma certa forma e aparência recebe o nome de uma nação. Mas são apenas pessoas. A fundação das pessoas, o princípio do carma, é o mesmo para todos. Nisso, não há superior ou inferior. A palavra 'pessoa' já abrange tudo. O princípio do carma, bom e ruim, existe igualmente para todos..."

Há algumas décadas, houve um processo de seleção de monges missionários para propagar o budismo no exterior. O Patriarca Supremo Tailandês presidia o comitê monástico, e o Sr. Seni Pramoj presidia o comitê leigo. Como Luang Ta tinha monges estrangeiros estudando e treinando com ele, foi convidado para ser um dos membros do comitê de seleção naquela ocasião. Ele disse:

"Os países estrangeiros têm muito interesse no budismo. Isso pode ser visto pela grande quantidade de livros e traduções. Eles se interessam em estudar. Mas, no que diz respeito à prática, ainda não é muito difundida, pois faltam

65 Quer dizer, podem se tornar até mais budistas do que os próprios tailandeses.

pessoas com fundações sólidas, tanto externas quanto internas, para dar-lhes orientação e ensinamentos."

Sobre este assunto, ele explicou as qualidades essenciais para aqueles que assumiriam a tarefa de propagar o budismo no exterior:

"Se alguém for para servir de exemplo, com princípios internos e externos completos, então será verdadeiramente benéfico. Ao falar, haverá bom-senso, haverá Dhamma dentro da mente para mostrar a eles. Em termos de coisas materiais, eles estão muito mais avançados do que nós. O que vamos mostrar a eles? Não há nada para mostrar. É preciso mostrar o Dhamma. É preciso mostrar o Dhamma interior, o Buddha ensinou o mundo justamente através desse Dhamma interno."

No período em que seus agregados físicos ainda permitiam, ele, por compaixão, aceitava convites para ensinar o Dhamma em vários lugares, como templos, órgãos governamentais, quartéis militares e policiais, instituições de ensino, etc., conforme a necessidade.

Quando a velhice avançou, ele parou de dar ensinamentos fora do mosteiro. As poucas exceções eram geralmente para funerais de importantes mestres de meditação, como Luang Pu Chóp, Luang Pu Chah, Luang Pu Kham Tan, Luang Pu La, etc.

Ele sempre demonstrou compaixão por grupos de visitantes, pequenos ou grandes, que vinham de perto ou de longe, do país e do exterior, para visitá-lo. Mas, à medida que suas forças diminuíam, a recepção a visitantes tornou-se mais limitada. Certa vez, ele contou, de forma bem-humorada, sobre um grande grupo que viajou de outra província para prestar-lhe homenagem:

"Até que ponto se deve receber as pessoas? Qual é o limite? Quando se está completamente exausto, é possível continuar? É preciso parar a máquina para descansar. Pessoas vêm o dia todo, e sou eu quem tem que sentar aqui o dia inteiro. E não é só um dia – há quanto tempo venho fazendo isso? Seres humanos também morrem, a vida se encurta cada vez mais.

Eles dizem que eu não os recebo. 'Não importa quantas vezes a gente vá, nunca o encontramos', dizem eles. Se eu fosse responder, diria: 'Ei, eu também não te encontrei. O que há de errado em dizer isso? Você vem dizer que não me encontrou, mas eu também não te encontrei, então estamos quites.'

Que dificuldade há em responder às pessoas? É que está além da minha capacidade. Eu costumava recebê-los... Naquele dia, recebi visitantes o dia todo. Eu estava quase morrendo, já não tinha mais fôlego para falar. Já era

quase noite quando um monge veio me dizer que um grupo de leigos de tal e tal lugar tinha chegado. Olhei e vi que vinham de longe. Então, aguentei: 'Ok, deixe-os entrar.' Minha cabana ficou lotada...

Quando eles chegaram, eu comecei a atuar. A gente consegue fazer de tudo. Pode ser sutil, pode ser afiado, pode ser assim, pode ser de outro jeito. O que dizer?

Quando eles chegaram, eu fiz uma cara séria. Por dentro, eu não conseguia parar de rir, mas por fora, a cara era séria. 'Ei, vocês! O que diabos vieram fazer aqui a esta hora?', eu disse, repreendendo. Eles responderam: 'Viemos admirar o *parami* do Luang Pó.'

'Que *parami*? Não veem que já estou com o pé na cova?', eu repreendi de novo... 'Ok, vão embora... desçam...' E assim, eles desceram em fila. 'Que *parami*? Não veem que já estou com o pé na cova?'

É assim. Quando é para fazer, a gente faz. Com raiva ou não, não importa. Eu apenas assumi uma postura enérgica. É algo que se pode fazer, não é? Até os atores de teatro conseguem fazer, certo? Quando é para rir, eles riem. Quando é para chorar, eles choram. São todos loucos, essa gente. Sendo assim, eu também consigo fazer.

Ultimamente, tenho estado completamente sobrecarregado, muito pesado, regularmente. Ontem foi o último dia, a ponto de não conseguir mais receber ninguém. Fiquei sem forças. Mal conseguia me levantar e andar. As pernas cederam, tudo cedeu. As nádegas pareciam que iam rachar. O que dizer? Puxa, sentado o dia todo, e não é só um grupo. Vem gente de todo o país. Um grupo entra, outro sai. É assim. E sou eu quem tem que receber a todos..."

Ensinamentos

Devido à sua compaixão pelos vários grupos de diferentes lugares, seus ensinamentos assumiam muitas formas e estilos. Havia os sérios, os racionais, os bem-humorados, os ferozes e apimentados, e às vezes ele até ensinava sem usar palavras. Alguns exemplos foram selecionados e apresentados em seguida.

Um grupo foi prestar seus respeitos a Luang Ta em sua cabana. A conversa começou com uma mulher que falou a Luang Ta sobre o sofrimento que estava enfrentando e sua intenção de cometer suicídio, para assim reencontrar seu falecido marido, na esperança de alcançar felicidade no pós-

vida e não o sofrimento que experienciava no momento. Luang Ta explicou se a esperança dela se realizaria ou não, da seguinte forma.

"O pensamento de querer morrer em momentos de sofrimento, ou em qualquer momento, não é um pensamento correto e não trará felicidade ou os resultados esperados a quem assim pensa. É um pensamento que apenas acumula mais sofrimento para si mesmo e para os demais envolvidos. Normalmente, no mundo, ninguém quer morrer, mas (como a morte é) algo que não se pode impedir ou resolver, é preciso deixar que siga as leis da natureza. Até mesmo o seu próprio marido não queria morrer, mas teve que aceitar quando a hora dele chegou.

Quanto a você, por que quer morrer? Ou você acha que a morte é melhor do que estar viva? Se for assim, você não deveria pensar nisso e sofrer por causa da morte do seu marido, pois (a morte dele) teria sido algo bom. Mas por que você pensa a ponto de causar a si mesma um sofrimento quase insuportável?

Imagine que seu filho também quisesse morrer, que sua filha também quisesse morrer, que todos em sua casa quisessem morrer, porque você foi a origem desse pensamento. Você ficaria satisfeita com a ideia dessas pessoas?"

A mulher respondeu: "Não, não ficaria satisfeita."

"Sendo assim, por que você quer morrer, enquanto não quer que os outros morram? Se você vê isso como algo bom, deveria anunciar ao mundo inteiro, para que todos possam morrer juntos e não deixar ninguém para trás sofrendo neste mundo imundo e atormentador. Se você vê que não é bom, então deveria parar. Não deveria pensar em atear fogo a si mesma e aos outros, causando-lhes aflição.

Corrija rapidamente esse pensamento que é venenoso e perigoso. Deixe sua mente em paz. As pessoas em sua casa poderão então dormir tranquilamente, sem se preocupar com aquele que já morreu e com aquela que está viva e tentando se matar.

Você já viu algum mundo, algum país, alguma pessoa que não tenha passado pela separação daquilo que ama e preza? O amor já foi amado, amado a ponto de ser quase insuportável, com o coração prestes a se partir naquele momento de amor, e ainda assim as pessoas sobreviveram porque não tentaram se matar por causa do amor que as impelia. Mesmo que o coração queira amar, deixe-o amar, pois não se pode resistir, mas não tente se matar como você está fazendo.

Se disser que estou te repreendendo, eu admito, pois você está pensando e tentando algo digno de repreensão. Se eu elogiasse isso, o mundo estaria

perdido. Cometer suicídio não traz nenhum benefício; apenas piora as coisas ainda mais.

Para você, este ainda é um momento em que deve consertar e aprimorar esse tesouro valioso que é o seu próprio ser, para que seja adequado a você e às suas responsabilidades, a fim de ser um porto seguro para seus filhos, netos e toda a sua família, que dependem tanto de você. Mesmo que o braço direito tenha sido perdido — ou seja, seu marido se foi — o braço esquerdo ainda está aqui; você ainda está viva. Seus filhos e netos ainda consideram que têm um refúgio seguro, um lugar para respirar e aliviar o sofrimento.

Se você tentar cometer suicídio para encontrar seu marido, será o mesmo que se destruir diretamente e também destruir seus filhos, netos e sua linhagem, deixando-os sem pais, sem amigos, desamparados. Isso seria considerado um ato de destruição e aniquilação tanto do antigo quanto do novo, despedaçando tudo. Você deve considerar que estaria criando um carma pesado para muitas pessoas. E qual seria o resultado? Por favor, pense bem sobre isso...

Em uma outra ocasião, um leigo pediu um resto de bétel mastigado por ele, para guardar como amuleto.

Luang Ta: "Não me incomode com coisas inúteis. Aquilo que é benéfico eu já ensinei. O que você vem pedir? Restos, sobras, coisas que se jogam fora... A nossa religião, o Budismo, é uma religião sublime, e nós estamos sempre tentando inserir coisas falsas nela. Essa bétel mastigada, isso é uma coisa falsa...

Houve um episódio cômico certa vez, durante o tempo em que ele ainda tinha a saúde robusta e quando Chao Khun Dhammachedi ainda estava vivo. Quando Luang Ta aceitava dar ensinamentos em Wat Pho Somphon, o venerável Chao Khun costumava andar pela área e anunciar:

"...Todos façam silêncio, vamos ouvir o sermão de Mahā Bua... vamos ouvir o sermão de Mahā Bua... Ninguém deve falar em hipótese nenhuma..."

A área então ficava completamente silenciosa. Depois disso, Chao Khun Dhammachedi voltava ao seu lugar e ouvia atentamente o sermão no estilo dos monges da floresta, ou seja, ouvia de olhos fechados com respeito ao Dhamma, sem se importar com o fato de que ele era o preceptor (daquele que discursava) ou de que antes foi o mestre dele. Além disso, o venerável Chao Khun frequentemente elogiava seu discípulo, dizendo:

"...Estou falando a verdade, Bua... Seu sermão, uau! Me tocou profundamente. Ele fluiu sem impedimentos, sem hesitação... Se não há perguntas, seus sermões são de primeira classe, Bua. Mas se houver perguntas, suas resposta também são de primeira classe. Toca profundamente, Bua. Você responde muito rápido, de imediato assim mesmo!"

Até então, Chao Khun Dhammachedi só tinha ouvido os seus sermões sobre meditação. Ele não imaginava que seu discípulo pudesse dar sermões também com um toque de humor. Uma vez, ele o levou para ensinar no distrito de Tha Uthen, na província de Nakhon Phanom. A maioria da audiência gostava de jogos de azar e loterias. O sermão, portanto, tinha que ter um pouco de humor para se adequar ao público. Ele contou de forma engraçada aos monges e noviços:

"Nada foi tão engraçado como quando me levaram para ensinar em Tha Uthen. Eu já contei aos companheiros. Desde então, sempre que ele (Chao Khun Dhammachedi) me via, tinha que me cumprimentar com aquela história primeiro, porque ele nunca tinha me ouvido ensinar daquela maneira. O sermão, do princípio ao fim, não tinha nada demais. Discursei para ser engraçado. Aquelas pessoas riram durante todo o sermão. O Chao Khun riu tanto que quase morreu de verdade. Quando terminei o sermão, eles pediram:

'Oh! Não termine tão depressa...'

'Bem, o combustível do foguete acabou. O foguete vai descendo, e acaba sozinho...' Ao descer do púlpito, Chao Khun Dhammachedi ainda estava rindo descontroladamente, quase morrendo de tanto rir. Quando desci, prestei os meus respeitos ao Buddha, e ele ainda estava rindo.

'Bua, você também discursa assim? Bua, Bua, nunca ouvi você discursar assim.' Riu tanto que quase morreu. Desde então, sempre que me via, dizia: 'Mahā Bua também sabe discursar assim.' Esse pessoal gostava de jogos de azar e de loteria, por isso falei sobre jogos e loterias, um sermão com um toque de comédia..."

Às vezes, grupos que tinham acabado de ouvir o Dhamma dele ainda não compreendiam os seus métodos de ensino. Ele ensinava de forma intensa e direta, por isso os ouvintes costumavam dizer que ele era bravo. Um dia ele contou uma parábola para fazer pensar, da seguinte forma:

"Enquanto estou expondo o Dhamma, alguém acha que Luang Ta é severo? Se ainda duvidam que Luang Ta é severo, Luang Ta Bua vai contar uma

pequena parábola. É sobre uma mulher de temperamento sensível que se casou. O que quer que o marido dissesse, ela o acusava de estar dando bronca. Porque os homens têm uma voz alta, não é? As mulheres têm uma voz aguda. Sempre que o marido dizia alguma coisa, ela dizia que ele estava dando bronca, estava bravo.

(O marido pensou) 'O que eu faço? Esta minha mulher, não importa o que eu diga, ela diz que sou severo. O que eu faço? Vou tentar ser muito gentil.'

Dito e feito, ele sussurrou: 'Minha querida, hoje não vou ser severo nem ralhar. Hoje vou só sussurrar.'

'Pode falar.'

'Hoje vou pedir uma nova mulher em casamento, pode ser?'

'Oh não, não pode ser.'

'Minha querida, me sinto velho. Você só diz que dou bronca. Agora não estou falando de maneira severa, estou falando com gentileza, suave, doce. Posso procurar uma nova esposa?'

'Oh não, não pode.'

'O que eu faço? Falo suavemente, você diz que sou severo. Falo com firmeza, você diz que sou bravo. Agora mesmo, falei da forma mais suave e gentil, e ainda você diz que sou severo. O que eu faço?'

'Então não arranje uma nova esposa. Você ainda me tem, não é?'

'Nesse caso, está decidido. De agora em diante, continuarei a ser severo como antes.'

'Seja severo então. Se for severo mas não arranjar uma nova mulher, não digo nada. Desde que você não arranje uma nova mulher, está tudo bem…'"

Por vezes, ele tinha um método de ensino que revelava claramente as impurezas que se escondem (junto) com o Dhamma, como ele relatou sobre uma ocasião em que foi convidado para ensinar num certo mosteiro:

"Puxa, prepararam uma recepção luxuosa e extravagante para Luang Ta Bua. Assim que eu estava prestes a entrar no salão de ordenação, estenderam esteiras e tapetes para me receber. Quando entrei, peguei as esteiras e tapetes e joguei tudo no mato, à vista de todos.

Estavam estendidos em fila. Quando entrei, peguei este e joguei no mato, peguei aquele e joguei no mato, entrei mais, peguei outro e joguei no mato,

aos olhos de toda aquela gente, porque era muito ofensivo aos olhos. Por que as impurezas têm tanto poder?

Eu não digo que tenham agido mal em preparar o local daquela maneira, mas queria que houvesse algum ensinamento do Dhamma para reflexão. Por isso, peguei aquilo e joguei no mato, para lhes dar algo a pensar, não estava zombando (deles) nem nada. Entendem? Havia um significado ali. Jogava no mato, jogava no mato, tudo que era luxuoso, joguei tudo no mato. Fiz para lhes dar algo que pensar, o significado era esse. Se não fizer assim, haverá apenas impurezas tapando os ouvidos e os olhos, não deixando ver nada de sutil. Então, abri um pouco os olhos deles..."

Em certa ocasião um leigo veio lhe pedir:

"Luang Ta, não sei se o senhor tem algum amuleto para dar?"

"Só tenho um amuleto, que é olhar para si mesmo... Quando saio para o campo de batalha, é esse o amuleto. Quando ensino, é esse o amuleto. Não vejo nenhum outro. Se você achar que tem um melhor, traga aqui para disputar com o meu. Pode trazer qualquer um para disputar. Se a pessoa é forte, não precisa de amuleto algum. Nada consegue vencer esse amuleto."

Uma vez mostraram um desenho animado para ele:

"...Lançaram um desenho animado e não pude deixar de pensar nele, e não pude deixar de contar aos meus discípulos, porque é uma boa lição. Ouçam! Ouçam com atenção, o desenho já começou.

Havia – eles chamam de casa de espíritos ou algo assim – havia uma grande árvore e uma casa de espíritos. Oh, eles desenham e parece de verdade, esses comediantes conseguem fazer parecer tão real. Então havia uma pessoa sentada com as mãos postas em oração, e outra pessoa aparece não sei de onde... Ela diz que de veio de cima, diz que mora na casa de espíritos. (A deidade diz):

'O que o perturba?'

'Estou perturbado por seguir os ensinamentos de um velho monge.'

'E o que o monge ensinou para deixá-lo tão perturbado assim?'

'O monge ensinou a ter poucos desejos', foi o que ele disse.

'E o que você está desejando tanto a ponto de ficar perturbado?'

'Uma amante.'

Vejam só, ouçam. É algo digno de se ouvir? As kilesas são assim, elas nos enganam. Nós ensinamos uma coisa, e elas se desviam para outra. Dizemos para ter poucos desejos, o que significa, para um leigo, ter apenas um marido, uma esposa. Mas, em vez disso, ele foi querer arranjar uma amante. O que o monge ensinou? Ele ensinou a ter poucos desejos, e nós pulamos por cima e agarramos uma amante.

Ah! Um monte de sofrimento. Saibam que isso é um monte de sofrimento. Nas fundações do Budismo, a (proibição da) má conduta sexual é uma regra absolutamente fixa. Esta é a regra que faz com que marido e mulher sejam como uma barra de ouro só, de forma que filhos, netos e todos os parentes envolvidos recebam o benefício deste preceito do Dhamma..."

Em outra ocasião ele ensinou:

"O tratador de cavalos era coxo. O cavalo andava atrás do tratador todos os dias. O tratador mancava, e o cavalo, mesmo com as pernas boas, mancava também.

Pensem nisso, até um cavalo consegue aprender com uma pessoa coxa. E nós, que somos pessoas de verdade, por que não aprenderíamos com nossos pais coxos? Entendem?

Os pais precisam ter cuidado em dar o exemplo. Como é que ensinam os filhos? Acordam de manhã e passam o dia inteiro brigando na frente das crianças. A criança aprende isso, claro. Depois (a criança) vai brigar com os amigos e, quando volta para casa, briga com os pais. A casa inteira vira uma briga, porque aprenderam a 'arte da loucura' com o pai e a mãe.

Ensinem as crianças desde pequenas. Pais que frequentam o mosteiro, que são boas pessoas, seus filhos tendem a ser boas pessoas porque os filhos vêm do pai e da mãe. Ou seja, os pais são professores e mestres por sua própria natureza.

Eles não são apenas pai ou mãe. Eles também são os primeiros mestres, ou seja, ensinam antes de qualquer outra pessoa. A palavra 'ensinar' não necessariamente significa apenas dar sermões. As ações dos pais e das pessoas próximas são, em si, um ensinamento para a criança..."

Com essa compaixão que ele tinha por muitos grupos, seus ensinamentos variavam desde o Dhamma profundo, sutil e afiado para aqueles que se dedicam a treinar a mente com o objetivo de alcançar o Nibbāna, até ensinamentos para crianças, estudantes, trabalhadores, membros de famílias

e a sociedade como um todo. Separamos alguns pontos para apreciação nos próximos parágrafos:

Livros e gravações de Dhamma não se compram nem se vendem.

Os livros de Dhamma do venerável Luang Ta vêm tanto de seus escritos quanto de transcrições das gravações de seus sermões para monges e leigos, tanto no mosteiro quanto fora dele. Alguns livros são uma compilação de respostas a perguntas enviadas por carta por monges, noviços e leigos, tanto da Tailândia quanto do exterior.

Ele começou a distribuir livros de Dhamma por volta dos anos de 1971 e 1972. Cada edição é de centenas de milhares de exemplares, e a impressão tem sido contínua. Se fosse preciso estimar o número de exemplares, provavelmente seriam muitos milhões, pois há uma grande demanda tanto de pessoas que vêm pessoalmente ao mosteiro, quanto daquelas que escrevem cartas, cujo número aumentava a cada dia.

Os livros de maior interesse são a Biografia de Ajaan Man Bhuridatto e o livro 'Paṭipadā...'. Mais tarde o interesse em saber sobre a vida de Luang Ta aumentou, no entanto, ele nunca contou ou escreveu sua própria biografia. Existem alguns contos curtos dele, mas apenas pequenos trechos espalhados em lugares diferentes, especialmente no final dos sermões para os monges. Por exemplo, muitas vezes ele contava sobre seus esforços na prática do Dhamma, como uma forma de encorajar seus discípulos.

Muitas pessoas se preocupam com os custos de distribuição dos livros e fitas cassetes, temendo que isso possa causar dificuldades para ele. Ele deu a seguinte explicação sobre isso:

"Nossos livros não são para comprar ou vender. São apenas para dar de graça, enviados gratuitamente. Algumas pessoas vêm perguntar, provavelmente preocupadas com o custo de envio deles. Elas perguntam especificamente sobre o envio.

'O custo do envio deve ser muito alto, Luang Pó, o envio destes livros.'

'Oh, nem pergunte', digo diretamente. 'Se fôssemos nos preocupar com ganhos e perdas, não conseguiríamos fazer. Realmente não faríamos. Por exemplo, o custo de envio, são centenas de milhares, milhões. O que dizer? O custo de enviar estes livros... quanto se envia por dia? Em alguns dias, uma caminhonete cheia. Enviamos desde 1971, perto e longe. Na Tailândia nem se fala, até para o exterior enviamos, tanto fitas cassetes quanto livros.'

Hoje em dia parece que há mais fitas cassetes do que livros. Os pedidos vêm como um incêndio. É preciso que os monges descansem, senão eles caem mortos, não aguentam. Não conseguem duplicar fitas o suficiente para suprir a demanda. As máquinas duplicadoras, nós as conseguimos para eles, por pura compaixão."

Muitas pessoas leram os livros de Dhamma e escreveram de volta para ele, dizendo:

"Antes, eu tinha perdido a esperança no caminho, fruto e Nibbāna, e na religião budista. Eu entendia que eram coisas que existiam apenas nas escrituras, hoje em dia, provavelmente já se foram. Aqueles que alcançaram o caminho e o fruto provavelmente não podem mais ser encontrados..."

Alguns chegavam a pensar:

"Esta religião não tem mais esperança. Só existem as escrituras, só as palavras. Olhando para os monges e noviços, só se veem coisas que não são boas de se ver. É muito desolador..."

Depois de lerem aqueles livros, mudaram completamente. É como se tivessem renascido. Muitos praticantes de Dhamma, da mesma forma, depois de lerem os livros ou ouvirem as fitas, sentiram uma profunda apreciação pelos ensinamentos do Dhamma do Buddha, de uma forma surpreendente, e esses também não foram poucos.

As cartas enviadas a ele eram numerosas e aumentavam a cada dia. Algumas eram questões sobre o Dhamma, desde o básico até questões de meditação. Ele também dava, com bondade, respostas às cartas ensinando e aconselhando continuamente. Peço licença para dar alguns exemplos de pessoas que receberam benefícios de diferentes tipos de mídia do Dhamma, como se segue:

Luang Pu Suwat Suvacco, Wat Pa Khao Noi, província de Buriram

Luang Pu Suwat era outro discípulo de Ajaan Man, e também era discípulo de Luang Pu Fan em Sakon Nakhon. Ele passou vários retiros de chuva nos Estados Unidos e depois voltou para a Tailândia.

Luang Pu Suwat costumava dizer aos seus discípulos, monges e noviços, tanto no Wat Pa Baan Tad quanto em seu próprio mosteiro, que o motivo pelo qual ele respeitava e reverenciava Luang Ta Mahā Bua era por ter lido seus livros, especialmente na ocasião em que Luang Ta discursou em Wat Asokaram.

Aquele sermão tinha uma parte que falava sobre a luxúria, a cobiça e como superá-las. Quando Luang Pu Suwat leu, sentiu imediatamente um fervor em seu coração. Ele contou que, ao ler, algo o tocou profundamente. A partir daí, ele compreendeu o ponto crucial. Então, a mente girou no Dhamma, com vontade de se esforçar diligentemente o tempo todo. Ele ganhou uma grande força por ter lido aquele livro naquela época.

Luang Pu Suwat falou sobre a prosperidade dos Estados Unidos, dizendo:

"...mas o importante é que a nossa mente não se apegue à prosperidade do país deles. Se nos apegarmos a isso, o Dhamma desaparecerá por completo. A mente das pessoas lá não é maravilhosa. Não importa o quão especiais elas pareçam externamente, não são maravilhosas.

Maravilhosos são mesmo o Buddha e o Dhamma, pois ele foi capaz de se libertar do sofrimento. A felicidade, mesmo a dos seres celestiais, ele ainda via como incompleta. Mesmo sentado em meditação, em jhāna, em paz, satisfeito com essa felicidade, ele ainda via como incompleta, não se apegava. Mesmo destruindo (o apego) à forma, restando apenas o espaço, apenas a consciência, ele ainda via o sofrimento, via o defeito, até se libertar.

Isso é maravilhoso. Nossa sabedoria não consegue chegar lá. Precisamos nos apoiar no Buddha. Portanto, a prática deve seguir os princípios do Buddha, e então devemos nos esforçar diligentemente, pois, ao fazê-lo, certamente saberemos (por nós mesmos).

Além do Buddha (temos os) mestres de quem somos próximos e cuja prática vemos. Na época atual, eu dou destaque ao Luang Pu em Baan Tad, porque gosto muito do seu estilo, a maneira como ele considera e adapta as coisas. Meu caráter gosta de Luang Pu Baan Tad e Luang Pu Fan igualmente... A forma como ele adapta a sabedoria que ele ensina, me agrada..."

A praticante de Bangkok

Luang Ta contou sobre uma mulher que veio lhe pedir conselho sobre a prática do Dhamma. Ela levava uma vida que não era diferente da de qualquer outra pessoa com um emprego no mundo. Tinha uma família com três filhos e, além disso, tinha as responsabilidades e os deveres de um cargo de gerência. Mas, com um coração que amava e via o imenso valor da prática da meditação, ela se esforçava para reservar um tempo para a meditação andando e sentada. Desenvolvia sati e sabedoria em paralelo ao seu trabalho, sem nunca deixar que suas obrigações mundanas fossem prejudicadas.

Além disso, sua prática fez com que seu pensamento e discernimento no trabalho melhorassem e se tornassem mais claros, pois estava repleta de sati

e compreensão clara. Seus pensamentos não eram mais impulsivos ou guiados pela mente dispersa e inquieta, como quando ainda não tinha um bom controle sobre si mesma.

Ela praticou assim, de forma contínua e regular, por muitos anos com grande perseverança, até ver os frutos de sua prática que se tornaram uma força motivadora para se empenhar cada vez mais. Certa vez, ela teve a oportunidade de se encontrar e conversar sobre o Dhamma com Luang Ta em Suan Séng Thamm em Bangkok, e relatou os resultados maravilhosos que surgiram da meditação, para a alegria tanto do mestre quanto da discípula.

O tempo passou. Quando Luang Ta retornou ao Wat Pa Baan Tad, em Udon Thani, em uma manhã no final do ano de 1995, após a refeição matinal, ele estava proferindo um sermão. O conteúdo do Dhamma que ele expunha naquele dia acabou fazendo com que se lembrasse da conversa que teve com essa senhora:

"Ao falar sobre isso, lembro-me da história de uma mulher. Ela meditava do seu jeito, de maneira simples. No final, levou a prática muito a sério e as coisas realmente aconteceram. E quando aconteceram de verdade, ela viu o mal que as kilesas causam. Ah... foi isso que ela disse:

'Por que elas são tão terrivelmente violentas, essas kilesas? Elas são extremamente brutais. Por todos os três reinos da existência, as kilesas esmagam as pessoas.'

Ouçam, ela não estudou as escrituras, ela não aprendeu sobre o significado profundo do Dhamma através dos livros. Tudo veio puramente da prática.

'Para onde quer que se olhe, só vejo as kilesas massacrando e esmagando as cabeças dos seres vivos, por todo lado. Sejam animais, sejam humanos, não importa a nação, a classe ou a casta, todos são esmagados pelas kilesas, incapazes de levantar a cabeça. É de cortar o coração. Às vezes, eu falava isso para algum amigo, mas certas pessoas, verdadeiros depósitos de impurezas, não gostavam. No fim, para poder meditar, precisava me esconder e praticar na floresta ou onde quer que fosse, porque assim conseguia trabalhar o tempo todo. Sati não vacilava, estava sempre presente. Acontecia por si só.'

Será que palavras como essas podem ser ditas se não forem verdadeiras? Elas têm que vir da prática, do conhecimento e da visão real. A sati dela era boa, realmente boa, não era algo comum. Ela não se abalava, não importa o que estivesse fazendo. Com sati presente, o trabalho flui naturalmente. O trabalho do mundo é feito, e o trabalho interior também é feito, girando sem parar. Aí está, vejam só! (Até agora) vocês só ouviram Luang Ta Bua dizer 'girando sem parar', mas agora tenho uma testemunha.

Os amigos dela sentiram pena. Quando souberam que eu ia (até Bangkok), e como ela queria encontrar com mestres – e queria me encontrar também – ela realmente veio. Havia muita gente, e ela falou com toda a força. Foi como subir no ringue de um campeão, não um ringue comum, foi um embate e tanto. E ela falou com uma clareza impressionante – pá! pá! pá! Esse é o tipo de conhecimento e visão que surge da mente, sem hesitação. Ela mandou ver, e eu respondi na mesma moeda.

'Vou seguindo, fazendo bom e mau carma. Mas a mente está absorvida, quer praticar o tempo todo. Mas não sei se está certo ou errado isso.'

Eu disse a ela: 'Está certo! Vamos lá, continue! Concentre-se e ataque as impurezas nesses pontos', e fui explicando passo a passo.

Ela ficou muito satisfeita. 'Agora tenho certeza', disse ela.

Eu respondi: 'É mesmo para ter certeza. O que você tem praticado está correto.'

Ela chegava a meditar por 13 horas seguidas; às vezes 9 horas, 10 horas, até 13 horas. Contemplava o sofrimento. O sofrimento é real em todas as suas partes. Sendo real, não há conflito. Poderia sentar-se por um éon, quanto mais 12 ou 13 horas. Levantava-se como se nada tivesse acontecido. Poderia sentar-se por um éon, e nada poderia perturbar sua mente. Quando cada coisa é vista em sua verdadeira natureza, não há conflito.

Ouçam só como ela falava com tamanha coragem! Eu fiquei feliz, vendo os frutos da prática do Dhamma. É assim quando o Dhamma do Buddha se manifesta no coração. Ela viu o mal das kilesas de verdade. Viu a ponto de sentir o coração apertar. Para onde quer que olhasse, para onde quer que sua contemplação se voltasse, ah... só havia impurezas dominando os seres do mundo, fazendo-os se debater em agonia, não importa a nação, a classe ou a casta. E o mundo nem percebe – é uma pena. Isso foi o que ela disse.

'O mundo nem percebe. As kilesas os esmagam até a morte, e eles continuam a se divertir em sua agonia.' Havia muitas pessoas naquele dia em que ela veio me ver, por isso não tivemos tempo de conversar em privado.

'Não precisa falar em privado, vá em frente!' Foi o que eu disse. Ela viu o mal das impurezas de verdade. 'Se eu não morrer, que as kilesas morram!' Nessa fase, só existem essas duas coisas, vê-se plenamente o mal das kilesas no coração e, ao mesmo tempo, vê-se plenamente o valor do Dhamma. Com essas duas coisas no coração, a vida é colocada em jogo, sem qualquer hesitação diante da morte, e a mente gira sem parar.

Essa é uma pessoa que vai conseguir. Não vai demorar. Com certeza. É uma mulher, e tem três filhos. Ela costumava enviar doações mensais para este

mosteiro. Ela me contou, e quem ouve, ah... fica de boca aberta, sem conseguir fechá-la, e de olhos arregalados, porque tudo acontece segundo a lei natural. A mente dela gira sem parar, e ela fala com toda a força: 'Vamos, pode falar tudo!' E eu, com aquela fome de ouvir... Eu fico falando sozinho como um louco, o tempo todo, porque ninguém mais sabe nem vê. É como um louco falando sozinho, e logo decidem que estou doido. Mas, felizmente, apareceu essa mulher como testemunha. 'Vamos, fale, fale tudo! Fale com toda a sua força!', eu disse.

Eu estava ansioso para ouvir um Dhamma como esse. Eu disse: 'Nunca ouvi nada assim antes. Só agora estou tendo a chance de ouvir. Vamos, abra o jogo!' E quando ela começou a falar, onde havia um ponto que precisava de orientação, eu a orientei. E não foi uma orientação qualquer, foi um golpe certeiro – pá! pá! pá!

'Foque nesses pontos, vamos, vamos!'

É isso, está quase lá, não vai demorar. Já se tornou natural, automático, e a mente gira sem parar. Quando a mente atinge esse estágio, ela gira continuamente. Vê-se o mal das impurezas a ponto de quase desmaiar. O quão grande é o mal que as kilesas causam ao mundo? Quando se chega ao cerne delas, é de cair para trás. O sofrimento que elas causam, a dor, a queimação, o medo, a ponto de não se saber mais se está vivo ou morto. Fugir das impurezas, escapar delas. 'Morrer? Que morra, desde que consiga me livrar das kilesas.' Livre-se delas, e a mente se liberta.

O Buddha ensinou brincando, por acaso? 'É que nós não vemos, por isso digo que as kilesas são afiadas e perigosas' – foi o que ela falou, e se abriu completamente. Falou com entusiasmo porque não havia ninguém para responder a ela daquela forma. Eu então respondi com toda a minha capacidade, porque estava faminto, sedento para ouvir um Dhamma assim há muito tempo. Esse tipo de Dhamma não é do tipo que se memoriza – memoriza-se e depois fica tagarelando como um papagaio: 'Loro! Loro!' Termina-se de estudar o Tipitaka e nem um arranhão sequer é feito na pele de uma única kilesa. Só se vê isso por toda parte, enchendo as casas e as cidades.

Mas essa mulher levou a sério, e é garantido, não vai demorar. Quando há alguém para apontar o ponto crucial, a mente dispara. Não fica tateando no escuro quando há um guia. O caminho que ela já percorreu, ela sabe que está correto, e não há mais preocupação. Os pontos em que ela estava trabalhando, eu indiquei e ela avançou com tudo.

É algo maravilhoso, não é? Uma pessoa que nunca teve contato com o budismo, quando começa a praticar, as coisas acontecem. É assim que o

conhecimento que vem da prática se manifesta. O conhecimento nos livros, que foi registrado nos textos sagrados do Tipitaka, é apenas uma aproximação. Não entra nos detalhes, nas nuances, nem se espalha por todos os cantos e recantos como a prática faz... Pode-se dizer que abrange todo o céu e o grande oceano..."

Desde aquele acontecimento, essa mulher não teve mais a oportunidade de se encontrar com Luang Ta. Somente no início de abril de 1999, em Suan Séng Thamm, ela pôde novamente prestar-lhe reverência e conversar sobre o Dhamma em um breve diálogo:

"O que você está contemplando neste momento?"

"Mestre, a minha prática talvez não siga exatamente os passos que o senhor ensinou a contemplar. É que a minha prática, o tempo todo, desde que acordo até adormecer, é manter sati e compreensão clara cuidando da mente. Uso apenas este método, senhor.

Ao vigiar a mente, não preciso voltar a contemplar. A cada momento, basta-me seguir em frente, mantendo-me firmemente no presente, na mente vazia, no presente, e então vejo o surgir e cessar da percepção, o surgir e cessar de tudo o que é conhecido. Conheço e cessa. Conheço e não me ilude, tudo cessa.

Ao fazer isso continuamente, fica cada vez mais claro que não há um 'eu', não há absolutamente nada que possa ser um 'eu'. É apenas uma natureza que surge e desaparece, só isso. Depois desse período, parei de ser enganada, parei de ser enganada pela mente."

"Como ela te enganava?"

"Antes, para ser cuidadosa e vigiar a mente, era preciso que sati acompanhasse, observasse e conhecesse, para impedir que as kilesas surgissem. Mas, se houver sati e compreensão clara acompanhando *saññā*, com sati firme, sem se deixar enganar pelos estados mentais, tudo cessa, tudo cessa. Por isso, se alguma vez eu me distraio e me apego a um estado mental, posso soltá-lo imediatamente, porque sei que fui tola.

Por isso, mestre, venho relatar-lhe que meu modo de cuidar da mente não envolve contemplação, mas sim o conhecimento e a visão que surgem por permanecer no presente o tempo todo. E, todos os dias, nesta prática, mesmo ouvindo o senhor, mesmo em meio às pessoas, é como se eu tivesse um outro olho que vê a mente o tempo todo, vigiando a mente desde que abro os olhos até adormecer.

Por isso, na minha prática de meditação, a distração durante o trabalho acontece às vezes, com a mente se projetando para fora. Mas, fora isso, a

mente permanece guardada internamente, sem perambular, pois ela conhece bem a natureza de tudo, sabe o que a mente traz quando vai para fora e já está cansada e farta disso. Por isso, o dia inteiro, sati segue cuidando da mente sem que ninguém precise me dizer."

"Entendido. Fique nesse ponto, ok? Não vou te apressar nem dizer mais nada. Tome o presente como sua fundação. Se apressar-se, apresse-se no presente. Se não se apressar, permaneça no presente. Se não sair do presente, não há erro, entendeu? Permaneça no presente. A mente, em sua natureza, é assim. Você tem família, casa, trabalho, então não vou te apressar. Deixo para que você apresse a si mesma, entendeu? Se você fosse um monge, eu te daria chicotadas (para te apressar)."

"A mente parece não se apressar, mas também não desiste."

"Eu entendo. Falando assim, entendo imediatamente. Ainda digo para seguir naturalmente, no momento presente, assim mesmo. Não há mais nada. Tudo está no presente. Quando você se graduar no presente, não precisará mais perguntar. Problemas? Não haverá mais. Agora, vamos lá. Veja como está o seu presente. É só isso."

"Se alguém me perguntasse o que eu perguntaria a Luang Ta, eu não saberia o que dizer. Porque eu só observo o presente o tempo todo. Se estou com o presente, o surgir e o cessar vêm em um fluxo contínuo."

"É isso mesmo. Então não há o que perguntar. Por isso digo que estando no presente, da maneira que praticar vai dar certo. Veja só, já entrou no presente, não é? Pergunte aí mesmo. O presente é muito importante e agora a mente já se estabeleceu no presente."

"Antes eu acordava às 3 da manhã. Senti que o tempo era pouco. Agora, mudei para as 2:30 todos os dias. Eu pratico meditação andando todos os dias. Eu fico no presente, por isso não tenho medo da morte, não tenho medo de nada. Porque sei que, a cada momento da mente, se eu morrer, ela estará firme. Não há a menor chance de ela se desviar para lugar nenhum."

Havia um grupo que recebia o Dhamma de Luang Ta através de cartas, nas quais faziam perguntas sobre suas incertezas e dificuldades na prática de meditação. E ele, com sua compaixão, lhes dava orientação por correspondência de forma contínua. As cartas reunidas, datadas de 9 de março de 1956 a 14 de novembro de 1966, somam 57. A maioria foi respondida em Wat Pa Baan Tad, com algumas exceções, quando ele estava em Bangkok para tratar de assuntos. Nessas ocasiões, o cabeçalho das cartas diz ou Wat Bowonniwet Vihara ou Wat Thepsirintrawat.

Resposta de Luang Ta (carta nº 39)

Wat Pa Baan Tad, Udon Thani, 6 de setembro de 1962

Quer a meditação vá bem ou não, sutil ou não, considerem-na uma tarefa essencial e constante em todas as posturas do dia a dia. Somos discípulos do Tathāgata, avancemos sempre, sem recuar. A morte não tem cerimônia com ninguém, nem recua para que alguém zombe dela. Enfrentemos a morte com nossa perseverança, e a vitória virá passo a passo. Não há outro caminho para vencer a morte. Quem quer que seja, se abandonar a virtude, certamente se curvará diante dela.

O mundo, todos nós já o experimentamos. Sobre a felicidade e o sofrimento no mundo, ninguém pode enganar ao outro, pois todos temos os mesmos receptores (as seis bases dos sentidos), e a felicidade e o sofrimento passam por essas bases. Conhecemos e vemos ambos a felicidade e o sofrimento. O resultado da felicidade e do sofrimento mundano é apenas a morte. Ninguém vai além disso.

Mas aquele que acumulou méritos, esse sim terá a oportunidade de ver uma felicidade e um sofrimento mais elevados que os do mundo, subindo de nível em nível, até poder cruzar a fronteira do sofrimento e alcançar a suprema felicidade, o Nibbāna, com certeza. Portanto, a generosidade, a moralidade e o desenvolvimento mental são o caminho para cruzar a fronteira do sofrimento em segurança. Que todos se esforcem e perseverem seguindo os passos do Buddha, e certamente verão a terra maravilhosa um dia. Assim seja.

Bua

Uma leiga de 38 anos tinha duas filhas, a mais velha com 13 e a mais nova com 9 anos. Ela já tinha ido várias vezes prestar reverência a Luang Ta em Wat Pa Baan Tad e escreveu uma carta para pedir orientação e encontrar um refúgio para o coração, buscando força para praticar o Dhamma em meio a uma grande aflição causada por uma doença:

"Eu já tive a oportunidade de prestar reverência e ouvir os ensinamentos do mestre. No dia 18 de dezembro de 1983, dia da inauguração do edifício 'Reunião da Grande Compaixão' no Hospital de Udon, também estive presente na cerimônia. Fiquei muito feliz por ter a chance de participar dessa corrente de mérito com Luang Ta, a quem reverencio e venero como meu mestre com um coração verdadeiramente sincero. Agora, estou sofrendo com

a dor de uma doença, uma doença bastante grave, que na linguagem médica se chama doença do sangue (o número de glóbulos brancos diminuiu).

Há pouco tive um sintoma anormal: sangramento pelo nariz de forma incomum, ocorrendo várias vezes ao dia e difícil de estancar. Por isso, precisei procurar um hematologista. Ele fez exames de sangue, contou as células e descobriu que o número de glóbulos brancos havia diminuído anormalmente... Atualmente, sinto cansaço, falta de ar e fraqueza, como uma pessoa de 80 anos. Andar, ficar de pé, fazer qualquer coisa, até mesmo falar, me deixa exausta.

Penso no senhor e no Dhamma acima de tudo. Tenho tomado seus livros como um alicerce para a minha mente neste momento, pois sempre soube que ninguém escapa da morte, mas ninguém quer morrer. Atualmente tenho uma foto de Luang Ta para venerar, e pratico meditação para acalmar a mente.

Gostaria de poder contar tudo a Luang Ta, tudo o que penso e desejo em meu coração. Riqueza, status, dinheiro, elogios, nada disso pode trazer paz à mente, como o senhor ensinou com tanta verdade e certeza. Se neste momento eu não tivesse encontrado o Buddha, não tivesse recebido os ensinamentos do Dhamma do senhor...

Certamente, esta doença traz consigo tumulto, tristeza e tormento. A medicina não tem remédio para a minha condição. Somente o remédio do Dhamma pode me ajudar a curar.

Enquanto escrevo esta carta, os sintomas que pioraram são o cansaço, a dificuldade para respirar, o desconforto no corpo e a fraqueza. Somente depois de praticar meditação, recitando 'Buddho' até a hora de dormir, consigo ter um pouco de força. Sinto uma saudade imensa de ouvir os ensinamentos da boca do mestre. Quem dera poder ouvir novamente. Viajar para longe é um grande obstáculo para o corpo neste momento. Se eu puder, tentarei ir buscar o Dhamma para fortalecer meu coração e ser capaz de enfrentar o perigo da morte.

Neste tempo de doença, vejo ainda mais o valor dos hospitais. Para os pobres, adoecer é pior do que para os ricos, sem dúvida. Os ricos têm acesso a tratamentos modernos, bons médicos e bons remédios. Mas as doenças modernas avançam tão rápido que não conseguimos acompanhá-las, como a que estou enfrentando agora. Mesmo que tivesse todas as riquezas do céu, não seria capaz de encontrar um remédio ou um médico que pudesse curar essa doença grave e salvar alguém da morte.

Prostro-me aos pés do mestre, a quem venero profundamente, com um coração que se recorda do Dhamma e do *Sangham Saranam Gacchami* (o refúgio na Sangha) desde sempre e para sempre enquanto eu viver.

Tento cortar os laços de preocupação com meus filhos e meu marido, mas o amor por eles sempre me atinge. Se esta doença não permitir que a diminuição dos glóbulos brancos seja interrompida, então não haverá mais tratamento... Peço a sua compaixão, mestre, ajude-me a diminuir esse amor e essa preocupação até que desapareçam completamente... Venerável senhor, busco refúgio apenas no Dhamma do Supremo Buddha para poder treinar a mente a encontrar a paz.

Prostro-me aos seus pés, com a mais profunda reverência do meu coração e da minha mente.

P.S. Por favor, mestre, cuide de sua saúde."

A Resposta de Luang Ta:

"Recebi sua carta e senti muita pena. Por favor, apegue-se ao Dhamma como o caminho da sua vida, tanto na vida quanto na morte. Não se apegue ao corpo como o caminho da sua vida, esperando depender apenas dele sem que o Dhamma esteja presente. As pessoas saudáveis e as doentes são todas iguais, pois todas adoecerão e morrerão neste mundo; a diferença é apenas questão de tempo: umas antes, outras depois.

Use a sabedoria como uma rede para envolver o corpo a partir de agora. Mesmo quando chegar a última hora, uma mente com sabedoria não se apegará a um corpo que já está fadado a se desintegrar. Ela será capaz de se proteger com segurança e tranquilidade. Os ensinamentos em todos os livros revelam a verdade pura. Por favor, leia e reflita, e olhe para esta mente que nunca morre, e veja se ela ainda teme a morte junto com o corpo – que é algo que se desfaz e morre – sem olhar para o Dhamma.

A mente nunca morre, o Dhamma nunca morre; eles são um par constante. Mas o corpo, este se desfaz e morre completamente. Por favor, contemple e separe a mente que não morre; não a deixe abraçar a fogueira que é o corpo físico, que avança para a morte a cada minuto, a cada mês, a cada ano. Por favor acalme a mente com qualquer ensinamento do Dhamma, qualquer trecho que seja. Nossa mente não adoece com o corpo, mas não agarre o corpo e o transforme em mente. Se a mente se tornar o corpo, ela será consumida pela agitação e pela confusão.

Agarre-se firmemente à verdade de que a mente nunca morre. Diferente do corpo, a mente não tem cemitério. A mente é imortal por sua natureza,

mesmo que ainda haja impurezas, ela apenas vagueia por diferentes existências. A mente é nosso verdadeiro tesouro. Proteja-a, mantenha-a calma e serena por si só, em meio aos agregados (khandhas) que estão sendo consumidos pelo fogo neste momento. Chega, o corpo está exausto. Que você alcance a vitória sobre o adversário (*Māra*) em seu corpo."

Com a compaixão que ele demonstrava ao ensinar o Dhamma aos doentes que precisavam de cura para a mente, de um remédio espiritual, ensinando-os a contemplar a dor e o sofrimento causados pelas doenças, foi possível reunir esses ensinamentos em um livro, cujo conteúdo é adequado para praticantes sérios do Dhamma, para aqueles em estágios mais avançados da prática, para aqueles que precisam lutar contra a dor das doenças, ou para aqueles que desejam treinar a mente para enfrentar e aceitar o perigo da morte.

EXPERIÊNCIAS DE MONGES DA FLORESTA

Após a refeição, Luang Ta costumava dar sermões sobre o Dhamma de várias maneiras e estilos, dependendo da situação ou do assunto que surgia. Os ouvintes do dia a dia eram, em sua maioria, praticantes do Dhamma ou pessoas da cidade. Por isso, seus sermões eram informais, abordando temas de desenvolvimento da mente exclusivamente, histórias de suas próprias experiências na prática do Dhamma em diferentes fases de sua vida, ou pequenas anedotas que serviam como alertas.

A vida de peregrinação e prática ascética de cada mestre dava a eles a oportunidade de entrar em contato com muitas coisas diferentes, incluindo as maravilhas da mente, coisas que viam enquanto viajavam por florestas, montanhas e selvas, vários tipos de animais selvagens, e as pessoas da floresta e da cidade de diversas regiões, etc.

Muitas e muitas dessas experiências, portanto, são coisas que nós talvez nunca tenhamos sabido ou visto antes, porque não temos a oportunidade de viver uma vida de aventura ou de nos mudarmos para lugares diferentes como eles tinham. E, muitas vezes, quando esses mestres tinham a chance de encontrar um com os outros, essas histórias eram transmitidas e trocadas entre si. Luang Ta também costumava trazer muitas histórias de suas experiências – do que sabia, viu ou ouviu, para contar e transmitir aos seus descendentes, todas servindo como boas lições e alertas. Algumas foram selecionadas e apresentadas a seguir:

Ajaan Man conseguia ler a mente de Luang Pu Fan

Venerável Ajaan Fan Accāro de Wat Pa Udom Somphon, província de Sakon Nakhon – um discípulo importante de Ajaan Man – contou a Luang Ta há muitas décadas, e ele, por sua vez, transmitiu aos seus próprios discípulos:

"Venerável Ajaan Fan deixou Korat para encontrar Luang Pu Man em Chiang Mai. Ajaan Man se deu ao trabalho de sair para recebê-lo, vejam só! Que incrível, não é? Em Wat Chedi Luang, internamente ele sabia o que ia acontecer e se deu ao trabalho de sair (para recebê-lo) quando o Venerável Ajaan Fan chegou lá.

Um dia, ou melhor, na manhã do segundo dia, pela manhã, Venerável Ajaan Fan viu Ajaan Man vir até a frente de sua cabana. Ao vê-lo, pensou consigo mesmo:

'Oh, é Ajaan Man!' e rapidamente pulou para fora de sua cabana. Ajaan Man caminhava com passos firmes... 'Oh, mestre, o que faz aqui? Quando chegou?'

'Vim recebê-lo', ele respondeu."

Veem só? Ele disse: 'Vim recebê-lo', e o levou embora. Ele já sabia. Incrível, não é? Ele disse: 'Vim recebê-lo.'

Depois de ir morar com ele, Ajaan Man lhe falava sobre diferentes lugares: 'aquele lugar é bom assim, este lugar é bom desse jeito'. O Venerável Ajaan Fan então pensou em querer ir morar aqui e ali. Mas Ajaan Man não via nada mais apropriado do que permanecer com ele naquele momento, o que correspondia ao motivo pelo qual ele foi recebê-lo pessoalmente.

À noite, o Venerável Ajaan Fan pensava em ir para este ou aquele lugar. Quando o viu, Ajaan Man disse:

'Para onde você vai?'

Ele disse exatamente assim, veem só? 'Para onde você vai?' Quando Ajaan Man abriu a porta de sua cabana pela manhã, Ajaan Fan estava lá para lhe prestar serviço. Assim que abriu a porta: 'Hã? Para onde você vai?', e ele disse, 'Aqui é melhor.'

O Venerável Ajaan Fan então se calou, ficou em silêncio. Mas não passou muito tempo, ele pensou novamente. O próprio Venerável Ajaan Fan contou que pensou de novo em ir para tal lugar, e o mestre o confrontou novamente.

Um dia, a mente se concentrou, a mente do Venerável Ajaan Fan, entendem? Enquanto meditava, a mente alcançou um estado maravilhoso, brilhando intensamente e abrangendo todo o universo. Ele contou:

'Sempre que eu olhava para Ajaan Man, ele estava sentado, a me observar atentamente.'

Ele disse que não importava quando olhasse, sempre que enviasse sua mente, o mestre já estava lá, o observando, olhando de volta para ele. Ao acordar de manhã, ele apenas abriu a porta. Era a porta de um barraco, não uma cabana grande e chique, eram apenas barracos onde Ajaan Man morava, só havia barracos. Onde havia luxo? Aquele era o lugar do Dhamma. Luxuoso, não é? O lugar do Dhamma mais elevado. Os seres mais elevados costumam viver assim.

Então, quando ele abriu a porta, o Venerável Ajaan Fan estava lá à espera. Ao abrir a porta, ele (Ajaan Fan) ficou parado, imóvel.

'E então? Enxergou o Buddha Sāsanā agora?'

Pronto. Em vez de Ajaan Man deixá-lo entrar para pegar os pertences (para preparar e partir para a ronda de esmolas), ele não o deixou ir. Eles ficaram parados à porta. Ajaan Fan se ajoelhou e se prostrou.

'E então? Enxergou o Buddha Sāsanā agora? Hã? Hã?', Ajaan Man perguntou. 'Onde o Buddha Sāsanā é fantástico? Onde está o Buddha Sāsanā? Onde estão o caminho, o fruto e o Nibbāna? Você já viu?', ele disse. Ele ficou lá, olhando fixamente, com uma voz retumbante.

'Onde ocorre o desenvolvimento? Você já viu agora?' Porque naquela noite a mente estava brilhando intensamente, e Ajaan Man já estava observando. Quando ele saiu, o mestre o atingiu com força: 'Você já viu onde se desenvolve o Buddha Sāsanā? Hã? Onde o caminho, o fruto e o Nibbāna são desenvolvidos? Eu observei você a noite toda. Na noite passada, eu não dormi.'

Ele simplesmente se rendeu. Quando Ajaan Fan olhava para a mente de Ajaan Man, enviava sua mente, o mestre já estava lá, o observando. Ele se curvou, recuou. Sempre que olhava, ele estava lá, o observando.

'Eu não dormi a noite toda. Na noite passada, fiquei observando você', ele disse. É por isso que perguntou: 'Então... onde se desenvolve o Buddha Sāsanā?' Ele o pressionou. Veem? Ele veio me contar. Ele disse: 'Oh, me arrepiei todo. Não sei o que aconteceu. Tanta alegria e felicidade no meu coração – maravilhado. Uma alegria e felicidade avassaladoras, e maravilhado com Ajaan Man, maravilhado ao extremo', ele disse. Ele admirou essa maravilha o dia e a noite inteiros. É assim que se busca o

Dhamma. O Dhamma está aqui. Ajaan Man apontou para o coração. Apenas o coração recebe o Dhamma. Apenas o coração recebe o caminho, o fruto e o Nibbāna. Nenhuma outra coisa no mundo consegue recebê-lo..."

O poder mental de Tahn Pó Lee

Luang Ta falou sobre o poder mental do Venerável Ajaan Lee de Wat Asokaram, província de Samut Prakan, da seguinte forma:

"Falando sobre a mente, como nos dias de hoje, como é que as pessoas ficam sabendo? No círculo de praticantes, eles se conhecem! Os monges de meditação estão sempre em contato. Os leigos não ficam sabendo. Na prática de meditação, em que estágio cada monge está, eles sabem de uma forma misteriosa, é um conhecimento interno entre os monges de meditação. Mas as pessoas de fora não sabem, porque os monges não falam.

Quando vão a algum lugar, os monges de meditação estão verdadeiramente focados no Dhamma, mas os demais não sabem. É como um trapo envolvendo ouro. Eles não se preocupam em falar sobre isso ou aquilo. É isso. Se for o Dhamma verdadeiro, não haverá influências mundanas para encobri-lo ou se infiltrar nele. Mas no círculo de praticantes, não há como esconder. Tudo tem que ser revelado para que possam ajudar uns aos outros. Se houver algum obstáculo em algum lugar, quando um conta, o outro corrige imediatamente, e o caminho fica livre. É assim que a mente funciona.

Luang Pu Man raramente mencionava outros monges que eram seus discípulos. Mas quando o fazia, tinha que haver um ponto importante que ele queria destacar. Como no caso do Venerável Ajaan Lee, ele disse:

'Aquele Lee, tem uma mente muito poderosa.'

Ouçam, a força, o poder da mente. Vou dar um exemplo para ilustrar o que significa o poder do Dhamma. Foi o Venerável Fuang que contou, eu não estava lá. Ajaan Lee estava sentado junto com o Venerável Fuang e um rapaz chamado Manoon. Estavam ali, conversando um pouco sobre o Dhamma.

'Bem, vamos meditar.' Ajaan Lee disse isso. 'Vamos, sentem-se em postura de meditação'. Ajaan Fuang contou. Depois de dizer isso, Ajaan Lee não se sentou de olhos fechados, não se sentou para meditar, sentou numa postura normal.

'Vamos, Noon! Sente-se direito.'

Assim que se sentaram, o garoto entrou em meditação. Ele provavelmente já tinha sido ensinado (a meditar). O Venerável Fuang estava sentado ao seu lado.

'Ei, vou fazer você flutuar, ok?' disse o Ajaan Lee. Era disso que dizia quando falei sobre poder da mente. 'Vou fazer você flutuar.' Assim que disse isso, 'Vamos, sobe... sobe...' e também fazia um gesto com a mão. O Ajaan Fuang observou. Ele disse que o mestre fez um gesto com a mão. 'Vamos, sobe... sobe... sobe...'. O Venerável Mestre fez um gesto com a mão assim, e subiu mesmo. O garoto flutuou, mas só até esta altura. É este o poder da mente de que Ajaan Man falava: 'O poder da mente daquele Lee é muito bom... Ouçam! O poder da mente dele é muito bom.' É assim o poder. E quando o garoto desceu, Ajaan Fuang pensou com convicção:

'Agora ele vai querer me fazer levitar, mas eu não vou. Hoje, vou resistir.'

E assim foi. Logo depois, Ajaan Lee disse: 'Vamos, Fuang.' O Venerável Fuang pensou consigo mesmo: 'Não falei?' O Ajaan disse: 'Vamos, vamos, sobe, sobe.' O Venerável Fuang contou: 'Estava mesmo subindo! Não consegui impedir. Eu não queria subir, mas o corpo começou a balançar, se sentir estranho', disse ele. 'Eu lutei, lutei, mas não adiantou...' Não vamos chamar de derrota. Não vamos mesmo dizer que foi derrotado pelo Venerável Ajaan Lee.

Ajaan Fuang disse: 'Faltava pouco para eu sair do chão. A cabeça já estava se inclinando para a frente. Se meu quadril não subisse, minha cabeça teria que se curvar.'

Ele disse isso, ouçam bem. Não é brincadeira. Quando terminou, Ajaan Lee ficou de pé. Vendo-o se contorcer, prestes a subir mas sem conseguir, ele parou. Parou e se sentou.

'Oh, teimoso!' O Venerável Ajaan Lee disse apenas isso. Ele não falou muito. 'Hah, teimoso!' (risos) Eu não me esqueço. O Venerável Fuang disse que o Ajaan Lee sorriu um pouco. É esta a história do poder mental. Isso pode acontecer com algumas pessoas... porque é um fenômeno externo. É usado exteriormente. Depende da disposição de cada um para usar, seja de que forma for. Não faz parte das fundações de virtude, concentração, sabedoria, do caminho, do fruto e do Nibbāna. Esses são os princípios para abandonar e erradicar as impurezas...

Este poder mental é uma ferramenta. Mas depende da inclinação e do carma de cada um, para que lado pende. Como voar, andar no céu, mergulhar na terra, voar no ar, como é explicado nos seis *abhiññā* (poderes supranormais) ou nos três *vijjā* (conhecimentos superiores)..."

A arte de montar em tigres

"A arte de montar em tigres é um conhecimento oculto. Eles recitam um mantra para chamar o tigre, e o tigre vem de verdade. Existem aqueles que montam em tigres. Sim, existe. É isso, esse poder permite montar em tigres, montar em tigres selvagens.

Em Baan Nong Wéng, havia um homem. Eu não o conheci, o velho morreu antes. Chamavam-no de Pó, um homem baixo que sempre montava em tigres. Ia para a floresta e, quando se cansava, saía montado num tigre. Ele tinha o conhecimento de atrair e montar em tigres. Havia outro homem assim em Baan May, distrito de Baan May, ou distrito de Baan Muang. Havia tigres, uma grande selva, e este homem também conseguia montar em tigres. Aprendeu a arte lá para o lado do Laos. Aprendeu com os povos So e Kha, aprendeu a arte de montar em tigres.

Diz-se que foram cinco pessoas, com o mestre a liderar. Assim que acamparam, ele se sentou e começou a recitar o feitiço para chamar os tigres. O tigre que estivesse mais perto, vinha. Vinha e se deitava por ali – Tigres-Reais. O homem recitava o feitiço, então os tigres vinham. Os discípulos ficaram com tanto medo que tremiam. O mestre era quem recitava o feitiço para os tigres.

Então, quando eles chegaram, ele ordenou a um deles que montasse num tigre e viesse até ele. Ou seja, os tigres estavam deitados por ali. 'Monte naquele tigre e venha até o mestre.' O mestre estava sentado ali testando (o discípulo), primeiro só testando, passo a passo, até que o coração (do discípulo) se tornasse corajoso e confiasse na sua própria arte, então ele deixava o discípulo fazer sozinho. Ele ordenou a um que fosse montar no tigre. Ele não quis ir, com medo de que o tigre o devorasse. O mestre deu ordem mas ele não foi. Os tigres estavam deitados por toda parte, era uma selva de tigres. O que estivesse mais perto vinha primeiro, o que estivesse mais longe vinha depois. Às vezes, as pessoas já tinham ido embora quando eles finalmente chegavam.

Então, quando chegou a vez do quinto, ele tomou uma decisão. Se tiver que morrer, que morra. 'Se o mestre não fosse realmente bom, ele não conseguiria ter chamado os tigres.' A decisão foi tomada ali mesmo. 'Se o mestre não fosse realmente bom, ele não conseguiria ter chamado os tigres. O mestre tem que ser bom. Foi o próprio mestre quem me disse para ir montar no tigre e vir até ele. O que pode acontecer? Bem, se eu morrer, que morra.'

Ele foi... A perna mal se movia, estava toda rígida. 'Vamos, vamos!', ele se forçou a ir. Ele foi, montou no tigre e veio cavalgando até o mestre. Depois de montar naquele, ele continuou, montou em outro tigre. Montou naquele e veio deitar-se aqui, deitado na frente das pessoas. A magia deles é boa, não

é? Ele montou naquele, montou naquele outro e veio. Corajoso. Esta foi a primeira vez. Testando na primeira fase.

Na segunda fase, o mestre sentou-se aqui e mandou o discípulo sentar-se ali, longe do mestre. Deixou o discípulo recitar o feitiço para chamar o tigre, e depois montar no tigre e vir até o mestre. Eles fizeram isso várias vezes. Eles testaram. Ou seja, primeiro ele chamou o tigre para perto dele. Mandou este discípulo ir montar no tigre e vir até o mestre. Ir montar naquele tigre e vir. Depois disso, mandou este discípulo ir para longe, e recitar o feitiço para chamar o tigre, e montar no tigre e vir até o mestre. Então, quando ele se tornou habilidoso, viu que o discípulo estava confiante e não tinha mais medo, o deixou fazer sozinho.

Aquele velho montava em tigres. O povo de Baan May – toda a aldeia – o viu. Como se pode negar? Sabemos que os tigres têm boa sati. Sabe-se assim. Ele montava em tigres e seguia pelas trilhas na selva. Quando alguém vinha na direção oposta, o tigre já se agitava mesmo se as pessoas vindo não fossem pessoas comuns. Pessoas comuns falavam alto, mas os caçadores não, eles vinham em silêncio para caçar. O caçador também sabia. Quando o caçador vinha pela frente, o tigre já se agitava, querendo sair do caminho. Vendo que a situação não era boa, ele (o velho) soltava (o tigre). Soltava e ele (o tigre) corria para a selva. Logo depois, o caçador chegava.

É que a sati deles é muito boa, eles sabem muito rapidamente. Não é fácil dar de cara com um tigre como esse. Ele se agita. Quando se chega perto, ele se agita e vai embora. Assim que o solta, ele corre para a selva e logo depois o caçador chega. Às vezes, à noite, era como se ele tivesse o tigre como um cão. O dono dormia à noite, e ao acordar, o tigre já estava lá, dormindo ao lado dele. Ele não tinha medo da pessoa porque era seu mestre, o mestre do tigre. É isso que se chama 'conhecimento oculto'.

Este também era hábil em montar tigres. Este também montava em tigres. Em Baan Wéng, Baan Thammali, aqui em Pha Déng. Eles o chamavam de caçador Pó. Um homem baixo, sempre montava em tigres. As pessoas o viam sempre. Ele tinha um professor. Quem monta no tigre não quer encontrar pessoas, se encontra, o tigre ataca. Ruge e ataca, e corre embora. Machuca. Uma patada de tigre machuca. Por isso, tem que ir em segredo, em silêncio.

Quando vêm pessoas, ele tem que soltar o tigre. O tigre o avisa antes. O tigre tem uma boa sati, ele o avisa antes. Encontrar pessoas comuns nunca aconteceu. Mesmo caçadores – que vão sorrateiramente, procurando atirar em animais – mesmo assim, o tigre sempre sabe. Se ele se agita, significa que há pessoas à frente. Assim que o solta, ele corre para a selva. Logo depois chegam as pessoas. É isso que se chama 'conhecimento oculto'.

Estas coisas existem em todo o mundo, quem as procura, as encontra. Porque existem. Espíritos, almas e coisas do gênero, interferem. Esta arte depende da interferência de um espírito. Como aqueles que fazem coisas às pessoas, é o mesmo. No Camboja há muito. No Camboja há muito este tipo de conhecimento. Entre os povos So, os povos Kha, há muito, para os lados do Laos, para aqueles lados.

Antigamente, usava-se essa arte para matar pessoas, para fazer as pessoas se amarem, o que chamam de fazer feitiços e coisas assim. Podia-se até matar pessoas. Todos os tipos de magias eram possíveis com essas artes. A isso se chama de conhecimento oculto. Se há quem a aprenda e a preserve, essas coisas existem e se manifestam. Se não há quem a aprenda e a preserve, é como se não existissem, porque ninguém as contata. Se a pessoa possui esse conhecimento, é a magia que se conecta às coisas e as traz para si..."

O monge da floresta enfrenta a moça fantasma

Luang Ta contou a história da coragem de um monge da floresta aos seus discípulos, da seguinte forma:

"...considera-se muito importante, não importa em que região da nossa Tailândia – quando alguém morre, tem que chamar um monge. Falar sobre isso me faz lembrar daquele monge que era extremamente corajoso e extremamente medroso, a ponto de quase morrer. Ele foi meditar em uma caverna, jejuava e ficava sentado nos caminhos dos tigres, e coisas assim. É uma pena, aquele monge. Se ele tivesse se apegado firmemente a um mestre como guia, ele não teria se perdido. Ele acabou desistindo da vida monástica. Soube que ele desistiu, mas eu não o vi.

Antigamente, ele era um valentão. O coração dele, uh! muito ousado, digno de um valentão. Quando dizia que ia, ia. Quando dizia que ficava, ficava. Muito resoluto. Quando praticava, também era resoluto. Mas medo de fantasmas era seu inimigo número um. Quando tratou de superar esse medo, ele o superou até se tornar a maior coragem que ele tinha, por conta própria, sem hesitação alguma.

Com relação a fantasmas, ele podia ficar em qualquer lugar. Mas superação não significa que o medo simplesmente desaparece. Desaparece por causa da sabedoria para superá-lo através do Dhamma. Ele tinha um conhecimento peculiar, este monge. Quando estava meditando, à noite, se alguém morria na aldeia, ele sabia.

'Humm. Amanhã vão vir me incomodar de novo. Alguém morreu na aldeia.'

Ele sabia. E acontecia mesmo. Naquela região não havia outros monges. O lugar onde ele estava, a caverna e o cemitério, ficavam a que distância? Uns cinco ou seis quilômetros. Quando tinha que ir ao cemitério, ele não comia. Estava quase desmaiando de exaustão, mas tinha que ir. É o que se chama de inseparável. Assim, quando alguém morria, ele sabia. Era estranho este monge. Ele dizia, ele sabia, e era certeiro. Se fosse uma pessoa mundana, daria para apostar. 'Alguém morreu nesta casa, esta noite eles virão me convidar.' Às vezes, vinham seres celestiais. Ele também era hábil em falar com seres celestiais. Os que habitam as cavernas. Não são *rukkha-deva*, são guardiões da terra, por assim dizer. Ele não estudou muito, mas, graças à sua natureza, surgia nele esse tipo de conhecimento.

É assim que quando se atinge a tranquilidade, várias visões (*nimittas*) podem aparecer ou não – dependem da disposição de cada um. Não é preciso estudar, essas coisas surgem por si só. Quando surgem, é aí que se deve aprender o método correto de lidar com elas. Caso contrário, pode-se tomar o caminho errado. Porque elas não são inerentemente boas. Se conhecermos o método correto de lidar com elas, podem ser uma boa ferramenta. Os praticantes conhecem coisas estranhas, diferentes...

Enquanto praticávamos juntos, costumavam me contar histórias, o que era divertido. O que escrevi no livro 'Patipadā...' é tudo verdade. Por exemplo, a história de certo monge. Escrevi a história daquele monge, mas não o nomeei. Peguei a história daquele monge, a contei, e é verdade. Alguns iam a certos locais, e o que viam era o mesmo. Isso não pode ser contestado. Um monge foi para aquela caverna. Outro monge foi para a mesma caverna e ficou por três noites. Então partiu e conversaram a respeito.

'Nossa, não dá pra ficar. Não sei o que é, se é fantasma ou o que. Uma fantasma tarada. Apareceu pendurada pela cabeça no teto da caverna e desceu. Desculpe falar sobre isso, mas ela colocou os seios em mim, encostou na cabeça. Não importa quanto mérito eu compartilhasse, ela não aceitava. Eu enviava *metta*, mas ela não aceitava. Ela só queria sexo. Fiquei lá três noites sem dormir. Ela ficava se exibindo assim, então eu fui embora. Fui procurar outro amigo e contei a ele a história.'

'Bem, se é assim, eu mesmo vou tentar ficar naquela caverna.' Aquele monge também sabia. Ele tinha conhecimento sobre essas coisas. Ele foi para lá e, da mesma forma, ficou duas noites e fugiu.

'Nossa! É verdade. Que tipo de divindade é esse? Que tipo de fantasma é esse? Por que é tão tarada desse jeito? Por que é assim? Só queria uma coisa: desejo e luxúria. Não importa o que eu fizesse, ela não aceitava. Como dizem: os teimosos que não aceitam o bem.'

Não havia contradição, viram de verdade, da mesma forma. No início, este monge contou a história. 'Ok, vou tentar ver como é.' Era de se esperar. Quando ele voltou, 'Oh,' ele admitiu, 'é assim mesmo!' Se eles veem e sabem a mesma forma, como podem se contradizer? Porque essas coisas não são meras percepções ou pensamentos. Eles já tinham visto, já tinham passado por aquilo, entendiam. Entendiam o método de prática.

Percepções e pensamentos que enganam a si mesmo também existem. Por exemplo, um diz que vai para tal lugar, e chegando lá tem uma alucinação. Mas esses (monges mencionados) já tinham uma base, eles entendiam. Eles costumavam contar um ao outro histórias sobre fantasmas, demônios e coisas do gênero, até se acostumarem ou terem certeza um do outro, como se dissessem:

'Tem algo lá, por isso vim aqui.'

'Vamos ver, então.'

É assim. Nós temos olhos, então vemos. É assim mesmo, o que dizer? Se temos ouvidos, então ouvimos. Com relação ao conhecimento interno, é a mesma coisa..."

O Naga

Venerável Ajaan Singtong era discípulo de Ajaan Man. Mais tarde, ele passou a estudar e treinar com Luang Ta. Ele tinha um temperamento corajoso e não se assustava facilmente, mas desta vez ele se deparou com um evento aterrorizante. Ele então desafiou aqueles que não acreditavam que espíritos existiam a irem e comprovarem por si mesmos. Luang Ta contou a história:

"...Então, o Venerável Singtong ainda queria que os cientistas brilhantes, que dizem que não existem espíritos ou coisas do tipo, fossem para aquela montanha. Eu já passei por aquela montanha, ao pé da montanha. No topo, há duas cavernas. Havia um monge idoso em uma caverna, e então uma fenda na montanha, a água descia por ali e havia outra caverna. Sempre que novos monges vinham para visitar e ficar nesta caverna aquele espírito descia de lá, da montanha.

No topo daquela montanha havia uma piscina de água, que fluía tanto na estação seca quanto na chuvosa, embora não muito, continuava a fluir tanto na estação seca quanto na chuvosa. Eles escreveram um aviso dizendo que as mulheres não podiam se banhar naquela água. Se uma mulher se banhasse, a água ficaria com um cheiro ruim. Eles proibiram e escreveram um aviso. Se quisessem, podiam pegar água para beber, cozinhar e se banhar mas não era

permitido entrar na água para tomar banho. Essa é a verdade, a esse ponto, a água era realmente assim. Se uma mulher entrasse para tomar banho, a água ficava com um cheiro ruim.

Havia um *naga* lá... Aquele monge velho que morava lá permanentemente, já estava acostumado com esse ser. Ele descia da montanha como se estivessem arrastando uma palmeira inteira. Pegue uma palmeira inteira e arraste-a para baixo com um som de 'zaaa'. Ele descia devagar, 'zaaa', por esta fenda na montanha. Aquele velho monge morava por ali, naquela caverna, de forma permanente. E nesta caverna, muitas pessoas vinham para ficar, monges.

Se alguém viesse ficar, um novo monge, não importa de onde viesse, aquele ser descia para perguntar as novidades. Então, o velho monge, com medo de que o visitante se assustasse, ou seja, com medo de que o Venerável Singtong se assustasse... O Venerável Singtong era um monge teimoso, de natureza corajosa e teimosa, e ainda assim abaixou a cabeça diante daquele espírito. Ele falou desafiadoramente: 'Quem for corajoso e disser que espíritos não existem, vá até lá, quero ver se não vão fugir no meio da noite'.

Então, quando Venerável Singtong chegou, o ancião disse:

'Meu sobrinho, um irmão virá visitá-lo esta noite porque você é um recém-chegado, um visitante. E aquele que está lá em cima descerá para perguntar as notícias, as novidades. Não precisa ter medo, é normal ele aparecer.

Mas quando ele desce, é como arrastar uma palmeira inteira, arrastando-a para baixo com um som de 'zaaa'. Quando ele sobe, faz um som de 'zaaa', ele desce até o pé da montanha, depois desaparece em silêncio. Chega ali e desaparece. Quando sobe, faz um som de 'zaaa'. Às vezes, ele sobe e não faz barulho. Depende dele, do jeito que ele quiser fazer.'

Acontece que o Venerável Singtong chegou cansado. Ele viajou à pé. Quando chegou lá, foi descansar. O ancião já o havia avisado, com medo que o espírito o assustasse. Venerável Singtong, por sua vez, entendeu e foi dormir por volta das nove da noite.

Uma pessoa exausta depois de viajar o dia inteiro, muito cansada, (por isso) dormiu primeiro para depois se levantar e praticar meditação andando. Quando adormeceu, ouviu um som de 'hó... hó...' na cabeceira da cama. Uma cobra, como uma cobra grande, do tamanho desse pilar. O som era 'hó... hó...' perto da cabeça dele. O Venerável Singtong então chamou:

'Luang Pó... Luang Pó...'

'O que é?'

'O som da cobra grande já está aqui.'

'Não tem nada. É o som que eu lhe disse. Não tenha medo.'

'Como não ter medo, ela vai me morder agora mesmo.'

O som era alto, 'hó... hó...'

'Ela vai me morder agora mesmo. Vai me engolir.'

'Não vai engolir, não precisa ter medo. É sempre assim. Não vai acontecer nada. Acredite em Luang Pó, porque Luang Pó já mora aqui há muito tempo.'

'Como posso acreditar, ela está para me comer.' Ele então chamou outro monge que dormia do outro lado – a caverna era longa e ele dormia do outro lado. Mandou aquele monge acender a lamparina e pendurá-la, e trazer uma vara longa.

'Não posso carregar, senão vou pisar na cobra.'

'Pegue uma vara longa, pendure a lamparina e a traga.'

Ele andava lentamente, iluminando o caminho. Quando o monge chegou à cama, a cobra desapareceu. O som de 'hó... hó...' silenciou, não se ouvia mais nada. Desapareceu em silêncio. O monge então partiu. Quando partiu, pouco depois, o som voltou.

'Veio de novo!'

Aquela pessoa então acendeu a luz para procurar a cobra a noite toda. Acendeu a luz daquele jeito, com medo de pisar na cobra, porque o som era muito alto e grande. Quando chegou, não viu nada. Ficou apenas uma noite, o Venerável Singtong... Por quê?

'Medo, admito que tive medo. Medo de verdade. Nossa, parecia que ia me engolir inteiro! O corpo dela devia ser do tamanho de um tronco de palmeira.'

Esta cobra era um *naga*. Ao acordar de manhã, ele foi se despedir do velho monge.

'Como foi meu filho?'

'Oh, estou com medo da cobra, não posso mais ficar.'

'Por que medo dela? Luang Pó está aqui há muito, muito tempo. Eu sei tudo sobre ela. Não há nada. Não precisa ter medo.'

'Oh, com medo, com medo. Se for assim... quem for corajoso e disser que não existem espíritos, que venha. Vamos ver se não vai fugir no meio da noite.

Que venha de verdade. É assim que é o som quando ele se manifesta... um *naga*.'

Ele contou ao doutor Uay. Oh, ele ouviu com atenção, com interesse, queria ir também. Queria ver como era. Queria ir para ganhar energia, mas não teve tempo suficiente para ir ver pessoalmente. Ver como a situação realmente era. Ir ver e ver de verdade. Era sempre assim. Sempre que um visitante chegava, quando a noite caísse, ele aparecia. Ele não fazia nada. Descia para perguntar as novidades, só isso.

Mas soltava um som estranho, como uma cobra, como um tigre. Conseguia (emitir sons) de qualquer forma, não apenas uma. O que o tornava assustador era essa variedade de formas. Às vezes, como um tigre, 'hê... hê...', perto da caverna. 'Como? Tem um tigre?', a pessoa se perguntava. Não era um tigre. Era aquilo. Ao dizer 'aquilo', todos entendiam.

Doutor Uay queria ir para ganhar energia. Oh, ele interrogou o Venerável Singtong longamente. O Venerável Singtong contou a história. E o Venerável Singtong também era um monge corajoso, não um monge fraco ou desleixado. O que ele dizia era interessante de ouvir. Nós acreditamos porque já acreditávamos nessas coisas desde antes.

'Nossa, era realmente assustador', disse ele. 'O corpo dele era do tamanho de um tronco de palmeira e ele sibilava 'fó... fó...' perto da minha cabeça, a apenas um palmo de distância. Parecia que ia me engolir. O som 'hó... hó...', mas eu não conseguia ver. Quando acendia a luz para procurar, não via. Não sei para onde ia. Assim que apagava a luz, ele voltava.'

A montanha se chama Phu Thok. Já passei por lá em peregrinação, mas nunca fiquei na caverna mencionada..."

O tigre que tinha medo de Luang Pu Tue

Luang Pu Tue Acaladhammo era um discípulo de Ajaan Man com um coração muito corajoso e destemido. Ele tinha mais anos de ordenação do que Ajaan Mahā Bua. Sobre o fato de os tigres o temerem, Luang Ta contou a origem da história da seguinte forma:

"...Por exemplo Luang Pu Tue, como o velho contou, o feitiço do velho era um que fazia o tigre ficar covarde, o amedrontava, tirava sua força para lutar. O feitiço o dominava. O poder do feitiço o dominava. O coração do tigre enfraquecia, ele não conseguia fazer nada. Ele tinha um feitiço que intimidava os tigres. Ele podia ser um mestre de tigres, ou podia intimidá-los... Se fosse um mestre, seria um mestre do tipo monge, não montaria em tigres.

Luang Pu Tue, de Baan Kha, Sam Phong. Já fiquei lá também. Antigamente, quando ia meditar, havia muitos tigres naquela área. Luang Pu Tue tinha um conhecimento que o tornava mestre de tigres. Onde quer que ele ficasse, os tigres costumavam vir e deitar-se para vigiar ao redor de sua morada. Ele foi para Mé Hong Son, foi para a floresta, e o tigre foi com ele. Um Tigre Real grande, ficava escondido perto dele. O velho não tinha medo, pois era o mestre. Outras pessoas, sim, sentiam medo – os monges que iam ficar com ele.

Uma noite, um monge sentiu vontade de urinar e saiu para urinar. Ele saiu e o tigre estava deitado ao lado. O tigre rugiu e o monge gritou e correu.

'Não é nada. Não vai acontecer nada. Não vai', disse Luang Pu Tue. 'Não é nada. Às vezes ele apenas acordou e veio cumprimentar.' Ele disse isso. O tigre rugiu para o monge, e o monge pulou para dentro da cabana. A cabana deve ter quebrado. Aquele monge ficou apenas uma noite e no dia seguinte fugiu, com medo do tigre.

'Oh, não posso mais ficar.'

'Não vai acontecer nada. Fique. Não vai acontecer nada. Ele está acostumado com as pessoas. Está tudo bem', disse ele. 'Ele se esconde, não sai para encontrar pessoas. Às vezes, o vemos, às vezes não. Ele fica na floresta e as pessoas ficam aqui. Mas se estranhos vierem, ele ruge', disse ele. 'Mesmo que o provoquem, ele não fará nada. Porque ele é o cão dos monges, por assim dizer. Ele protege o dono. Se alguém estranho vier, não pode chegar perto. Ele rosna e ruge.'

Luang Pu dava a ordem: 'Não assuste os visitantes.' Quando ele dizia isso, o tigre se calava. Para onde quer que ele fosse, o tigre o seguia para protegê-lo. Protegia-o silenciosamente. Ele ficava na floresta, o tigre. Quando ele meditava, o tigre costumava vir e ficar por perto. Só quando chegava uma pessoa diferente é que se notava que havia um tigre. Se não houvesse pessoas estranhas, era como se não houvesse tigre. Ele não se mostrava. Ele ficava por perto. Se estranhos viessem, monges estranhos, ele rugia para eles. Às vezes, ele rosnava e rugia para eles. O monge se assustava e gritava 'Tigre! Tigre!'. Luang Pu Tue dizia:

'Oh, não se preocupe. Ele está protegendo os monges. Ele está aqui sempre. Não se preocupe, não tenha medo dele.'

É assim que Luang Pu Tue era. Ele dizia que atravessou cinco distritos e o tigre ainda o seguiu. E eu ainda nem contei a história do monge chefe do distrito que veio para expulsá-lo! Esta é divertida:

À noite, antigamente não havia eletricidade, havia apenas lampiões de querosene. O monge chefe do distrito viu que Luang Pu estava na floresta e veio para expulsá-lo[66]. Ele acendeu um lampião de querosene e o trouxe no meio da noite – veio para expulsá-lo. Quando chegou ao mosteiro, aquele tigre saiu e rugiu alto, ele fugiu. O lampião de querosene deve ter caído no rio Mekong.

No final, foi o tigre que o expulsou primeiro. O monge ainda não tinha conseguido expulsar Luang Pu Tue, e foi expulso pelo tigre primeiro. Ele fugiu correndo, foi embora. Tanto os leigos quanto os monges que vieram junto, fugiram. Foi uma confusão. O tigre rugiu para eles. Mas não fez nada, era como um cachorro com dono. O feitiço dele o dominava, e o tigre, com o coração subjugado, não o considerava um inimigo, mas sim como seu dono..."

O noviço que se lembrava de vidas passadas

Luang Ta uma vez contou essa história:

"É mencionado no Mahāvibhanga que o inferno tem 25 níveis, desde os maiores aos menores. O inferno dos mortos tem 25 níveis, que vão diminuindo. Se alguém cair no inferno Avīci, não escapará por muitos éons, ficará submerso lá. Mesmo que haja a lei da impermanência, quantos éons levará para mudar?

O carma desses tipos de seres, que matam o pai, a mãe, um arahant, que agridem o Buddha, que incitam o sangha à discórdia. Esses são cinco tipos de carma que se chamam de *anantariya-kamma*, que significa que este carma é muito pesado. E são esses que descem para lá.

Aqui está uma história fresquinha, uma que vou contar para todos os irmãos e irmãs. Fui eu mesmo quem a investigou com minha própria boca, ou seja, confrontei-o cara a cara, interroguei-o.

Havia um noviço, na aldeia de Nam Kham, distrito de Phra That Phanom, província de Nakhon Phanom. Este noviço conseguia se lembrar de vidas passadas. Conseguia se lembrar de suas próprias vidas passadas. Na vida passada, seu nome era Bua – igual a mim. Naquela vida, ele morava na aldeia de Khok Ló, e tudo o que ele dizia sobre seu nome e local de origem estava correto, (mais tarde) o professor dele confirmou tudo (para mim). Eu me encontrei com este noviço e depois fui me encontrar com Ajaan Thong, o professor desse venerável Bua.

66 Era comum haver inimizade e desconfiança por parte dos monges da cidade com relação aos monges da floresta.

(Na vida passada), o rapaz Bua, quando jovem, ouviu um sermão e sentiu fé. O Venerável Ajaan Thong foi para a cidade de Ubon, para lá. Ele ensinou e instruiu o povo que então adquiriu respeito e fé. Este rapaz, Bua, veio pedir para ser ordenado por ele. Depois de ordenado, ele o seguiu vindo até a aldeia de Sam Phong. Acontece que ele contraiu malária em Sam Phong e morreu. Naquele ano, três monges morreram. Foi o próprio Venerável Ajaan Thong quem contou que naquele ano morreram três monges. Mas o venerável Bua, disse apenas que morreu na aldeia de Sam Phong, não disse quantos monges morreram.

Depois que ele morreu... bom, resumindo, ele assistiu seu próprio corpo sendo cremado. Uma multidão de pessoas estava lá para a cremação. Ele estava de pé, observando o cadáver, carregando sua tigela e seu *glot*, ele observava as pessoas cremando seu cadáver.

'Ninguém prestou atenção em mim. Havia centenas de pessoas lá. Ninguém prestou atenção em mim, nem uma única pessoa. Eu fiquei de pé, olhando meu próprio cadáver.'

Terminado, ele foi para o leste. 'Meu corpo já foi cremado até virar cinzas, o que mais posso esperar? Me vou, não me preocupo mais.' E ele foi. Quando foi, chegou a um grande salão. O salão era muito grande. Foi o noviço quem contou isso.

O motivo pelo qual interroguei este noviço foi porque um monge me contou sobre ele, que ele conseguia se lembrar de vidas passadas. E, por coincidência, no funeral de Luang Pu Man, este noviço compareceu. Eu então combinei com o monge que, se o noviço viesse, ele o trouxesse até mim. E, de fato, o noviço veio, e ele o trouxe. Mas, normalmente, ele não gostava de contar histórias sobre suas vidas passadas.

'Toda vez que eu conto, fico doente', ele disse. Ele tinha medo. Toda vez que contava sobre suas vidas passadas, ficava doente, sem falhar.

'Bem, desta vez você não vai ficar doente', eu disse. 'Bem, conte tudo. Desta vez você não vai ficar doente. Conte para nós, você não vai ficar doente.' E ele não ficou doente mesmo. É estranho, não é? Foi só desta vez, nessa única vez, que ele não ficou doente.

Quando ele veio, eu o interroguei sobre sua morte e para onde ele foi. Ele foi para um grande salão. Aquele salão estava cheio de oficiais, como Yama[67] e outros. Havia duas pilhas de livros de registro. Uma pilha era enorme, a outra era pequena. A pilha grande era para o registro das pessoas que praticaram o mal. A pilha pequena era para o registro das pessoas que praticaram o bem. Aquele monge então, carregando sua tigela de esmolas,

67 No folclore budista, Rei Yama é quem passa julgamento aos mortos.

ficou de pé. E os condenados – para dizer de forma simples – os condenados que cometeram carma pesado, carma leve, qualquer tipo de carma, eles os separaram por tipo, enchendo o salão.

Então eles chamaram os nomes. Quando chamavam o nome de alguém, assim que o chamavam, a pessoa aparecia imediatamente. O poder do carma controla a pessoa a esse ponto. Não tinha vacilação, assim que o nome era chamado, a pessoa chegava imediatamente. Quantas pessoas havia deste tipo de condenação? Havia apenas dois oficiais, eles eram muito assustadores, um na frente e outro atrás. Assim que terminavam de chamar os nomes, eles os mandavam embora. Depois que este grupo ia embora, eles chamavam outro grupo, e assim por diante, até que todos tivessem sido chamados. Isso é um resumo para se adequar ao tempo.

Quando todos já tinham ido, restava apenas uma senhora idosa sentada lá. Aquela senhora idosa era como alguém do nosso mosteiro. Como alguém que se veste (de branco) para ir ao nosso mosteiro, para observar os preceitos, praticar o Dhamma. Ela usava um xale sobre o ombro e uma saia, como se faz para ir ao templo. Ela estava sentada ali. Eles a chamavam de 'estimada mãe'. Esta senhora idosa, eles a chamavam de 'mãe', já os outros, eles chamavam de 'fulano, sicrano' e os mandavam embora. Essa, eles a chamavam de 'estimada mãe'.

Quando todos os seres do inferno se foram, eles convidaram a 'mãe' a se aproximar, dizendo: 'Se a senhora deseja ir para o céu, por favor, desça por aqui. A senhora pode ir para o paraíso celestial que desejar, basta descer por este caminho. Uma carruagem celestial virá buscá-la.

Desça até este lago, tire suas roupas, entre na água e atravesse até o outro lado. A carruagem virá pela margem oposta do lago para buscá-la. Ela estará adornada e decorada; os ornamentos e enfeites virão junto com a carruagem.' Assim que ela entrou na água, subiu, e eles a convidaram, guiando-a para cima. Depois de se vestir apropriadamente, ela ascendeu voando, leve como algodão na carruagem celestial...

O monge não conseguia descrever em palavras essa carruagem, mas nunca esqueceu aquela imagem. Era de uma beleza resplandecente, ele não tinha como descrever a carruagem celestial. Mas não perguntei de qual plano celestial vinha ou para qual ia. Apenas sabia que aquela mulher iria para o céu. Depois que tudo terminou, restou apenas aquele monge, de pé ali. Era o venerável Bua, que havia morrido.

'Aqueles oficiais não prestaram atenção em mim. Depois de enviarem a senhora idosa, voltaram ao seu trabalho em suas mesas. 'E quanto a mim, para onde devo ir?', pensei. 'Ninguém chamou meu nome.'

'Ah, venerável, se você deseja nascer no mundo dos humanos, deve voltar pelo caminho de onde veio. Se deseja ir para o céu, deve descer por aqui. Você pode tanto ir para o céu quanto para o mundo humano. Se quiser ir para o céu, desça por aqui, como aquela senhora fez, e a carruagem celestial virá por si mesma.'

'Não vou, estou com sede. Vou primeiro procurar um pouco de água para beber.'

Depois disso, ele desceu e desceu, até chegar à aldeia de Nam Kam. As casas ficavam na beira dos arrozais. Alguém estava pegando água, e ele foi pedir um pouco para beber. A pessoa disse: 'Vá para aquela casa ali. Vou pegar a água e levar para lá. Espere naquela casa.' Ela apontou, e ele viu a casa claramente. Aquela era a casa onde ele iria nascer. Entendeu? Ao chegar lá, sentiu-se sonolento, como se fosse adormecer. Estava muito cansado e exausto. Ficou sonolento e adormeceu. Acabou não bebendo a água.

Quando acordou, onde estava? Já havia nascido. Ele conseguia se lembrar de sua vida passada, o tempo todo. Ele conseguia se lembrar de tudo. Foi quando nós o questionamos. E então, o Ajaan Thong, professor dele, chegou. Nós o saudamos respeitosamente e contamos essa história a ele. Ah, ele ficou chocado! Ficou espantado. 'É isso mesmo, é o monge Bua!'

Ele (Ajahn Thong) então contou tudo em detalhes. Estavam em Sam Phong e morreram juntos os três monges, etc. Este monge se chamava Bua. Ele era bom em expulsar fantasmas, mas parece que não conseguiu evitar virar um cadáver,[68] ele disse. Nunca me esqueci dessa história, sobre se lembrar de vidas passadas.

A expressão 'lembrar-se de vidas passadas' tem um significado diferente quando se trata do Buddha. Essas pessoas perderam consciência e morreram. A lembrança disso e daquilo, saber disso e daquilo, pode ser imprecisa porque as pessoas ainda estão agitadas, ansiosas. Não é como o conhecimento interno do Buddha que relembra vidas passadas, chamado de *pubbenivāsānussati-ñāna* – o conhecimento do recordar de existências anteriores.

Especificamente sobre as vidas passadas do Buddha, quantos renascimentos e quantas existências ele teve, ele sabia de tudo, completamente. Ele conhecia as existências de todos os seres através de sua habilidade, não através de perder consciência como as pessoas mundanas fazem. Alguém morre, volta à vida e se lembra de vidas passadas, e as pessoas ficam histéricas.

68 Em tailandês, 'fantasma' e 'cadáver' são a mesma palavra.

O Buddha alcançou esse conhecimento e proclamou o Dhamma ao mundo por tantos anos, e as pessoas ainda não despertam? Estão loucas ou o quê? A humanidade parece querer ser assim. Nós nos empolgamos com essas coisas loucas. Pessoas que perdem consciência, morrem, voltam à vida e se lembram de vidas passadas, e todos ficam alvoroçados.

O Buddha não era alguém que perdia consciência. Ele despertou para o Dhamma, tornando-se o mestre supremo do mundo, vendo e conhecendo a verdade em todas as coisas. Ele proclamou o Dhamma e o ensinou, por que as pessoas não despertam?

Acordem, vocês têm que acordar! Se não, vão afundar de verdade, sabiam? Ouçam como o inferno ferve e borbulha, sem diferenciar dia ou noite, ano ou mês, está sempre assim. Os seres do inferno vão se amontoando porque as pessoas só cometem más ações. O caminho para o céu é fugaz e frágil, mas o caminho para o inferno é sólido e firme, por causa do carma dos seres. Lembrem-se bem disso, é extremamente sério..."

Anjos Protetores

"Falando de *devas* e anjos, vou lhes contar. Monges que são especialistas e habilidosos nisso ainda existem nos dias de hoje, mas é como se não soubessem. Os monges sabem, mas agem como se não soubessem. Não são como os leigos, como as outras pessoas. Os monges sabem, mas agem como se não soubessem; veem, mas agem como se não vissem. Comportam-se como se nada estivesse ocorrendo. Se algo for benéfico para alguém, eles o trazem à tona. Ontem, falamos sobre *devas*.

Um monge estava jejuando e meditando. Ele jejuou por muitos dias. Uma *devatā*, temendo que ele estivesse com fome, temendo que ele morresse – essa *devatā* já havia sido a mãe daquele monge em uma vida passada, vejam só o nível de conhecimento dele – veio para servi-lo e cuidar dele. Eles se viam, andavam de um lado para o outro, viam os gestos e ações um do outro claramente, como pessoas normais, naqueles momentos de silêncio.

O monge, por sua vez, ficou chocado. De olhos abertos, ele a via. De olhos fechados, ele a via. Vendo-a claramente, como uma pessoa comum, ele disse:

'Oh, assim não pode ser! Vão me criticar, vai destruir minha reputação!'

A *devatā* perguntou: 'Criticar como?'

'Bem, nós estamos nos vendo aqui. Como uma mulher e um monge podem ficar juntos? Uma *devatā* também é uma mulher. As regras do Dhamma e da disciplina existem, não é mesmo?'[69]

'Ah, mas eu só me manifesto para você. Não importa quantas dezenas de milhares ou centenas de milhares de outras pessoas existam, elas não podem me ver. Eu só me manifesto para você, e mais ninguém.'

Ela trazia comida celestial para o monge. Eles se comunicavam através da linguagem da mente, não com a nossa linguagem. Ela trazia comida celestial para o monge comer. O monge disse:

"Não posso comer. Neste momento, não estou comendo, estou jejuando e meditando."

Às vezes, a *devatā* trazia comida celestial durante a noite. 'Agora é noite, não como', ele se esquivava. Durante o dia, ele dizia que estava jejuando, e assim por diante. A *devatā* temia que ele sofresse, que passasse por dificuldades, que adoecesse ou morresse.

'Nesse caso, a mãe vai trazer arroz. Arroz celestial. Vou passar e esfregar no seu corpo para que ele seja absorvido, para que o arroz penetre na sua pele.'

'Não, não quero! Se eu tivesse medo da morte, não estaria jejuando.' O monge se defendia assim.

Durante o dia e a noite, a *devatā* esperava no alto, em uma caverna, protegendo seu filho. Seu filho estava sozinho, e ela o protegia. Não deixava nada se aproximar. Se a *devatā* dissesse para não se aproximar, tigres e elefantes não podiam se aproximar. Não importava se era um elefante, um tigre ou qualquer outra coisa. A *devatā* não permitia que entrassem na área. Nem animais, nem fantasmas famintos, nem espíritos de qualquer tipo. A *devatā* o protegia. Coisas assim também acontecem, acreditem. Mas o corpo desses *devas* é como algodão – leve, leve como algodão. Eles descem como algodão flutuando. E sobem como algodão. Eles também podem andar como nós, de forma normal. Podem fazer de tudo. Às vezes, vêm como algodão, dependendo de qual forma é apropriada para a situação. Qualquer postura, a forma que for apropriada usar, eles usam.

O mais estranho é quando alguém morria. O monge estava em uma caverna, longe da aldeia. Nas florestas e montanhas não há muitos monges. Então, quando alguém morria, eles o convidavam para realizar as cerimônias fúnebres. Não importa quem morresse na aldeia, eles sempre o convidavam para recitar *kusalā dhammā*. Mas nesse caso, quando alguém morria, o monge já sabia: 'Ah, lá vamos nós de novo, amanhã.'

69 A regra monástica proíbe um monge de estar a sós com uma mulher.

Naquela época, ele não estava comendo, estava em período de jejum e meditação. Por isso, tinha que viajar para a aldeia para realizar os rituais. 'Lá vamos nós de novo, alguém morreu.' Se alguém morresse naquela aldeia, ele já sabia: 'Outra pessoa morreu na aldeia.' Às vezes, o conhecimento surgia de dentro dele. Às vezes, um *deva* vinha e dizia: 'Alguém morreu.' Isso acontecia de várias maneiras. Podia vir de um *deva*, ou do seu próprio conhecimento. O que quer que fosse dito, era sempre verdade. Por volta das dez da manhã, eles subiam a montanha:

'O que vieram fazer aqui?', ele esperava a resposta.

'Viemos convidá-lo para abençoar os seres.'

Cem por cento de certeza, sem erro, sem desvio. Ao acordar, já sabia: 'Hoje tem *kusalā*.' E por volta das nove ou dez da manhã, as pessoas apareciam.

'O que foi, leigos?'

'Ah, viemos convidá-lo para abençoar os seres.'

Nós somos os cegos que não veem. Aquele que tem bons olhos vê normalmente, como quando temos bons olhos e vemos as coisas. Esses têm bons olhos internos. É isso. Todas essas coisas, o Buddha ensinou. Onde está o erro? Esta é a rede do Buddha Sāsanā, os ramos do Buddha Sāsanā. Está tudo lá, começando com as Nobres Verdades como núcleo, e ramificando-se para os fantasmas, seres do inferno, céus, o mundo de Brahma, o Nibbāna. Os fantasmas e tudo mais são ramos das Nobres Verdades dentro do Buddha Sāsanā."

Elefantes incomodam os monges

Há uma história engraçada que ele costumava contar, mesmo muitos anos depois do ocorrido, sobre os elefantes na área do Wat Pa Dan Si Samran, no distrito de Phon Charoen, província de Nong Khai, o templo onde Luang Pu Kham Tan residia. Ele contava:

"...O engraçado é que naquela área havia uma grande laje de pedra. E os elefantes vinham brincar na água que se acumulava ali. Desde a época em que ainda havia poucas pessoas por lá, não muitas, os monges iam meditar naquele lugar. Os companheiros de prática me contaram, e eu mesmo já contei para os leigos, é de morrer de rir.

Um monge asceta armou seu *glot* naquela área, perto da laje de pedra onde havia muita água. Ao redor de onde o monge se instalou, uma manada de elefantes veio brincar na água. Eles vinham em bando e brincavam até as pessoas se irritarem com o barulho. Algumas noites, eles só iam embora

perto do amanhecer. Ninguém sabia o que eles comiam, porque passavam quase a noite inteira brincando na água.

No dia seguinte, os monges combinaram e pediram aos aldeões que trouxessem latas velhas para bater e espantar os elefantes. E os aldeões realmente trouxeram várias latas. Quando a noite chegou, os elefantes vieram brincar na água na laje de pedra. Onde quer que os monges estivessem, eles colocavam as latas velhas ali. Quando a manada de elefantes veio brincar na água, eles começaram a bater as latas todos ao mesmo tempo. O som das latas de cada monge ecoava 'pec, pec' por toda a área. A manada de elefantes se assustou e começou a correr. Os que batiam as latas só batiam, sem pensar no que vinha pela frente.

'Pec, pec', e cada elefante, com medo, corria em direções diferentes. Corriam para lá, e 'pec, pec'. Corriam para cá, e 'pec, pec'. Os elefantes corriam para todos os lados e acabaram trombando com a cabana que estava sobre a laje de pedra, fazendo um barulho enorme. A cabana, que estava sobre a laje, desabou.

O monge que estava dentro da cabana gritou alto. O elefante correu ainda mais para salvar a própria vida, pois estava fugindo da morte. A cabana não estava fincada no chão, era uma cabana montada sobre a laje de pedra. A trombada a fez tombar e desabar. O monge gritou, o elefante gritou.

Enquanto o elefante gritava e fugia, o monge gritava dentro da cabana que fora derrubada. Na manhã seguinte, foi gargalhada geral. Era por ali que Luang Pó Tan morava..."

Conversas sobre o Dhamma, no momento certo

Num trecho de um sermão para monges, Luang Ta disse:

"No Dhammapada está escrito que uma pessoa normal não consegue responder às perguntas de um sotāpanna. Um sotāpanna não consegue responder às perguntas de um sakadāgāmī. Um sakadāgāmī não consegue responder às perguntas de um anāgāmī. Um anāgāmī não consegue responder às perguntas de um arahant.

Até mesmo um arahant não consegue responder às perguntas de Moggallāna e Sāriputta. E mesmo Sāriputta e Moggallāna não conseguem responder às perguntas do Buddha. Ou seja, a capacidade deles é diferente, mas atingir o nível de arahant já é suficiente.

Quanto ao fato de Sāriputta e Moggallāna não poderem responder às perguntas do Buddha, isso significa que a amplitude e a limitação, a

profundidade e superficialidade do conhecimento deles eram diferentes. À exceção da pureza de suas mentes, havia diferenças de profundidade e superficialidade, de amplitude e limitação nas suas capacidades mentais. O nível do Buddha era *buddhā-visaya*. O nível de Sāriputta e Moggallāna era *sāvaka-visaya*, por isso eram diferentes.

O domínio comum (*sāmañña-visaya*) e o domínio nobre (*ariya-visaya*) também são diferentes. Cada estágio e cada nível tem o seu próprio limite. Se perguntar algo além dos limites deles, ficam sem saber responder.

Como os monges dos tempos do Buddha que completaram o estudo do Tipiṭaka mas se tornaram arrogantes e perderam noção de si mesmos, desdenhando e desprezando os monges praticantes, dizendo que eles apenas se sentam de olhos fechados, sem fazer nada de útil para o mundo, e que iriam questionar esses monges praticantes.

O Buddha, sabendo disso, foi até a assembleia de monges e disse que tais pessoas estavam a caminho, decididos a destruir seus discípulos e, como resultado, iriam cair no inferno. Ele não temia que os monges praticantes fossem prejudicados, mas sim que aquelas pessoas iriam todas para o inferno.

Ao chegar, o Buddha imediatamente levantou uma questão e perguntou àqueles 'livros vazios', e eles não souberam responder. Ele então perguntou aos monges praticantes, que responderam na hora. O Buddha levantou uma questão novamente para os outros, que permaneceram em silêncio como se estivessem mortos, incapazes de responder. Voltando-se para os monges praticantes, eles responderam prontamente todas as vezes. Depois disso, o Buddha proferiu um sermão severo, dizendo:

'Vocês são como empregados que cuidam do gado dos outros, recebendo apenas o pagamento diário. Diferente dos meus filhos, (referindo-se aos monges praticantes) que são os donos do gado. O gado é propriedade deles, e eles bebem o leite à vontade, conforme desejarem.

Falando do Dhamma, eles são donos do Dhamma, da riqueza do Dhamma, do tesouro supremo. Vocês apenas aprenderam e memorizaram, mas nunca provaram a verdadeira riqueza do Dhamma. Os filhos do Tathāgata, que tanto praticam quanto provam o sabor do Dhamma por completo, não devem ser subestimados...'

As perguntas que o Buddha fez eram sobre a mente. Quando ele perguntou àqueles que praticavam, eles foram capazes de responder plenamente."

Conversar sobre o Dhamma, tendo o Dhamma como propósito

Trecho de uma palestra sobre como os praticantes que buscam o Dhamma devem conversar:

"A conversa sobre o Dhamma no caminho da prática – aquele que pratica de tal e tal maneira, tem tal e tal conhecimento e visão... O conhecimento e a visão que surgem como resultados variados e diferentes, servem de inspiração para apoiar mutuamente a mente dos colegas de prática.

Isso porque eles buscam sinceramente extrair lições do Dhamma um do outro, sem qualquer orgulho ou arrogância disfarçados. Mesmo que ambos ainda tenham impurezas, eles conversam de acordo com o nível da mente e do Dhamma que surgiu da meditação que cultivaram. E quando há dúvidas, eles investigam e perguntam um ao outro periodicamente. Aquele que entende, explica de acordo com a questão (que foi levantada) até que o outro compreenda.

Na conversa sobre o Dhamma que nasce do conhecimento interior, mesmo quando aquele que relata e questiona tenha menos tempo de ordenação, seu relato e o questionamento estarão imbuídos de coragem e confiança em seu próprio conhecimento e sabedoria, sem hesitação, vacilação ou timidez, sem temer que o outro o interrogue ou o conteste. Eles falam e perguntam de acordo com seus reais sentimentos e eles se aceitam mutuamente com base na razão de cada um. Se em algum ponto não chegarem a uma conclusão unânime, eles discutem naquele ponto até que se chegue a um entendimento e então superam a questão sem que nenhuma das partes reserve para si a posse do bem ou do mal, que é uma característica mundana se disfarçando de Dhamma, saindo da intenção de chegarem a uma compreensão mútua.

Ambos têm interesse e deleite pelo Dhamma um do outro, consistentemente do início ao fim do problema do Dhamma, sem mostrar aborrecimento ou enfado, sem mostrar desprezo ou desdém pelo nível mental e de Dhamma um do outro. Conversam com sinceridade, esperando genuinamente obter conhecimento e ajudar um ao outro..."

No que diz respeito a conversas sobre a prática, Luang Ta teve a oportunidade de se encontrar e conversar com muitos mestres importantes em várias ocasiões. Alguns mestres tinham mais anos de ordenação que ele, outros menos. Alguns eram seus discípulos, outros foram seus mestres durante seus estudos teóricos, e até mesmo com o Patriarca Supremo, Somdet Phra Mahasamanachao Krom Luang Vajirananavongse – a quem Luang Ta tinha muito respeito – também teve a oportunidade de conversar.

A visita para reverenciar o Patriarca Supremo naquela ocasião foi motivo de espanto e curiosidade entre seus companheiros monges, pois normalmente nenhum monge ou noviço visitava o Somdet em privado como ele fez. Além

disso, a conversa durou tanto tempo que deixou os outros monges e noviços bastante surpresos.

Quanto às conversas sobre o Dhamma com outros mestres, apresentamos apenas alguns exemplos a seguir.

Luang Pu Khao Anālayo

Luang Pu Khao foi um discípulo importante de Luang Pu Man. Em sua juventude, ele tinha um caráter corajoso, perseverante, resistente e era muito resoluto em sua prática. Ele peregrinou tanto pela região nordeste quanto pelo norte, até obter um insight crucial na província de Chiang Mai. Luang Ta foi quem compilou a biografia de Luang Pu Khao, pois teve a oportunidade de questioná-lo e conversar sobre pontos profundos do Dhamma. Certa vez, durante um sermão dentro do mosteiro, ele falou sobre a conversa que tiveram naquela ocasião:

"Sobre Luang Pu Khao, conversamos desde aquela época. Depois nunca mais conversamos, desde que fui ao distrito de Nong Bua Lamphu. Conversamos animadamente, nós dois... das 20h até as 24h... Ele me disse para falar e eu falei para ele ouvir. Ele era o ouvinte, sabe? Comecei do 'A', 'B', 'C', seguindo em frente, explicando como tudo era em sequência, até esgotar minha capacidade. Entreguei tudo a ele, dizendo:

'Venerável Mestre, não precisa ficar com medo de me incomodar. Se tiver alguma crítica, se algo que falei estiver errado, por favor, me diga diretamente. Pode bater com toda a força. Minha capacidade se esgota aqui. Se eu ainda estou preso, estou preso de tal forma que não tenho interesse em me corrigir. É nesse nível. Se eu estiver iludido, então estou iludido nesse nível.'

Mas ele não falou muito – eu não me esqueço. Resumindo, é isso. Conversamos das 20h até as 24h. Eu continuei até as 23h, falando sobre mim. Sobre ele, foi apenas por uma hora; nem chegou a uma hora.

Depois que terminei de falar, tendo entregado tudo, pedi para que não tivesse pudor por eu ser um *mahā* ou porque antes eu praticava com o mestre (Ajaan Man). Que isso não fosse um impedimento para o venerável falar à vontade.

'Que o senhor não se sinta constrangido. O que o mestre disser, aceitarei tudo, mesmo o que está além da minha capacidade. Com todo o respeito, eu só posso falar até aqui. Só isso. Se eu estiver preso, estou preso de tal forma que não tenho interesse em me corrigir. Não sei a que ponto, não sei até

onde vai, onde estou preso, não sei de todo. Se estou deitado morto, então estou sem poder enxergar causa nem razão.'

Depois disso, ele falou. Ele falou apenas a essência:

'Bem, a prática da mente tem dois pontos importantes: *kāmarāga* e *avijjā*. O Mahā já disse tudo, não há mais espaço para dúvidas. Significa que tudo está correto e em harmonia.' E ele resumiu tudo. 'Eu também sou como você, Mahā. Não há diferença. O método de contemplação, amplo ou restrito, é apenas o artifício de cada um, mas o importante é a mente que se une da mesma maneira.'

Ele resumiu dessa forma. Depois, ele me contou sobre o lugar onde ele alcançou (a iluminação)."

Somdet Phra Mahā Muniwong

Somdet Phra Mahā Muniwong é outro venerável ancião sobre quem Luang Ta contou como exemplo para seus discípulos, dizendo que, certa vez, ele e o Venerável Chao Khun Dhammachedi foram visitar o Venerável Somdet em Wat Noranarth.

Ao chegar à cabana do Venerável Somdet, o Venerável Chao Khun Dhammachedi empurrou a porta do quarto, como pessoas que se conhecem intimamente há muito tempo, e encontrou-o sentado em meditação. O Venerável Somdet expressou grande alegria ao ver que Chao Khun Dhammachedi teve a bondade de visitá-lo. Depois, eles conversaram por um bom tempo. Em um ponto da conversa, o Venerável Somdet disse:

"Eu, mesmo morando em Bangkok, não como comidas suntuosas e boas, sabe? Eu como apenas coisas simples e conservas. Se eu como coisas realmente boas, minha meditação não flui bem..."

Quando o Venerável Somdet mencionou este ponto, Luang Ta ficou profundamente impressionado com sua natureza de meditador e lutador que observa a mente, porque Luang Ta sabia bem que aquele que cultiva a meditação deve ter cautela e controlar as coisas que podem obstruir a prática. Por isso, Luang Ta sempre teve grande respeito pelo Somdet.

Quanto ao próprio Somdet, da mesma forma, notava-se que ele também demonstrava grande bondade e respeito por Luang Ta. Todos os anos, se houvesse uma cerimônia de mérito por ocasião do aniversário do Venerável Somdet, ele sempre convidava Luang Ta para proferir um sermão.

Toda vez que Luang Ta tinha a oportunidade de visitá-lo, o Venerável Somdet ficava imediatamente animado. Como na ocasião em que o Somdet

estava doente no hospital, ao saber que Luang Ta viera visitá-lo, ele se esforçou para se levantar e recebê-lo imediatamente, mostrando sinais de entusiasmo e alegria no Dhamma, enquanto elogiava Luang Ta dizendo:

"...O milionário do Dhamma chegou. O milionário do Dhamma chegou. Cada dia mais raro de encontrar. Já milionários em dinheiro, há aos montes..."

Pouco tempo depois daquele dia, ele se recuperou da doença rapidamente – para a surpresa dos médicos que o tratavam – o que demonstrou claramente que a alegria e o contentamento no Dhamma são, de fato, um remédio sublime para doenças.

A reverência pelo Dhamma e o interesse pela prática da meditação do Venerável Somdet Muniwong, como mencionado, levaram Luang Ta a sempre elogiá-lo aos monges e noviços, dizendo:

"Sua Excelência Somdet Phra Mahā Muniwong, além de ser um erudito, é também um praticante, um meditador. Quando nos encontrávamos e eu conversava com Sua Excelência Somdet, ele sempre conversava sobre a prática do Dhamma, sobre meditação. Ele nunca falava sobre assuntos mundanos, que são coisas sujas e impuras. Nós, monges e noviços, devemos nos comportar e praticar, seguindo o exemplo que ele nos deixou. Especialmente os abades – eles são muito importantes, sabe? Porque são líderes de pessoas, governam pessoas..."

Luang Pu Wén Sucinno

Certa vez, ele teve a oportunidade de viajar para a província de Chiang Mai e foi prestar reverência a Luang Pu Wén, que também era um dos discípulos seniores de Ajaan Man. Da conversa naquela ocasião, ele falou de Luang Pu Wén com grande reverência:

"Ajaan Wén é um mestre que conseguiu resolver completamente as questões da mente. Hoje em dia, ele não se envolve com mais ninguém. Uma razão é que ninguém vai contar-lhe nada; ele tem preguiça de se envolver com assuntos que são como esterco seco de porco, esterco de cachorro. Ele vive tranquilo. Agora, experimente levar alguém com um nível de mente e Dhamma, com conhecimentos e visões que surgem da prática, para ir falar com ele. Pode ter certeza que sua voz soará estrondosa, porque ele vive apenas com o Dhamma. Mesmo não estando apegado ao Dhamma, ele vive com o Dhamma, é o que traz bem-estar para seu corpo e a mente que o administra."

Ao visitar Luang Pu Wén naquela ocasião, ele teve a oportunidade de ouvir um sermão da floresta, intenso e vigoroso, em duas sessões. A primeira

sessão durou 10 minutos. Na segunda sessão, Luang Pu Wén parecia ainda mais animado e enérgico do que na primeira. Ele proferiu o Dhamma com uma voz alta, sua pele tinha uma cor vermelha, brilhante e radiante. Sua aparência naquele dia parecia especialmente alegre. Desta vez, ele falou sobre o Dhamma por 45 minutos. Quando Luang Pu Wén terminou seu sermão, ele disse a Luang Ta:

"Bem... Mahā, conteste-me. Se houver algo errado, conteste."

Com reverência e devoção ao Dhamma da floresta do mestre, o que era uma rara oportunidade de ouvir, ele então falou com profunda apreciação:

"Eu não contesto. É exatamente isso que eu vim aqui ouvir."

Luang Pu Khamdee Pabhaso

Luang Pu Khamdee é outro discípulo de Ajaan Man digno da mais alta reverência e veneração. Em seus dias de prática, ele era um monge de grande coragem na luta contra as impurezas. Mais tarde, quando se tornou um professor, era um mestre de grande compaixão, sem arrogância, pois reverenciava o sublime Dhamma acima de tudo.

Ele tinha muitos anos de ordenação a mais que Luang Ta. Os monges e noviços, seus discípulos, frequentemente o ouviam falar de Luang Ta. Às vezes, quando Luang Pu Khamdee repreendia os monges e noviços em seu próprio mosteiro, ele gostava de usar Luang Ta como exemplo para repreendê-los, dizendo:

"Os monges deste mosteiro, se estivessem com o Venerável Mahā Bua, teriam que fugir todos. Não conseguiriam ficar com ele." ou "Experimentem ficar com o Venerável Mahā, esses monges e noviços."

Por essa razão, os jovens monges e noviços de Wat Tham Pha Pu sentiam um respeito, uma intimidade e um vínculo com Luang Ta como se fossem da mesma família. No que diz respeito a Luang Ta, ele também mostrava bondade para com os jovens monges e noviços de Wat Tham Pha Pu. Sempre que a oportunidade surgia, ele nunca se esquecia de visitá-los, trazendo consigo os quatro requisitos, arroz, vários alimentos, e proferindo sermões para encorajá-los na prática do Dhamma, de tempos em tempos.

O que era surpreendente é que Luang Pu Khamdee não falava de Luang Ta apenas com os monges e noviços. Também falava para discípulos leigos, pessoas importantes, até mesmo Sua Excelência Dr. Chao Na Sinlawan, Conselheiro Privado Real. Luang Pu uma vez expressou suas lembranças, pedindo ao Dr. Chao que as transmitisse a Luang Ta:

"Envie minhas lembranças ao Venerável Mahā Bua.", junto com palavras de elogio à virtude de Luang Ta, confiadas ao Dr. Chao na mesma ocasião.

Sabe-se que Luang Pu Khamdee e Luang Ta tiveram oportunidades de conversar sobre o Dhamma. Os dois, portanto, eram muito íntimos e se conheciam bem. Uma das vezes quando se encontraram e conversaram, foi quando para a surpresa dos monges e noviços de Wat Tham Pha Pu, Luang Pu Khamdee havia instruído rigorosamente os monges:

"Se algum mestre vier hoje, me avisem imediatamente."

O monge que recebeu a ordem ficou, portanto, de prontidão, observando constantemente para ver se alguém viria naquele dia. À tarde, um carro de fato chegou ao mosteiro, e ele descobriu que era Luang Ta Mahā Bua. O monge, que esteve de vigia o dia todo, correu para informar Luang Pu Khamdee imediatamente. E assim que Luang Pu Khamdee soube que Luang Ta havia chegado, ele também saiu apressadamente de seus aposentos e chamou por Luang Ta, dizendo ainda:

"Oh, você chegou rápido!" O evento daquela vez foi muito surpreendente para os monges e noviços, como se Luang Pu soubesse de antemão.

Mais tarde souberam que a razão da visita é porque Luang Ta estava viajando a certo local e queria passar a noite, para então seguir viagem no dia seguinte. Naquela vez, os monges e noviços contaram uns aos outros que os dois mestres conversaram sobre o Dhamma o tempo todo, escrevendo mensagens em papel para se questionarem e conversarem, provavelmente porque Luang Pu Khamdee não ouvia muito bem.

Houve alguns sermões de Luang Ta para os monges nos quais ele elogiou a virtude e a coragem de Luang Pu Khamdee durante sua prática. Certa vez, durante uma palestra, ele falou sobre ocasiões em que ele encontrava Luang Pu Khamdee com frequência em vários lugares, aqui e ali. Então, Luang Ta contou sobre como Luang Pu Khamdee o elogiou por um sermão sobre a análise dos cinco agregados, dizendo:

"Os encontros com ele eram frequentes. Ele veio ficar em Wat Nong Séng, e nos víamos com frequência. Ele então falou que na análise dos cinco agregados, ninguém os detalha com mais precisão do que o Venerável Mahā. Ele leu o livro **แว่นดวงใจ**[70] até o fim..."

No final deste sermão, Luang Ta falou sobre sua visita a Wat Tham Pha Pu. Coincidentemente, na madrugada anterior, Luang Pu Khamdee havia acendido incenso e velas e mentalmente feito um pedido para que Luang Ta visitasse Wat Tham Pha Pu. Luang Ta disse no final do sermão aos monges:

70 Livro escrito por Luang Ta.

"É estranho, sabe? Ele estava andando em meditação. Às quatro da manhã, saiu de sua cabana para praticar meditação andando. Um problema bloqueou sua mente, por mais que tentasse, não conseguia resolver. Não sabia a quem pedir ajuda... Ele então saiu da sua trilha de meditação e foi acender incenso e velas. Depois de acender o incenso e as velas e reverenciar o Buddha ele disse: 'Peço que Tahn Mahā venha até aqui.'"

Esta história, mais tarde, foi confirmada pelo motorista que servia Luang Ta. Naquela ocasião, ele recebeu uma ordem urgente de Luang Ta para rapidamente ir buscá-lo em Wat Pa Baan Tad. Ao chegar ao mosteiro, Luang Ta pediu-lhe que o levasse a Wat Tham Pha Pu, na província de Loei, o mais rápido possível. Eles partiram exatamente ao meio-dia.

Luang Ta contou sobre a conversa que tiveram naquele dia:

"Quando chegamos a Wat Tham Pha Pu, assim que soubemos que Luang Pu Khamdee estava descansando, disse aos monges:

'Não o perturbem. Hoje vou ficar aqui, não vou embora. Vou pernoitar com ele. Não o perturbem, vou procurar um lugar para descansar primeiro. Quando for a hora certa, irei vê-lo. Agora ele ainda está descansando.'

A porta estava fechada, tudo em silêncio. Quando cheguei, um monge foi sorrateiramente pelos fundos para avisar Luang Pu Khamdee. Assim que soube, ele saiu apressadamente, abrindo a porta de ferro corrediça e chamando:

'Tahn Mahā, você está aqui?' acenando para mim. Eu então repreendi o monge: 'Por que você está perturbando o mestre? Nós já íamos conversar.' Quando me aproximei, ele disse:

'Oh, chegou rápido!'

'Rápido como? E que assunto o Mestre tem para conversar?'

'Quando formos conversar, teremos que fechar a porta.'

Foi das 16h até as 20h. Ele pediu para contar sobre o caminho de sua mente, de igual para igual até as 20h, quando chegamos a um ponto crucial. Quando ele ouviu esse ponto, era como se estivesse perfurado por uma lança e a lança fosse retirada. Agora ele podia sair em disparada, pois havia encontrado a passagem.

'Sim, sim, sim...'

Tocou profundamente o coração dele. 'Sim, agora entendi. Agora encontrei a passagem.' Então, ele me contou que acendeu o incenso para me convidar. Eu respondi a ele: 'Eu vim sem rumo, como um louco sem saber o que estava

fazendo. Bom, não importa como, o que importa é o agora, o momento presente.'

Ao meio-dia saímos de Wat Pa Baan Tad. Era como se fosse algo imediato e urgente. Algo me inspirou, pois nunca tinha ido lá antes. Pedi para chamarem o carro com urgência. Estranho, não?"

Naquela ocasião, quando eles conversaram sobre o Dhamma, como Luang Pu Khamdee não ouvia muito bem, a conversa talvez tivesse que ser em um tom mais alto do que o normal, o que não era muito conveniente. Além disso, naquele momento, havia visitantes indo e vindo constantemente, então eles resolveram o problema escrevendo bilhetes para se comunicarem. A conversa sobre o Dhamma entre dois mestres tão importantes, tornou-se um tópico de discussão para os monges e noviços contarem uns aos outros, e uma fonte de inspiração na prática do Dhamma para gerações futuras.

Luang Pó Bua Siripuṇṇo

Luang Pó Bua era outro discípulo de Ajaan Man com menos anos de ordenação que Luang Ta. O local da conversa sobre o Dhamma desta vez foi a vila de Chumphon. Naquele ano, Luang Pu Khao Anālayo também estava passando o retiro das chuvas naquela vila. A resolução do problema do Dhamma naquela ocasião fez com que Luang Pó Bua respeitasse e apreciasse profundamente os conselhos de Luang Ta.

A razão pela qual os dois se encontraram foi um leigo que veio convidar Luang Ta para ir a Chumphon (distrito de Sawang Dén Din, província de Sakon Nakhon). Luang Ta perguntou imediatamente:

"Você convidou Luang Pó Bua ou não?"

Ele respondeu: "Sim, convidei."

Luang Ta disse: "Se Luang Pó Bua for, eu irei. Eu ainda tenho algumas coisinhas para resolver com Luang Pó Bua. Quando conversamos, sempre fica algo no coração. Convide-o sem falta, e diga que eu também irei."

Depois disso, o mesmo leigo foi convidar Luang Pó Bua em seu próprio templo. Luang Pó Bua também perguntou: "Você convidou Ajaan Mahā?"

O leigo respondeu: "Eu já o convidei. Ele também perguntou se Luang Pó Bua iria."

Luang Pó Bua disse imediatamente: "Oh, se Ajaan Mahā vai, eu vou." E dizendo isso, ele foi.

Luang Pó Bua mesmo organizou a cabana, ficando ele em uma e designando outra para Luang Ta, que ficava ao lado da cerca e próximas uma da outra, pois o salão de Dhamma ficava mais ao fundo, no centro do mosteiro. As únicas cabanas do mosteiro que ficavam junto à cerca eram essas duas.

Depois que os dois mestres terminaram seus afazeres pessoais, Luang Ta começou a questionar e investigar para encontrar a causa e resolver os problemas internos de Luang Pó Bua, da seguinte forma:

Luang Ta começou a falar primeiro: "Eu vim com o objetivo de encontrar Luang Pó. Não vim por nenhum outro motivo."

Luang Pó Bua respondeu: "Eu também vim com o objetivo de encontrar o mestre." Luang Ta disse: "Bem, conte-me como vai. Conte-me desde o início da sua prática até o presente. Não esconda nada. Conte-me em ordem. Hoje eu vou ouvir tudo. Eu não estou muito familiarizado com Luang Pó, estou falando francamente."

A partir daí, Luang Pó Bua começou a narrar em sequência até chegar ao ponto atual. Ao chegar a este ponto, Luang Ta disse imediatamente: "Vamos, continue a falar."

Luang Pó Bua: "É o suficiente."

Luang Ta disse novamente: "Continue a falar."

Luang Pó Bua: "Isso é tudo."

Luang Ta: "E qual é a sua compreensão?"

Luang Pó Bua: "Acabou aqui."

Luang Ta perguntou novamente: "E qual é a sua compreensão? Vamos, diga."

Luang Pó Bua: "Entendo que terminou."

Luang Ta: "E há quanto tempo você está assim?"

Luang Pó Bua: "Faz mais de 10 anos."

A partir daí, Luang Ta começou a explicar os pontos mais sutis.

"Bem, agora contemple dessa e daquela maneira. Vou descrever desse ponto em diante, preste bem atenção..." Ele explicou detalhadamente. "E hoje não precisa recitar os cânticos, não precisa ir à cerimônia. Medite. Tente alcançar hoje, saber hoje. Você já está no círculo interno, entende?" Depois que terminaram de conversar, Luang Ta continuou: "Vá. Desça. Comece a meditar a partir de agora. Faça como expliquei."

A explicação naquela ocasião levou um tempo considerável. Ao final da explicação, Luang Pó Bua voltou para sua cabana para meditar, enquanto Luang Ta foi para o salão de sermões recitar os cânticos. Na manhã seguinte, enquanto Luang Ta estava sentado em meditação, antes mesmo de se levantar, ouviu um som de passos próximo ao amanhecer do novo dia. Luang Ta perguntou imediatamente:

"Quem é?"

"Sou eu."

"Luang Pó Bua?"

"Sim."

"Ah, entre."

Então Luang Pó Bua relatou sua meditação daquela noite:

"Peguei o conselho do mestre e entrei no ringue, porque antes eu não sabia, só ficava vigiando. Achava que já tinha alcançado, então só ficava daquele jeito. Quando cheguei lá, usei o estratagema do mestre, e... uau! Não demorou muito. Parecia que a viga da cabana quebrou e desabou de uma vez. Como se o assoalho tivesse caído no chão, mas não doeu. Parecia que a viga da cabana quebrou e ela caiu no chão com um único golpe. Mas a mente não se preocupou, porque não sentiu dor alguma naquele momento. Depois daquele golpe, tudo ficou imóvel. Quando a mente voltou daquele momento, ela se tornou consciente. Saiu para fora e então soube:

'Nossa! Se a viga da cabana tivesse quebrado, ela teria caído junto com todo o assoalho. Como pode estar tudo bem aqui?' E soube instantaneamente: 'Oh! Foi a viga da ignorância que se quebrou!'

Oh! Naquele momento... não tenho como expressar em palavras... Depois de um tempo, terminado o trabalho, tudo se tornou como se fosse um outro mundo. Eu não dormi a noite toda, na noite passada..."

Luang Pó Bua disse a Luang Ta com profunda emoção e gratidão:

"Eu reverenciei o mestre a noite inteira. Não sei como foi, mas reverenciei o Buddha, o Dhamma, a Sangha e o venerável a noite toda. Não dormi até agora. Oh, foi algo... como se, na linguagem do Buddha, estivesse a saborear a felicidade da libertação. É algo indescritível.

O mestre é maravilhoso, o Dhamma é maravilhoso. Vi a virtude do mestre. Uau! Vi de verdade, proeminentemente. Se não fosse por você, eu estaria afundado, não teria chegado a lugar nenhum. Que sorte! E fiquei me prostrando de novo e de novo"

Mais tarde, Luang Ta comentou sobre este assunto, dizendo que a partir daquele momento, ele não falou mais com Luang Pó Bua de Wat Nong Séng novamente, até que Luang Pó Bua faleceu. Ele também explicou a razão, dizendo que, chegando a esse ponto, não havia mais nada a acrescentar que fosse de utilidade, porque já estava completo em si mesmo. O problema estava resolvido. Não havia necessidade de falar mais nada.

Entre os discípulos de Luang Ta que se dedicaram a praticar com seriedade, não foram poucos os que receberam a luz do Dhamma. E nisso não importava se fossem monges ou leigos, homens ou mulheres. Quando as condições estão presentes, inevitavelmente o Dhamma manifesta-se no coração do praticante de forma gradual, conforme ele explicou:

"A prática é um dos nossos trabalhos. Por que não haveria resultado, havendo o trabalho através da conduta e da prática? Causa e efeito são um par que andam juntos desde sempre. Por que, se nós agimos, não haveria um resultado? Quando a causa é apropriada, o resultado certamente surgirá.

Portanto, quando pessoas se esforçam para criar a causa de forma completa a cada momento, o resultado apropriado certamente consegue surgir, trazendo paz e serenidade ao seu coração. A ponto de não verem objetos materiais, dinheiro, ouro, status, seguidores, ou qualquer título honorífico como algo nobre e superior ao Dhamma. Essas coisas são apenas meios de subsistência, instrumentos para proporcionar conveniência ao corpo para que ele possa continuar a existir. Mas a questão da mente, ele a considera um tesouro de valor inestimável, além de qualquer medida."

O sermão que Luang Ta oferecia aos monges e noviços que vinham para estudo e treinamento, geração após geração, não era diferente. Ele sempre enfatizava que:

"O esforço pela libertação do sofrimento, por mais difícil e penoso que seja, deve ser considerado como um trabalho que a pessoa deve fazer – algo inevitável. Se se deseja a libertação do sofrimento que obstrui e oprime o coração a todo momento, para que o coração se torne livre, não se deve desanimar no caminho da diligência. Não se preocupe se você tem muito ou pouco mérito acumulado ao se dispor a fazer o bem, como meditação andando ou sentada, visando o Caminho, o Fruto e o Nibbāna.

Se pensar que o poder do seu mérito é pequeno, enquanto a mente divaga e se distrai, saiba que esse (pensamento) é a kilesa que está destruindo gradualmente o seu mérito. Se isso acontecer em demasia, o mérito se extinguirá, pois o mal é algo que destrói e consome até não sobrar nada.

Praticar o bem o tempo todo é criar o poder do mérito dentro da mente, para subjugar aquilo que é um inimigo interno no coração até que desapareça por completo. Onde mais alguém poderia construir mérito se não no coração? Se o mérito é grande ou pequeno, ele surge no coração, que é o seu criador.

Não devemos entender que o Caminho, o Fruto e o Nibbāna estão distantes ou separados de *patipadā*, ou seja, da prática. Assim como uma escada está conectada a uma casa; por mais alto que seja o prédio, a escada deve estar ligada a cada andar da casa. A palavra Dhamma, não importa quão elevado seja o seu nível, que é o lado do resultado, o Dhamma da causa, que é esta prática, estará ligado a cada passo, a cada nível. Quem quer que deseje alcançar aquele nível do Dhamma, deve seguir o Dhamma da causa, que é o caminho da prática..."

Aqui apresentamos ensinamentos de alguns discípulos de Luang Ta:

Venerável Ajaan Singthong Thammavaro

Ajaan Singthong estudou com Luang Pu Man em Nong Phue. Após o falecimento de Luang Pu Man, ele seguiu Luang Ta a vários lugares, como Baan Huai Sai, Chanthaburi e Wat Pa Baan Tad, respectivamente. Mais tarde, mudou-se para Wat Pa Kéw Chumphon, no distrito de Sawang Dén Din, província de Sakon Nakhon, onde permaneceu até seus últimos dias.

Luang Ta uma vez o elogiou, chamando-o de "ouro envolto num trapo" (Singthong significa 'leão de ouro') e disse: "É uma pena Ajaan Singthong. Se ele ainda estivesse vivo, faria um grande bem para o Buddha Sāsanā." Ajaan Singthong faleceu em 27 de abril de 1980.

Ensinamento de Ajaan Singthong:

"No que diz respeito à purificação do coração, à contemplação do Dhamma, contemple repetidamente até que o coração compreenda e penetre completamente na essência do Dhamma, então não há mais o que preservar, não há mais o que corrigir. É como uma caneta nossa que ficou sem tinta; mesmo que continuemos a escrever, ela pode fazê-lo, mas, como não há tinta, não marca o papel. É assim.

O pensamento e a elaboração mental daquele que concluiu sua tarefa no Buddha Sāsanā é parecido. Forma, sensação, percepção, formações mentais, consciência, ainda existem neles. O Buddha ou seus discípulos ainda tinham essas coisas, mas nelas não havia apego. Eram apenas agregados comuns, sem que o apego se fixasse neles. É como não ter tinta, porque haviam compreendido sua verdadeira natureza.

Essas coisas – enquanto ainda houver mente, agregados – você vai utilizando, mas já não é mais capaz de se deixar iludir ou se apegar. Por isso esses mestres estão purificados para sempre."

Luang Pu La Khemmapatto

Luang Pu La já tinha fé na prática de meditação desde quando era leigo. Antes de se ordenar, teve uma família e filhos. Mais tarde sua esposa faleceu, o que o deixou desolado. Pouco tempo depois, ordenou-se e foi estudar com Luang Pu Man em Nong Phue. Quando Luang Pu Man faleceu, ele foi morar com Luang Ta em Baan Huai Sai. Muitos anos depois, fundou o templo Wat Phu Chó Kó, onde permaneceu até sua morte em 19 de janeiro de 1996.

"O não-eu do lado do demérito é o lado a ser evitado no início. O não-eu do lado do mérito é o lado a ser desenvolvido, gerado, criado. No final, tanto o não-eu do mérito quanto o não-eu do demérito são ambos devolvidos, não seguem adiante criando apego ou se apropriando dos frutos do bom carma.

Um anāgāmi ainda é considerado como tendo mérito e bom carma, pois está apegado ao mérito, ainda não conseguiu transcender o mérito, pois o mérito ainda não está completo.

Quanto a um arahant, o mérito está completo, e o demérito já foi abandonado e evitado. Portanto, a causa para abandonar o demérito já não existe nele, e a causa para abandonar o mérito também não existe nele..."

Luang Pu Lee Kusaladharo

Luang Pu Lee foi ordenado no dia da cremação de Luang Pu Man. A partir de então, seguiu Luang Ta por toda parte. Não importava para onde Luang Ta fugisse buscando reclusão, ou o quanto o repreendesse ou o mandasse embora, Luang Pu Lee o seguia pacientemente a todos os lugares, sem desistir ou desanimar, na esperança de que ele o instruísse. Finalmente, Luang Ta o aceitou como discípulo.

Luang Pu Lee passou retiros com ele em Baan Huai Sai, Chanthaburi, e em Wat Pa Baan Tad. Ele tinha o hábito de falar pouco e sempre amou viver na floresta, sem se apegar a localidades. Mas, à medida que envelhecia, e com mais monges e noviços pedindo para estudar com ele, ele concordou em se estabelecer em um local fixo.

"Não demora muito. Se a mente está no presente, se não se vê uma coisa, tem que se ver outra – surgirá. Faça com que seja o presente. O passado que já se foi, não se preocupe com ele. Ele saiu do presente. O futuro é a mesma

coisa. Ele sai do presente, não se preocupe com ele. Controle a si mesmo. Confie. Confie no seu próprio coração, não confie no coração dos outros... Se você se controlar de verdade, certamente verá.

Se for para contemplar o corpo, contemple-o ali mesmo. Das solas dos pés à cabeça, da cabeça às solas dos pés, contemple-o ali, circulando ali. Faça 24 horas por dia, mantenha-se firme.

Certamente surgirá... Mas este coração está correndo pelo mundo, pelo samsāra, ele não está firme. Então, o que ele verá? É como comer, sabe? Comer, dormir, mover-se para lá, dormir e virar para lá, dormir e virar para cá, e nunca se sentir satisfeito, é assim que é.

Vamos, contemplem! Se vocês realmente se controlarem, conseguirão entender o ponto crucial. Logo surgirá uma coisa, depois outra... Se as causas e a prática são de verdade, o saber também será verdadeiro. Essa contemplação é a parte mais importante. Se você consegue captar a essência, ah, então uma exclamação de insight surgirá.

Anicca, Dukkha, anattā... tudo isso são as Nobres Verdades. E quando você consegue romper e compreender estas Nobres Verdades, que maravilha! Você se prostra diante do Buddha, se prostra diante dos mestres... Oh, você fica se prostrando assim a noite toda. É a isso que eles se referem como 'praticar de verdade, fazer de verdade'.

Tudo se unirá. Aquilo que o Buddha viu, sabe? Isso nascerá de dentro do nosso próprio coração. Portanto, aumentem sua diligência e acelerem seu esforço..."

Luang Pu Kham Tan Thitadhammo

Antes de se ordenar, ele era um 'ta phakhao' (idoso vestido de branco, seguindo os oito preceitos). Após praticar a meditação e obter bons resultados, Luang Ta benevolentemente providenciou todos os acessórios para ordenação e organizou para que se ordenasse em Mukdahan. Ele viveu com Luang Ta durante o período em Baan Huai Sai, distrito de Khamcha-i, província de Mukdahan. Faleceu no ano de 1997.

"...Acabou este caminho, acabou 'eu'. Este mundo, é tudo apenas convenção. Não se compara a Buddho. Não importa o que façamos, nada neste mundo se compara a isso..."

Ajaan Wanchai Vicitto

"...Se fosse água, seria abrir caminho, afastar as plantas aquáticas, e ver a água límpida e pura escondida por trás do equívoco e do apego. Abrir caminho através de todas as percepções, afastar tudo. Todos os tipos de Dhamma, seja impermanência, sofrimento ou não-eu, afaste, afaste até que não haja mais nada para afastar. Alcance a água pura e límpida, alcance a mente original. A verdadeira natureza da mente é assim, clara, limpa, pura, sem nada que a contamine. Pura de verdade.

Ver o Dhamma, alcançar o Dhamma. Ver o corpo como ele realmente é, ver a sensação como ela realmente é, ver a mente como ela realmente é – ver tudo de verdade. Praticar e praticar, meditar e meditar, sofrer e sofrer.

Tente desvendar aquilo que a maioria das pessoas negligencia. O que quer que veja, o contemple como Dhamma. O que quer que ouça, o contemple como Dhamma. Cheirar, saborear, tocar qualquer coisa, contemple da mesma forma. Mesmo que se incline para a esquerda ou para a direita, não se desvie. É preciso ajustar para que esteja sempre reto, sempre alinhado com a verdade.

No final, tudo se abre, restando apenas a verdade da mente... No caminho da prática, praticando e praticando, parece que nunca se verá a outra margem, parece que nunca se chegará a lugar nenhum. Chegará. Tem que chegar... Um praticante não para, não recua de alguma forma, tem que chegar. Assim como a escuridão total não significa que nunca haverá luz, a ignorância total não significa que nunca haverá conhecimento – não é assim que as coisas são.

Elas mudam gradualmente, a partir da nossa conduta e prática. Muda completamente. Do mal, muda para o bem. Da escuridão, muda para a luz, continuamente. Do turvo, muda para o claro, continuamente. Das impurezas, transforma-se em Dhamma..."

Ajaan Wanchai foi aluno da Escola Preparatória de Cadetes, turma 7, e da Academia Militar Real de Chulachomklao, turma 19. Ele serviu no exército por um período e depois se ordenou. Encontrou Luang Ta pela primeira vez na Fundação Phra Ajaan Man, em Thonburi, Bangkok, após receber o conselho de Luang Ta:

"Não se deve viver de forma inquieta e instável, deve-se viver com um mestre..."

Pouco tempo depois, ele viajou para Udon Thani e pediu para estudar com Luang Ta em Wat Pa Baan Tad.

Luang Ta encorajando seus discípulos, monges, noviços e leigos, em tempos de sofrimento, dificuldade e desânimo na prática do Dhamma, dizia:

"A dificuldade – não há algo que nos leva à dificuldade. Se vamos praticar o bem, haverá obstáculos e impedimentos dentro da mente. Isso são as kilesas nos obstruindo, não o Dhamma nos impedindo de agir.

Quando se trata de fazer o bem, (a mente) não quer fazer. Isso são as impurezas a obstruindo. Se conseguirmos agir contra a nossa inclinação e nos forçarmos a praticar, com o tempo não precisaremos mais nos forçar. A força (das impurezas) diminuirá, e então, não praticar se torna impossível. Vejam, o poder do bem é assim.

Se você não fizer algo bom nesse nascimento, também não vai fazer em nenhum outro. Qualquer que seja o nosso carma, teremos que seguir seu curso. Este é o momento oportuno em que nascemos como seres humanos e encontramos o Buddha Sāsanā. O Buddha Sāsanā é o ensinamento supremo, cujo fundador é aquele que extinguiu todas as impurezas. O Buddha é aquele que extinguiu as impurezas. Nenhum outro ensinamento tem como fundador alguém que tenha erradicado as impurezas para guiar os seres do mundo. Somente o Buddha Sāsanā. Só o Buddha! Não importa qual Buddha seja, se é chamado de Buddha Sāsanā, é o ensinamento daquele que extinguiu as impurezas.

O Buddha Sāsanā não existirá para sempre. Ele existe por períodos, por eras. Como agora, o Buddha Sāsanā ainda existe. Quando este período acabar, até a chegada do próximo Buddha, Ariya Metteyya, será o que chamamos de *suññakappa* (uma era vazia)... não haverá o conceito de demérito ou mérito no coração dos seres. Mesmo que mérito, virtude, demérito, inferno e céu existam desde sempre, a mente dos seres não os aceitará. O que ela aceitará é o desejo, a ambição, a agressividade. Tudo o que é chamado de mal vai se concentrar ali. (A mente) se entregará, se deleitará nisso. Basta uma pessoa ver a outra, e vão logo atacar e destruir um ao outro.

Se nascermos em tal era, isso significa que nosso carma é extremamente pesado para nos fazer nascer nesse ambiente. Não haverá oportunidade de criar mérito ou virtude, porque não haverá ninguém para nos guiar ou ensinar. As coisas que os seres fazem todos os dias, as fazem com dedicação, mas são apenas atos maus e depravados. É apenas lenha, apenas fogo que resulta em queimação, sem nenhum benefício. Nós não nascemos em uma era vazia (*suññakappa*). Nascemos em uma era de Buddha (*Buddhakappa*), ou seja, a era em que o Buddha está presente. Portanto, devemos nos esforçar.

Agora que nascemos e encontramos o Buddha Sāsanā, é considerado nosso grande mérito e fortuna. *Kiccho manussapaṭilābho* — o nascimento como ser humano é uma fortuna preciosa. Vejam só. E depois, *kiccham saddhammassavanam̀* — ainda poder ouvir o Dhamma do Buddha é outra grande fortuna. Só isso já é suficiente para nós. Ele disse: *kiccho buddhānamuppādo* — porque o surgimento de um Buddha é a fortuna mais preciosa para os seres do mundo. Este Dhamma é o representante do Buddha. Devemos nos apegar aos seus ensinamentos. Este é o representante do Buddha, não há erro. Devemos nos esforçar e perseverar."

A Rotina de Luang Ta

A rotina de Luang Ta variava dependendo de sua idade, saúde, e de em que obras de caridade estava engajado em determinado período. O que se descreve aqui refere-se a uma época em que sua saúde estava razoavelmente boa e ele ainda conseguia sair para pedir esmolas.

- Três da manhã: Acordava e fazia alongamentos, em seguida sentava-se em meditação contínua até o amanhecer.
- Amanhecer: O monge assistente entrava para realizar várias tarefas dentro da cabana e na área ao redor. Durante este tempo, Luang Ta ia para a floresta para praticar meditação andando. Pouco antes da hora de sair para pedir esmolas, ele saía da meditação andando, ia ao salão principal e prestava homenagem à imagem do Buddha e às imagens de seus mestres, então saía para a ronda de esmolas em Baan Tad, que fica a um quilômetro do templo.

  No tempo em que sua saúde estava normal, ele participava regularmente da ronda de esmolas junto com os outros monges e noviços. Só encurtou a distância para apenas 3-4 casas na periferia da aldeia quando seu corpo começou a enfraquecer. Nessa época ele não conseguia comer muito, e seu descanso e sono eram insuficientes. Isso foi por volta do ano de 1983. No entanto, em qualquer época, ao sair para a ronda de esmolas, ele costumava caminhar sozinho, deixando os outros monges e noviços irem na frente, porque ele considerava isso como parte de sua meditação andando, contemplando e refletindo sobre os vários aspectos profundos e superficiais dos ensinamentos do Dhamma.

  Em 17 de março de 1998, quando levava suprimentos para doar a um hospital na província de Sakon Nakhon, ele sofreu um acidente de automóvel que resultou em uma fratura no braço direito. A partir de então ele parou de participar da ronda de esmolas.

- Após a refeição: Se houvesse um grupo de leigos que tinha vindo de fora fazer mérito, mesmo que não fosse em grande número, ele lhes dava uma palestra. Mas se fossem apenas os frequentadores regulares do mosteiro, ele falava brevemente e depois os mandava embora.

  Nos feriados e nos dias de *uposatha*, quando muitas pessoas vinham, ele regularmente dava palestras. A partir de 1999, ele falava todas as manhãs e depois se retirava para seus aposentos.

  Ainda, após a refeição, ele costumava levar arroz, alimentos frescos e secos, peixe enlatado, molho de peixe, óleo de cozinha, lanches, ovos, tecidos brancos e outros itens para distribuir regularmente em vários hospitais. Ao mesmo tempo, ele perguntava sobre a falta de equipamentos médicos ou medicamentos. Se houvesse necessidade, ele ajudava imediatamente.

  Em alguns dias, ele também visitava monges e noviços em mosteiros ou templos em áreas remotas que se dedicavam à prática do Dhamma, para encorajá-los e levar suprimentos para ajudá-los.

Supervisionando os monges e noviços

Originalmente, na época em que não recebia muitos visitantes, ele usava seu tempo livre para descansar, ler ou responder cartas, conforme lhe desse vontade. Ele também inspecionava regularmente as moradias dos monges e noviços, que se espalhavam por toda a área do templo.

A partir dessas inspeções, ele apontava as falhas (deles) para ensinar, lembrando-os constantemente sobre (a importância do) modo de vida (monástico) e a prática da meditação, a fim de incentivá-los a serem diligentes. Ele também aproveitava a oportunidade para instruir os monges e noviços a ajudarem a cuidar da alimentação, água e segurança dos muitos animais que viviam no mosteiro.

A frequência dessas inspeções dependia de sua saúde. Se estivesse bem, ele fazia três rondas: de manhã, à tarde e à noite. Em alguns lugares onde ele residiu, se encontrasse algum monge ou noviço preguiçoso, que só dormia ou se reunia para conversar sobre assuntos não relacionados ao Dhamma — o que ia contra o propósito que ele tinha em mente quando os acolheu para estudo e treinamento — mesmo que tarde da noite, às 2 ou 4 da manhã, ele ia verificar. Se descobrisse que a situação se repetia por três vezes sem que a pessoa se corrigisse, tal indivíduo seria expulso do mosteiro.

É por causa dessa vigilância compassiva que os monges e noviços não se tornavam complacentes, mas se esforçavam diligentemente em suas práticas. Isso não só trazia paz para si mesmos, mas também se estendia à comunidade, trazendo serenidade a todos. Mesmo no ano de 1999, aos 86 anos, a inspeção dos monges e noviços era algo a que ele sempre dedicava sua atenção.

A partir de 1983, sua saúde começou a deteriorar-se visivelmente. As inspeções foram reduzidas a apenas uma vez, geralmente à tarde, quando não havia visitantes. Embora sua condição física tenha melhorado depois de 1987, o fluxo crescente de pessoas, monges e noviços que vinham prestar-lhe homenagem e ouvir seus ensinamentos, aumentou drasticamente causando um desgaste inevitável. Ele, portanto, precisava de mais tempo para cuidar de seu corpo. Mesmo assim, por hábito, ele sempre encontrava um momento para fazer sua inspeção pelo menos uma vez por dia.

- Uma da tarde: Ele começava a receber visitantes, com apenas pequenas pausas para varrer o pátio do templo e tomar banho. Perto da noite, ele parava de receber visitas. Nos dias em que saía para distribuir doações nos hospitais, ele geralmente voltava entre 13h e 15h, dependendo da distância da viagem.
- Seis da tarde: Ele geralmente meditava dentro de sua cabana ou fazia meditação andando na floresta. Às vezes, ele também inspecionava as acomodações dos monges e noviços.
- Oito da noite: Ele ia inspecionar os vários bens e alimentos no armazém da cozinha que seriam enviados para ajudar os hospitais. Ele verificava se algo estava faltando ou se algum hospital ou agência havia solicitado itens especiais naquele dia.

  Muitas vezes, ele perguntava sobre vários assuntos ao monge de plantão no salão e, em ocasiões especiais, sentava-se para beber suco de frutas ou chá.

  Era durante esse período que ele contava pequenas histórias para encorajar os monges e noviços na prática do Dhamma. Então, quando chegava a hora, ele voltava para sua cabana, fazia meditação andando ou sentava-se em meditação até por volta das onze, quando se retirava para descansar.

Wat Pa Baan Tad

O mosteiro encontra-se no vilarejo de Baan Tad, distrito de Mueang, província de Udon Thani, em uma área murada de aproximadamente 65

acres, cerca de 16 quilômetros ao sul da cidade de Udon Thani. A área é plana, com terras férteis ao redor, boa irrigação e arrozais mais produtivos do que em outros lugares. O interior é um local de prática do Dhamma, sereno e simples.

Devido ao fato de a área ser completamente cercada por um muro, as árvores e os animais selvagens são protegidos da destruição e da caça ilegal. A atmosfera neste santuário é, portanto, sombreada por uma variedade de árvores altas e grandes, e é um refúgio seguro para muitos tipos de animais pequenos e grandes, como galos selvagens, esquilos, cobras, lagartos, pássaros, etc.

Ao entrar na área do mosteiro, sente-se a sombra fresca e agradável da natureza da floresta. Em certas estações, ouve-se o som ressonante de um grande enxame de insetos alados ecoando pela floresta, misturado com o canto dos galos selvagens que procuram comida vigorosamente.

Depois de caminhar mais cerca de 50 metros, encontra-se o Salão de Dhamma, que é um grande salão retangular feito de madeira de lei e o único em todo o templo. Originalmente era um salão de um só andar, mas depois foi inteiro erguido do solo, fazendo com que o salão original passasse a ser no andar de cima, e no piso térreo criou-se uma nova área de uso misto.

No salão está o altar com a grande imagem de Buddha, que é a imagem principal do templo. No altar há também fotografias de mestres que foram discípulos de Ajaan Man: Luang Pu Khao, Luang Pu Wén, Luang Pu Fan e Tahn Pó Lee. Atrás da imagem do Buddha, na parede, há fotografias de Luang Pu Sao e de Luang Pu Man à direita. À esquerda da imagem de Buddha, há uma fotografia do Patriarca Supremo, o Príncipe Vajirañāṇavaṃsa e também de Chao Khun Dhammachedi.

O armário à direita da imagem de Buddha é onde relíquias de Ajaan Man Bhuridatta Thera estão depositadas, juntamente com relíquias de outros grandes mestres.

Luang Ta usa o andar de cima deste salão para dar sermões aos monges e noviços, bem como para reuniões e atos oficiais da sangha, como recitar o *Pātimokkha*, a cerimônia de início do retiro das chuvas, cerimônia de *pavaranā*, e *kathina*.

O andar de baixo do salão é usado para a refeição diária dos monges. Além disso, Luang Ta também o usava para dar sermões e interagir com os devotos leigos que vêm de todas as direções do país, sem interrupção, todos os dias.

Alojamentos dos monges e noviços

As acomodações dos monges são cabanas simples, só suficientes para proteger do sol, da chuva e do vento. Para evitar a perturbação de répteis, a umidade do solo e insetos, a cabana é elevada a cerca de 1,50 metros do chão.

As cabanas são grandes o suficiente só para uma pessoa dormir. Têm um telhado de zinco e as quatro paredes são feitas de lona bruta ou mantos velhos, que servem para proteger do vento e da chuva, além de uma rede mosquiteira para proteção contra insetos. Dentro, são guardados os pertences essenciais de um monge ou noviço, como a tigela de esmolas, o *glot*, os três mantos, roupas, toalhas, lamparinas, velas, livros de Dhamma e outros itens. Na cabeceira da esteira de dormir, há uma imagem do Buddha ou uma foto de um mestre para veneração, como um lembrete e encorajamento para a prática da meditação. Ao redor da cabana, há uma área de tamanho adequado, não muito grande.

Cada cabana tem pelo menos um espaço para meditação andando nas proximidades, geralmente feito sob a sombra de uma grande árvore. O caminho de meditação tem cerca de 1 metro de largura e entre 25 a 30 passos de comprimento. À noite, durante a meditação andando, uma lanterna de vela é usada para iluminar o caminho. Essas cabanas estão espalhadas por toda a área do templo.

Cada cabana fica isolada por trás da mata, para que não haja visão de uma cabana à outra. Para isso, o caminho para chegar à cabana é estreito e sinuoso, o que também dificulta a visualização da cabana para quem passa. Os monges e noviços sentem como se estivessem em outro mundo, sozinhos no meio da floresta profunda, um mundo de paz e serenidade, longe de qualquer perturbação, tornando-o propício e conveniente para a prática do Dhamma.

Quanto às cabanas com paredes de madeira, existem cerca de dez delas[71]. A maioria são as cabanas para monges mais seniores, monges idosos ou dormitórios para leigos que vêm para morar no mosteiro por períodos curtos, havendo áreas claramente separadas para monges e noviços, leigos e leigas, de forma organizada.

A Rotina Diária dos Monges

A principal rotina diária dos monges e noviços é a meditação sentada e andando, para treinar a mente e a sabedoria, e para purificar as impurezas que causam agitação e inquietação no coração. Portanto, normalmente, os monges e noviços não aceitam convites para cerimônias fora do mosteiro, a

71 Tudo isso diz respeito a 1998, ano em que o livro foi escrito. É provável que na atualidade as quantidades e tipos de cabanas sejam diferente.

fim de terem tempo integral para se dedicarem unicamente à prática da meditação.

Atualmente, Wat Pa Baan Tad tem 46 monges e noviços em residência durante o *vassa*. Entre eles, há três monges estrangeiros. Fora do *vassa*, costuma haver monges e noviços visitantes que ficam temporariamente para ouvir os ensinamentos e treinar nas práticas do mosteiro.

De madrugada, antes da ronda de esmolas, será preparado o local para a refeição da manhã. Monges e noviços ajudam na limpeza, arrumando os assentos, as lixeiras, esfregando o chão do salão com casca de coco, varrendo o salão e a área ao redor com espírito de união e harmonia. Eles tentam realizar todas as tarefas com diligência, atenção e de forma ordenada, como os mestres sempre ensinaram e enfatizaram. Um monge encarregado arruma o assento de Luang Ta com meticulosidade, precisão e respeito.

Ao amanhecer, eles vestem seus mantos e saem para a ronda de esmolas juntos, caminhando em direção à Baan Tad. A distância de ida e volta é de aproximadamente três quilômetros. No caminho de volta, eles param na área em frente ao mosteiro para receber esmolas de leigos que vêm da cidade e de outras províncias.

Após a conclusão da ronda de esmolas, monges e noviços ajudam a organizar os alimentos, doces e salgados, em bandejas para que os leigos, tanto os que estão em retiro de meditação quanto os que vêm fazer mérito pela manhã, possam comer depois que os monges se servirem.

Quando os monges e noviços terminam de arrumar a comida, Luang Ta recita o *anumodanā*. Depois disso, os monges e noviços contemplam a comida em suas tigelas, recitando '*Patisankha yoniso...*' e então comem com compostura, em completo silêncio.

Após a refeição da manhã, os leigos que vieram fazer mérito se reúnem para ouvir um sermão de Luang Ta. Após o sermão, eles voltam para suas casas. Quanto aos monges e noviços, cada um retorna à sua cabana para praticar meditação andando e sentada ao longo do dia, com algumas pausas, dependendo do esforço e da diligência de cada um.

À tarde, é a hora em que os monges se reúnem para beber chá ou suco de frutas por um curto período de 15 a 30 minutos, como uma pausa para a meditação. Depois disso, eles se separam e retornam aos seus lugares de prática. Continuarão a meditar até cerca das 15h. Em seguida, se reunirão para realizar suas tarefas, varrendo as cabanas e a área ao redor, os caminhos, ao redor do salão, etc. Depois disso, esfregarão e limparão o chão do salão, e encherão de água os recipientes para lavar os pés ao redor do salão e nos banheiros e toaletes.

Luang Ta amava muito seus discípulos monges e noviços, e tentava manter o templo em uma condição adequada e conveniente para a prática austera. Ele não permitia que os monges e noviços tivessem outros tipos de trabalho que entrasse em conflito com o trabalho do desenvolvimento mental, que é o dever principal. Ele protegia seus discípulos para que não tivessem manchas, não se associassem com pessoas de fora desnecessariamente.

Não era permitido ouvir rádio ou ler jornais. A eletricidade não era trazida para dentro do mosteiro, portanto não tinha como haver aparelhos elétricos. O bom resultado disso é que não se tornava uma preocupação e um fardo para guardar e manter.

Luang Ta sempre ensinava a não ter objetos luxuosos enquanto o coração está pobre, mas sim a ser rico em virtude e bondade. Bens materiais deveriam ser só o suficiente para sobreviver. O corpo não precisa de muito, o coração é quem nunca chega ao contentamento, e por isso há sofrimento por toda a terra. Os milionários que têm muito – esses são os que têm o maior sofrimento.

Se há um pouco de Dhamma no coração, mesmo que se seja pobre, é possível viver. As pessoas sofrem porque o coração não conhece o contentamento.

Por esta razão, Luang Ta sempre ensinava aos monges e noviços sobre a simplicidade, a modéstia e o contentamento. O uso dos quatro requisitos (comida, vestuário, abrigo e medicamentos) oferecidos pelos devotos leigos devia ser feito com economia, de acordo com a razão e a necessidade apenas.

APÊNDICES

A partir desse ponto abandonaremos o texto do livro original em tailandês por três motivos:

1. O livro original dedica um terço de todas as páginas exclusivamente aos incansáveis esforços em obras de caridade empreendidos por Luang Ta. De fato é impressionante o quanto ele trabalhou pelo bem da sociedade, mas, em termos de leitura, o texto acaba ficando bastante repetitivo. Achei melhor apenas listar os diferentes tipos de obras sociais às quais ele ajudou e concluir incluindo um texto escrito por Ajaan Dick Silaratano sobre a campanha "Chuay Chát" liderada por Luang Ta para ajudar o governo tailandês durante a crise econômica asiática de 1997.

2. Uma característica especial de Luang Ta em seus últimos anos, foi a decisão que tomou de falar abertamente de sua realização espiritual a todos. O livro original aborda o assunto de certa forma, mas acaba criando um texto que é pouco compreensível para quem não está familiarizado com Ajaan Mahā Bua e a tradição da floresta. Achei melhor expor o assunto de maneira mais didática, visando um público que talvez nunca tenha antes feito contato com Luang Ta, e incluí a tradução de uma famosa palestra, onde ele detalha o momento de sua iluminação.

3. O livro original foi composto quando Luang Ta ainda estava vivo, portanto não dá informações sobre seus últimos momentos e falecimento. Existe um relato extremamente detalhado de seus últimos meses de vida publicado sob o título **ปัจฉิมโอวาท อาพาธ… ลาวัฏสงสาร**, que utilizei como base para o terceiro apêndice. Como epílogo ao livro, também incluí uma tradução de uma palestra dada por Ajaan Pasanno, antigo abade de Abhyagiri Buddhist Monastery, logo após receber a notícia do falecimento do venerável mestre, que captura bem o momento, o impacto e a importância de seu legado ao mundo.

Apêndice 1 – Compaixão pelo Mundo

Após alcançar o ápice da realização espiritual realizável por um ser humano, Luang Ta dedicou então seu tempo de vida restante a ajudar as demais pessoas, assim como fez o próprio Buddha e todos seus discípulos que mantiveram a chama do Dhamma viva no mundo desde então, até os dias atuais.

Aceitou receber discípulos, mas não apenas na qualidade de guia benevolente, sempre disponível para responder suas questões e dúvidas. Ele incorporava por completo o papel 'Professor de Dhamma', oferecendo respostas e direção aos praticantes, mas também treinamento ativo àqueles que vinham aprender com ele. A rotina de prática em seus mosteiros era extremamente exigente, o nível de austeridade e firmeza que ele exigia de seus discípulos era suficiente para fazer com que os mais frágeis e inseguros sequer se atrevessem a pedir para treinar com ele.

Luang Ta transformou o ato de viver com ele num treinamento em si, onde um discípulo sincero chegava fraco a inábil em lidar com sua mente, mas saía um verdadeiro guerreiro de elite no combate contra as impurezas mentais. Não é por acaso que, atrás somente de Luang Pu Man, Luang Ta é sem dúvida o mestre contemporâneo que mais obteve sucesso em levar um grande número de discípulos a alcançar a exata mesma realização que ele alcançou em sua prática de espiritual.

E não só seus próprios discípulos. Como pudemos ler ao decorrer de sua biografia, mesmo outros mestres de grande renome e realização espiritual vinham a ele pedir conselho, quer seja sobre assuntos mundanos ou sobre detalhes sutis da prática do Dhamma. De fato, talvez não seja exagero dizer que Luang Ta tornou-se um expert em guiar um praticante que tivesse alcançado um estágio intermediário de iluminação, à conclusão final da prática budista, ao fim definitivo da prisão do samsārā. Não seria exagero dizer que o número de praticantes que receberam esse tipo de ajuda de Luang Ta passe das dezenas. Algo que remete um pouco às histórias antigas, onde é dito que costumeiramente, Sariputta levava os monges até às realizações intermediárias, deixando então à Moggallana a tarefa de guiá-los até a realização final de Nibbāna. Esses diferentes mestres progrediam de forma independente em suas práticas, e quando chegavam próximos ao nível mais elevado, buscavam o auxílio dele para vencer a etapa final do caminho.

Além de receber e treinar discípulos monásticos, tanto homens como mulheres, ele também ensinava à população leiga por todo o país e estrangeiro. Esses ensinamentos chegavam à população tanto através das palestras dadas ao vivo às pessoas presentes nos locais e ocasiões em que ele estava a ensinar, como também por gravações organizadas por seus discípulos monásticos, que se esforçavam em registrar as palestras e conversas sobre o Dhamma que ocorriam no mosteiro, quando não havia leigos presentes e o mestre se sentia mais à vontade para falar de maneira mais aberta com seus discípulos.

Essas gravações eram em seguida duplicadas em fitas cassetes pelos próprios monges e então distribuídas por todo o país de forma exclusivamente gratuita. Muitos anos mais tarde elas passaram a ser distribuídas em CDs, e ainda mais tarde disponibilizadas para download gratuito na internet. Em seus últimos anos de vida, além das gravações sonoras, também passaram a surgir mais e mais registros em vídeo de suas palestras.

Além do formato áudio/visual, seus ensinamentos também alcançavam o mundo através de publicações – algumas por iniciativas de seus discípulos que transcreviam e editavam suas palestras para formar livros com seus ensinamentos, e outras pelo punho do próprio mestre, quer fosse na forma de livros diretamente escritos por ele, ou na forma de coletâneas de respostas às cartas que incontáveis pessoas lhe escreviam, e que ele respondia pessoalmente, à mão, uma a uma.

Seus livros foram traduzidos em várias línguas por todo o mundo – do chinês ao singalês, francês, alemão, português, etc. Um destaque especial deve ser feito ao livro Sabedoria Desenvolve Samādhi, e à biografia de Ajaan Man, ambos de sua autoria. Espontaneamente, esses dois volumes acabaram se tornando obras seminais do budismo contemporâneo, frequentemente citados por inúmeros mestres – dentro e fora das tradições budistas – como fontes importantíssimas de inspiração e Dhamma. O trabalho de traduzir e disponibilizar esses ensinamentos para um público cada vez maior continua com força total, e o número de obras e línguas nas quais são traduzidas só aumenta.

Além de todos seus esforços e sucesso em transmitir o Dhamma, tanto as palavras que apontam a ele como a realização do mesmo, Luang Ta também dedicou muito do seu tempo a obras de apoio à sociedade como um todo, não só aos praticantes budistas.

Mesmo ele muitas vezes não se envolvendo diretamente com as obras sociais, graças às suas qualidades de liderança, juntou-se a seu redor um bom grupo de pessoas com grande espírito empreendedor, que fazia e executava planos de diversos tipos, tendo Luang Ta como a figura central, que aprovava e então direcionava as numerosas doações dedicadas a ele, a tais projetos. A gama de obras de caridade é de uma amplitude e variedade verdadeiramente impressionantes, mas projetos vinculados à saúde e à educação sempre acabaram tendo destaque em meio aos muitos outros. Aqui listamos tanto quanto chegou a nosso conhecimento, mas temos quase certeza que ele dava ajuda a muitos outros que o público em geral jamais ficou sabendo:

- Incontáveis projetos de construção, expansão, reforma, modernização, compra de equipamento, compra de ambulâncias, compra de remédios para hospitais, postos de saúde, clínicas odontológicas, maternidades e demais iniciativas visando a saúde pública. Além de ajudar a construir e manter infraestrutura e equipamentos, muitas vezes oferecia também suporte material aos médicos, enfermeiros e demais funcionários dessas instituições.

- Incontáveis projetos de construção, expansão, reforma, modernização de escolas e creches, além de oferecer suporte material aos professores e funcionários, distribuição de merenda e material escolar para alunos – desde livros didáticos e cadernos, a uniformes e transporte escolar.

- Inúmeros projetos de construção e melhoria de mosteiros e centros de prática de meditação para leigos.

- Incalculável quantidade de material de Dhamma, quer sejam livros, áudio ou vídeo, sempre produzidos, fabricados e distribuídos de maneira inteiramente gratuita.

- Inúmeras ocasiões em que foram organizadas campanhas para arrecadar e distribuir alimentos e demais necessidades de sobrevivência a pessoas passando por dificuldades, quer seja por

pobreza ou por terem vivenciado algum desastre natural como enchentes, secas, terremotos, incêndios, etc., tanto na Tailândia como em países vizinhos.

- Vários projetos de reflorestamento e proteção das florestas, projetos de preservação, compra de terreno e construção de santuários para animais selvagens como tigres, elefantes, pássaros, etc.
- Compra de terreno e construção de vários abrigos para animais domésticos, como cães e gatos, que foram abandonados por serem idosos ou por nascerem com defeitos físicos.
- Muitas vezes oferecia suporte material para melhorar ou revitalizar instituições públicas de diversos tipos que trabalham para o bem-estar da sociedade, como delegacias e postos de polícia, corpo de bombeiros, batalhões de exército que trabalham protegendo áreas fronteiriças, diversos tipos de organizações e iniciativas governamentais de apoio à população.
- Realização da campanha "Chuay Chát", para resgatar a economia tailandesa que se encontrava à beira do colapso durante a crise econômica de 1997.

Chuay Chát (Ajude a nação) - por Ajaan Dick Silaratano

À medida que Ajaan Mahā Bua entrava em seus oitenta anos de vida, sua proeminência na sociedade tailandesa alcançava alturas sem precedentes. O monge da floresta, outrora recluso, que passara décadas praticando em áreas selvagens remotas, tornara-se uma das figuras religiosas mais reconhecíveis da nação. Seu perfil público expandia-se drasticamente ano após ano, atraindo públicos cada vez maiores para suas palestras sobre o Dhamma e peregrinos de toda a Tailândia e do exterior para seu mosteiro, Wat Pa Baan Tad. No entanto, essa fama crescente nunca alterou a simplicidade fundamental de sua mensagem ou o rigor intransigente de seus ensinamentos. Ele permaneceu focado em transmitir o caminho do Buddha para a libertação com a mesma intensidade que demonstrara ao longo de sua vida monástica.

A extensão total de sua influência tornou-se aparente durante a devastadora crise econômica da Tailândia em 1997. Quando o baht tailandês colapsou em julho daquele ano, desencadeando uma catástrofe financeira que se espalhou por toda a Ásia, a nação viu-se mergulhada em uma turbulência sem precedentes. Milhares de empresas faliram, o desemprego disparou e milhões de tailandeses, que haviam desfrutado de uma prosperidade recém-adquirida durante os anos de bonança do início da década de 1990, repentinamente enfrentaram a pobreza e a incerteza. O impacto psicológico provou-se tão severo quanto o dano econômico. Uma nação que se acostumara à rápida modernização e ao progresso material agora confrontava a dura realidade de que sua base econômica fora construída sobre especulação, empréstimos excessivos e a própria ganância que o Buddha identificara como uma causa raiz do sofrimento.

Ajaan Mahā Bua reconheceu que a crise apresentava tanto um perigo quanto uma oportunidade. Ele via claramente que o colapso econômico da Tailândia não decorria meramente de má gestão financeira ou de forças do mercado global, mas de uma crise espiritual mais profunda. A nação havia se desviado dos princípios budistas, embriagando-se com o ganho material enquanto negligenciava o cultivo da restrição moral e da sabedoria. A ganância havia infectado todos os níveis da sociedade, desde as salas de reuniões corporativas, onde o endividamento imprudente e a especulação haviam florescido, até as famílias comuns, onde as pessoas perseguiam estilos de vida além de suas posses. Simultaneamente, a pobreza resultante ameaçava esmagar aqueles que eram mais vulneráveis mesmo antes de a crise atingir. Ajaan Mahā Bua compreendeu que, para o povo tailandês se recuperar dessa catástrofe e prevenir sua recorrência, precisava entender suas causas subjacentes. Eles precisavam reconhecer como suas próprias impurezas mentais — particularmente a ganância, a delusão e a negligência — haviam contribuído para o desastre nacional.

Em resposta, ele lançou a campanha Ajude a Nação (Chuay Chát), uma iniciativa que se tornaria um dos episódios mais notáveis da história moderna do budismo tailandês. Começando no início de 1998, ele convocou o povo tailandês a doar ornamentos de ouro e outros objetos de valor para ajudar a restaurar o tesouro nacional e estabilizar a economia. O objetivo prático da campanha era direto: acumular reservas de ouro suficientes para apoiar o baht e reduzir a dependência da Tailândia de empréstimos

estrangeiros do Fundo Monetário Internacional. Mas Ajaan Mahā Bua vislumbrava algo muito mais significativo do que uma mera operação de resgate financeiro. Ele via a campanha como um veículo para disseminar os ensinamentos do Buddha para uma parcela mais ampla da sociedade tailandesa em um momento em que muitas pessoas haviam se afastado dos princípios budistas. Cada doação de ouro, enfatizava ele, deveria representar não apenas um sacrifício material, mas um despertar espiritual — um reconhecimento da impermanência das posses mundanas e um compromisso renovado com os valores de generosidade, autocontrole e responsabilidade comunitária que o budismo ensinava.

A resposta excedeu todas as expectativas. Doações chegaram de todos os cantos do país e de tailandeses vivendo no exterior. Agricultores trouxeram suas economias acumuladas em ornamentos de ouro. Trabalhadores de escritório doaram suas joias. Até crianças contribuíram com pequenos adereços de ouro que haviam recebido de presente. Em poucos anos, a campanha arrecadou centenas de quilos de ouro, no valor de bilhões de baht, que Ajaan Mahā Bua apresentou pessoalmente ao Banco da Tailândia. Mais importante ainda, a campanha reacendeu um senso de unidade nacional e propósito espiritual. Ela lembrou ao povo tailandês que sua herança budista oferecia não apenas consolo religioso, mas sabedoria prática para navegar os desafios da vida.

Para maximizar o impacto espiritual da campanha, Ajaan Mahā Bua embarcou em uma exaustiva agenda de viagens e ensinamentos públicos. Apesar de ter quase noventa anos e sofrer de várias doenças relacionadas à idade, ele visitou quase todas as províncias da Tailândia entre 1998 e 2002. Seu itinerário durante esses anos seria desafiador mesmo a um monge com metade de sua idade. Ele frequentemente dava múltiplas palestras sobre o Dhamma em um único dia, dirigindo-se a diferentes comunidades sucessivamente — às vezes falando para funcionários públicos pela manhã, líderes empresariais à tarde e leigos comuns à noite. Cada palestra durava tipicamente de uma a duas horas, e ele as proferia com força e clareza inalteradas, nunca lendo de anotações, nunca suavizando sua mensagem para agradar o público. Ele falava em capitais provinciais e distritos rurais remotos, nos grandes auditórios de Bangkok e nos pátios de templos provinciais, sempre enfatizando os mesmos temas essenciais: a necessidade de compreender as causas do sofrimento, o perigo da ganância e do apego, a

impermanência das condições mundanas e a possibilidade de libertação através da prática diligente.

Seu ensinamento durante esse período carregava extraordinária autoridade moral porque emergia das fontes mais profundas da preocupação compassiva. Dentro de seu coração, ele não abrigava nenhum senso de coragem ou medo pessoal, nenhum apego a conceitos de ganho ou perda, vitória ou derrota. Essas noções dualistas, que dominam a consciência comum e levam as pessoas a perseguir agendas egoístas, haviam sido completamente transcendidas através de suas décadas de prática de meditação. Suas tentativas de ajudar a sociedade tailandesa decorriam inteiramente da compaixão amorosa — o fluxo natural de uma mente purificada de interesse próprio e desperta para o sofrimento inerente a toda existência condicionada. Ele havia sacrificado tudo para alcançar o Dhamma Supremo que agora ensinava aos outros. Ele suportou anos de dura prática ascética na região selvagem, renunciou a todos os prazeres e confortos mundanos e levou sua meditação aos limites absolutos da resistência humana. Ele quase perdeu a vida em sua busca implacável pela verdade, cruzando o próprio limiar da morte antes de alcançar o rompimento que lhe permitiu proclamar ao mundo o Dhamma que ele havia realizado através de sua própria experiência direta.

Seu estilo de ensino às vezes impressionava os ouvintes como notavelmente ousado, quase agressivo em sua franqueza. Ele falava como um herói conquistador que havia vencido as forças da delusão e agora estava pronto para liderar outros à vitória. Ele fustigava a tolice das pessoas, denunciava seu apego às posses materiais e as desafiava a abandonar suas ilusões confortáveis sobre a natureza da existência. No entanto, essa ousadia externa era apenas uma estratégia de ensino, um meio hábil para sacudir as pessoas de sua complacência. O Dhamma Supremo residindo em seu coração não era, em si mesmo, nem ousado nem temeroso. Existia além de todas essas categorias dualistas, transcendendo vitória e derrota, ganho e perda. Consequentemente, seu ensinamento emanava da forma mais pura de compaixão — não a compaixão sentimental que buscava fazer as pessoas se sentirem confortáveis, mas a compaixão feroz de um médico espiritual que empregaria qualquer remédio que se provasse necessário para curar a doença do sofrimento, mesmo que o tratamento causasse desconforto temporário.

Ele assegurava repetidamente ao seu público que o Dhamma que ele ensinava não se desviava de forma alguma daqueles princípios da verdade que ele próprio havia realizado diretamente através da meditação. Ele enfatizava que o Buddha havia ensinado precisamente a mesma mensagem que ele agora transmitia. Embora insistisse que não era de forma alguma comparável ao Buddha — cuja iluminação fora perfeita e completa, não requerendo professor — a confirmação de sua própria realização residia ali mesmo em seu coração, inegável e certa. Tudo o que ele havia penetrado totalmente dentro de si mesmo, através de contemplação sustentada, concordava perfeitamente com tudo o que o Buddha havia ensinado vinte e cinco séculos antes. Nada que ele descobrira contradizia as palavras do Buddha nem mesmo no menor grau. Esse alinhamento entre sua realização pessoal e o ensinamento do Buddha lhe dava confiança absoluta na verdade de sua mensagem.

O ensinamento que ele apresentou ao longo de sua vida baseava-se inteiramente em princípios da verdade que ele há muito aceitara de todo o coração e verificara através da experiência direta. Era por isso que ele conseguia ensinar as pessoas com extraordinário vigor e convicção enquanto espalhava sua mensagem pela Tailândia e para as comunidades tailandesas ao redor do mundo. Ele não estava meramente repetindo doutrinas que aprendeu em livros ou passando adiante tradições que herdou de seus professores, embora honrasse tanto as escrituras quanto a tradição. Em vez disso, estava compartilhando descobertas que fizera dentro de seu próprio coração e mente através da mais rigorosa investigação espiritual possível. Ele falava como alguém que sabia, como alguém que viu a verdade por si mesmo, e cuja cada palavra carregava o peso da realização autêntica.

Apêndice 2 – Anunciando a verdade a quem quisesse ouvir

Os monges budistas têm por dever obedecer a um extenso código de conduta chamado *Pātimokkha*, ou utilizando um nome mais genérico, *Vinaya*. Dentro dessas regras há determinações para que os monges mantenham em privado quaisquer tipo de realizações ou capacidades supramundanas que tenham alcançado graças à prática do Dhamma. As regras especificam que os

monges podem conversar abertamente sobre esses assuntos entre si, mas que não podem revelar tais realizações para a comunidade leiga.

A intenção dessas regras é não encorajar o tipo de fé cega que faz com que a longo prazo só se atraia pessoas tolas para a religião, criando espaço para que todo tipo de charlatões e pessoas com problemas psiquiátricos ganhem proeminência e tomem para si o papel de líderes espirituais.

Note que as regras lidam somente com casos em que o monge está declarando estados verdadeiros de realizações espirituais conquistadas. Quando a declaração é falsa, o monge é expulso imediatamente da ordem monástica, sem possibilidade de retorno.

Tendo em vista a rigidez da regra de expulsão para aqueles que declaram falsamente realizações espirituais, e a regra clara de que esse tipo de assunto não deve ser revelado à comunidade laica, criou-se uma cultura dentro da sangha monástica de, mesmo entre os monges, evitar-se falar sobre tais assuntos. Somente quando entre amigos próximos, ou quando conversando diretamente com seu mestre, é que um monge vai se sentir confortável para partilhar quaisquer experiências do tipo.

Isso, por vezes, cria um pouco de dificuldade para quem ensina o Dhamma. Caso o professor tenha inclinação a falar de maneira direta e clara, ele às vezes tem que refrear esse instinto e usar palavras indiretas como "alcançar paz" em vez de "alcançar jhānas", "ver num sonho" ao invés de "ter uma visão durante a meditação", ou mesmo descrever a experiência e todo o processo que leva ao fim das impurezas mentais de maneira impessoal, sem se referir a si mesmo.

Já Luang Ta, como lemos em sua biografia, logo na primeira ocasião após sua iluminação em que ensinou um aluno, escolheu falar de forma aberta e direta sobre o assunto. E assim se manteve durante toda a primeira fase de sua carreira como professor: quando conversando com seus discípulos monges, ele não sentia nenhum pudor em falar de maneira direta e clara sobre sua realização e o caminho que tomou para alcançá-la. Relembramos ao leitor que não há ofensa a regra alguma falar sobre esse assunto entre monges – especialmente entre mestre e alunos – apenas ocorre que isso ia contra a cultura geral da época, que via com apreensão esse tipo de comportamento.

O resultado foi tão bom quanto esperado: ouvindo o relato em primeira mão de alguém que havia visto e realizado por si, os discípulos ganhavam força e confiança de que não só o caminho para iluminação de fato existia, ele pode ser realizado por uma pessoa comum, e o professor deles conhecia tal caminho e se seguirem suas instruções, eles também o alcançariam! E de fato, como lemos ao longo desse livro, muitos alcançaram e incontáveis outros se sentiram inspirados a começar ou persistir no caminho para a libertação.

Como passar do tempo, a reputação dessas palestras começou a se espalhar por toda parte, e os monges que vinham a ele pedindo instruções muitas vezes pediam para ouvir um pouco sobre a experiência dele. Assim, pouco a pouco, foi ficando cada vez mais normalizado Luang Ta falar sobre sua experiência para as demais pessoas, ainda mais quando se podia observar claramente como isso era benéfico. E assim foi durante muitos anos entre os membros da sangha monástica.

Inevitavelmente, pouco a pouco, as pessoas fora da sangha também acabavam por ouvir notícias de tais palestras, então gravações passaram a ser feitas e eventualmente mais e mais pessoas tinham acesso a elas... No final tornou-se uma espécie de 'segredo conhecido por todos' o fato de que Luang Ta havia alcançado a iluminação e, diferente do demais mestres, estava disposto a falar abertamente sobre o assunto.

Nada disso era um problema até então, mas, principalmente quando foi lançada a campanha 'Chuay Chát', Luang Ta acabou no centro de atenção de toda a nação tailandesa, e o assunto acabou sendo trazido à tona. Quando ocorreu, em vez de recuar ou tentar desviar a conversa, Luang Ta fez jus à sua fama de lutador feroz e não retrocedeu, pelo contrário, falou de maneira ainda mais aberta sobre o assunto a quem quisesse ouvir, leigo ou monástico, budista ou não.

Segundo ele, seu raciocínio era de que estava apenas dizendo a verdade, e não são aqueles que dizem a verdade que devem ser tímidos e receosos, mas sim os que mentem. Além disso, ele previamente investigou o assunto e concluiu que por mais que fosse uma ofensa da regra monástica, o malefício seria muito menor do que o benefício gerado. Mesmo quando refletindo que muitos escutariam ele falar de forma aberta e, em vez de se sentirem inspirados, se sentiriam incomodados ou mesmo incrédulos, achando que ele

estava mentindo ou era louco. Ainda assim, o demérito acumulado por essas pessoas não seria tão grande quanto o mérito ganho por aqueles que dariam ouvidos e se sentiriam ainda mais inspirados a estudar e praticar o Dhamma.

É importante lembrar aos leitores que de tempos em tempos volta a surgir dentro do budismo a ideia de que já não é mais possível alcançar a iluminação. Isso já ocorreu muitas vezes no passado, em diferentes culturas e países, e provavelmente vai continuar surgindo no futuro. De fato, em alguns países do oriente pessoas foram mais além e organizaram seitas e escolas inteiras sobre essa ideia: já que não dá mais alcançar a iluminação, vamos rezar e fazer cerimônias para nascer no paraíso, onde o Buddha então vai nos iluminar!

Além do próprio Ajaan Mahā Bua, mestres como Ajaan Chah entre outros, também relatam a angústia de ouvir os próprios monges budistas dizendo que já não valia mais a pena trilhar o caminho de prática, e ao mesmo tempo, o quão benéfico foi ter encontrado Ajaan Man e poder ouvir diretamente da boca de um ser humano que: sim, a iluminação é real e pode ser alcançada por qualquer um, ainda na época atual.

E esse também era um dos benefícios que Luang Ta tinha em mente quando tomou sua decisão: tentar evitar que mais uma vez as pessoas caiam nesse mesmo erro.

Dado esse contexto, incluímos aqui a tradução de uma (e talvez a mais famosa) palestra em que Luang Ta fala sobre o momento de sua realização, e cai em lágrimas perante a recordação. É interessante mencionar que mesmo nisso ele foi criticado: como poderia ele ser um arahant, se ainda era capaz de chorar?

Mas, como ele mesmo explica, isso são apenas os agregados funcionando como de costume. Quem prestou atenção à leitura do livro, pode notar esse hábito 'chorão' do mestre: muitas vezes ele relata cair em lágrimas quando enfrentando dificuldades na meditação, lendo a biografia do Buddha, ouvindo Ajaan Man contar sobre *devas* e seres celestiais, e muitas outras ocasiões, além do próprio dia de sua realização final.

Quando essa palestra foi dada, Luang Ta tinha 89 anos de idade.

Vertendo Lágrimas de Maravilhamento no Dhamma.

Gravação de uma sessão de perguntas e respostas com leigos em Wat Pa Baan Tad, 2 de maio de 2002, quando Luang tinha 89 anos de idade.

Pergunta: Luang Ta, por bondade, nos ensine sobre como contemplar para alcançar a base da morte.

Resposta: A base da morte está bem aí. Olhe ali. Morte e nascimento estão nessa mesma mente. A mente em si não nasce nem morre. São as coisas que se infiltram que causam o nascimento e a morte, entende? Se você não olhar para a mente, não verá o veneno dessas coisas. A mente é um perigo neste momento, entende? Não diga que a mente é apenas benéfica. O perigo está com a mente. Ataque a própria mente como se ela fosse o perigo, e o que está nela desmoronará. Entende? Enquanto você continuar a adorar a mente, você afundará. Não diga que não avisei. É isso. Quando chegar a hora, tudo é varrido, nada resta. Apegar-se a qualquer coisa – isso é o grande veneno, o grande perigo.

Quando falo assim, lembro-me da época atrás da montanha no Wat Doi Dhamma Chedi. Naquela manhã, antes da refeição, a mente estava maravilhosa, como eu disse. Que tipo de maravilha era essa? Não sei, eu estava maravilhado comigo mesmo. 'Oh! Por que minha mente é tão radiante e maravilhosa assim?' Eu refletia enquanto caminhava em meditação. Estava tudo resplandecente. 'Por que esta mente é tão maravilhosa?' Esse era o grande perigo, justo isso que dizia ser maravilhoso. Vê? É disso que o Dhamma tem medo: que nos iludamos, e eu já estava apegado e iludido – o que dizer? Não havia mais nada, então me apeguei a esse ponto final. Isso é o ciclo da existência (*vaṭṭacakka*). Isso é chamado de ignorância (*avijjā*), bem ali. Esse é o ápice da ignorância, o ápice do ciclo da existência.

Quando não há mais nada, ficamos admirando aquele ponto. E logo ele surge. O Dhamma nos adverte, pois aquilo que dizemos ser radiante tem seu ponto. É como uma lanterna a gás. O pavio da lanterna a gás está incandescente. A luz que se espalha para fora vem desse pavio incandescente. Esse é o ponto crucial.

E eu estava maravilhado com isso, exclamando em meu coração: 'Oh! Por que minha mente é tão radiante e maravilhosa, como se estivesse acima do mundo, acima do samsārā?' Vê? *Avijjā* exerce seu poder no momento final.

Como saberia? Eu não sabia que iria me iludir com essa maravilha. Passou um instante e o Dhamma sentiu medo, e logo surgiu na forma de uma frase que nunca esquecerei: 'Se houver um ponto, um ponto do pavio da lanterna, ali haverá luz.'

'Ponto' e 'núcleo' são sinônimos aqui, podem ser usados de forma intercambiada. 'Onde quer que haja um ponto ou núcleo do conhecedor, bem ali é a existência.' Vê? Ele apontou diretamente ali: 'Aqui é a existência.' Falou claro a esse ponto mas eu ainda não conseguia entender, fiquei confuso. Há um ponto, um núcleo: é isso aqui.

Pensei em meu mestre, o Venerável Ajaan Man, que já havia falecido. Eu fiquei preso nesse problema no topo da montanha no Wat Doi Dhammachedi. Se ele ainda estivesse vivo, assim que lhe contasse esse tanto: 'Onde quer que haja um ponto ou núcleo do conhecedor, ali é a própria existência.' Pois é bem ali, ele teria golpeado direto e tudo teria desmoronado instantaneamente. Assim que entendesse, veria e o veneno naquilo. Eu já estava quase lá, mas continuava protegendo aquilo. Esse é o grande perigo de verdade, bem ali. O ponto de convergência do grande perigo está naquele ponto de completa luminosidade e maravilha dentro do ciclo da existência, do mundo das fabricações. Tudo está nesse ponto.

Não me esqueço. Era fevereiro, após a cremação do Venerável Ajaan Man, subi a montanha e lá fiquei preso nesse problema. Fiquei completamente perdido. Aquela advertência do Dhamma não trouxe nenhum benefício. Em vez de ser imensamente benéfica naquele momento, transformou-se numa ilusão igualmente imensa. 'Que ponto, que núcleo é esse?...' Pois era bem ali!

Era fevereiro, o terceiro mês lunar. Após a cremação dele, subi a montanha e lá fiquei preso nesse problema. Nunca pensei ou imaginei que aquilo fosse o grande perigo; ainda o via como um grande benefício. Vê como as kilesas nos enganam? A ponto de tomar o grande perigo e dizer que era o grande benefício. Vê? Então segui carregando esse problema comigo – nunca esquecerei. Desci do Wat Doi Dhammachedi e segui para o distrito de Ban Phue, em Si Chiang Mai. Antigamente, Si Chiang Mai ainda não era um distrito. Havia apenas o distrito de Tha Bo e o de Ban Phue, que ficava bem no interior, lá longe; chamavam aquele lugar de Caverna Pha Dak. Quando voltei de lá, já havia se passado exatamente três meses. Fiquei preso nesse problema desde aquela época — do terceiro mês lunar até meu retorno no

sexto mês. Foram três meses. Ao voltar, subi para o mesmo lugar onde estava antes (em Wat Doi Dhammachedi). Carreguei esse problema por três meses e voltei novamente para atrás daquela montanha. Mas o local onde eu primeiro encontrei a questão foi na trilha de meditação andando, na face oeste. O problema chegou ao fim na parte de trás da mesma montanha, no Wat Doi Dhamma Chedi.

Quando chegou a hora de 'enrolar a esteira' (concluir a tarefa de vez), não havia mais questão de tempo ou lugar; nada conseguia interferir. Havia apenas essa natureza. Quando tudo convergiu, não havia mais nada para investigar. Tudo se esgotou. Tudo foi largado. Restava apenas esta única coisa, o universo inteiro estava vazio, tudo foi abandonado, tudo foi largado por completo. Restava apenas este ponto, este núcleo. Você vê? É por isso que é chamado de o Grande Perigo, fica exatamente aqui.

Então, tudo se juntou. Não havia mais nada, e a mente voltou-se para contemplar esse ponto, como contei antes: 'Como pode essa mente ser tantas coisas? Abrangendo todo o universo, é esta mente. Tendo se retirado de tudo, ela se concentrou neste único ponto. A ponto de poder falar com certeza que ela era capaz de saber tudo, e para onde quer que seu conhecimento fosse, ela mudava bem ali. Ora dizia 'isto é bom', ora 'aquilo é mau'. Descrevia as coisas, recolhendo-se cada vez mais. 'Como pode essa mente ser tantas coisas?'

A felicidade não persistia. Num piscar de olhos ela mudava para isso, depois para aquilo, segundo seu grau de refinamento. Para poder acompanhar era necessário ter um refinamento a par. É justamente esse nível de refinamento que é chamado de '*mahā sati, mahā paññā*'. Não importa o que se manifestasse, ela ia se reunindo, reunindo, pegando o ponto da mente. Tratava essa mente como se fosse um foragido da polícia.

'Como pode essa mente ser tantas coisas? Ora bom, ora mau. Tudo é criado a partir daqui!' Aí está, agora havia pegado: primeiro era felicidade e depois sofrimento. Em geral, tanto quanto houver fabricações, haverá essas coisas atreladas à mente. Agora, sem ter mais nada para contemplar, ela entrou bem aqui. 'Ora felicidade, ora sofrimento; ora claro, ora escuro.' As palavras felicidade, sofrimento, claro e turvo eram apenas o suficiente para serem percebidas, não muito. Apenas o suficiente para serem sentidas, pois a sati naquele instante era *mahā-sati*, acompanhava tudo, o tempo todo.

'Como pode essa mente ser tantas coisas?' Aqui ela se voltou para investigar o fugitivo, e investigou de verdade, o que era relacionado a que, porque *mahā-sati* e *mahā-paññā*, em sua forma mais sutil, permeavam tudo. A *mahā-sati* e *mahā-paññā*, no seu auge, permeiam por toda parte, abrangendo tudo. As coisas não são vistas todas misturadas, como quando preparamos um prato de *yam laap*[72]. Elas são como sati e sabedoria automáticas. Sati e sabedoria automáticas são claras e seguem em seu objetivo, e seguem sozinhas. Quando chegam a seu objetivo, elas permeiam tudo por si mesmas.

Elas agarraram esse ponto, investigaram essa mente. Não tendo mais o que contemplar, largou tudo, sobrando somente esse pouquinho que surgia junto com aquele conhecimento. Ela investigou isso: 'Primeiro é felicidade, então é sofrimento, tudo surgindo desse ponto. Primeiro é clara, depois fica escura – surge desse ponto. Como pode essa mente ser tantas coisas?' Passou um instante e o Dhamma falou, com toda firmeza: 'Isso é o Dhamma nascendo. As kilesas nascem para nos prender, o Dhamma nasce para nos libertar. Esse é o Dhamma nascendo. As kilesas nascem e se infiltram ali.'

Passou um instante e surgiu a frase, como se eu mesmo estivesse falando: 'Quer seja escuridão, quer seja clareza, quer seja felicidade, quer seja sofrimento – todos esses Dhammas são *anattā*.' É assim quando chega a hora derradeira, cai tudo na cesta de anattā, nas três características. Pode surgir o que for, no final está tudo dentro das três características; mas por causa da minha personalidade, para mim surgiu como *anattā*. 'Abandone tudo!', esse era o significado. 'Todos esses Dhammas são *anattā*, o escuro, o claro, a felicidade, o sofrimento. Resumindo, todos esses Dhammas são *anattā*.' Assim que foi dito '*anattā*', a mente ficou perfeitamente imóvel, pois havia mergulhado em *anattā*. Não havia para onde ir. Hoje estou abrindo meu coração completamente.

Naquele momento, a mente não estava fazendo nada; estava em um estado de equanimidade em relação a esse nível do Dhamma. Não estava engajado em nenhum trabalho. Não se importava com *attā* ou *anattā*, felicidade ou sofrimento, escuro ou claro. Permanecia no ponto central, imóvel. Imóvel com *mahā-sati* e *mahā-paññā*, não uma imobilidade estúpida, de boca aberta, como nós costumamos fazer. Se eu falasse de forma mundana, diria 'um

72 Um prato tailandês em que uma grande quantidade de ingredientes são picados e misturados até formar uma massa uniforme.

lapso de distração'. Mas não foi distração. Foi apenas manter-se neutra. Não distraída, mas sem fazer nada.

Então... Bang!. Surgiu de repente: 'Seja *attā*, seja *anattā*...' Foi como se virasse tudo de cabeça para baixo num instante. Varreu tudo aquilo que dizia 'onde está o ponto ou centro do conhecedor, ali está a existência.' Isto, este ponto, tudo se reuniu. Escuridão, claro, o que fosse, desceu num único *anattā* e — Bang! — cortou tudo em pedaços. Quando apagou, apagou tudo. Quando aquele 'Bang!' surgiu, foi como se o céu e a terra desabassem.

Ouçam isso! Estremeceu por todo o universo. Aquela mesma *avijjā* foi derrubada de cima da mente e estremeceu todo o universo, porque era essa Ignorância que me levava a vagar sem fim pelo universo, entendem? Assim que ela foi derrubada, foi como se o universo inteiro tombasse junto. Como se céu e terra desabassem.

E quando aquilo aconteceu, não houve nada nem ninguém vindo passar o veredito. A natureza fundamental decidiu por si mesma, foi por si mesma. O desabar do céu e da terra aconteceu por si só. Não houve nada estabelecendo sati em resposta. Surgiu uma característica neutra e, num único golpe, foi como se o mundo inteiro virasse do avesso. Tudo num único instante.

E então... Claridade total! Oh! Foi verdadeiramente maravilhoso! (Luang Ta cai em lágrimas) Vejam, os agregados funcionando, irmãos e irmãs, olhem. O maravilhamento que agora veio ensinar o mundo é extraordinário. Vejam só... as lágrimas jorraram, e mesmo hoje elas ainda jorram, vejam. Isso são os agregados trabalhando; a Natureza pura não tem nada disso, entendem?

Foi só aquele 'Bang!' e... Oh! Verdadeiramente maravilhoso. Quero que todos os irmãos saibam como é o Dhamma do Buddha. Dá vontade de perguntar àquele que estava deitado ali morto. Oh, verdadeiramente maravilhoso! Nossa, as lágrimas jorraram profusamente! Uau, veio mesmo. 'Então foi assim que Buddha alcançou a iluminação?? Assim??' Eu repetia isso sem parar. 'O verdadeiro Dhamma é assim??' Nunca imaginei, nunca pensei que surgiria dessa forma repentina. Foi fantástico, não tenho como descrever. Vejam só, mesmo agora ainda choro, lágrimas frescas e quentes, por que não haveria de ser?

Daquele momento em diante, houve apenas o maravilhamento. Pode-se dizer que este corpo estremeceu por completo. Eu não sei o que foi aquilo, mas

aconteceu tudo simultaneamente naquele instante. O céu e a terra desabaram. O universo inteiro extinguiu-se num piscar de olhos. Então fiquei repetindo: 'Oh! Foi assim que o Buddha alcançou a iluminação??' Para que perguntar? A verdade já foi encontrada ali mesmo, então o que mais há para dizer? 'O verdadeiro Dhamma é assim?? A verdadeira Sangha é assim??' Tudo se fundiu numa unidade absoluta. Pode-se chamar de Dhamma Supremo, ou simplesmente de Elemento Dhamma (*Dhammadhatu*).

'Oh! Como o Buddha, o Dhamma e a Sangha podem se tornar uma única e mesma coisa? Antes, nunca cheguei a pensar que o Buddha, o Dhamma e a Sangha se tornariam um só!' Buddho era Buddho, Dhammo era Dhammo, Sangho era Sangho. Isso estava grudado no coração desde que eu era criança. Mas quando aquela claridade explodiu naquele momento, como essa natureza se tornou uma coisa só? Tornou-se uma coisa só. 'Oh-ho! É assim? O Dhamma é maravilhoso!' Agora que tudo estava claro, coisas que eu nunca soube, agora sabia, o que dizer? 'É isso que ensina o mundo, engana o mundo? É assim que engana?' Oh, eu falo e me maravilho de forma extraordinária com este Dhamma. Olhando para esta natureza, ela cobre o universo inteiro. Tudo estava claro. Não havia nada escondido ou secreto.

Mérito e demérito, céu e inferno, estão bem na cara. É isso que vocês dizem não existir? Eles estão bem na cara. Não importa o quanto as kilesas queiram mentir dizendo que não existe mérito e demérito, céu e inferno, elas controlam tudo desde incontáveis éons. Nós é que não vemos, entendem? Há quantos éons essas coisas queimam os seres vivos através da ignorância, da escuridão e da cegueira que as kilesas usam para impedir que vejam, que saibam?

O que é mais quente que o fogo do inferno? Neste reino das convenções, o fogo do inferno para os 5 tipos de carma pesado (*ānantarika kamma*): matar o pai, matar a mãe, matar um arahant, ferir o Buddha e causar um cisma na Sangha. Esses cinco carmas caem todos aqui, entendem? Está tudo claro aqui, o que dizer? Onde vão perguntar sobre inferno e céu? Nenhum Buddha veio mentir. Está claro dessa mesma forma, eles dizem a mesma coisa. Nós é que somos estúpidos demais. Oh, é extraordinário! Não importa o que seja, isso cobre tudo dentro do coração. Está tudo claro. Onde mais vão perguntar? Está tudo pronto aqui no coração. Já está tudo claro, vão perguntar o quê?

Então, naquele momento, eu investiguei. Depois daquilo, considerei o mundo. Oh... este mundo. Por que eu senti pavor do meu próprio passado? O nascimento, a morte, cair no inferno, queimar, subir para os céus, para o reino de Brahma, descer para o inferno... é como subir uma escada. Cada mente... Essa mente não morre, entendem? Essa mente não morre. O carma está enterrado nela. O carma bom leva para cima. Quando o carma bom acaba, ops, o carma mau está lá e puxa para baixo. Subir para o céus ou reino de Brahma, descer para o reino do inferno – é como subir e descer escadas, entendem? É desse jeito. Acordem! Se é que vão acordar. Hoje abri tudo para os irmãos ouvirem plenamente. Até as lágrimas jorraram diante dos seus olhos. Se sou louco ou bom, decidam vocês mesmos, ouçam hoje. Chega a esse ponto. O Dhamma veio ensinar o mundo, por isso cortei a cabeça de tudo: o que é que 'não existe'? Onde há coragem ou medo? Está acima de tudo isso.

Então, após olhar o mundo, olhei para mim mesmo, investiguei minhas vidas e existências... Nossa! Apenas os meus cadáveres, se espalhados pela Tailândia, não deixariam espaço vazio. Apenas uma pessoa! Foi muito tempo ou não? Ela nasce e morre aqui, quando se pega esse ponto, tudo se dispersa. Oh, se formos contar, é incontável. Não contem. É demais. Cada cadáver, cada pessoa, cada mente, cada indivíduo, cada animal – é tudo do mesmo jeito. Ninguém é superior ou inferior a ninguém. A densidade, a quantidade, é a mesma para todos. Então me virei para o mundo e não consegui olhar. Olhei para as minhas próprias existências passadas e senti repulsa.

'Oh! Já nasci tantas vezes e ainda insistia em continuar nascendo?' Se não houvesse isso aqui para interromper, continuaria indo mais uma vez, como antes. Contemplei isso, depois olhei para o mundo. Olhar o mundo era ainda pior de ver. É tudo do mesmo jeito. Todo o universo é do mesmo jeito que nós. Ninguém é superior ou inferior. 'Puxa, como vou ensinar? Como ensinar o mundo?' Fiquei desanimado, aconteceu espontaneamente. Ensinar para quê? Quem vai conseguir entender ou enxergar um Dhamma como esse? Ensinar é perder tempo. Vou apenas continuar vivo, quando chegar o dia da morte, apenas vou embora.

Veem só? O Buddha chamava isso de 'desencanto no coração'. Eu também desanimei. Tive pouca vontade de agir. Como se eu tivesse aberto uma picada no mato e fosse embora sozinho. 'Ficar para quê? Ensinar para quê?

Não gera benefício algum, vou embora.' Eu tomei esse assunto para comparar. Oh, oh... Mas não acabou. Aquilo não acabou, falava por si mesmo em etapas. Quando olhei o mundo com desânimo vi aqueles que são escuros, sem valor algum, seres humanos inteiros, vivendo juntos desse jeito.

Aqueles tão escuros que não têm valor, o Buddha chamou de *padaparama*[73], entendem? Então fui subindo de nível e olhando a característica de cada um, passando pelos *padaparama*, depois os *neyya*[74], os *vipañcitaññū*[75], olhando em níveis. Os *neyya* são aqueles que dá para arrastar, empurrar. Podem tanto subir quanto descer. *Neyya* significa que se pode aconselhar e ensinar; mas se descuidarem, eles caem; se levarem a sério, eles sobem. Estes podem ir tanto para cima quanto para baixo.

O terceiro tipo só sobe, não tem descida, só subida, mas é mais lento que o *ugghaṭitaññū*. *Ugghaṭitaññū* já está pronto para explodir. Se fosse uma vaca, estaria esperando na porta do curral – só esperando abrir a porta para sair em disparada. Este é o tipo *ugghaṭitaññū*, o que sabe rápido, atravessa rápido.

Existem em níveis assim. Eu considerei... tudo o que foi dito existe nos seres do mundo. São diferentes. Tem do tipo maie elevado, aqueles que já se desencantaram, se cansaram (do samsārā). Estão ali dentro, mas se distinguem sozinhos. *Ugghaṭitaññū*, o tipo que vai atravessar de uma só vez, existe. *Vipañcitaññū*, um pouco abaixo, existe. Eles vão subir e escapar. Os *neyya* estão indecisos entre o colchão, o travesseiro, e a trilha de meditação, entendem? Ainda estão indecisos. E os *padaparama* são apenas cadáveres humanos, não têm nada de valor neles. Estes são os cuja morte não têm significado algum. Caem direto. Vão regredindo como sempre. Não têm caminho de subida. Nenhum benefício neles, nem um pouquinho. Só descem. Lembrem bem destas palavras. Tirei do meu coração para ensinar aos irmãos e irmãs. Estou mentindo?

Isso são tipos de lixeira, tem quatro tipos. Estão na mesma lixeira, entendem? O tipo excelente, *ugghaṭitaññū*, está nesta lixeira. *Vipañcitaññū*, abaixo, está nesta lixeira. *Neyya* está nesta lixeira. Está cheio de *padaparama*

73 Uma pessoa que, não importa o quanto se ensine, não fará nenhum progresso no Dhamma.

74 Uma pessoa capaz de progresso, desde que receba muita instrução e auxílio.

75 Aquele que consegue progredir com uma quantidade mínima de auxílio.

nesta lixeira. Este mundo é um mundo de fabricações, um mundo-lixeira. Misturado com coisas boas e más. Confuso e misturado nesta pilha de lixo. Entendem? Separam-se em quatro tipos nesta lixeira.

Eu estava contemplando dessa maneira quando então surgiu outra coisa. Quando parecia que eu tinha abandonado o mundo e não queria ensinar ninguém, me sentindo desestimulado, de repente falou de novo. Vejam, é assim que a mente se corrige, falou de novo: 'Se o Dhamma é algo tão extraordinário que nenhuma pessoa conseguirá alcançar, eu por acaso sou algum ser divino?'. Bem aqui, surgiu bem aqui na mente. 'Desde quando eu passei a ser algum ser celestial? Por que eu consegui alcançar? Quais foram as causas para eu conseguir?' Eu peguei a frase 'quais foram as causas' como pista – por que consegui enxergar? Isso oferecia uma pista a ser seguida, como o Buddha ensinava: fazer caridade, seguir os preceitos e desenvolver a mente é o caminho de entrada. Entendem? É por aqui que se entra, não há outra entrada.

'Por qual motivo eu consegui enxergar?' Fui olhando para trás, o caminho que percorri até chegar aqui. 'Ah!', então aceitei, é possível, mesmo que não sejam muitos, é possível. Então havia esperança, não podia negar. Mesmo que não sejam muitos, ainda assim é possível. Tive ânimo para começar a aconselhar e ensinar aqueles dignos de serem ensinados. Vivendo no meio da floresta e montanhas, e os monges e noviços começaram a chegar.

A partir daí, aos poucos, saí para ensinar, expandindo... Até o dia de hoje, vejam só. Todo o universo, Tailândia, exterior, todos ouvem o Dhamma de Luang Ta Bua, não é? Primeiro saía pela boca, fresco e quente, ensinando os monges, ensinando Dhamma com firmeza. Depois passou a sair em fitas cassete. Das fitas foi para o rádio, para a internet. Agora está espalhado por toda a Tailândia. O Dhamma que Luang Ta está expondo aqui, eu garanto cem por cento, não há desvio algum da verdade que eu conheci e vi. Entenderam? Foi a partir daí que abri para ensinar o mundo, desde então foi se espalhando e hoje já ensinei por toda nação tailandesa.

Por isso eu sou ousado e valente – se falarmos em linguagem mundana. Mas no Dhamma, não há ousadia nem medo. Não há ganho nem perda. Não há vitória nem derrota no Dhamma. Ensino puramente por compaixão. Como no caso de cachorros brigando. Se vou separar os cachorros, eu não tenho parte na vitória ou na derrota, correto? Os cachorros é que têm. Quem sente

dor são os cachorros, eles é que se mordem. Eu vou separar os cachorros para que não se mordam. Essa é a parte do Dhamma. Separar as pessoas que concordam e discordam, que estão lutando, brigando. É isso.

Como eu digo: na Tailândia agora parece que não há como evitar essa regressão. Estou trazendo o Dhamma para confrontar. Estou me envolvendo com o mundo agora, ninguém se envolve mais que Luang Ta Bua. Ou seja, estou separando os cachorros. Os cachorros estão se mordendo agora. Tanto 'cachorros-monges' quanto 'cachorros-leigos'. Os cachorros-monges estão se mordendo. Estão brigando para terem a razão, serem admirados, a fama. Estão se mordendo ruidosamente. Eu trago o Dhamma para ensinar. Isso se chama separar os cachorros para não se morderem. Para que se acalmem. O Dhamma existe, então fiquem com a verdade. O que for correto, agarrem aquilo. Larguem tudo o que for errado. O país e a nossa religião ficarão em paz e tranquilos. Monges, noviços e o povo por toda a terra tailandesa ficarão em paz.

Agora, não está em paz porque os cachorros estão se mordendo. Tanto os cachorros bons quanto os maus estão se mordendo e lutando agora. O tablado do Budismo, considerando o coração do povo como o grande campo, o grande palco, está se despedaçando agora porque os cachorros estão se mordendo em cima do palco, que é o Budismo, que é o coração da nação, do povo tailandês, dos budistas.

Por isso eu peço como esmola, peço que se dispersem, que parem a briga[76]. Morderem-se não traz benefício; tanto o perdedor quanto o vencedor saem machucados. Nenhum deles é bom. Separem-se. Aceitem a razão, o bem e o mal, e recomponham-se. A nação e a religião da nossa Tailândia se tornarão paz e tranquilidade para o povo tailandês. Não haverá degradação nem ruína.

Como aqueles que se gabam de que lutam para vencer... é tudo um bando de perdedores despedaçados juntos. Ninguém é bom. Morder, guerrear, não é bom. Dói tanto no perdedor quanto no vencedor. Como boxeadores socando-se. Quem vai se gabar de quê? Não é coisa boa. Morder é assunto de dor e ardência para ambos os lados. Esta guerra de conhecimentos, de opiniões, de

76 Nessa época surgiu a separação entre duas facções políticas na Tailândia: os Camisas Amarelas contra os Camisas Vermelhas. A luta se estendeu por vários anos e teve muitos episódios de violência extrema, só vindo a se acalmar quando os militares derrubaram o governo democrático e tomaram o poder.

desejo por destaque e fama, a teimosia de não ouvir a razão de jeito nenhum... Isto são cachorros se mordendo e que vão levar à destruição total. Usando a nossa Tailândia inteira como um ringue de rinha de cachorros.

Que os irmãos e irmãs de todos os lados considerem. Eu trago o Dhamma que surgiu com lágrimas caindo, frescas e quente agora mesmo, para falar aos irmãos tailandeses com sinceridade. Se pararem de brigar, nada ruim ocorrerá. O perdedor perde para o bem. O vencedor, se falarmos em termos mundanos que 'venceu', vence para o bem. O perdedor perde para o bem. Se harmonizam perfeitamente. Já os animais que se mordem sem recuar, ninguém perde ou ganha, mas o sangue é derramado dos dois lados... dá para assistir isso? Considerem. Eu não quero ver. Nossa Tailândia é uma terra budista. Os próprios budistas, o povo, monges e noviços nos templos, virem morder-se como cachorros, com sangue espirrando por toda a Tailândia... Eu não quero ouvir isso. Peço que parem.

Não importa quem está errado ou certo, o inferno recebe a ambos. O céu, o reino de Brahma e o Nibbāna também garantem a bondade e maldade igualmente. Não falem a ponto da maldade de vocês ir mais fundo que o inferno *Avici*. E não falemos tão bem a ponto de nos acharmos mais elevados que o Dhamma do Buddha, que faz parte do céu e do Nibbāna onde as boas pessoas são recebidas. Não deixem que se destrua a ponto de virar uma rinha de cachorros, com sangue voando para todo lado. Entenderam? Lembrem-se disso.

Hoje foi um sermão no limite máximo. Pratiquei por cinquenta e três anos e trouxe aqui para mostrar a vocês hoje, entenderam? Este é o Dhamma que não prende, não bloqueia, não estreita, não entope, não empurra. Seja qual for a causa que o levou a sair, pesado ou leve, muito ou pouco, saiu com força total. Hoje, saiu com força total, ao ponto das lágrimas de Luang Ta Bua rolarem para os irmãos e irmãs verem. Isso veio do maravilhamento no Dhamma.

Este Dhamma que trouxe para ensinar os irmãos e irmãs... Não trouxe Dhamma de brincadeira para ensinar. Ensino de verdade e pratiquei apostando minha vida, como antes já contei para os irmãos ouvirem. Ninguém consegue acreditar no tamanho do meu esforço. Meu esforço pelo Dhamma excelente. Ninguém consegue acreditar porque não praticam como eu. Eu fiz como disse. Quando obtive, obtive desse jeito. Este é o poder da

diligência, do esforço, da tenacidade pela verdade, pelo Dhamma, pela bondade. Quanto mais decisivo, melhor. Se morrer, morreu bem. É assim. Não morre mal. Lembrem-se bem. Pois bem, hoje estou cansado, basta.

Apêndice 3 – Momentos finais

Como é de se esperar para qualquer ser humano, a força e vitalidade de Luang Ta foi diminuindo com o avançar da idade. Como mencionado ao longo da biografia, a partir de 1983, aos 69 anos, ele começou a sofrer de problemas cardíacos e teve que quase parar por completo com todas suas atividades envolvendo ensinar e demais atividades públicas pois encontrava-se sempre exausto e sem energia. Essa condição se aliviou a partir de 1987 (73 anos de idade), e ele pôde retomar muito de sua rotina de sair diariamente para recolher esmolas, dar ensinamentos quase diários, caminhar pelo mosteiro três vezes ao dia para verificar se os monges estavam empenhados na prática de meditação, participar de eventos, visitar diferentes obras de caridade, etc., embora nunca tenha retomado sua força original, anterior à doença cardíaca.

Em 1998 (84 anos de idade) sofreu um acidente de carro quando retornava de uma visita a uma obra de caridade, e teve um braço fraturado. A partir desse ponto ele não mais acompanhava os demais monges na ida ao vilarejo para receber esmolas, optando por ir somente até ao portão do mosteiro, onde muitas pessoas costumavam esperar para oferecer alimentos aos monges. Ainda assim continuou com sua rotina de ensinamentos e demais atividades de assistência social.

De 2008 (94 anos de idade) em diante ele diminuiu bastante a quantidade de convites que aceitava para dar ensinamentos e participar de eventos fora do mosteiro.

Em 2009 ele começou a lutar com uma ferida em seu dedão esquerdo ocorrida quando cortava sua unha, e que se recusava a sarar, eventualmente tornando-se gangrenada. Médicos de vários hospitais pediram para tratar, mas ele recusou inicialmente, permitindo apenas que discípulos monges aplicassem remédios naturais chineses e tailandeses. Posteriormente, a ferida inflamou e se espalhou da ponta do dedo até a base do pé. Mais tarde aceitou a aplicação de antibióticos para eliminar a inflamação e consequente

investigação concluiu que suas veias e artérias estavam estreitadas (estenose), resultando em fluxo sanguíneo insuficiente para a extremidade do pé. O dedo então teve que ser amputado, e mesmo a ferida dessa cirurgia demorou cerca de um ano para cicatrizar por completo.

O Rei tailandês determinou que um contingente de médicos especialistas do Hospital Siriraj, em Bangkok, o examinassem. Os médicos recomendaram que ele realizasse uma angioplastia, mas o venerável recusou. Mesmo com a recusa, o Rei ordenou que a equipe médica não desistisse de tratá-lo, e que acompanhasse de perto a progressão de seu estado de saúde, mas sempre aceitando a decisão do mestre em aceitar ou não o tratamento oferecido.

Foi a partir de novembro de 2010 (96 anos de idade) que sua saúde teve uma queda realmente abrupta. Ele começou a apresentar desconforto abdominal, inchaço, náusea, vômito e diarreia frequentes, que mais tarde foram atribuídas a uma obstrução do intestino, causadas pelo inchaço do pâncreas que manifestava sinais de câncer já em estágio avançado.

Em certa ocasião estava se sentindo muito fraco e a equipe médica decidiu por uma transfusão de sangue. O venerável mestre recusou, dizendo que não queria receber sangue de bebuns e pessoas que não seguem os preceitos morais. Os médicos insistiram muitas vezes até que os monges do mosteiro tiveram a ideia deles mesmos doarem o sangue. Quando Luang Ta foi informado que o sangue seria de seus próprios discípulos monásticos, enfim aceitou.

Não muito após esse evento começou a ter dificuldade para respirar, com exames mostrando que estava sofrendo de acúmulo de líquido em seus pulmões, que frequentemente tinham que ser extraídos através de uma sonda. O conteúdo de seu estômago também era frequentemente extraído para ajudar a aliviar a dor e desconforto. A maior parte de sua alimentação passou a ser administrada de forma intravenosa ou através de sondas pela cavidade nasal.

Durante toda sua doença final o mestre continuou consciente e se comunicando, somente ao final demonstrando dificuldade para entender onde estava e o que ocorria a seu redor. Também devido a um grau cada vez maior de falta de energia física, passou a ter mais e mais dificuldade de falar.

À madrugada do dia 30 de janeiro de 2011, aos 97 anos de idade, 77 anos de ordenação monástica, seus sinais vitais foram diminuindo pouco a pouco a partir das 2:30 da manhã. Às 2:49 a equipe médica declarou o estado de morte cerebral. Às 3:53 cessou também seu batimento cardíaco, horário que então foi declarada sua morte.

No dia 1 de fevereiro de 2011 foi realizada a cremação do seu corpo, sendo a cerimônia presidida pela Rainha tailandesa. É estimado que mais de um milhão pessoas participaram do funeral. Também presente estava a Princesa Srisavangavadhana, que sendo uma discípula próxima do mestre, acompanhou de perto todo o período de sua última enfermidade, e estava presente junto com a sangha monástica e equipe médica no momento de sua morte.

Após o funeral, os monges procuraram por relíquias sagradas entre os restos da cremação e muitas foram encontradas. Parte dessas foram depositadas em uma estupa construída em sua homenagem, e a outra parte foi distribuída entre seus discípulos mais próximos. Mesmo as cinzas restantes da cremação foram recolhidas e distribuídas para a população, com muitas pessoas afirmando que elas mais tarde também se transformaram em relíquias, na forma de cristais ou pequenas pedras de diferentes cores.

Palestra de Ajaan Pasanno na ocasião do falecimento de Ajaan Mahā Bua

Hoje, Ajaan Mahā Bua faleceu, e pensei em dizer algumas palavras em memória, lembrança e gratidão por sua presença no mundo. Ele já havia passado dos 97 anos, entrando no 98º ano, visto que seu aniversário era em agosto. Ele esteve muito ativo até sua morte e exerceu uma enorme influência na Tailândia.

Ele era considerado um dos grandes mestres da tradição da floresta. Foi um discípulo de Ajaan Man, e o seu falecimento marca um momento divisor de águas na tradição. Ele foi provavelmente o último discípulo direto bem conhecido de Ajaan Man. Embora alguns outros ainda estejam por aí, estão morrendo, o que é o curso natural do tempo.

Ele foi certamente o mais conhecido, respeitado e considerado plenamente iluminado. Sempre que monges ou leigos tinham o que sentiam que era algum tipo de experiência de iluminação, eles frequentemente prestavam respeito a Ajaan Mahā Bua para pedir esclarecimento, afirmação, ou para serem colocados no caminho correto. Confiavam muito nas suas orientações.

Pessoalmente, não o encontrei muitas vezes, mas os meus encontros com ele, juntamente com a leitura dos seus livros e ouvir as suas palestras, me marcaram. Junto a Ajaan Chah, ele era uma pessoa que aparecia nos meus sonhos, sonhos que eram bastante influentes na minha prática. Tive muitos sonhos com Ajaan Mahā Bua, e eram quase sempre muito úteis, oferecendo uma reflexão ou perspectiva do Dhamma que ajudava com minha prática, inspiração ou energia.

Ele também era imprevisível na forma como o trataria. Ele não era considerado charmoso. As pessoas, na verdade, tinham bastante medo dele; ele podia ser bem feroz e duro. Lembro-me de uma vez em que um monge sênior da nossa tradição foi ao monastério de Ajaan Mahā Bua e passou por apuros, ele foi realmente castigado. Bastante chateado, ele voltou e disse a Ajaan Chah: 'Dá para acreditar no que ele me fez?' Ajaan Chah apenas riu e riu, dizendo: 'Uau, ele enxergou suas impurezas tão logo você entrou pelo portão!' Ele não conseguiu muita simpatia de Ajaan Chah, que achou tudo aquilo ótimo.

As minhas próprias interações com ele, no entanto, foram muito calorosas e de apoio à minha prática. Ele era alguém com um imenso compromisso com a prática e o treinamento. A característica marcante do seu temperamento era ser incrivelmente sincero e extremamente vigoroso em sua prática. Estava sempre observando e investigando. Penso que uma das suas grandes contribuições para a tradição da floresta foi a sua ênfase na investigação — a importância de remover as camadas da experiência para compreender a raiz e a essência das coisas.

Quando ele relatou a sua própria libertação, ela surge através de uma investigação da experiência, olhando mais profundamente para coisas com as quais se tenderia a estar completamente satisfeito, como uma mente que é extremamente brilhante e radiante. Foi a sua disposição para questionar até mesmo aquela radiância brilhante da mente pura, dizendo: 'Aquilo é a essência, o núcleo da *avijjā*, da ilusão, está bem ali.' É preciso uma sabedoria

e dedicação excepcionais para conseguir cortar através disso. Normalmente, alguém estaria extremamente grato e feliz por experienciar essa qualidade de radiância e pureza, mas para ele, estava disposto a questionar, investigar e penetrar, vendo que em si mesma, ela é a semente da ignorância e da ilusão, e a raiz do vir-a-ser.

Aquele exemplo é um que inspirou tantas pessoas. A sua dedicação e compromisso, e aquele exemplo de questionamento real e de estar disposto a descascar as camadas da mente para chegar à essência fundamental que permite que uma qualidade de liberdade se estabeleça dentro de si.

Ele estava sempre disposto a compartilhar seus insights, ensinamentos e treinamento. Muitos monges, monjas, leigos e leigas se beneficiaram do seu ensinamento. Lembro-me de um monge falando sobre ele. Uma vez que ele era frequentemente visto como muito feroz e não particularmente simpático em seu comportamento, poderia se pensar que ele não era compassivo. Mas a sua compaixão manifestava-se de diferentes formas, uma das quais era ser capaz de desafiar as pessoas. Este monge disse: 'Ajaan Mahā Bua passava muito tempo ensinando e praticando. Conseguia-se ouvi-lo em sua cabana lá na floresta, escrevendo livros que seriam publicados e amplamente distribuídos gratuitamente.' Isso foi muito antes dos computadores. Ele tinha a sua própria pequena máquina de escrever e estava batendo o teclado na floresta, escrevendo uma biografia de Ajaan Man, uma biografia de Ajaan Khao, e manuais de prática na tradição da floresta. Muitos dos seus livros não vinham das suas palestras, mas sim dos seus escritos, tentando tornar esses ensinamentos disponíveis para as pessoas.

Há também um livro muito popular compilado de cartas que as pessoas lhe escreviam de todo o país. Ele escrevia cartas de volta e guardava cópias. Essas cópias foram então compiladas num livro. São todas sobre prática, meditação e treinamento. Eram um recurso incrível para pessoas que eram sinceras sobre a prática, e ele estava disposto a dedicar tempo para responder às cartas das pessoas.

Ele estava imensamente disposto a ceder o seu tempo. Lembro-me de ouvir uma gravação de uma visita que ele fez a Wat Pa Nanachat. Foi uma sessão informal de perguntas e respostas, e ele estava falando sobre a natureza de um ser iluminado. Eu nem sequer me lembro da pergunta, mas ele fez uma declaração muito direta e simples, não um grande pronunciamento. Ele

disse: 'É apenas da natureza de uma pessoa iluminada que ela responda com compaixão. A natureza da sua mente iluminada é ser completamente compassiva.' Para alguém como Ajaan Mahā Bua, a sua compaixão exibia-se de muitas maneiras diferentes. Ele não era uma pessoa afetuosa e fofa, por isso nem sempre era uma compaixão afetuosa e fofa, mas ele estava sempre tentando encorajar e ajudar as pessoas.

Certamente senti isso no meu contato com ele. Ele era sempre extremamente solidário e encorajador da prática e da meditação. A sua ênfase era em sati, ele falava sobre a necessidade da mente estar muito imóvel, quieta e firme, mas explicava que o propósito disso era clarear sati — realmente clarear a capacidade da mente de saber claramente e trazer essa clareza para o estado da mente. Lembro-me de me sentar com ele uma vez durante um ano sabático meu. Fui visitá-lo, e ele dedicou-me muito tempo e atenção, encorajando-me na minha prática e reclusão. Mas sempre voltava a trazer a atenção de volta para a própria mente, a testemunhar e experienciar a mente como a mente. 'Isto é o que a mente é.' Ver a mente como a mente, ver a mente com sati e experienciar o coração da clareza. Ele voltava sempre a esse ponto. Ele não estava enfatizando nenhuma técnica específica, apenas aquela qualidade fundamental de saber claramente. Isso é o que levará alguém até ao fim do sofrimento.

O seu próprio relacionamento com Ajaan Man era de tremenda fé, respeito e veneração. Lembro-me por volta de 1996, uma pessoa em Ubon encontrou uma fotografia de Ajaan Man. Os seus pais a tinham guardado. Esta fotografia é a que temos no salão aqui. Existem apenas cerca de quatro ou cinco fotografias de Ajaan Man em existência. Ele morreu em 1949, e vivendo no nordeste da Tailândia, raramente tirava fotos. Ninguém tinha visto esta fotografia em particular até meados dos anos 90. Eu soube disso rapidamente porque estava em Ubon e foi uma grande notícia. As pessoas trouxeram-na, e depois alguns monges, liderados por Ajaan Chandako, iam prestar respeito a vários mestres. Mandei fazer um monte de ampliações, coloquei-as em molduras e disse: "Vão e levem-nas a estes diferentes monges seniores." Eles levaram-na a Ajaan Mahā Bua. Ora, Ajaan Mahā Bua tinha a reputação de manter as pessoas em estado de alerta, por isso nunca se tinha bem certeza do que esperar; todos se perguntavam se seriam repreendidos ou se ele iria latir para eles. Mas então, Ajaan Mahā Bua viu esta fotografia de Ajaan Man e disse: "Ah, Ajaan Man!" colocou-a no seu altar e

imediatamente prestou três reverências a ela. Foi uma resposta imediata da fé, devoção e respeito que ele tinha por Ajaan Man.

É claro que ele relatou o seu próprio relacionamento com Ajaan Man, o respeito e a reverência que tinha. Ele era um personagem bastante teimoso, e Ajaan Man foi praticamente a única pessoa que conseguia alcançá-lo. Lembro-me de uma história que Ajaan Mahā Bua relatou a um dos nossos monges sobre um dos mestres de Ajaan Chah, Ajaan Tongrat, que era bastante destemido. Foi durante os últimos anos da vida de Ajaan Man. Ele vivia numa cabana num mosteiro e não ensinava tanto como antes. Ajaan Tongrat veio e disse: 'Ajaan Man não está ensinando muito. Talvez devamos fazer alguma coisa para o motivar.' Então Ajaan Tongrat começou a fazer um monte de barulho embaixo da cabana de Ajaan Man. Ajaan Mahā Bua era o assistente (de Ajaan Man) e disse: 'Faça silêncio. Ajaan Man não gosta disso.' Mas Ajaan Tongrat começou a fazer mais barulho, a bater e a derrubar coisas. Ajaan Mahā Bua contava a história: 'Pare, faça silêncio!' Ele estava com muito medo de Ajaan Man. Ele disse: 'Eu estava tão preocupado que ele ia nos dar uma bronca. Eu estava com tanto medo que o meu fígado estava tremendo.' Então Ajaan Tongrat, depois de fazer todo aquele barulho, simplesmente se afasta e o deixa lá. Claro, naquela noite Ajaan Man chama: 'Reúnam todos para uma reunião.' E claro, ele começa a dar uma bronca a todos sobre comportamento e conduta. E como disse Ajaan Mahā Bua: 'Ali estava Ajaan Tongrat apenas sentado e sorrindo, realmente feliz por Ajaan Man estar dando uma palestra', enquanto a cabeça de todos os outros estava baixa. Ajaan Mahā Bua tinha tremendo respeito e devoção por Ajaan Man.

Após a morte de Ajaan Man, ele fez um voto muito forte. Ele já era dedicado, consistente e diligente na sua prática, mas foi depois de Ajaan Man morrer e as cerimônias de cremação terem terminado que ele se afastou e disse: 'Eu preciso praticar até cumprir o ensinamento de Ajaan Man.' E foi isso que ele fez. Cerca de três anos depois de Ajaan Man falecer, ele começou a ter seguidores. Mesmo depois dessa grande experiência que teve, manteve uma distância das pessoas para solidificar e clarificar. Mas depois, um grupo de seguidores começou a reunir-se em torno dele, e ele tornou-se um dos mais influentes em termos de criar outros mestres e inspirar pessoas a praticar.

É bastante interessante que, mesmo antes de ser extremamente famoso, ele mantinha o seu monastério muito simples. Até hoje, ainda não tem

eletricidade. Penso que ainda tem basicamente o mesmo Salão de Dhamma que ele tinha nos primeiros dias. Ele ficava atento a pessoas ou situações onde ele poderia ajudar. Como era bem conhecido e respeitado por pessoas como a família real, ele atraiu uma tremenda quantidade de apoio. Quando Sua Santidade o Dalai Lama veio para a Tailândia no final dos anos 60, ele foi a dois lugares fora de Bangkok: o monastério de Ajaan Buddhadasa e o de Ajaan Mahā Bua, devido à reputação que ambos tinham.

Ele sempre teve tremendo apoio, e usava esse apoio para cuidar das pessoas. Ele sempre apoiou os hospitais ao redor da área. Ele mantinha-se atento, lendo jornais, e sempre que sabia que alguém estava em necessidade, ele próprio ia verificar. Ele pedia a um motorista para o levar, e se parecesse que havia uma necessidade real, ele disponibilizava recursos. Ele sempre tinha projetos para ajudar pessoas, embora não fosse muito conhecido que ele estivesse fazendo isso.

Uma das coisas que ele fez, há bastante tempo, antes de se tornar extremamente famoso, foi comprar um monte de terra fora de Udon, a cidade mais próxima de onde ele vivia. Ele mandou construir pequenas casas, e cada casa vinha com algo como um búfalo de água. Isso foi disponibilizado para pessoas como condutores de *rickshaw*, pessoas que não teriam a oportunidade de ter o seu próprio lugar para viver, suas próprias casas. Ele fez muitas coisas inovadoras para ajudar. Com o tempo, à medida que se tornava mais conhecido, enormes quantias de dinheiro chegavam e ele apoiou muitos projetos para servir as pessoas, porque ele realmente não queria nem precisava de nada para si mesmo. Ele tentava manter o monastério o mais simples possível. Ele fez muito trabalho de publicação. A sua generosidade manifestou-se de muitas maneiras diferentes. De novo, não imediatamente óbvio e não necessariamente afetuoso e fofo, mas ele foi sempre uma presença muito respeitada.

Há uma palestra muito interessante dada por ele, onde fala sobre a sua própria libertação, mas é mais do que algo pessoal, é uma reflexão sobre o poder dos ensinamentos budistas, a capacidade que os ensinamentos têm para a liberdade. Não é apenas uma história, não apenas uma fábula; isto é algo que é possível. Quando ele fala disso, relembrando as virtudes do Dhamma e a gratidão ao Buddha, ele começa a chorar. Ele começa a soluçar com um sentimento de alegria, gratidão e emoção, comovido por aquela

lembrança. Foi muito genuíno e muito público. Ele foi criticado por isso: 'Como pode um arahant chorar na frente das pessoas?' É claro que ele deu uma resposta bem grosseira (a essa crítica). Mas essa era muito a sua natureza. O que estava no seu coração e na sua mente, era o que ele projetava, o que ele dizia, como ele era.

Esse é um exemplo maravilhoso e muito verdadeiro. Lembro-me de traduzir aquela palestra para pessoas quando estávamos em Casa Serena, com Peter e Mary, enquanto dava uma tradução aproximada da gravação em vídeo. E há este tremendo sentido de dedicação, apreço e gratidão ao Buddha, Dhamma e Sangha. Foi isso que transpareceu, em oposição a algo pessoal. Penso que é um grande exemplo porque foi completamente genuíno. É um exemplo de onde precisamos colocar a nossa atenção. É tão fácil ficarmos presos ao pessoal, os meus problemas, as minhas dificuldades, a minha personalidade, as minhas habilidades especiais, as minhas necessidades. A realidade é que, se vamos realmente nos beneficiar dos ensinamentos budistas, temos que deixar ir tudo isso. Não podemos permitir que isso assuma o controle e seja o elemento predominante. Temos que construir isso a partir do zero. O exemplo de ver alguém que fez isso, que incorpora isso, é muito inspirador, pelo menos para mim.

Portanto, Ajaan Mahā Bua faleceu, mas faz parte da longa tradição que remonta ao tempo do Buddha. E até o próprio Buddha disse que, quer os Tathāgatas surjam no mundo ou não, ainda existe esta verdade. Isto é o que é importante. Não é se o Buddha está aqui para segurar a sua mão ou chutar o seu traseiro; há esta verdade que está aqui, todas as coisas condicionadas são impermanentes, todas as coisas condicionadas são *dukkha*, e todos os Dhammas são não-eu. Isto é o que conseguimos realizar, ao que conseguimos prestar atenção. Quando nisso realmente colocamos nossos corações e dirigimos os nossos esforços, então, da mesma forma, alguém no nosso tempo de vida experienciou os frutos e conseguiu ensinar, expor, apontar e exibir as características de alguém que colheu os frutos da prática. E certamente, Ajaan Mahā Bua foi alguém que cumpriu isso.

Ofereço isso para reflexão.